LESLEY PEARSE

Nunca Digas Adeus

Separadas pela vida. Unidas pelo destino.



ASA

Ficha Técnica

Título original: Till We Meet Again
Título: Nunca Digas Adeus
Autor: Lesley Pearse
Capa: Maria Manuel Lacerda
Imagem da capa: Mark Owen/Trevillion Images
Fotografia da autora: Roderick Field
ISBN: 9789892319438
Edições ASA II, S.A.
uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdova, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201
© 2002, Lesley Pearse
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
edicoes@asa.pt
www.asa.leya.com
www.leya.pt

Para todos os pais a quem a meningite roubou um filho.
Os meus pensamentos estão convosco.

AGRADECIMENTOS

A dois homens maravilhosos, sem cuja ajuda e apoio nunca poderia ter escrito este livro: o inspetor Jonathan Moore, pela sua contribuição em matéria de investigação policial, e John Roberts, advogado criminal de Bristol, pelo que me ensinou a respeito dos meandros da lei. Ambos me ajudaram generosamente e me encorajaram e apoiaram quando precisei. Adorei o vosso humor, a vossa simplicidade, a vossa paciência. Quaisquer erros ou asneiras são meus, não vossos, e a minha desculpa é que nunca poderia esperar apreender todo o vosso tremendo conhecimento e experiência sem passar pelo menos um mês ou dois na vossa pele. Se alguma das minhas leitoras se apaixonar pelo inspetor Roy Longhurst será porque, para o criar, me inspirei nestes dois amigos.

A Harriet Evans, a minha editora na Penguin Books. Como pode alguém tão novo ter tanta sensatez e diplomacia é algo que me ultrapassa. Nunca, nem uma vez, atirei as tuas notas para o outro lado da sala, irritada, ou disse: «Mas o que é que ela sabe disso?» Sabes. És inteligente, intuitiva, um amor de pessoa e alguém com quem é um prazer trabalhar. Obrigada, Harrie, e não só pela tua perícia como editora, mas também pelo conforto quando me sentia insegura, e pelo muito que rimos ao longo do percurso.

Finalmente, um agradecimento muito especial aos Spencer Dayman Meningitis Laboratories, de Bristol, pela preciosa informação que me proporcionaram sobre esta doença. Embora o meningococo B continue a representar uma grave ameaça para a sociedade em todo o país, o magnífico trabalho que esta instituição de beneficência tem levado a cabo ao providenciar fundos para a pesquisa e desenvolvimento de vacinas contra a meningite assume uma importância vital.

CAPÍTULO 1

Outubro de 1995

O som da porta da rua a abrir-se fez Pamela Parks erguer os olhos do livro de marcações. Eram dez menos um quarto de uma manhã de quinta-feira e a sala de espera estava cheia de doentes. Contrariada, viu que quem acabava de entrar era a mulher de ar desmazelado que passava a maior parte dos dias sentada num banco da praça, em frente do centro médico.

Pamela não era uma pessoa tolerante. Com quarenta e cinco anos e dois filhos crescidos, orgulhava-se da sua figura esbelta, da sua elegância e da sua eficiência. Não tinha tempo nem paciência para perder com quem não partilhasse os seus exigentes padrões. E com toda a certeza não tinha tempo nem paciência para aquela mulher que uma das enfermeiras alcunhara de «Vinnie». O apodo devia-se ao facto de Vinnie ser frequentemente vista a beber de uma garrafa de vinho barato, sendo a opinião geral que devia tratar-se de uma ex-doente mental que fora largada na comunidade sem o devido acompanhamento.

Chovia intensamente e Vinnie deteve-se no tapete em frente da porta, a afastar os fios de cabelo molhados do rosto gordo e avermelhado. Vestia um impermeável transparente por cima de um casaco curto e calçava umas velhas alpergatas.

Eriçada de indignação, Pamela fez deslizar para o lado o vidro da divisória do balcão da receção.

– Não pode entrar aqui – disse. – Nem para fugir à chuva nem para usar os nossos lavabos. Vá-se embora, ou chamo a polícia.

Vinnie ignorou-a. Despiu o impermeável e pendurou-o num dos cabides à esquerda da porta. Furiosa com o desplante da criatura, Pamela inclinou-se por cima do balcão, para ver melhor o que ela estava a fazer. Parecia estar a tirar qualquer coisa do bolso do casaco.

– Já lhe disse que não pode entrar aqui – repetiu Pamela. Sentiu uma ligeira pontada de pânico: havia pelo menos dez pessoas à espera de consulta, dois médicos tinham saído em chamadas de emergência e Muriel, a rececionista-chefe, estava na sala ao lado a tirar notas dos processos dos pacientes.

– Vim falar consigo – disse Vinnie, avançando deliberadamente na direção dela.

Pamela recuou, afastando-se do balcão, repentinamente assustada pelos olhos da mulher. Eram claros, azul-esverdeados, muito frios e duros. Vista de perto, não parecia tão velha como assumira. Na realidade, deviam ter as duas mais ou menos a mesma idade.

– Não se lembra de mim, pois não? – continuou a mulher, um ligeiro sorriso a torcer-lhe um canto da boca. – É natural, suponho que mudei muito. Você não, continua tão mal-educada e má como naquela altura.

Foi a voz que despertou a recordação. Mas antes que pudesse fazer qualquer coisa, a mão da mulher ergueu-se acima do nível do balcão. Empunhava uma arma, e apontava-a diretamente a Pamela.

– Não seja ridícula – disse Pamela instintivamente, recuando ainda mais assustada. Mas era

demasiado tarde para fugir. Um estrondo enorme encheu-lhe os ouvidos e, no mesmo instante, uma dor dilacerante trespassou-lhe o peito.

Na sala contígua, Muriel Olding tinha ouvido Pamela mandar alguém sair, mas não conseguiu ver quem porque o gabinete não tinha janelas para a receção. Apesar de chocada pela rispidez da colega, e com curiosidade de saber contra quem era dirigida, naquele preciso instante equilibrava um periclitante monte de processos na beira da gaveta aberta de um armário de arquivo.

Mas quando ouviu uma voz de mulher dizer calmamente «Não se lembra de mim, pois não?» em vez de responder com insultos a Pamela, Muriel pousou as pastas em cima do armário e dirigiu-se à porta que dava para o corredor com a intenção de ver quem era. Acabava de rodar a maçaneta quando soou um estrondo ensurdecedor.

Nem por um instante lhe passou pela cabeça que tivesse sido um tiro. Julgou que fosse um petardo, pois outubro chegava ao fim e há já vários dias que a malandragem da vizinhança se entretinha a fazê-los rebentar à volta do centro. Quando abriu a porta e viu Vinnie de pé, com uma arma na mão, o cheiro acre da cordite a encher a receção, ficou como que pregada ao chão pela incredulidade.

Por um segundo, os olhos da mulher fixaram-se nos dela, mas quando o Dr. Wetherall abriu de rompante a porta do consultório, Vinnie rodou para ele tão suavemente como se estivesse em cima do prato de um gira-discos.

– Que diabo! – rugiu o médico, mas a mulher calou-o disparando novamente e atingindo-o no peito.

Muriel não queria acreditar no que estava a ver. O sangue jorrou no mesmo instante do peito do Dr. Wetherall, que deixou escapar uma espécie de gemido, levou as mãos ao ferimento, abriu muito os olhos e recuou a cambalear para dentro do consultório.

Foi puro instinto que levou Muriel a saltar para trás, fechar a porta do gabinete e rodar a chave na fechadura. Só quando se apercebeu de que os gritos que ouvia não eram só seus, mas também dos doentes na sala de espera, é que ela tomou plena consciência de que aquilo era real e não um pesadelo criado pela sua imaginação.

Naqueles poucos instantes, tinha visto Pamela caída de costas, de braços e pernas abertos, o sangue a borbotar-lhe de um buraco no peito.

Pegou no telefone e, escondida debaixo da secretária, marcou febrilmente o 112.

*

Cerca de quatro horas mais tarde, o inspetor Roy Longhurst sentava-se ao lado de Muriel, que, embrulhada numa manta, estava deitada no sofá de um dos consultórios do primeiro piso. Lá em baixo, a equipa forense e os fotógrafos da polícia faziam o seu trabalho. Quando chegara, todos os outros funcionários e doentes que se encontravam no edifício na altura dos tiros estavam em choque, alguns até quase histéricos, mas como nenhum testemunhara verdadeiramente o que tinha acontecido, a maioria fora já levada para casa. Mas Muriel assistira a tudo, e Longhurst estava muito preocupado com ela. Era uma mulher muito perto dos sessenta, e o rosto vincado e os cabelos grisalhos recordavam-lhe a sua própria mãe.

Segurou uma mão dela entre as suas enormes manápulas e esfregou-a gentilmente.

– Ora bem, Mrs. Olding – disse. – Acalme-se, demore todo o tempo que for preciso e tente dizer-me exatamente o que viu e ouviu esta manhã.

Roy Longhurst tinha quarenta e cinco anos, um metro e oitenta e oito de altura e cem quilos de osso e músculo. Mesmo à civil, ou com o equipamento de râguebi, conseguia continuar a parecer um polícia, algo que divertia muito a mãe, que costumava dizer que era precisamente para o que tinha nascido.

Apesar de não ser bonito, era um homem atraente, com cabelos escuros, fortes e ondulados, pele morena e olhos castanhos e expressivos. Era um polícia da velha escola, escrupulosamente honesto mas com opiniões muito definidas. Não tinha paciência para os patifes que alegavam uma infância difícil para justificar as suas malfeitorias. Ele próprio tivera uma infância difícil e sobrevivera sem recorrer à delinquência. Voltaria a instaurar a pena de morte e a vergasta, se pudesse, e achava que as prisões deviam ser muito mais duras do que eram. No entanto, era compassivo por natureza para aqueles que mereciam a sua compaixão, como as vítimas de um crime. Mrs. Olding, apesar de não ter sido fisicamente ferida, era para ele uma vítima, pois ficara claramente arrasada pelo que vira naquela manhã.

Dowry Square, em Hotwells, tinha sido construída no século xix para os ricos mercadores de Bristol que queriam viver longe do fedor das docas da cidade. Mas ao contrário do vizinho Clifton, que tinha de certo modo conseguido manter a sua imagem de bairro seleto durante duzentos anos, Hotwells degradara-se. O barulho constante do tráfego que enchia a vasta rede de vias rápidas que a atravessava, e que incluía um gigantesco viaduto, tornara-a, há já várias décadas, numa área indesejável. Mas a partir de meados da década de 1980, com a construção de novos blocos de apartamentos e conjuntos de moradias ao longo da margem do rio, começara a recuperar.

O prédio que alojava o centro médico refletia todas estas mudanças. Primeiro uma respeitável casa de família, depois uma pensão de má fama e finalmente uma clínica, conhecera uma grande variedade de proprietários e ocupantes. Os utentes da clínica iam de gente modesta e sem recursos, a viver em pensões baratas, a proprietários de casas avaliadas em mais de meio milhão de libras, passando por estudantes, inquilinos de casas camarárias, velhos *hippies* e jovens *yuppies*.

O centro conseguira, apesar de tudo, manter a sua imagem de casa particular, com os consultórios, salas de espera e de tratamento a abrir para um longo corredor central. Havia mais consultórios no primeiro piso. Do balcão da receção, com a sua divisória de vidro, até à porta da frente ia uma distância aproximada de quatro metros e meio.

Quando a equipa de intervenção chegara, naquela manhã, já se sabia que havia dois mortos e cerca de dez pessoas na sala de espera, além de médicos e enfermeiras. Os agentes estavam a contar com uma situação que envolvesse reféns e iam preparados para ela. Tinham assumido, porque ninguém lhes dissera o contrário, que a pessoa que efetuara os disparos era um homem e que o incidente estava relacionado com drogas.

No entanto, quando Longhurst chegou, pouco depois, explicaram-lhe que tinham encontrado a porta da frente aberta e uma mulher sentada no chão do vestíbulo. Num primeiro momento, tinham pensado que o atirador já fugira e que aquela mulher estava num estado de choque demasiado profundo para conseguir mover-se ou falar. Mas então, depois de olhar por um instante, em silêncio, para o agente armado que se detivera à porta, a mulher falara:

– Fui eu que os matei – dissera, e apontara para a pistola caída no chão junto dela, parcialmente escondida pelo casaco.

O agente ordenara-lhe que se afastasse da arma, o que ela fizera arrastando-se para o lado. Depois de a arma ter sido recuperada, a mulher pusera-se de pé por sua própria iniciativa e indicara onde se

encontravam as duas vítimas. Quando lhe perguntaram porque tinha matado aquelas pessoas, respondera cripticamente:

– Eles sabem.

Longhurst fora responsável por deter a mulher e informá-la dos seus direitos antes de a levarem para Bridewell. Apesar de só ter estado com ela cerca de dez minutos, achara-a intrigante. Não tivera a mais pequena reação ao burburinho do outro lado da porta da sala onde a tinham fechado. Apesar de admitir mais uma vez que fora ela que matara as duas pessoas, recusara dar o nome e morada, e todo o seu aspeto descuidado e miserável contrastava curiosamente com uma voz suave e uma postura cheia de dignidade. A arma, segundo um dos membros da equipa de intervenção, era um revólver de serviço, quase de certeza uma relíquia da Segunda Guerra Mundial.

– Não a vi entrar – disse Muriel, a voz trémula do choque. – Estava na sala atrás do balcão de receção… não é bem uma sala, é mais uma espécie de cubículo. Há uma porta que dá para o vestíbulo, mas nenhuma janela. Só ouvi a Pam a falar alto com alguém, a dizer: «Não pode entrar aqui. Nem para fugir à chuva nem para usar os lavabos, de modo que vá-se embora ou chamo a polícia.»

– Com quem pensou que ela estava a falar? – perguntou Longhurst.

Muriel encolheu os ombros.

– A verdade é que, no momento, não pensei verdadeiramente nisso, mas suponho que imaginei que fosse algum miúdo, ou coisa assim. Mas pensei que aquilo não era maneira de falar com uma pessoa, fosse ela quem fosse. Então ouvi uma voz de mulher dizer qualquer coisa como «Não me reconhece, pois não?». Não parecia zangada, nem nada disso. Fiquei curiosa, e foi por isso que abri a porta. Foi então que ouvi o estrondo. Pensei que alguém tinha atirado uma bombinha.

– E o que foi que viu no vestíbulo?

– A Vinnie… era assim que lhe chamávamos.

– Conhecia-a, então?

– Sim. Há dezoito meses que se senta lá fora na praça quase todas as manhãs. Nunca tinha entrado no centro, pelo menos que eu saiba.

Acabou de contar a Longhurst o que tinha visto, e como voltara a correr para o gabinete e chamara a polícia.

– Estava tão assustada – disse, e recomeçou a chorar. – Trabalho aqui há quinze anos, e nunca tinha acontecido uma coisa assim.

Longhurst sabia que quando a equipa de intervenção entrara no centro, Muriel ainda estava escondida debaixo do balcão da receção, a poucos passos de distância do corpo da outra mulher. Estava petrificada pelo terror e terrivelmente envergonhada por não ter pensado nos pacientes que se encontravam na sala de espera enquanto ela se protegia.

O agente que a encontrara demorara algum tempo a convencê-la de que chamar imediatamente a polícia e ficar quieta fora a coisa mais sensata que poderia ter feito. Garantira-lhe que nenhum dos pacientes ficara ferido e que a enfermeira de serviço na sala de tratamentos contígua à sala de espera os pusera a todos em segurança. Mas Muriel continuava convencida de que devia ter feito mais.

– Há quanto tempo trabalhava aqui a Pamela Parks? – perguntou Longhurst.

– Há cerca de oito anos, parece-me – respondeu Muriel, e novas lágrimas assomaram-lhe aos olhos. – Coitados do marido e dos filhos! Que vão eles fazer?

Longhurst deu-lhe uma palmadinha na mão e esperou que as lágrimas acalmassem.

– Era amiga da Pamela? – perguntou. – Quero dizer, além de trabalharem juntas.

– Não verdadeiramente – disse Muriel, erguendo para ele os olhos húmidos. – Não tínhamos muita coisa em comum. Ela era muito inteligente, nada como eu.

Uma das enfermeiras já tinha informado Longhurst de que havia algum atrito entre Muriel e Pamela. Segundo ela, a mulher mais velha fora colocada um pouco à margem pelos conhecimentos informáticos de Pamela. Dissera também que Pamela era um tudo-nada excessivamente intrometida, que queria controlar todo o funcionamento da clínica.

Longhurst tinha visto a mulher morta antes de o corpo ser levado. Era bastante atraente, no início da casa dos quarenta, com madeixas louras nos cabelos e as unhas cuidadosamente pintadas. Já sabia que vivia numa luxuosa casa em Clifton, que conduzia um *BMW* e que o marido, Roland Parks, era um bem-sucedido homem de negócios.

– Essa mulher a quem chamam Vinnie é doente do centro? – perguntou.

– Penso que não – respondeu Muriel. – Pode estar registada, claro. Há montes de pessoas que estão registadas aqui e que nunca vimos como doentes. Acabamos por só conhecer os que vêm regularmente. Mas, que eu saiba, nunca cá tinha entrado.

– Diga-me, então, quando a via sentada lá fora na praça, o que pensava dela?

Muriel encolheu os ombros.

– Nada de especial. Só perguntava a mim mesma o que faria a pobre criatura ali sentada todos os dias. Por vezes tinha uma garrafa de vinho, de modo que suponho que se embriagava, mas nunca andava aos tombos por aí nem gritava, nem nada disso.

– A Pamela costumava fazer comentários a respeito dela?

– Sim, era um pouco dura. – Muriel encolheu os ombros. – Dizia que deviam interná-la num sítio qualquer. Parece que tinha razão, ao fim e ao cabo.

– É então possível que as duas já tivessem discutido antes de isto acontecer?

Ela franziu a testa, como que a tentar recordar.

– Não me parece. Pelo menos, a Pamela nunca disse nada a esse respeito. Mas se foi por isso, porque terá ela matado também o Dr. Wetherall?

– Talvez tenha sido só por ele ter saído do consultório – sugeriu Longhurst.

– Eu também saí, e ela não me matou.

Longhurst já tinha ponderado este ponto. Não sabia se Muriel tivera sorte ou se a assassina entrara ali com os seus alvos já definidos.

– Conte-me o que sabe a respeito da Pamela – pediu, gentilmente. – Tudo o que lhe ocorrer. Como ela era com as pessoas. Consigo, com os médicos, que interesses tinha, esse género de coisas.

– Como lhe disse, era inteligente. – Muriel suspirou. – Elegante, no aspeto e nas maneiras. Roupas caras, arranjava as unhas e o cabelo todas as semanas. Não precisava de trabalhar, fazia-o porque gostava. Ela e a família iam de férias a lugares como a África ou o Japão, vivem numa casa de luxo. Não sei que interesses tinha além de cozinhar. Estava constantemente a oferecer jantares, falava de coisas como tomate seco ao sol como se fosse suposto eu saber o que eram.

Longhurst calculou, pelo tom da voz, que Muriel achava que ela própria e Pamela Parks se encontravam em extremos opostos da escala social.

– Fale-me então de si – sugeriu.

– Sou o mais diferente da Pam que se possa imaginar – disse Muriel, com uma ponta de dureza. – Eu e o meu marido, o Stan, vivemos numa casa camarária, em Ashton. O Stan trabalha nos caminhos

de ferro. A única vez que fomos ao estrangeiro foi a Espanha, nenhum dos meus quatro filhos tem o 12.º ano, quanto mais frequentar a universidade, como os da Pam.

– Mas aposto que é mais compreensiva para com os doentes – disse ele, a tentar sacar-lhe mais.

– Tento ser – respondeu Muriel, os olhos cheios de ansiedade. – Sei o que é estar preocupada por ter um filho doente e querer que ele seja imediatamente visto por um médico. A Pam conseguia ser um pouco dura com as pessoas, sobretudo com os pobres e os velhos. Mas a verdade é que queria fazer desta clínica a mais eficiente de Bristol, e conseguiu acabar com muita coisa que só nos fazia perder tempo, e cortar nas visitas domiciliárias a pessoas que não precisavam verdadeiramente delas. Estava a fazer um bom trabalho.

Longhurst olhou para Muriel e notou a pele cor de cinza, e o facto de ela continuar a tremer apesar de estar embrulhada numa manta. Era evidente que não estava em condições de responder a mais perguntas.

– Vou mandar alguém levá-la a casa – disse. – Dentro de um ou dois dias terei de passar por cá para lhe pedir um depoimento formal. Talvez se lembre de mais qualquer coisa depois de lhe ter passado o choque.

– Acho que nunca vai passar – disse Muriel, num tom triste. – Vi esta clínica crescer de apenas dois médicos até ao que é agora, um lugar agradável, seguro. Nunca pensei assistir a uma coisa destas! É como uma dessas coisas que acontecem na América e de que falam na televisão, não é?

CAPÍTULO 2

Sentada à sua secretária, Beth Powell ditava cartas para um gravador enquanto ouvia a chuva fustigar com força as janelas do escritório de advogados criminais Tarbuck, Stone and Aldridge. Já era quase noite, às quatro da tarde, e o candeeiro da secretária lançava uma luz dourada sobre os papéis e *dossiers* espalhados à sua frente.

A palavra que as pessoas mais usavam para descrever Beth era «impressionante». Tinha quase um metro e oitenta de altura, com cabelos pretos encaracolados puxados para cima e descuidadamente presos com uma travessa de mola, de pele da cor de marfim, olhos verdes e uma boca generosa. Quando era rapariga, detestava o rótulo, convencida de que era uma maneira educada de dizer «esquisita». Agora, porém, com quarenta e quatro anos, o que menos lhe importava era o que as pessoas queriam dizer com «impressionante», ou que lhe chamassem altiva e fria. Antes ser impressionante que insignificante, e não achava que o papel de uma advogada fosse ser coscuvilheira, figura maternal ou *femme fatale*.

Pessoalmente, estava bastante satisfeita com o seu aspeto. A altura dava-lhe uma vantagem e sabia que se vestia bem. Acabara por apreciar o contraste entre os cabelos negros e a palidez da pele. Havia momentos em que via no espelho a sua boca grande e sensual e a detestava, mas era uma realista e, sabendo que não podia modificá-la, aceitava-a.

Também aceitava o facto de a maior parte das pessoas que defendia em tribunal serem culpadas dos crimes de que as acusavam e que se conseguisse safá-las voltariam a transgredir na primeira oportunidade. Adorava a prática da advocacia criminal, os desafios constantes, a variedade de casos e as personagens extraordinárias que conhecia todos os dias.

Estava em Bristol há apenas um ano. Passara toda a sua vida adulta em Londres e, nos últimos doze anos, trabalhara no mesmo escritório de advogados em Chancery Lane.

A ideia de sair de Londres ocorrera-lhe depois de o apartamento onde vivia, em Fulham, ter sido assaltado três vezes no espaço de um ano. Comprar uma casa num bairro mais seguro em Londres teria sido proibitivamente caro, de modo que começara a candidatar-se a lugares em várias cidades, convencida de que uma mudança de cenário poderia também trazer uma mudança de sorte na sua vida pessoal.

A entrevista com a Tarbuck, Stone and Aldridge, em Bristol, fora apenas uma de muitas, em cidades tão distantes como York, Glasgow e Exeter. Acabara por escolher aquela firma apenas porque gostara da localização dos escritórios, num gracioso edifício jorgiano na esquina de Berkeley Square, em Clifton, a parte mais elegante da cidade. Era primavera, na altura, e o jardim do centro da praça resplandecia de verde e narcisos. Reparara que apesar de o interior do edifício estar a precisar desesperadamente de decoração, não lhe transmitia aquela sensação de claustrofobia que sentia nos escritórios de Chancery Lane. E havia o bónus extra de, em Bristol, as casas serem muito mais baratas. Conseguira comprar um apartamento seguro num terceiro andar a escassos cinco minutos a pé do escritório, com uma vista soberba para a cidade.

Bristol acabara por revelar-se um lugar muito mais fascinante e cosmopolita do que esperara. A

sua longa e colorida história como um porto que, em tempos, fora o segundo mais importante do país, logo atrás de Londres, deixara um legado de extraordinários edifícios antigos, além de uma personalidade muito própria. Adorava a maneira como a cidade não esquecera o seu passado marítimo; a área das docas, remodelada, proporcionava passeios deliciosos, com um museu, uma galeria de arte e dúzias de bares e restaurantes. A principal zona comercial oferecia tudo o que se pudesse desejar e, em Clifton, havia uma infinidade de pequenas lojas, imprevisíveis e intrigantes, que muitas vezes ultrapassavam qualquer coisa que tivesse conhecido em Londres. Mas não era uma intimidante selva de betão, havia espaço, parques, a paisagem rural ali mesmo ao lado. Também sabia, pelo que lhe diziam os clientes e pelas conversas que ouvia entre os colegas mais jovens do escritório, que a vida noturna da cidade era mais do que animada. Dizia a si mesma que já tinha passado a idade das discotecas, dos clubes noturnos e de experimentar todos os restaurantes, *pubs* ou bares de vinho, mas a verdade era que para fazer todas essas coisas era preciso ter amigos. E amigos era coisa que não tinha.

– Não precisas de amigos para nada – resmungou para si mesma, como fazia sempre que o pensamento lhe ocorria. – És perfeitamente feliz tal como estás.

Repentinamente, a porta do gabinete abriu-se e Steven Smythe, um dos outros advogados, entrou de rompante, o rosto iluminado pela excitação e avermelhado pelo esforço de ter subido as escadas a correr.

– Foste chamada a Bridewell – ofegou. – Advogada oficiosa.

Beth sabia que aquilo significava que era a sua vez de proporcionar aconselhamento legal a alguém que tinha sido preso. Se a polícia descobria que a pessoa detida não tinha advogado, consultava a tabela de serviço e chamava quem estivesse a seguir na lista. Por acaso era ela, como podia ter sido Steven ou qualquer outro advogado. Era apenas uma questão de sorte.

– Hoje és tu o moço de recados? – perguntou, sarcástica. A rececionista lá em baixo podia ter-lhe ligado. Mas Steven aproveitava todas as oportunidades para lhe falar, uma coisa que a confundia, uma vez que o tratava invariavelmente com sete pedras na mão.

Por qualquer razão, Steven parecia ter-se convencido de que tinham de ser amigos. Dissera, pouco depois da chegada dela à firma, que tinham muito em comum. Embora fosse verdade que tinham a mesma idade, a mesma paixão pela prática do direito criminal e origens sociais semelhantes, Beth não gostava da maneira como ele parecia beber cada uma das suas palavras. Além disso, era casado e tinha dois filhos pequenos, de modo que não fazia a mínima tenção de encorajá-lo.

Supunha que parte do problema tinha a ver com o facto de ele ser um inadaptado. Não era «do grupo» nem era um conquistador. Beth suspeitava que, na escola, devia ter sido do género marrão. E apesar de ser bastante bem-parecido, alto e bem constituído, com um queixo forte e uns bonitos olhos azuis, as roupas dele estavam sempre amarrotadas, e estava a precisar de um bom corte de cabelo.

– Vim dizer-te pessoalmente porque é a mulher que matou aquelas duas pessoas em Hotwells, esta manhã – disse ele.

Beth sentiu nesse preciso momento a mesma onda de excitação que Steven devia ter sentido enquanto subia a correr os três lanços de escadas para lho dizer pessoalmente. Mas não era do género de admitir essas coisas.

– Jura! – disse, enquanto se punha de pé e pegava na pasta. A notícia do incidente chegara ao escritório ao meio-dia, causando grande choque e muita especulação. Não havia memória de alguma

vez uma mulher ter matado alguém em Bristol. E era ainda mais incrível por ter acontecido numa concorrida clínica médica.

– Deve ser louca – continuou Steven. – Ao que parece, não diz sequer como se chama, não pronunciou uma única palavra desde que foi presa.

– Bem, até as mulheres loucas têm direito a aconselhamento legal – disse Beth, a desejar que ele desaparecesse e a deixasse sair.

– Alguma vez defendeste uma assassina? – perguntou Steven, que parecia não se aperceber da pressa dela.

– Sim, Steven, já defendi – respondeu Beth secamente, lançando-lhe um olhar gelado. – Agora tenho de ir. Até amanhã.

Deteve-se no vestíbulo para vestir a gabardina e tirar um chapéu de chuva do bengaleiro. Deixava sempre o carro na garagem, na cave do bloco de apartamentos, durante o dia, uma vez que tanto a esquadra da polícia como o tribunal ficavam a escassos quinze minutos de distância, a pé, e nem sempre era fácil conseguir estacionamento. Mas naquela tarde chovia tão intensamente que esperava conseguir apanhar um táxi. Era, no entanto, uma débil esperança: em Bristol, os táxis pareciam ser mais raros do que dentes de galinha.

Depois de uma troca de palavras com o sargento de serviço em Bridewell, Beth deteve-se à porta da sala de interrogatório, onde a mulher acusada estava retida, para dar uma vista de olhos à sua «cliente», através da pequena janela de vidro, antes de entrar.

Por um instante, teve a fugaz sensação de que conhecia aquela mulher sentada descaída na cadeira, mas, olhando com mais atenção, apercebeu-se de que isso se devia unicamente ao facto de ela ter um aspeto tão comum. Baixa e gorducha, com uma cara redonda e avermelhada e cabelos castanhos escorridos. Vestia umas calças de poliéster azul-escuras e uma camisola de lã informe, ambas muito usadas e gastas. Era indistinguível das incontáveis outras mulheres de ar cansado que esperavam na fila para o autocarro, faziam compras nos supermercados ou caminhavam apressadas para os seus empregos como empregadas de limpeza em qualquer escritório, excetuando talvez pelas alpergatas que calçava, e não parecia de certeza capaz de matar duas pessoas a sangue-frio.

A porta foi aberta e Beth entrou.

– Chamo-me Beth Powell e sou a advogada oficiosa – disse, secamente. – Fui chamada para a aconselhar quanto aos seus direitos legais.

A mulher voltou vivamente a cabeça, e a sua expressão de choque e surpresa sobressaltou Beth por um instante.

– Já nos conhecemos? – perguntou Beth. Olhou com mais atenção para a cara da mulher, mas apesar de haver nela qualquer coisa de terrivelmente familiar, não sabia dizer onde ou quando já a tinha visto.

A mulher abanou a cabeça, e Beth assumiu que aquela expressão espantada era apenas o resultado de, repentinamente, lhe oferecerem assistência legal. Talvez ainda não tivesse tomado plena consciência do que tinha feito.

Beth sentou-se à mesa e começou a explicar mais pormenorizadamente o que estava ali a fazer. O sargento de serviço já a pusera ao corrente de tudo o que se sabia a respeito do tiroteio. A detida admitira livremente ser responsável, mas não acrescentara mais uma palavra, nem sequer para dar o

nome ou morada. E embora não houvesse nada de inusitado naquele silêncio – uma grande parte das pessoas que eram detidas remetia-se ao silêncio –, era estranho confessar o crime e depois calar-se.

A polícia estava naquele preciso momento a tentar descobrir quem ela era e onde vivia, pois não tinha consigo nada que a identificasse. Mas a arma que usara era quase a faceta mais curiosa de tudo aquilo. Segundo a polícia, tratava-se de uma arma muito antiga, que fora cuidadosamente limpa e conservada.

– Bom – disse Beth, um pouco impaciente, depois de ter explicado o que já sabia. – Preciso de saber o seu nome. Não posso ajudá-la se não souber nada a seu respeito.

A mulher ergueu os olhos para Beth. Eram verde-azulados, muito claros, e não havia neles uma réstia de luz.

– Não quero ajuda – disse.

– Mas vai precisar de alguém que a defenda quando for a tribunal – disse Beth, a pensar que a mulher ainda não compreendera a enormidade do que tinha feito, ou talvez fosse néscia. – Matou duas pessoas. Muito provavelmente, vai passar o resto da vida na prisão por causa disso.

A mulher voltou a erguer os olhos, e desta vez brilhou neles uma centelha:

– Valeu a pena – disse.

Beth foi novamente sobressaltada pela voz da mulher. Também esta lhe parecia familiar. Perscrutou-lhe o rosto, comparando-o mentalmente com os de outras mulheres que interrogara no passado ou vira à espera de outros advogados, no escritório. Mas embora recordasse muitas mulheres tão pobremente vestidas como aquela e com a mesma idade, a voz não condizia com nenhum daqueles rostos.

– Bem, mesmo que não se importe de ser condenada a prisão perpétua, podia ao menos dizer-me a mim e à polícia quem é, de onde vem e por que razão matou aquelas duas pessoas inocentes – disse, num tom duro.

– Não eram inocentes – ripostou a mulher. – Mereciam morrer.

– Porquê? O que foi que lhe fizeram?

– Vá-se embora. – A mulher voltou desdenhosamente a cara para a parede. – Não tenho mais nada a dizer-lhe. Eles sabem porquê, é tudo o que importa.

Beth ficou sentada em silêncio durante algum tempo, a estudar a mulher e a tentar decidir o que fazer a seguir. Defendera pessoas de todos os estratos sociais acusadas de todo o género de crimes. Quase todas essas pessoas se tinham afirmado inocentes, mesmo quando saltava claramente à vista que eram culpadas. Umas vezes diziam-lhe demasiado, outras não diziam o suficiente. De algumas acabara por gostar, por mais hediondos que tivessem sido os seus crimes, outras eram tão desagradáveis que ficava quase contente quando perdia o caso. Julgava ter uma visão suficientemente abrangente e equilibrada dos criminosos e do sistema judicial. Mas embora aquela não fosse a primeira vez que se via confrontada com alguém que admitia abertamente a sua culpa e não mostrava qualquer remorso, era a primeira vez que um cliente não queria explicar-se ou tentava convencê-la de que tinha tido motivos para fazer o que fizera.

Um dos agentes dissera que a mulher era uma alcoólica. O tom avermelhado da cara parecia confirmá-lo. No entanto, que o agente soubesse, nunca fora detida por embriaguez ou comportamento desordeiro. Tinha as unhas roídas até ao sabugo e, na opinião de Beth, os cabelos não viam uma escova ou um pente há vários dias. No entanto, não tinha o aspeto, nem o cheiro, de quem dormia na rua. E depois havia a questão da arma.

Como arranjara uma mulher como ela um revólver de serviço?

As armas de fogo não eram armas femininas. Embora Beth acreditasse que praticamente qualquer mulher sob pressão seria capaz de empunhar uma arma de fogo e dispará-la para defender um ente querido, era extremamente raro alguma usá-las a sangue-frio.

Pensou novamente na voz que lhe parecera tão familiar e chegou à conclusão de que fora apenas por ser tão parecida com a dela: bem modulada, falando um inglês correto, sem tons afetados ou vestígios de sotaque do Sudoeste. Vinha provavelmente de um meio de classe média, que talvez incluísse caçadas e manuseio de armas de fogo.

Implorar era coisa que não estava na natureza de Beth. Fosse aquele qualquer outro género de crime, e ter-se-ia levantado e saído, dizendo à cliente que se encontrariam no tribunal no dia seguinte. Mas agora estava curiosa e, por isso, inclinada a mostrar-se um pouco mais flexível.

– Por favor, diga-me ao menos o seu nome – pediu. – A polícia não tardará muito a descobri-lo, mas eu quero sabê-lo para que possa dirigir-me a si como deve ser. Por favor!

A mulher manteve a cabeça baixa, e decorreu pelo menos um minuto antes que dissesse:

– Está bem. Fellows, Susan Fellows. Mas é tudo o que vou dizer-lhe. Sei que muito provavelmente as suas intenções são boas, portanto leve-me a tribunal e deixe que me condenem. Fi-lo. Podem castigar-me. Não há mais nada a dizer.

O refinamento da mulher transpareceu nas suas palavras, tocando Beth de uma maneira que não esperava. Quase todas as clientes que defendera desde que estava em Bristol eram oriundas da classe operária – sobretudo ladras de lojas, prostitutas e toxicodependentes. Nunca tentava identificar-se com elas, raramente sentia sequer pena de alguma, por mais duramente que a vida as tivesse tratado. Acreditava que era isso mesmo que fazia dela uma tão boa advogada de defesa, o facto de ser capaz de olhar fria e desapaixonadamente para os casos e planear a sua estratégia para ganhar, custasse o que custasse. Pela primeira vez em muitos anos, não sabia pura e simplesmente como lidar com aquele caso.

Pôs-se de pé, mas fez uma pausa antes de sair da sala e pousou a mão no ombro da mulher.

– Vão levá-la a tribunal amanhã, Susan, mas só para que a polícia possa retê-la durante mais vinte e quatro horas enquanto a investigam. Voltará então a tribunal. Ficará sob custódia, o que significa prisão. Vai lá passar muito tempo antes que o caso vá a julgamento. O médico que matou tinha mulher e quatro filhos, a rececionista era casada e tinha dois filhos. Essas pessoas têm o direito de saber porque fez aquilo. E também eu preciso de saber, se vou representá-la e garantir que tem um julgamento justo. Por isso quero que pense no assunto esta noite, e amanhã voltamos a falar.

Susan ergueu uns olhos que continuavam frios e sem expressão. Limitou-se a assentir com a cabeça e Beth não soube se aquilo significava que estava de acordo ou se estava apenas a indicar que ouvira o pedido.

Enquanto se afastava da sala de interrogatório, Beth sentia-se desanimada. Os *media* iam exigir aos berros informação sobre o tiroteio, o caso ia despertar interesse a nível nacional, talvez até a nível mundial, e ela tinha consciência de que ia estar no centro das atenções. Tinha de saber mais a respeito daquela mulher, não ia fazer bem nenhum à sua reputação admitir um fracasso total na primeira entrevista com a sua cliente.

Quando passou a última porta e entrou na área de receção da esquadra, pensou repentinamente no inspetor Roy Longhurst. Fora ele que fizera a detenção, e uma vez que já se tinham cruzado, ainda

que fugazmente, num par de outras ocasiões, talvez ele soubesse dizer-lhe qualquer coisa que pudesse usar para convencer Susan Fellows a abrir-se.

Perguntou na entrada se o inspetor Longhurst ainda estava de serviço, e a jovem agente disse-lhe que devia estar prestes a ir para casa. Ofereceu-se para ligar para o gabinete e ver se ele ainda lá estava.

Quando a agente assentiu e, sorrindo, lhe estendeu o telefone para que falasse diretamente com o inspetor Longhurst, Beth teve de pensar depressa.

– Fala a Beth Powell – disse, a desejar, em primeiro lugar, que ele se lembrasse dela e, em segundo, que a relação que pensava ter-se estabelecido entre os dois durante os seus anteriores encontros não tivesse acontecido apenas na sua imaginação. – Fui chamada como advogada oficiosa da mulher detida pelas mortes na clínica.

– Espero que lhe tenha dito mais a si do que me disse a mim – respondeu ele, com uma nota de cansaço na voz.

– Receio que não. – Admitiu Beth. – Exceto o nome. Susan Fellows.

– Bem, já é um começo.

– Estava a perguntar-me se lhe apeteceria tomar uma bebida ao fim da tarde comigo – disse Beth, na esperança de não estar a ser demasiado transparente.

– Ora aí está a melhor proposta que me fizeram durante todo o dia – respondeu ele, a voz repentinamente mais ligeira. – Desço já.

Estava a sorrir quando apareceu no vestíbulo.

– Não é apenas pelo meu encanto, pois não? – disse, os olhos castanhos a brilhar. – Só quer sacar-me informação a respeito do crime.

– Não posso mentir – respondeu ela, sorridente. – Mas foi o seu encanto que me levou a ousar perguntar.

– Ainda bem que o fez. – Longhurst passou distraidamente os dedos pelos cabelos. – Depois do dia que tive, venderia a alma por uma caneca de cerveja.

Foram a pé até ao The Assizes, um *pub* em Small Street muito frequentado por advogados à hora do almoço. Àquela hora estava sossegado, apenas meia dúzia de pessoas a tomar uma bebida antes de ir para casa.

A primeira vez que Beth se cruzara com Longhurst fora enquanto esperava no Tribunal da Coroa de Bristol. Tinham tido uma conversa bastante rápida a respeito de criminosos em geral e ele parecera-lhe do género «é enforcá-los». Contara-lhe uma história a respeito de dois jovens que tinham morrido num acidente de viação. No fim, viera a descobrir-se que iam a caminho de casa depois de terem assaltado um velho reformado. Longhurst mostrara-se encantado por o par já não andar à solta para assustar mais ninguém.

Embora ninguém no seu perfeito juízo lamentasse a morte de dois patifes daquela espécie, Beth não conhecia muitas pessoas dispostas a admitir abertamente um tal prazer. Longhurst contara a história com imenso humor, e fora refrescante conhecer alguém que não se subordinava ao politicamente correto.

Além disso tivera, ao longo dos últimos meses, clientes que lhe tinham falado dele. Era interessante o facto de, apesar de o temerem, também o admirarem por ser «justo». Um criminoso inveterado dissera-lhe que se tinha de ser apanhado, antes fosse por Longhurst do que por outro qualquer, porque ele não fabricava provas.

Foi com uma caneca de cerveja na mão que Roy Longhurst deu a Beth a sua perspetiva dos acontecimentos dessa manhã em Hotwells.

– Não é fácil chocar-me – disse, de testa franzida –, mas um raio de uma bêbeda limpar duas pessoas e deixar um total de seis filhos apenas com um dos progenitores é uma coisa que me faz ferver o sangue. Quem me dera que a equipa de intervenção a tivesse abatido. Agora vai ter de ser julgada e mantida na prisão, à custa dos contribuintes. Para quê? Não vale nada.

– Para ser franca, não me pareceu uma bêbeda – disse Beth, secamente. – E alguma razão há de ter tido para fazer o que fez.

– Poupe-me essa treta da compaixão! – exclamou ele, irritado. – Tem de ser maluca, se calhar saiu de uma instituição para doentes mentais. Qualquer pessoa com razões de queixa contra uma clínica médica seguiria as vias competentes.

A caminho da esquadra, os pensamentos de Beth tinham seguido uma linha muito semelhante àquela. Apesar de Susan não lhe ter dito nada que a fizesse mudar de opinião, começou automaticamente a defendê-la.

– Talvez o tenha feito e ninguém a tenha ouvido – retorquiu. – Veja o seu caso, inspetor Longhurst, aqui sentado a beber uma cerveja e convencido de que ela não vale nada só porque está miseravelmente vestida. Note bem as minhas palavras, vai haver uma excelente razão para ela ter feito o que fez.

Ele limitou-se a rir.

– Ainda não conheci ninguém que guardasse um verdadeiro rancor que não insistisse em explicar as suas razões, de uma ponta à outra. Ela não disse uma palavra, nem sequer chorou.

Discutiram durante algum tempo, mas, para sua surpresa, Beth achou-o divertido em vez de verdadeiramente preconceituoso. Fazia afirmações arrasadoras – devia-se cortar as mãos aos ladrões, castrar os pedófilos e usar a vergasta para castigar os delinquentes juvenis –, mas uma vez que Beth já pensara exatamente as mesmas coisas em relação a alguns dos seus clientes, e ele o dizia de uma maneira tão divertida, deixou de tentar discutir e riram juntos.

– Não acredito que a Susan Fellows seja verdadeiramente maluca – disse, a dada altura. – Talvez um pouco lenta de raciocínio, mas apesar do aspeto e da maneira como veste, há nela qualquer coisa de refinado. E tenho a estranha sensação de que a conheço de qualquer lado!

– A sério? – Longhurst olhou para ela, surpreendido. – Tem alguma ideia de onde?

Beth abanou a cabeça.

– Não. Cheguei à conclusão de que é só a maneira como ela fala. Quero dizer, vivo rodeada de pessoas com sotaques de Bristol e do sudoeste, de modo que ouvir alguém que os não tem chama a atenção.

Longhurst assentiu.

– Não temos muitas vozes finas nas celas – admitiu. – E depois há a questão da arma. Acho que vamos descobrir que lhe pertence. Foi-lhe deixada pelo pai, ou coisa assim. Claro que qualquer pessoa podia acertar com aquela, sobretudo de tão perto, mas diria que a nossa amiga lidou com armas a maior parte da sua vida.

– E as vítimas? – perguntou Beth. – O que sabe a respeito delas? Ou vou ter de esperar até amanhã para ler nos jornais?

– Ambas classe alta, sem discussão. O Dr. Wetherall tinha cinquenta e seis anos, vivia em Long Ashton, jogava golfe, bom pai e bom marido. Aquilo que se espera de um médico de família. A

rececionista *idem*: boa casa, dois filhos na universidade. A única coisa desagradável que descobrimos a respeito dela foi que era do género bruxa, brusca com os pacientes, um pouco dominadora em relação aos colegas. Não me pareceu que gostassem muito dela no trabalho. Mas isso não é razão para matar uma pessoa; todas as clínicas médicas têm alguém assim.

Pouco mais havia que Longhurst pudesse dizer a Beth, exceto a respeito da detenção propriamente dita e o que os outros membros do pessoal da clínica lhe tinham dito, e depois de oferecer uma segunda rodada, perguntou-lhe como estava a adaptar-se a Bristol, pois quando se tinham encontrado pela primeira vez ela era quase uma recém-chegada.

– Muito bem. É mais calmo, a paisagem é magnífica e é ótimo não ter de suportar o metro. Se conseguisse arranjar alguém de confiança para fazer umas coisas no apartamento, diria que é perfeito.

– Não tem um homem, então? – perguntou ele.

Beth eriçou-se. Ficava sempre furiosa quando alguém atirava o barro à parede a tentar descobrir se tinha um companheiro.

– É para isso que acha que uma mulher precisa de um homem? – perguntou, irritada. – Montar umas prateleiras, construir um armário? É só para isso que a sua mulher o quer?

– Não tenho mulher. – Longhurst encolheu os ombros. – Quero dizer, já não tenho. E mesmo quando estávamos juntos, nunca fui grande coisa em matéria de *bricolage*.

Beth sentiu uma pontada de arrependimento por ter sido tão dura.

– Peço desculpa – disse. – Assumi que estava a ser paternalista. Como sou solteira, estou constantemente a ouvir esse género de conversa, e irrita-me. Também assumi que era casado.

– Não tinha a mínima intenção de parecer paternalista – disse ele, e fez um ar pesaroso. – Só assumi que uma mulher bonita e inteligente como a Beth devia ter namorado. É no que dão as assunções. – Riu. – Mas correndo o risco de me espetar uma faca na barriga, posso perguntar se está sozinha por escolha ou circunstância?

Estava a pisar terrenos perigosos mas, por qualquer razão, daquela vez Beth achou graça.

– Um pouco de ambas, suponho. Estou demasiado envolvida no meu trabalho para a maior parte dos homens.

– Foi a desculpa da minha ex-mulher para me deixar – confessou ele, e sorriu. E Beth deu por si a corresponder ao sorriso.

Beth regressou a casa, a pé, duas horas mais tarde. Roy – porque era assim que ele insistira que devia tratá-lo – tinha-se oferecido para a levar, mas ela alegara que era mais rápido subir a pé Christmas Steps até onde vivia, em Park Row, do que ir de carro. Não era exatamente mais rápido, e no escuro e com aquela chuva não foi uma caminhada agradável, mas Beth raramente deixava algum homem fazer fosse o que fosse por ela. Descobrira à sua própria custa que até uma coisa tão simples como uma boleia ou um café podia levar os homens a pensar que ela lhes devia alguma coisa.

No entanto, pensou, talvez tivesse sido tolice recusar a oferta de Roy. Ao fim e ao cabo, fora agradável tomar uma bebida e conversar com ele. Era o primeiro homem, em muito tempo, que a intrigava. Por um lado, era quase o estereótipo do polícia, macho, casmurro, dominador. E no entanto, havia momentos em que revelava uma faceta muito mais gentil, sensível e atenciosa. E, além disso, tinha sentido de humor.

Não fazia ideia de porque havia aquilo de interessar-lhe. De um modo geral, os homens

significavam sempre sarilhos, pelo menos para ela. Embora ainda estivesse meio na esperança de que houvesse algures um homem que fosse tão inteligente e independente como ela, terno e sensível, sem bagagem emocional excessiva, era demasiado experiente para acreditar verdadeiramente que tal coisa existisse. Estar sozinha não era o mesmo que estar só. Gostava de ter a liberdade de fazer exatamente o que lhe apetecia.

Enquanto subia as escadas até ao apartamento no terceiro andar, antecipava o prazer de contemplar, das janelas, a vista panorâmica das luzes da cidade. O apartamento em si era perfeitamente vulgar, mas aquela vista conquistara-a.

Conseguira transformá-lo num refúgio confortável. Era quase tudo de cor creme, das paredes às alcatifas e cortinados, o que o fazia parecer maior. A única nota de cor era dada pela coleção de quadros, vívida arte moderna, na sua maioria originais de artistas pouco conhecidos que comprara em pequenas galerias e feiras de artesanato um pouco por todo o país. O seu preferido era uma fatia de tarte de morango com creme de ovos. Divertia-a imaginar o que o pai teria dito a respeito da obra. O pai era um perfeito *snob*, que conservara todos os horrorosos quadros velhos que herdara do avô unicamente porque se convencera de que a idade os tornava valiosos. Nunca teria compreendido a perspetiva dela de que as pessoas deviam ter quadros porque gostavam de olhar para eles e que o valor monetário não tinha importância.

Depois de sacudir os sapatos dos pés e pendurar o casaco molhado atrás da porta para secar, deixou-se cair no sofá. A sensação de conforto fê-la pensar novamente em Susan Fellows. Já alguma vez teria passado uma noite numa cela? Assustá-la-ia o suficiente para a convencer a explicar-se na manhã seguinte?

Era frustrante não saber nada a respeito dela, e bem gostaria de conseguir deixar de pensar que a conhecia de algum lado. Que poderia ter acontecido a Susan para a fazer sentar-se à porta da clínica fizesse chuva ou fizesse sol? E o que fora que a fizera passar disso a assassina?

Recordou uma mulher que defendera um par de anos antes, em Londres. Tivera um caso com um homem casado que a enganara durante anos prometendo-lhe deixar a mulher. Saltara-lhe em cima, uma noite, quando ele saía de um *pub*, e espetara-lhe uma faca de trinchar nas costas. A única explicação que soubera dar na altura em que fora detida fora que o tinha visto nessa tarde a comprar cortinados com a mulher.

Parecera tão mesquinho, tão completamente irracional, e no entanto, quando conhecera melhor aquela mulher, Beth começara a compreender. Cortinados, fizera notar a sua cliente, eram uma coisa que as mulheres compravam normalmente sozinhas. O simples facto de o marido estar com ela, envolvido na escolha do tecido, provava que eram um casal que partilhava tudo, que os dois gostavam igualmente da casa onde viviam e que ele não fazia a mínima tenção de deixá-la, ou à mulher.

Beth duvidava que se viesse a descobrir que Susan fora a amante do médico. Ou que a rececionista fosse a sua amante lésbica. O que restava, então?

Talvez lhe tivesse sido recusado tratamento na clínica numa altura qualquer? Talvez tivesse sido operada pelo Dr. Wetherall achando ela que não se justificava?

Mas Roy dissera-lhe que, segundo a outra rececionista, Susan não era paciente da clínica. Talvez tivessem então feito qualquer coisa a alguém que ela amava?

Seria possível que as duas vítimas estivessem envolvidas num caso amoroso e o companheiro ou companheira de uma delas fosse amigo, ou amiga, ou parente dela? Parecia ser uma forte

possibilidade. Pertenciam os dois ao grupo etário certo para casos amorosos, eram ambos atraentes, cultos, e trabalhavam juntos todos os dias. Mesmo assim, matá-los por tão pouco parecia um pouco exagerado.

Ligou a televisão para ver o noticiário. O caso não deixaria de ser referido, e talvez um dos jornalistas já tivesse descoberto coisas que a polícia ainda não sabia.

CAPÍTULO 3

Enquanto Beth dava voltas à cabeça à procura de razões que pudessem levar uma mulher a matar duas pessoas, Susan Fellows estava deitada na cama da sua cela, a tentar não pensar em coisa nenhuma. Era o truque a que já recorrera noutras ocasiões para atravessar períodos maus da sua vida. Sentia que ali devia ser fácil, uma vez que não havia nada que a distraísse. Paredes pintadas de um verde brilhante, impessoal, com surpreendentemente poucos *graffiti*, uma sanita e um pequeno lavatório eram tudo o que tinha para olhar.

Mas as paredes verdes lembraram-lhe os olhos de Beth Powell.

Bem gostaria de conseguir convencer-se de que o facto de a advogada ter o mesmo nome que a sua amiga de infância era pura coincidência – ao fim e ao cabo, Beth não a reconhecera. Além disso, com certeza o destino não podia ser cruel ao ponto de lhe trazer de volta essa época da sua vida. Ou podia?

E, no entanto, já com dez anos Beth era muito alta, com uns olhos verdes, uns cabelos negros e uma pele muito branca que a faziam destacar-se. Susan tinha quase a certeza de que se tivesse ousado arrancar a travessa que prendia os cabelos da advogada teria visto aqueles caracóis que tanto invejara caírem-lhe em cascata sobre os ombros.

Sabia que era Beth, mas porque não a teria ela reconhecido? E o que estava a fazer em Bristol?

Ainda abalada pelo choque que o encontro lhe causara, recuou trinta e quatro anos no tempo, até ao dia em que ela e Beth se tinham visto pela primeira vez. Um quente dia de agosto de 1961, quando tinha dez anos. O pai tinha ido almoçar a casa naquele dia e oferecera-se para levá-la a Stratford-upon-Avon nessa tarde para que pudesse ir à biblioteca e ver as lojas, e depois voltariam os dois juntos quando ele fechasse o escritório.

Susan depressa se cansara de ver montras, com aquele calor, de modo que fora até à beira-rio e sentara-se na relva, a observar as idas e vindas dos barcos de recreio. Havia pessoas por todo o lado, a fazer piqueniques, a dormitar ao sol, famílias, idosos e muitos turistas estrangeiros. Naquele tempo, não sabia grande coisa a respeito de William Shakespeare, e sempre a intrigara o facto de as pessoas virem de outros países só para ver o lugar onde aquele homem tinha nascido. Certa vez perguntara ao pai se o tal Shakespeare era como Jesus, e ele rira à gargalhada.

Estava ali sentada há já algum tempo quando vira outra rapariguinha de pé debaixo de uma árvore, a olhar para ela. Como era muito tímida, o seu primeiro pensamento fora que devia haver qualquer coisa terrivelmente errado na sua pessoa para fazer alguém olhar para ela daquela maneira. Além disso, pensara que a outra rapariga era mais velha do que ela, porque era alta, e invejara-lhe os cabelos negros e encaracolados e os calções brancos e a blusa cor-de-rosa que vestia. Ela usava sempre vestidos; era a mãe que lhos fazia, e algumas raparigas da escola riam-se deles por parecerem tão infantis, com bordados e mangas tufadas.

– Sabes para onde vão os barcos? – perguntara repentinamente a rapariga.

– Para lugar nenhum em especial, só sobem e descem o rio – respondera ela.

– Já andaste num? – A rapariga tinha-se aproximado um pouco mais.

Ela abanara a cabeça.

– Não, são só para os visitantes e para as pessoas que estão de férias – respondera.

– Ora essa, eu estou de férias e nunca andei em nenhum – dissera a rapariga de cabelos negros, num tom quase indignado. – Posso sentar-me aqui contigo? Estou farta de estar sozinha.

Susan sabia até bem de mais o que era estar sozinha. Não tinha verdadeiras amigas e não podia convidar ninguém para ir lá a casa porque a avó estava doente. Ficara encantada por aquela rapariga parecer querer ser sua amiga.

– Chamo-me Beth Powell – dissera a rapariga. – Tenho dez anos e vim do Sussex com a minha mãe e estamos em casa da minha tia Rose. Só chegámos no sábado à tarde.

– Chamo-me Suzie Wright – respondera Susan, porque naquele tempo toda a gente a tratava por Suzie, até na escola. – Também tenho dez anos e vivemos em Luddington, que é uma aldeia que fica mais para cima, seguindo o rio. Estou à espera que o meu pai acabe de trabalhar para ir para casa com ele.

Não conseguia lembrar-se exatamente sobre o que conversaram naquela tarde, só de como o tempo passara depressa. Supunha que tinha contado a Beth que o pai era agente de seguros, que a avó, que vivia com eles, estava doente e que o irmão, Martin, estava fora, na universidade, mas não tinha memória disso. Do que se lembrava era de as duas terem descalçado as sandálias e as meias e ficarem sentadas na margem com os pés mergulhados na água fria e verde, a rir de tudo e mais alguma coisa.

E lembrava-se de ter dito, a dada altura da tarde, que Beth parecia a Branca de Neve, com os seus cabelos negros e a pele muito branca, e Beth rira e parecera ficar muito satisfeita; dissera que toda a gente achava que era demasiado alta e escanzelada, e que bem gostaria de ser pequena como ela, e ter aquelas faces encantadoramente rosadas.

Não sabia, na altura, que Beth ia colorir toda a sua adolescência, ou que a amizade entre as duas iria tornar-se tão importante para ela. Tudo o que importara, naquela tarde, era que Beth adorava os livros dos *Cinco*, e a série *Os Sonhos de Katy*, como ela, e que ambas gostavam de andar de bicicleta, e que Beth parecia querer passar todo o mês de agosto com ela.

Esse mês de agosto, e os quatro agostos que se seguiram, passou-os todos com Beth. Tantos longos dias de verão a explorar os campos de bicicleta, a construir represas nos pequenos ribeiros dos bosques, a ir ao cinema nas tardes de chuva, a ouvir o *Top Ten* no Woolworth's. Cada recordação era um tesouro.

Era horrível quando agosto chegava ao fim e Beth tinha de voltar para o Sussex. Choravam as duas, e abraçavam-se uma à outra e prometiam escrever e ser melhores amigas para sempre.

Tinham passado cinco verões juntas, trocado cem cartas nos intervalos, partilhado tantos sonhos e esperanças. Acreditavam que, sendo melhores amigas, sabiam tudo a respeito uma da outra. Olhando agora para trás, Susan sabia que era uma ilusão. Escondera de Beth muita coisa importante, e Beth quase de certeza tinha feito o mesmo.

As últimas férias partilhadas tinham sido as de 1966, quando tinham ambas quinze anos, talvez as mais memoráveis de todas porque fora quando tinham começado a pensar em maquilhagem, rapazes e bailes.

Recordou o primeiro baile em Stratford, com todos aqueles balões na rede suspensa do teto. Comprara um vestido vermelho naquela mesma tarde, sem autorização da mãe, e vestira-o em casa da tia de Beth, Rose. Na loja parecia perfeito, sofisticado, provocante e atrevido. Mas quando

chegara ao baile e vira que todas as outras raparigas tinham optado pelo estilo *Mod*, com saias direitas e compridas, blusas de gola alta e sapatos género «avozinha», achara-o demasiado justo, demasiado revelador, e sentira que estava toda a gente a olhar para ela.

A tia Rose tinha-lhes dito, antes de saírem para o baile, que a melhor maneira de evitar ficarem esquecidas num canto, como um par de monas, era olhar os rapazes nos olhos e sorrir. Além disso, não deviam sentar-se, e sim dançar uma com a outra se ninguém as convidasse. Desse modo pareceria que tinham ido ali apenas para dançar e que nem sequer estavam muito interessadas nos rapazes.

Tinham seguido os conselhos da tia Rose, e ficado espantadas com a quantidade de rapazes que as convidaram para dançar. Perguntou a si mesma se Beth se lembraria dos dois rapazes com quem tinham dançado a última música e que as tinham acompanhado a casa. Eram irmãos, ambos escanzelados e cheios de borbulhas, mas como Beth dissera na altura, serviam perfeitamente para praticar.

– Há muito que se deve ter esquecido de ti – murmurou esperançosamente para si mesma. – Sempre foi mais bonita, mais inteligente e mais desembaraçada do que tu. A vida dela deve ser tão preenchida que não tem tempo para olhar para trás.

Susan também não queria olhar para trás. Aprendera há muito que era melhor viver só no presente, porque pensar no passado só trazia dor. Mas o presente também não era uma coisa boa em que pensar. Beth podia reconhecê-la a qualquer momento, e ela ia ser obrigada a explicar como chegara àquilo. Tinha de desligar o cérebro.

Imaginar o mar era a sua maneira testada e confirmada de apagar todos os pensamentos. Uma praia de seixos vazia de pessoas onde se desfaziam grandes ondas verde-acinzentadas. Por vezes, a água chegava-lhe aos pés, e sempre que isso acontecia tinha a sensação de estar a ser sugada para o mar, quando a onda recuava.

Desta vez, porém, em vez de ver apenas a água, com as ondas cristadas de espuma branca, e de ouvir o som do seixos arrastados pelo refluxo, viu-se a si mesma. Não como era agora, uma mulher gasta, de quarenta e quatro anos, com um corpo flácido e cabelos baços, mas como fora no início do verão de 1967. Com quase dezasseis anos, o dia de aniversário apenas a uma semana de distância, já era roliça, mas tinha uns refulgentes cabelos castanhos, pele clara e olhos brilhantes.

Estava de férias com os pais em Lyme Regis, no Dorset. Eram, para todos eles, as primeiras verdadeiras férias em anos, e era também, embora nenhum deles o admitisse abertamente, uma maneira de celebrar a morte da avó.

Na altura, Susan não tinha ideia de uma época em que a sua vida não fosse dominada pela velha senhora, que fora viver com os pais, Margaret e Charles, na casa de Luddington, quando ela era ainda bebé. As recordações mais antigas que guardava da avó era de vê-la sentada numa cadeira de espaldar direito, na cozinha, com o xale pelos ombros, a queixar-se. O frio, o calor, a comida, os medicamentos, as dores nas pernas ou os problemas de estômago, tudo servia para desencadear uma litania de lamentações. Não se lembrava de alguma vez a ter ouvido rir.

Martin, o irmão, costumava dizer que a avó era um demónio, que o seu objetivo na vida era criar infelicidade. Punha-se atrás da cadeira, onde ela não conseguia vê-lo, e imitava-lhe os lábios franzidos e o dedo a abanar reprovadoramente. Mas Martin tivera a sorte de estar longe, na Universidade de Nottingham, quando a avó ficara senil.

Susan tinha cerca de nove anos quando as coisas começaram a ficar verdadeiramente más. Tinha de fazer o seu turno de vigia para impedir que a avó se queimasse no fogão, deixasse a água da banheira ir por fora ou deambulasse até ao rio que corria ao fundo do jardim e caísse à água.

Fora como se uma nuvem cada vez mais negra tivesse descido sobre a casa. Tinham-se acabado as saídas em família, a mãe tornara-se cada vez mais cansada e nervosa, o pai refugiava-se no trabalho ou no escritório que tinha em casa e ela sentia-se muito sozinha e até abandonada. Convidar outras crianças para brincar estava fora de questão, porque os pais pareciam ter medo de que alguém descobrisse que a avó estava, pouco a pouco, a ficar maluca.

Se não fosse o pai levá-la à caça todos os fins de semana, não teria verdadeiramente nada que fazer além da escola e ajudar na lida da casa. Não gostava por aí além de caçar, parecia-lhe cruel matar lebres e aves, mas era, surpreendentemente, uma excelente atiradora, e gostava de ouvir o pai gabar-se do facto aos amigos que encontravam quando andavam a caçar.

Fora provavelmente por isso que Beth se tornara tão importante para ela ao longo dos anos seguintes. Escrever-lhe e pensar nela preenchia o vazio que ficara quando a mãe deixara de ter tempo para levá-la a sair, brincar com ela e ensiná-la a costurar e a cozinhar. Quando as outras raparigas da escola começaram a pô-la de lado porque ela nunca as convidava, podia dizer a si mesma que estavam era verdes de inveja por não terem uma amiga como Beth.

Mas a demência da avó progredira muito rapidamente, e não tardara que ficasse incapaz de se lembrar fosse do que fosse. Dera-lhe para andar pela casa aos gritos, durante a noite, atirar comida para o chão e dizer disparates. E então ficara duplamente incontinente. O pai parecera ficar cada vez até mais tarde no escritório durante os dias de semana, e deixara de levá-la à caça porque dizia que a mãe precisava da ajuda dela em casa. Por essa altura tinha treze anos, e era ela que fazia as compras, limpava a casa e engomava a roupa. Odiava a avó por tornar as vidas de todos eles tão infelizes.

Sabia agora que a avó sofria da doença de Alzheimer. Mas nos anos sessenta, se a doença tinha sequer um nome, ninguém o usava, ou compreendia verdadeiramente os problemas que lhe estavam associados, ou percebia até que era uma doença. As pessoas que sofriam daquele mal eram despachadas para um hospício ou escondidas pela família, por causa do estigma que implicava.

Muito nova, sem ninguém que lhe explicasse o que se passava, Susan só sentia nojo e irritação pela velha que criava toda aquela confusão. Lembrava-se de sentir náuseas com o cheiro da casa quando chegava da escola, de ficar revoltada quando a avó cuspia a comida que a mãe lhe dava à boca e de perguntar a si mesma por que motivo se recusava a mãe a mandá-la para um lar, como o pai tantas vezes lhe suplicava que fizesse.

Martin já só muito raramente ia a casa, dizia que tinha coisas melhores que fazer do que passar o fim de semana num asilo de lunáticos. Sempre fora mau para Susan, toda a infância dela fora ensombrada pela prepotência do irmão, mas lembrava-se de como ficara chocada por ele ser capaz de dizer à mãe uma coisa tão cruel. Ao fim e ao cabo, ela não tinha culpa de a avó ser como era. E no entanto, ao mesmo tempo concordava com Martin em certos aspetos, e teria dado tudo para que a mandassem para um colégio interno para poder fugir também.

A partir dos catorze anos, Susan deixara de ter tempo para ir à biblioteca, para passeios a pé ou de bicicleta; mal chegava da escola, havia demasiadas coisas para fazer, e ao fim de semana ainda mais. Por vezes, era até obrigada a faltar às aulas, quando a mãe sentia que não era capaz de enfrentar mais um dia sozinha com a avó.

Lembrava-se de, certa tarde, estar sentada a vigiar a avó enquanto a mãe tomava um banho rápido.

A velha senhora balouçava-se para trás e para a frente na sua cadeira, a fazer ruídos assustadores, e Susan perguntava-se como iria arranjar maneira de estar com Beth naquele verão. Bem gostaria de poder admitir nas suas cartas o que estava a acontecer, mas os pais tinham-na avisado perentoriamente de que aquele era um assunto do qual não se falava.

No entanto, a mãe parecia compreender o quanto ela precisava da sua amizade com Beth, e nos dois últimos verões conseguira convencer o pai a contratar uma enfermeira para ajudar algumas horas por dia e permitir-lhe alguma liberdade. Não fora fácil, porque o pai era um tanto agarrado ao dinheiro, mas a mãe fizera-lhe frente e insistira que ela precisava de uma pausa para poder voltar à escola em setembro revigorada para o ano que ia seguir-se.

E então, em fevereiro de 1967, a avó morrera, e quase da noite para o dia a tristeza, a ansiedade e os maus cheiros tinham desaparecido. Susan lembrava-se de ter ajudado o pai a levar dois cadeirões de braços e um colchão que a avó sujara para o jardim, para os queimar. Tinham ficado junto à fogueira naquela fria e ventosa tarde, a rir enquanto a mãe ia buscar braçadas de roupas para lançar às chamas.

– Não devíamos estar tão alegres – dissera a mãe, reprovadoramente, a dada altura, apesar de sorrir enquanto o dizia. – Ela não tinha culpa.

Susan conseguia ver aquela tarde tão nitidamente como se estivesse a olhar para uma fotografia. A sua mãe, Margaret, era baixa e gorducha, com cabelos grisalhos. Não estava exatamente cheia de rugas, mas a pele começava a tornar-se-lhe macia, como a casca de uma maçã conservada demasiado tempo. Vestia umas calças azul-escuras, e uma camisola de lã tricotada à mão e tinha ao pescoço um lenço azul com bolinhas brancas. Lembrava-se de ter reparado, naquela manhã, como a mãe ficava bem sem a bata que costumava usar. A mãe rira e dissera que ninguém a faria voltar a vestir uma bata enquanto fosse viva, e que talvez até fosse fazer uma permanente, agora que ia ter algum tempo para cuidar de si mesma.

Charles, o pai de Susan, tinha um ar muito distinto, com um metro e oitenta de altura, elegante, olhos escuros e penetrantes e espessas sobrancelhas pretas, os cabelos ainda bastos e escuros apesar dos seus cinquenta e oito anos. Naquele dia estava com um ar arrapazado, a espevitar a fogueira com um pau, a ensopar as roupas velhas em parafina antes de as atirar para a pira.

Os parentes costumavam dizer que Susan era igualzinha à mãe quando tinha a mesma idade. E Susan podia vê-lo por si mesma quando olhava para a rapariga na fotografia do casamento que estava em cima do aparador: compridos cabelos escuros, covinhas nas faces e lábios cheios. Mas a mãe tinha já quarenta anos quando ela nascera, e estava já a ficar grisalha e gorducha, de modo que não lhe era fácil associar aquela bonita rapariga à mulher que conhecia.

Os pais tinham casado no início da guerra, em 1939, e, na foto, Charles aparecia garboso no seu uniforme de capitão. Martin nascera no início de 1941. Susan muitas vezes se interrogara a respeito daquela diferença de dez anos entre o seu nascimento e o do irmão. Mas nunca perguntara nada.

Durante toda a primavera e o início do verão de 1967, tudo fora maravilhoso. Lembrava-se de ter escrito a Beth a pedir-lhe que naquele ano ficasse em casa deles em vez de ficar na da tia, e como era maravilhoso não ter de andar em bicos de pés com medo de acordar a avó, e poderem ir ao cinema e passear em família.

Mas nunca falara a Beth da transformação que se operara nas suas vidas. Como a mãe punha a telefonia mais alto para ouvir *Round the Horn*, aos domingos, e como a casa se enchia com as gargalhadas do pai. Ou como, por vezes, a mãe lhe fazia cócegas e os dois corriam atrás um do outro

no jardim, como crianças. Achava que Beth não poderia compreender aquilo, não sabendo como tinha sido antes.

Durante algum tempo, reinara na casa uma certa confusão, porque a mãe quisera fazer uma limpeza geral e renovar a decoração. A mobília amontoava-se no patamar e cheirava a desinfetante, a cera e a tinta por todo o lado. O pai levava peixe e batatas fritas para o jantar, e por vezes comiam-nos enquanto viam televisão, uma coisa que antes nunca faziam.

Fora durante aqueles meses que Susan começara a reparar em como a casa era bonita, ou talvez fosse apenas por a mãe estar sempre a dizer, na brincadeira, que ia «devolver-lhe a antiga elegância». Claro que sempre soubera que a casa era muito antiga e devia ter sido construída para alguém importante, por causa da escada de carvalho lavrado e dos apainelados de madeira nas paredes do vestíbulo. Mas também sempre desejara que vivessem numa das bonitas vivendas estilo Tudor da aldeia, ou até numa das modernas moradias e casas que tinham construído na estrada para Luddington, porque as pessoas diziam muitas vezes que The Rookery fazia arrepios, devido à maneira como ficava escondida atrás das árvores.

Repentinamente, dera por si a olhar para a casa com novos olhos, a admirar os antigos tijolos avermelhados, as janelas com portadas de treliça, as chaminés altas. Era ótimo poder correr pelo jardim e ver os barcos passar pela comporta, ver a névoa matinal erguer-se acima da eclusa. Mal podia esperar que Beth chegasse, porque tinha a certeza de que ela ia achar tudo aquilo mágico.

Nunca a casa lhe parecera tão grande enquanto a avó fora viva, porque todos os quatro quartos principais estavam ocupados, e os dois do sótão atulhados de velharias. Agora, porém, depois de a cadeira de rodas e os velhos baús e as peças de mobília que a avó trouxera consigo terem desaparecido, tornara-se repentinamente espaçosa e arejada.

– Nunca quis a tralha dela cá em casa – dissera a mãe certa tarde, enquanto acrescentava duas cadeiras feias ao já considerável monte de mobílias que esperava, no jardim da frente, a camioneta que iria buscar tudo aquilo para ser vendido num leilão de beneficência. – Mas ela insistiu, apesar de serem coisas sem valor. Meu Deus, que bom ver-me livre de tudo isto.

No piso térreo havia três divisões, além da cozinha. A sala de estar tinha portas envidraçadas que abriam para o jardim, que descia até ao rio Avon e à comporta. Susan sempre adorara o jardim, com as suas muitas árvores de fruto e canteiros floridos, os seus sinuosos caminhos onde costumava jogar à amarelinha e o seu pequeno lago sempre cheio de rãs.

Recordava claramente a sala de estar tal como era nas tardes de sol: os sofás e os cadeirões de braços forrados de chita florida, o tapete com desenhos cor-de-rosa e verdes e a franja creme que tinha de estar sempre direita. A coleção de figurinhas de porcelana Worcester da mãe no armário de vidro e o biombo bordado que ficava em frente da lareira vazia durante o verão.

Raramente usavam a sala de jantar, e a mobília que lá estava tinha vindo da família do pai. Susan costumava passar os dedos pela bela mesa de roseira, examinar o rebordo ondulado, admirar o armário das porcelanas e as elegantes cadeiras e perguntar-se quanto valeriam, porque o pai dizia que eram antigas.

A terceira divisão era o escritório do pai. Estava forrado de livros e havia uma grande secretária de carvalho por baixo da janela. Era lá que Susan fazia os trabalhos de casa até terem instalado o aquecimento central, em 1964. A mãe acendia um lume na grande lareira de pedra pouco antes de ela chegar a casa, vinda da escola, e costumava dizer que era um lugar confortável e sossegado onde podia concentrar-se nos seus trabalhos. O que a mãe nunca descobrira era que ela passava a maior

parte do tempo sentada no cadeirão de couro do pai, a olhar para as chamas na lareira, contente por estar num sítio isolado e quente, longe da avó.

Deu por si a sorrir. Tinham passado muitos anos, e muita coisa acontecera entretanto, mas era uma boa recordação. Como todas as dos quatro meses que se tinham seguido à morte da avó.

Parecia-lhe, em retrospetiva, que fora nessa altura que se libertara da sombra que a envolvera durante tanto tempo, olhara em redor e vira tudo o que tinha. Não só vivia numa bela casa numa bonita aldeia, como os pais eram bons para ela e partilhavam coisas. Repentinamente, a sua mente abrira-se para um mundo de possibilidades. Durante o último verão que ela e Beth tinham passado juntas, tinham falado de partilhar um apartamento em Londres, um dia. Uma coisa que passara a parecer-lhe possível. Ia frequentar uma escola profissional, aprender a dançar, arranjar um namorado. Ia vencer a sua timidez, tornar-se alguém.

Um ano antes, quando as coisas estavam muito más em casa com a avó, ouvira uma conversa entre duas professoras, e apercebera-se, horrorizada, de que a rapariga que descreviam como sendo «feia, gorda e sem ponta de graça» era na realidade ela própria. Mesmo assim, depois da morte da avó, a alegria e a sensação de libertação em casa tinham-lhe dado uma nova esperança. Os pais falavam frequentemente da nuvem negra sob a qual tinham vivido e de como todos eles precisavam de fazer mudanças radicais, de modo que ela decidira que nunca mais lhe chamariam «sem ponta de graça».

E então tinham ido de férias em junho. Susan acabara de fazer os exames finais do liceu e os pais tinham-na deixado fazer uma pausa de uma semana na escola. Felizmente, Martin não pudera ir – tinha vinte e seis anos, um apartamento e um emprego em Londres. Nem o facto de ter saído de casa o levara a tratá-la melhor. Mas, claro, nessa altura ela pensava que todos os irmãos eram assim com as irmãs.

Tinham ficado num hotel mesmo em frente ao mar em Lyme Regis, em quartos com vista para a praia. O tempo estava frio, com vento e chuva, mas nem sequer isso estragara o prazer: o hotel era quente e confortável, e eles vestiam as gabardinas e davam grandes passeios, apesar do mau tempo.

Um dia, a mãe queixara-se da chuva e o pai dissera-lhe, a rir, batendo-lhe com o cotovelo: «Podia ser muito pior. Podíamos ter a avó connosco.»

Então, no último dia, o sol aparecera e tinham passado o dia inteiro na praia. O pai fora procurar fósseis ao longo das falésias, a mãe estendera-se nas toalhas e adormecera, e ela chapinhara no mar.

Ainda agora conseguia sentir a alegria daquele dia: o sol a queimar-lhe as pernas e os braços, o frio da água gelada, a dureza das pedras debaixo dos pés nus. Fora como se a família inteira tivesse atravessado um portão e entrado num mundo novo onde podiam rir, divertirem-se, ir aonde quisessem quando quisessem. As restrições sob as quais tinham vivido durante tanto tempo tinham desaparecido para sempre.

Sentou-se bruscamente na cama. Não queria pensar no que acontecera depois daquilo, porque fora tão cruel e injusto as coisas não terem resultado como esperara.

Na noite em que tinham regressado de férias, dois dias antes Susan fazer dezasseis anos, a mãe tivera um AVC.

Ao entrar em casa, dissera que se sentia esquisita, e Susan fora fazer-lhe um chá, e quando voltara à sala encontrara-a caída no sofá e o pai ao telefone a chamar uma ambulância.

Com o tempo, os pormenores dos meses que a mãe passara no hospital tinham perdido nitidez.

Velhotas de rostos muito brancos estendidas em camas brancas, chãos brilhantes, flores e cheiros desagradáveis reminiscentes da avó, era tudo o que conseguia recordar. Lembrava-se de como detestava lá ir, mas ia, quase todas as tardes, de autocarro, a rezar para que naquele dia a mãe estivesse melhor.

Tivera de escrever a Beth e dizer-lhe que afinal ela não ia poder ficar com eles. Mas Beth não tencionava ir a Stratford, de todos os modos, escrevera a dizer que arranjara um emprego de verão numa sapataria, em Hastings. No fundo, Susan pensara que Beth arranjara novos amigos, mais interessantes, e ficara contente por ter uma desculpa para fugir às férias.

A mãe não melhorara, ficara ali deitada com a cara torcida numa careta, incapaz de mexer-se ou de falar. O pai não se cansava de dizer que ela via e ouvia e que a sua mente estava tão ativa como sempre fora. Dizia que havia de melhorar, só tinham de ser pacientes.

Ia vê-la todas as noites depois de chegar a casa do escritório, e notava até as mais pequenas melhoras. Parecia compreender o que os grunhidos dela significavam, conseguia que ela respondesse às suas perguntas piscando os olhos. A fé dele dava esperança a Susan.

Explicara à filha o que, em sua opinião, provocara o AVC.

– Foi por causa da súbita libertação da pressão quando a avó morreu – dissera. – Todos aqueles anos a tratar dela, sempre a lavar roupa, a dar-lhe de comer, a preocupar-se com ela. Teve os seus custos, foi como uma panela a acumular pressão. A tampa tinha de saltar.

Na altura, Susan não compreendera a explicação. A avó morrera quatro meses antes, a casa voltara a estar bonita, as preocupações da mãe tinham acabado. Agora, no entanto, passado tantos anos, claro que fazia sentido. A sua própria tampa tinha saltado. Matara aquelas duas pessoas para libertar a insuportável pressão que havia dentro dela.

Em retrospetiva, via como teria sido simples, em 1967, desviar a sua vida do canal por onde começava a correr, se tivesse sido só um pouco menos submissa. Martin não permitira que a doença da mãe interferisse com a sua carreira e as suas ambições. O pai agarrara-se ao trabalho, à casa e aos seus passatempos preferidos, o golfe e a caça.

Se Susan fosse um par de anos mais velha, já teria um emprego; se fosse um par de anos mais nova, teria ido para a escola. Mas ela estava naquela espécie de limbo, tendo feito os exames finais do liceu, e o seu único projeto de carreira era uma vaga intenção de se inscrever num curso pré-universitário em Stratford-upon-Avon, em setembro. Não tinha nada que a desculpasse do cumprimento dos deveres domésticos.

Saíra-lhe, por assim dizer, a palha mais curta. Mas, claro, com dezasseis anos, não tivera capacidade para prever, ou sequer imaginar, o que a esperava, ou que, uma vez iniciado o caminho, não havia para onde fugir. Adorava os pais, a doença da mãe era um desgosto arrasador e estava mais do que ansiosa por fazer o que fosse melhor para todos. E além disso, na altura não alimentava quaisquer verdadeiras ambições a não ser casar e ter os seus próprios filhos.

Solidão era o que mais recordava daquele verão. Na altura, pensava em como ela e Beth se tinham divertido em anos anteriores, e acabava invariavelmente a chorar. Por vezes, ia para o jardim ver os barcos de recreio na comporta, e o som das pessoas a rir e a conversar fazia-a sentir-se ainda mais só.

Em agosto, recebera os resultados dos exames finais do liceu. Para sua vergonha, chumbara a todas as disciplinas exceto Ciências Domésticas e Geografia, e isso fizera-a sentir-se ainda mais deprimida e inútil. As férias acabaram, e os dias começaram a parecer ainda mais compridos, sem a

escola para onde ir. As únicas visitas eram uma ou outra vizinha que passava para deixar fruta ou flores para a mãe. Por vezes, quando voltava a casa de autocarro, de regresso do hospital, viu algumas colegas da sua antiga turma, mas por mais vontade que tivesse de ir ter com elas, explicar-lhes o que tinha acontecido e convidá-las para a irem visitar, não se sentia capaz de o fazer.

Por isso preenchia os dias com tarefas domésticas – limpar a casa, lavar e engomar a roupa, aparar a relva –, esforçando-se por fazê-las tão bem como a mãe as faria. Começou a fazer compota de ameixa, de amoras e de maçã pela mesma razão. Ajudara a mãe a fazer aquilo durante anos, as árvores de fruto do jardim davam sempre uma boa colheita e era um ritual anual de que ambas gostavam; como o pai gostava de sachar a horta para plantar feijocas na primavera. Naquele ano, parecera ainda mais imperativo fazê-lo sozinha, para mostrar como estava adulta.

Lembrava-se de ir para o jardim de manhã cedo e apanhar a fruta que tinha caído antes que as vespas e outros insetos lhe chegassem. Abanava as árvores para soltar mais frutos maduros e começava a tratar da compota mal o pai saía de casa. A produção fora excecional, naquele ano, sobretudo de ameixas, e havia qualquer coisa de incrivelmente gratificante em encher as prateleiras da despensa com frascos de doce.

Por essa altura, a mãe começara a ficar um pouco melhor. Conseguia mover, ainda que com dificuldade, o braço direito, e a mão tornara-se suficientemente forte para pegar num lápis e escrever algumas perguntas. Susan nunca se sentira mais orgulhosa do que quando a fora visitar e pudera anunciar que acabava de encher mais vinte frascos de compota de ameixa e dez de amora e maçã.

«Menina tão querida», escrevera a mãe um dia, e Susan flutuara de regresso a casa numa nuvem de orgulho, e esquecera a solidão.

E no entanto, selara o seu próprio destino com aquilo. Se tivesse estragado a fruta, ou sofrido uma queimadura ao cozê-la, ou feito rebentar os frascos, talvez o pai a tivesse encarado de uma maneira diferente. Mas o êxito convencera-o da competência dela.

Quando o pai lhe perguntara se se sentia capaz de tomar conta da mãe quando ele a levasse para casa, nem sequer lhe ocorrera pensar o que aquilo significaria para ela. Amava a mãe, e mais do que tudo queria-a em casa, onde era o seu lugar. Com toda a certeza não queria uma desconhecida a invadir o seu espaço.

Além disso, o pai fizera-o parecer muito convidativo. Pagar-lhe-ia um ordenado, e uma enfermeira iria todos os dias durante uma hora para ajudar com o banho e fazer fisioterapia. Dissera-lhe que teria os sábados livres, para poder sair se quisesse.

– Não os culpes a eles – disse em voz alta. – Ninguém te obrigou a coisa nenhuma.

Não conseguia, no entanto, impedir-se de pensar que eles deviam ter pensado um pouco mais no seu futuro. Com certeza sabiam que ela só se deixara empurrar para aquele caminho por ser tímida e recear o mundo exterior?

Um par de anos mais tarde, Martin dissera-lhe, com o seu habitual sarcasmo, que ela estava convencida de que ia ser uma segunda Florence Nightingale, de modo que era bem feito. Dissera também que o pai tinha dinheiro mais do que suficiente para pagar a pessoal especializado, e que a mãe nem sequer teria tido o AVC, para começar, se ele tivesse posto a avó num lar.

Martin tinha razão a respeito das duas últimas coisas, há já algum tempo que ela própria o compreendera, mas não esperara que ele a defendesse, porque sempre a desprezara. Mas como podia ela saber, com dezasseis anos, o que significava tomar conta de uma inválida? Ou que a mãe nunca recuperaria completamente? O pai sempre afirmara que sim.

CAPÍTULO 4

Beth acabava de chegar do escritório, às seis da tarde, quando o telefone tocou.

Susan Fellows fizera uma breve aparição no tribunal de primeira instância de Bristol apenas para que a polícia pedisse autorização para a manter detida enquanto procedia a novas investigações. Beth esperara que uma noite numa cela a tivesse predisposto para falar, mas isso não acontecera e Susan mostrara-se ainda menos cooperante. Recusara teimosamente responder a quaisquer perguntas e nem sequer olhara para ela.

– Sim? – disse, numa voz cansada, mas arrebitou um pouco ao perceber que era Roy. Dera-lhe o número de casa num impulso, para o caso de ele ter mais alguma informação a respeito de Susan e não conseguir contactá-la durante o dia.

– Parece derreada – observou ele, cheio de compreensão. – Um dia mau?

– Frustrante – admitiu. – A Susan Fellows continua a não dizer nada. Seria de esperar que com a Inglaterra inteira indignada com o que ela fez lhe desse jeito ter alguém do seu lado.

A história aparecera, claro, nos noticiários da televisão da noite anterior, e nas primeiras páginas de todos os jornais da manhã. Em Bristol, era o principal tema de discussão na rua, nas lojas e nos escritórios.

– Bem, talvez as notícias que tenho a façam sentir-se um pouco melhor – disse ele. – Antes de mais nada, não tem cadastro, e descobrimos onde vive. Os rapazes passaram o lugar a pente fino, esta tarde.

– Ótimo! – Beth sentiu-se instantaneamente mais animada. – Onde fica? Encontraram alguma coisa útil?

O entusiasmo dela fê-lo soltar uma pequena gargalhada.

– É apenas um quarto em Clifton Wood. Continha muito pouca coisa.

– Vá lá! – pressionou Beth. – Como é que ela vivia? É uma pocilga cheia de lixo e garrafas vazias? Dê-me qualquer coisa com que trabalhar!

– Nada disso. Muito espartano – disse ele, com riso na voz. – Telefonei porque pensei que talvez gostasse de o ver pessoalmente.

Beth foi apanhada de surpresa pela sugestão. A polícia nunca convidava advogados, de defesa ou de acusação, para visitar o local de um crime, ou a casa de um acusado, a menos que tivesse uma razão muito especial para isso.

– Claro que gostava muito. Mas não vai arranjar-lhe problemas?

– Só se contar a alguém. – Roy voltou a rir. – Compreenda que se disser uma palavra a respeito de lá ter estado, em qualquer momento da investigação, terei de o negar. Certo?

Agora, Beth estava intrigada.

– Claro – concordou. – Mas porque é que está disposto a infringir as regras por mim?

– Acho que precisa de ver – disse ele, simplesmente. – Compreenderá quando lá chegarmos.

– Está bem – disse ela, cada vez mais cheia de curiosidade.

– Certo. Passo por aí dentro de cerca de dez minutos. Espere por mim em Park Row.

Pelo caminho, Roy explicou que Belle Vue era um conjunto de grandes casas jorgianas. Disse que quando entrara para a polícia de Bristol, algumas das casas eram praticamente barracas, mas que os promotores imobiliários as tinham comprado pouco a pouco e transformado muitas delas em apartamentos de luxo.

– Mas ainda restam algumas bastante degradadas – disse Roy, enquanto enfiava o carro no único espaço para estacionar disponível em toda a rua. – Uma delas é onde a Fellows vivia.

Um candeeiro de rua em frente do número 30 derramava a sua luz sobre os sacos de lixo deixados junto aos gradeamentos, a espalhar o conteúdo pelo passeio. Grandes ervas daninhas nasciam do chão empedrado na área das caves e o cheiro era nauseabundo.

A porta da frente estava aberta. Duas raparigas olharam para eles com interesse de uma janela iluminada do primeiro andar.

– Como descobriram onde ela vivia? – perguntou Beth enquanto entravam, contornando uma cadeirinha de bebé e duas bicicletas deixadas no vestíbulo.

– Um homem telefonou-nos – explicou Roy. – Ouviu dizer que tinha sido a mulher que se sentava em Dowry Square que cometera os crimes, e sabia que ela morava nesta rua porque mora três portas mais abaixo.

Quanto mais subiam, mais suja se tornava a escada, e as luzes, ligadas a um temporizador, teimavam em deixá-los mergulhados na escuridão. Os últimos degraus que davam acesso aos quartos do sótão eram simples tábuas. O quarto de Susan ficava na frente do prédio.

A escada fora uma boa preparação para o quarto. Era frio, húmido e escuro, com o papel muito velho a descascar das paredes e um punhado de peças de mobília desconjuntadas. As mantas e os lençóis tinham sido arrancados da periclitante cama de casal, que parecia ser uma relíquia dos anos da guerra, presumivelmente durante a busca da polícia. Uma lâmpada nua, que a corrente de ar que entrava pela janela fazia oscilar na ponta de um fio, iluminava aquela miséria. Beth estremeceu ao pensar no contraste entre aquilo e o seu confortável apartamento.

– Ainda não tirámos nada, exceto uma caixa de munições – disse Roy, entregando-lhe um par de luvas de borracha. – Calce-as e dê uma vista de olhos. Gostaria de saber a sua opinião a respeito do que a faz sentir.

Beth começou por olhar em redor.

– O que há para ver? – perguntou, espantada pela nudez do lugar. – Não há objetos pessoais. Não há um rádio, um ornamento, seja o que for.

Roy não fez comentários, de modo que ela abriu o armário junto ao lava-louça.

– Até os pratos e os tachos parecem ter sido fornecidos pelo senhorio. E no entanto, está tudo muito limpo e arrumado – disse, com alguma surpresa.

Voltou-se para uma cómoda e abriu-a. Continha umas poucas peças de roupa muito usadas, mas limpas e cuidadosamente dobradas. Na realidade, todo o quarto estava limpo, ou pelo menos tão limpo quanto era possível, considerando que os caixilhos da janela estavam podres e a alcatifa gasta.

Abriu o guarda-fatos, onde encontrou pendurado um único casaco, muito velho.

– É muito estranho – disse, com uma expressão de surpresa no rosto. – Não exatamente o que se esperaria de uma louca alcoólica.

Roy assentiu com a cabeça.

– Estávamos à espera de uma lixeira – disse. – Mas não havia garrafas vazias. Nem porcaria. Ela até despejou o caixote do lixo.

– Diria, nesse caso, que sabia que não ia voltar – disse Beth. – Interessante! Estava a planear um assassínio, mas ou é demasiado orgulhosa para deixar uma pocilga para vocês encontrarem, ou limpou tudo o que pudesse incriminá-la.

– Decidi-me pela primeira hipótese – disse ele –, ou não teria deixado as munições. Agora olhe para isto!

Inclinou-se e tirou uma pequena e desgastada mala castanha de baixo da cama. Beth aproximou-se e abriu-a, remexendo nas coisas cuidadosamente arrumadas que estavam por cima. Um saco com artigos de higiene, uns chinelos, uma camisa de noite, roupa interior e três livros.

– Faz lembrar uma mala feita para ir para o hospital – observou, olhando para Roy e franzindo a testa. – Talvez tencionasse matar aquelas pessoas, voltar aqui, pegar na mala e fugir.

– Acho muito pouco provável. Se fosse esse o plano, tê-la-ia deixado num sítio mais próximo da clínica. Diria que a fez para a levar para a prisão. Agora procure mais abaixo.

Beth levantou cuidadosamente a primeira camada. Viu, por baixo, um álbum de fotografias, grande, com capas de plástico cor-de-rosa almofadadas, do género do que as pessoas usam para guardar as fotografias do casamento.

– Isto? – perguntou, olhando interrogativamente para Roy.

Ele assentiu com a cabeça.

A primeira página tinha muitas fotografias de um bebé, e à medida que o folheava Beth viu que o álbum inteiro era dedicado à mesma criança, uma menina de cabelos escuros. As fotos estavam arrumadas cronologicamente e mostravam-na desde o nascimento até aos quatro anos.

Beth examinou-as com atenção, perturbada pela mesma estranha impressão de familiaridade que já tinha tido quando vira Susan na cela.

– A filha? – perguntou, a olhar para Roy.

– Acho que sim. – Apontou para uma das últimas fotos, em que a criança tinha uma cara gorducha e redonda enquadrada por cabelos escuros e ondulados. Usava uma coroa de papel. – Aí nessa está bastante parecida.

Beth estudou a foto. A criança não era exatamente bonita, mas tinha uma cara cativante, cheia de carácter. Não conseguia ver uma verdadeira semelhança com Susan, excetuando o facto de ambas terem caras redondas. Mas havia no sorriso doce, quase tímido, da criança qualquer coisa que a afetou.

– Pode ser uma sobrinha, ou até uma afilhada – disse. – Não há indícios de que a criança alguma vez tenha vivido aqui, graças a Deus. Nem para um animal este lugar serviria.

– Há uma data impressa nas costas de uma das primeiras fotos – fez notar Roy. – 1987. O que significa que teria agora oito anos. Porque acha que as fotografias acabam quando ela tinha cerca de quatro anos?

Beth sentiu a pele arrepiar-se-lhe. Olhou vivamente para Roy.

– Morreu?

– É o meu palpite – disse ele, pensativo. – Claro que a criança pode ter-lhe sido tirada, pelo pai ou pelas autoridades.

Beth assentiu. Talvez tivesse sido por Susan beber, ou talvez ela tivesse começado a beber depois de lhe tirarem a criança. No entanto, parecia-lhe mais provável que tivesse morrido.

Voltou a passar os olhos pelas fotos e reparou que o fundo, em todas elas, parecia ser uma casa normal. Havia coisas caseiras, como um guarda-fogo, uma árvore de Natal, um bolo de aniversário,

flores numa jarra, até uma reprodução de um Renoir na parede por trás da criança.

– Se ela era casada, porque não há fotografias com o pai? – perguntou em voz baixa, como que a si mesma. – Ou algumas com a Susan, que ele tivesse tirado? A minha sensação é que viviam sozinhas. A criança parece saudável e bem tratada.

– Somos os dois da mesma opinião. – Roy pegou no álbum, guardou-o na mala e voltou a pôr as roupas por cima. – Estamos a investigar a criança. Seria capaz de apostar que o médico dela era o Dr. Wetherall.

De repente, Beth compreendeu por que razão ele a levara até ali. Não fora apenas por o álbum de fotografias e as ideias que sugeria o terem tocado. Via também emergir ali um motivo para as mortes.

– Tem filhos, Roy? – perguntou.

– Tive um rapaz, há dez anos – respondeu ele, e desviou a cara, a voz baixa e hesitante. – Morreu, de uma doença do coração, quando tinha três anos.

Beth olhou para ele, consternada.

– Oh, Roy, lamento imenso – disse. – E este álbum fê-lo reviver tudo?

Roy voltou-se para ela, a morder o lábio inferior.

– Sim. Ontem, pensava que a Susan Fellows era uma louca. Hoje, começo a ver surgir uma nova imagem, uma imagem que consigo compreender. Se alguém tivesse sido responsável pela morte do meu filho, talvez também eu o tivesse matado.

Beth engoliu em seco. Estava habituada a histórias tristes, mas aquela, cruamente contada por um homem duro e direto, tocou-a no mais fundo do seu ser.

Saíram do quarto. Roy levou a mala e fechou a porta à chave. Só voltou a falar quando chegaram à rua.

– É estranho como um pouco mais de informação basta para nos fazer mudar de opinião a respeito de uma pessoa – disse de repente. – Ontem, teria condenado aquela mulher à forca. Agora – encolheu os ombros –, bem, sabe como é!

– É um bom homem – disse Beth em voz baixa. Tinha compreendido o motivo dele para a levar ali. – Farei o melhor que puder para a ajudar. Dir-me-á se descobrirem alguma coisa a respeito da criança?

– Claro – respondeu ele, e apesar de estar escuro na rua, Beth pensou que o brilho que tinha nos olhos eram lágrimas.

Nessa noite, Beth não conseguiu dormir. Cada vez que fechava os olhos voltava àquele quarto frio e miserável, imaginava Susan a chorar debruçada sobre aquele álbum. Nunca fora do género maternal, nunca brincara com bonecas, as crianças aborreciam-na. Mas conseguia imaginar a dor de perder um filho, e sabia o que era estar verdadeiramente só. Pensou que as duas coisas juntas deviam ser o bastante para fazer qualquer pessoa passar para o outro lado.

Estava a vestir-se para ir trabalhar, na manhã seguinte, quando Roy voltou a ligar.

– Era filha dela – disse simplesmente. – Annabel Lucy, nascida a 18 de abril de 1987 no St. Michael's Hospital, aqui em Bristol. Morreu a 12 de maio de 1991, pouco depois de ter dado entrada no Children's Hospital. Causa da morte, meningite. O médico assistente era o Dr. Wetherall. A Susan era uma mãe solteira e na altura vivia numa morada diferente em Clifton Wood.

Beth mal sabia o que dizer. Como advogada, era exatamente o que queria ouvir, qualquer coisa

consistente em que pudesse basear a defesa de Susan. No entanto, como mulher, o seu coração não teria ficado tão pesado se Susan tivesse fugido de uma instituição para doentes mentais e a criança fosse apenas uma parente afastada.

Conseguiu agradecer a Roy por lhe dar a informação tão depressa. Ele disse que já tinham elementos suficientes para acusar Susan formalmente e que ela seria presente a tribunal mais tarde nessa manhã.

– Devo avisá-la – disse Roy, numa voz que se tornara subitamente um pouco mais dura –, de que por estes lados não há ponta de simpatia por ela, nem nas ruas. A opinião geral é que ela é um monstro. Ainda por cima, o marido da rececionista, o Roland Parks, aparece hoje no *Mail*. Só dei uma vista de olhos ao artigo, mas é o que seria de esperar, a puxar ao sentimento, com fotografias do casal com os filhos. Vai quase de certeza haver uma multidão à porta do tribunal, na esperança de ver a Susan, e a imprensa vai lá estar em força. É capaz de ser desagradável.

– Nesse caso, preciso de descobrir porque foi que a Susan a matou também a ela – disse. – Sabe o que é costume dizer a respeito de combater fogo com fogo.

Beth teve dificuldade em concentrar-se em qualquer das duas reuniões que teve naquela manhã. Uma foi com um homem de trinta anos acusado de violar uma mulher durante um encontro, e a outra com uma ladra de lojas inveterada que sabia que dessa vez enfrentava uma pena de prisão. Em circunstâncias normais, tê-los-ia ouvido com atenção, e mesmo que fosse claramente evidente que eram culpados, procuraria qualquer coisa que lhe permitisse construir uma defesa.

Era, porém, praticamente impossível gostar sequer de qualquer daqueles clientes, quanto mais acreditar na sua inocência. O violador era particularmente ofensivo, pois parecia convencido de que pagar um par de bebidas e um *kebab* a uma rapariga lhe dava o direito de ter sexo com ela. A vítima tinha apenas dezasseis anos e fora virgem até que ele a violara. Por uma vez, Beth desejou estar do lado da acusação. Teria adorado esfrangalhar aquele tipo.

Mas apesar de parecer ouvir o que os clientes tinham para dizer, os seus pensamentos estavam com Susan e com a sua comparência em tribunal ao final da manhã. Susan devia estar pelo menos a meio da casa dos trinta quando Annabel nascera. Teria optado por engravidar não sendo casada por saber que o seu relógio biológico estava a encaminhar-se para o fim do tempo? Ou teria sido o resultado de uma relação que se desmoronara? O que fora ela antes de ter sido mãe?

Antes de sair para o tribunal, passou os olhos pelo artigo do *Mail* a respeito de Roland Parks. Desconfiava sempre das pessoas que falavam para os jornais, sobretudo tão pouco tempo depois de uma tragédia, e os comentários de Parks causaram-lhe náuseas. «A Pam era uma num milhão», declarara, com exagero. «Ajudava toda a gente, preocupava-se com toda a gente. A minha vida chegou ao fim, agora que ma roubaram.»

Beth perguntou-se o que o teria levado a vir a público. Seria compreensível se o assassino não tivesse sido capturado – se alguém estivesse a dar abrigo ao criminoso, poderia entregá-lo às autoridades depois de uma declaração emocional dos familiares da vítima. Talvez tudo o que ele dizia fosse verdade, mas o desgosto autêntico era uma coisa solitária, digna. Seria capaz de apostar que aquele casamento não fora particularmente feliz. Talvez Roland Parks estivesse a esconder qualquer coisa.

Mrs. Wetherall não estava a fazer declarações floridas, pelo menos por enquanto. Seria por ter reconhecido o nome de Susan como o de alguém que o marido referira em casa? Ou seria apenas

naturalmente reservada?

Beth bem desejaria poder cancelar todas as reuniões da tarde e ir à biblioteca procurar nos arquivos dos jornais artigos a respeito da morte de Annabel. Uma morte por meningite teria sido noticiada, e talvez Susan tivesse dado voz ao seu ressentimento se achasse que o médico tivera culpa.

Mas teve de recordar a si mesma que não lhe competia fazer de detetive particular. O seu papel era estabelecer contacto com os acusados, obter deles toda a informação que pudesse e transmiti-la ao colega que se encarregaria da defesa em tribunal. Enquanto Susan não admitisse que precisava de ajuda, era na realidade muito pouco o que podia fazer.

Susan manteve o seu teimoso silêncio, tanto antes da breve passagem pelo tribunal como depois de ser informada de que iria permanecer em prisão preventiva e seria transferida para a prisão de Eastwood Park, nos arredores de Bristol. Beth não tentou levá-la a abrir-se dizendo-lhe que sabia da morte de Annabel. Tinha resolvido guardar esse trunfo para a conversa que as duas teriam na prisão, na segunda-feira. Mas ficou com a ideia de que não teria feito qualquer diferença. Susan parecia ter desligado o espírito e não querer saber do que pudesse acontecer-lhe.

O fim de semana pareceu-lhe interminável. Choveu quase sem parar e, pela primeira vez em meses, sentiu-se desesperadamente só. Sempre detestara aquela altura do ano. Dias húmidos e enevoados, noite cerrada às cinco da tarde, folhas molhadas a cobrir os passeios e as lojas a esforçarem-se por criar um ambiente de falso otimismo com as suas estúpidas ideias para presentes natalícios. Daquela vez, porém, a sua melancolia parecia pior do que de costume. Deu por si a recordar o passado, incapaz de entreter-se com qualquer coisa que lhe distraísse os pensamentos.

O Natal do ano anterior era uma das tais recordações que não a largavam. Todos os natais eram uma tortura para ela; muito antes da data, já tinha de enfrentar o horror das alegres perguntas dos colegas a respeito do que ia fazer. Costumava mentir e dizer que ia passar a quadra em casa, com a família. Eles que pensassem que tinha o género de Natal retratado nas revistas cor-de-rosa. Uma coroa de azevinho à porta e uma família em casa, uma árvore com dois metros e meio de altura, dúzias de presentes embrulhados com imenso gosto. Canções de Natal e o lume aceso na lareira, criancinhas com roupas de festa, os olhos muito abertos de espanto e ansiedade. A mesa da ceia carregada de candelabros, pratas e cristais.

Nos tempos já distantes em que se sentia obrigada a ir a casa por causa da mãe, o Natal era uma coisa para ser suportada, não apreciada. A mãe transformada numa pilha de nervos, o pai à espera do mais pequeno deslize para a humilhar. O irmão e a irmã tensos porque sabiam que os respetivos cônjuges não queriam estar ali, e os sobrinhos que mais pareciam bonecos empalhados, não se atrevendo a dizer uma palavra porque tinham medo do avô.

Mesmo depois de a mãe ter morrido e o pai ido para um lar, o Natal continuara a ser uma coisa para temer. Claro que podia ir passá-lo com Robert ou Serena e as respetivas famílias, que nunca deixavam de convidá-la, mas, por essa altura, o Natal em família tornara-se sinónimo de tortura. A maior parte das vezes, reservava um quarto num hotel no campo, participava delicadamente, mas sem entusiasmo, nas festividades organizadas e escapava-se sempre que podia para fazer longos passeios sozinha.

O ano anterior fora, no entanto, verdadeiramente horrível. Chegada a Bristol há relativamente pouco tempo, sabia-lhe bem a tranquila solidão do seu novo apartamento. Houvera uma festa no escritório na tarde da véspera de Natal, ela bebera bastante mais do que normalmente beberia e, ao

subir com passos muito pouco seguros a escada do prédio, caíra e partira um braço.

Como se não fosse já suficientemente mau ter de esperar seis horas para que a Royal Infirmary ao fundo da rua lhe fizesse um raios X e a engessasse, tivera de passar os quatro dias seguintes cheia de dores, completamente sozinha e incapaz de fazer as coisas mais simples. Não conhecia ninguém em Bristol a quem pudesse pedir ajuda ou até um pouco de conforto moral. Fora então que compreendera o que significava ter tendências suicidas.

Enquanto conduzia pelas ruas de Bristol, pensava em quantas vezes ouvira clientes seus comentarem, com uma ponta de ressentimento, «Pois, para si é muito fácil, nascida em berço de ouro». Era ridículo, na realidade, o modo como as pessoas chegavam àquele género de conclusões precipitadas só porque ela era advogada, e falava bem. Sabia que nunca passaria pela cabeça de uma mulher espancada moradora num bairro camarário que a violência doméstica também podia esconder-se atrás de portas de carvalho e alamedas ladeadas de árvores. Como nunca um ladrão imaginaria que pudesse haver pobreza numa casa aparentemente tão luxuosa.

Mas ela sabia, porque conhecera ambas as coisas em primeira mão. O pai era um bruto, um *snob* da pior espécie e um aldrabão. Dava sempre a entender que descendia de uma família ilustre, mas a realidade era que o seu bisavô, Ronald Powell, fora um operário iletrado que fizera fortuna a comprar terrenos baratos na área de Kentish Town, em Londres, onde construía filas de pequenas casas todas iguais que depois vendia com grande lucro. Fizera isto uma e outra vez, comprando astutamente terrenos que ninguém queria e construindo pequenas casas que eram o que as pessoas queriam.

Ronald já era bastante rico quando casara, em 1870, mas a mulher, Leah, vinha de uma família mais aristocrática. Talvez tivesse sido a sua influência que o levara a construir Copper Beeches, a casa no Sussex onde Beth crescera. Tinha o estilo clássico e a elegância das casas de campo jorgianas, e Ronald e Leah tinham plantado as faias que agora ladeavam o caminho de acesso.

Tinham tido três filhos, dois dos quais foram mortos em França na Primeira Guerra Mundial, mas Ernest, o avô de Beth, sobrevivera, e regressara a casa para gerir o próspero negócio da família e partilhar Copper Beeches com os pais, já velhos, e a mulher, Honor. O pai de Beth, Montague, nascera em 1920.

Beth crescera a ouvir histórias a respeito das grandes festas que eram dadas em Copper Beeches quando o pai era um rapaz, das cavalariças cheias de cavalos, dos criados e dos belos jardins. As cavalariças continuavam lá, ainda que vazias, e o que em tempos tinham sido vastos relvados eram agora pastagens, vendidas a um agricultor da vizinhança. Mas o dinheiro tinha desaparecido muito antes de Beth ter nascido, em 1951. A casa estava a precisar desesperadamente de obras, sempre fria e húmida, e não havia ninguém para ajudar a mãe ao menos com as limpezas.

Beth nunca conseguira descobrir porque fora que o pai não continuara a ganhar dinheiro depois de o pai dele ter morrido. Sabia que os anos do pós-guerra, até à década de 1960, tinham sido de grande crescimento no setor imobiliário. Só podia supor que o facto se devera a incompetência ou preguiça, porque a irmã Serena, que era dez anos mais velha do que ela, dizia que não se lembrava de alguma vez ter visto o pai trabalhar. Estava sempre em casa, sentado a ler o jornal, a passear no jardim, a verificar as contas domésticas da mulher e a acusá-la de gastar extravagantemente.

Cerca de quinze anos antes, Beth pedira à mãe, Alice, que tentasse explicar-lhe o mistério de tudo aquilo, mas a única coisa que conseguira fora a mesma patética desculpa que já ouvira tantas outras vezes: «O Monty foi criado para ser um cavalheiro, nunca o ensinaram a gerir um negócio. A culpa

não é dele.»

– Cavalheiro! – resmungou Beth para si mesma. – A verdade é que és um filho da mãe pomposo e mau!

Odiava-o. Se não fosse pela mãe, nunca mais teria voltado a pôr os pés naquela casa depois de ter ido para a universidade. E Monty até disso reclamava os louros, gabando-se dos sacrifícios que tivera de fazer para dar aos três filhos uma boa educação.

A verdade era que não lhe custara um *penny*, todos eles tinham frequentado escolas públicas. E na universidade todos tinham tido bolsas, e arranjado empregos em *part-time* para se sustentarem. Monty nunca dera nada a nenhum dos filhos – nem dinheiro, nem tempo, nem sequer afeto. E agora queria os louros do êxito que fora só deles.

Mas Beth amara a mãe. Fora uma mulher calada, bem-educada, que sempre fizera tudo o que pudera pelos filhos e aguentara estoicamente um marido prepotente e mau, convencida de que o casamento era para o melhor e para o pior. Mas dificilmente poderia ser pior do que o que ela tivera. E teria quase de certeza vivido até muito mais tarde se Montague tivesse aceitado vender a casa e mudado para outra que fosse mais seca, mais quente e desse menos trabalho.

– Será que vai dizer-me como eram os pais? – murmurou Beth para si mesma, outra vez a pensar em Susan.

Gostava de conhecer o passado familiar dos seus clientes. Descobrira que era muitas vezes aí que se encontrava a chave do que os fizera voltarem-se para o crime. Não que fosse um guia infalível, claro: houvera na sua própria família traumas e provocações mais do que suficientes para a fazer descarrilar a ela ou a qualquer dos dois irmãos. Mas nenhum deles descarrilara.

Robert era um médico dedicado, bondoso, cheio de compreensão e com muito mais paciência do que qualquer outro homem que ela conhecesse. Serena tinha a doçura da mãe, mas não era nenhum capacho. Dirigia a sua firma de contabilidade a partir de casa ao mesmo tempo que cuidava dos três filhos, e estava sempre impecavelmente elegante.

Quanto a ela, não podia dizer que partilhasse o bom feitio dos irmãos. Sempre fora impetuosa, autossuficiente e dura como uma pedra.

*

Acabava de entrar na M5 quando o toque do telefone do carro lhe quebrou o devaneio. Era Steven Smythe.

– Sei que vais a caminho de visitar a Fellows – começou ele –, mas esta manhã recebi algumas informações a respeito dela e pensei que podiam ser-te úteis.

– Obrigada, Steven – disse ela, assumindo que ele ia apenas falar-lhe de Annabel.

– Nasceu em 1951, em Stratford-upon-Avon. Mudou o nome de Susan Wright para Susan Fellows em dezembro de 1986, por escritura lavrada por um advogado de Bristol.

Beth ficou tão espantada que a mão lhe escorregou do volante e o carro guinou perigosamente para a faixa do meio da autoestrada. Largou o telefone, endireitou o volante e encostou à berma, completamente abalada.

– Steven? – disse, voltando a pegar no telefone. – Ainda aí estás?

– Sim. O que aconteceu, deixaste cair o telefone?

– Uma coisa desse género – arquejou ela. – De onde veio essa informação?

– Do teu amigo em Bridewell. Deixou uma mensagem para ti no atendedor automático e a rececionista recebeu-a.

Pela primeira vez desde que conhecera Steven, Beth sentiu o impulso de falar decentemente com ele, de contar-lhe o que aquele nome significava para ela. Mas reprimiu-o. Ia ter de pensar naquilo com muito cuidado.

– Obrigada por me dizeres – disse, consciente de que a voz lhe tremia. – Devo chegar ao escritório por volta da hora do almoço. Até logo.

– Estás bem? – perguntou ele, curioso. – Estás com uma voz esquisita.

Beth olhou para os carros que passavam por ela na autoestrada e apercebeu-se de que só por sorte não causara um grave acidente.

– Estou ótima – mentiu. – Deve ser do telefone. Até logo.

Mas não estava bem. Sentia-se como se tivesse sido atingida por um raio. Compreendia agora por que razão lhe tinham soado, ainda que débeis, alarmes na cabeça quando olhara para Susan e ouvira a voz dela. E por que razão Susan reagira como reagira naquela ocasião.

A sua amiga de infância, aquela rapariguinha gorducha com cabelos cor de castanhas-da-índia maduras, a quem ela invejava a normalidade da família! E também adorara Suzie por ela lhe ter dito que era parecida com a Branca de Neve!

– Oh, Suzie – disse em voz alta, inclinando-se para o volante. – Sempre pensei que tu, mais do que qualquer outra pessoa, serias hoje uma mulher feliz e casada e com um rancho de filhos.

As recordações vieram em catadupa: as duas a gritar de pura alegria enquanto desciam de bicicleta, em roda livre, pelas encostas das colinas; as duas a remar no rio, com os vestidos enfiados no cós das cuecas; as duas a construírem um refúgio no bosque e a treinar *hand-jive* ao som do *Top Ten* no Woolworth's.

Tudo o que fora bom na sua infância fora partilhado com Suzie. Não só por se divertirem tanto, porque fora muito mais do que uma amizade casual. Beth vivia para o mês de agosto, para poder estar com Suzie, porque era só lá, em Stratford, que se sentia livre da opressão. Era Suzie que a fazia acreditar que era inteligente. A maneira como corria a abraçá-la quando ela chegava, todos os verões, fazia-a sentir-se amada. As duas complementavam-se de todas as maneiras. Se não tivesse deixado definhar e morrer aquela amizade que fora durante tantos anos a relação mais importante da sua vida, talvez não fosse agora o bloco de gelo que era.

Sentiu as lágrimas arderem-lhe nos olhos ao recordar que uma das desculpas que dera a si mesma para não responder à carta de Suzie no ano em que ambas tinham feito dezassete fora o facto de a amiga insistir em contar-lhe o que era estar fechada em casa a tomar conta da mãe. Depois do que lhe tinha acontecido naquele ano, tomar conta de alguém que se amasse, e que nos amasse, não lhe parecera assim tão terrível. Achara que Suzie devia estar grata por poder dormir sem pesadelos. O que era mais do que ela podia dizer.

A súbita compreensão de que estava perigosamente perto de deixar que os terríveis acontecimentos de 1968 subissem à superfície na sua mente fê-la sentir-se irracionalmente irritada. Abriu a janela do carro e inspirou fundo várias vezes, a tentar acalmar-se. Não podia continuar ali na berma, era um lugar perigoso para parar um carro, mas como poderia enfrentar Susan Fellows sabendo quem ela era? Não seria capaz de defendê-la com objetividade, e não seria capaz de enfrentar as recordações que tudo aquilo ia inevitavelmente despertar.

Voltou a ligar o motor, fez sinal e arrancou. Era muito tentador telefonar para a prisão e dizer que não poderia lá ir naquele dia, e depois passar o caso de Susan a um colega qualquer.

Enquanto conduzia, viu que a hipótese estava fora de questão. Susan saberia imediatamente que fora por ela ter descoberto quem era, e ela própria ficaria com um ato de cobardia a pesar-lhe na consciência. O mínimo que podia fazer era ir falar com ela. Devia-lhe isso, pelos bons tempos que tinham passado quando crianças, fosse o que fosse que ela tivesse feito como adulta. Talvez Susan preferisse outro advogado, de todos os modos. Mas a decisão seria dela.

Estremeceu quando saiu da autoestrada junto ao *pub* e meteu pela estrada que levava à prisão. Eastwood Park não era nem de longe tão sombria como outras prisões onde já visitara clientes. Era pequena, com uma população de apenas 140 reclusas, e tinha a rodeá-la a bela paisagem do Gloucestershire. Mas uma vez passada a cerca de arame farpado, os bonitos jardins e as primeiras portas gradeadas, não havia dúvidas de que era uma verdadeira prisão, com tudo o que isso implicava.

Talvez Susan *tivesse* mudado ao ponto de se tornar irreconhecível durante aqueles últimos trinta anos, depois de ter passado por privações que não conseguia sequer imaginar. No entanto, ainda restaria nela o suficiente da rapariguinha esmeradamente educada para ficar horrorizada pela dureza do regime, pela prepotência das outras reclusas, pela péssima comida e pela falta de ar fresco.

Enquanto era conduzida por uma guarda prisional à sala de interrogatório, Beth sentiu-se abalada e insegura de si mesma. Nada do que planeava dizer antes de receber aquele telefonema de Steven parecia agora apropriado. Não conseguia decidir se devia entrar e falar diretamente sobre aquilo que sabia ou esperar para ver o que Susan tencionava contar-lhe.

Mas quando a porta da sala de interrogatório se abriu e viu Susan sentada à mesa, à sua espera, foi como se todos aqueles anos tivessem repentinamente desaparecido. A pessoa que ali estava era agora muito mais identificável como Suzie, porque tinha os cabelos lavados. Talvez não brilhassem e saltassem como antigamente, e também não havia a franja, mas eram os cabelos de Suzie. Até a vermelhidão do rosto parecia ter diminuído. Vestia uma camisola azul-escura por cima das mesmas calças que usava quando fora presa, e parecia ter emagrecido desde o encontro anterior.

– Como vai isso? – perguntou Beth desajeitadamente, detendo-se à porta, ainda mais insegura do que antes a respeito do que fazer.

Susan encolheu os ombros.

– Não é assim tão mau – disse.

– Está pronta para falar agora? – continuou Beth, depois de a porta se ter fechado, deixando-as sozinhas.

– Não – respondeu Susan, desviando desafiadoramente a cara e cruzando os braços sobre o peito.

Beth decidiu que não fazia sentido continuar com aquele jogo do gato e do rato.

– Muito bem, Suzie – disse. – Peço desculpa por não te ter reconhecido imediatamente, porque sei que tu me reconheceste. Mas a verdade é que não és alguém que eu alguma vez esperasse ter como cliente.

Susan abriu a boca, fechou-a e voltou a abri-la, como um peixe.

– Eu não… – começou, e hesitou. – Não podia…

– Os desígnios de Deus são insondáveis, segundo dizem – disse Beth maliciosamente, a desejar ser capaz de parar de tremer. – Não que eu seja uma grande crente em Deus, nos dias que correm. Mas o destino, chama-lhe o que quiseres, parece ter resolvido intervir.

– Se me tivessem dito o teu nome antes de te chamarem, ter-lhes-ia pedido que arranjassem outra pessoa – disse Susan, numa voz rouca. – Nem queria acreditar nos meus olhos quando te vi aparecer.

– Pois, mas fui eu que apareci, de modo que é melhor acabares com este disparate de te recusares a falar – disse Beth com firmeza. – Sei a respeito da Annabel, vi as tuas fotografias dela. Sei que morreu de meningite e que o Dr. Wetherall era o teu médico assistente.

Susan abriu muito os olhos e a vermelhidão voltou a invadir-lhe o rosto, a sua expressão tão parecida com as que Beth tinha gravadas no coração. Suzie corava sempre intensamente quando estava chocada ou nervosa.

– Lamento muito o que aconteceu à Annabel – continuou Beth, aproximando-se um pouco mais. Uma parte dela dizia-lhe que devia abraçar a velha amiga, mostrar um pouco da emoção que lhe enchia o peito. Mas já não sabia ser espontânea, e o seu cérebro de advogado aconselhava-a a manter as distâncias. – Perder um filho é a pior coisa que pode acontecer a uma mulher, e lança uma luz muito diferente sobre o que fizeste – acrescentou.

Pensou por um instante que Susan ia continuar a manter o silêncio. Tinha o rosto contraído, torcia os indicadores à volta um do outro e olhava fixamente para o colo.

– Lembras-te do que me gritaste quando eu estava no comboio de regresso a casa no último verão? – perguntou Beth, passado um ou dois minutos.

Estava a ver nitidamente a cena, Suzie com um vestido cor-de-rosa a correr ao lado do comboio enquanto ela se debruçava da janela para acenar e atirar beijos.

– Foi «Amigas para sempre» – disse, e sentiu a sua própria voz tremer de emoção. – Foi o que gritaste. Na altura, nunca me passaria pela cabeça que voltaríamos a encontrar-nos desta maneira.

Susan continuava calada. Beth não teve sequer a certeza de ela ter ouvido o que dissera.

– Ouve, Suzie – insistiu –, tenho muita pena de termos perdido contacto. Mas éramos muito novas, e havia para nós tantas outras coisas a acontecer. Por favor, fala comigo. Se não como advogada, ao menos como uma velha amiga.

Houve um momento de silêncio, e Beth quase conseguiu acompanhar o processo mental de Suzie na expressão angustiada da sua cara. Estava provavelmente aliviada por ter sido reconhecida, queria confiar na velha amiga, mas ao mesmo tempo estava bastante consciente de que Beth era uma advogada e por isso mesmo se encontrava do outro lado da barricada. Seria melhor continuar calada, ou contar tudo?

– O filho da mãe mandou-me embora da clínica duas vezes – disse de repente, os olhos a faiscar. – Da segunda vez que lhe apareceram as manchas, a Annabel parecia uma boneca de trapos, mas ele disse que era apenas um princípio de gripe e que lhe desse *Calpol*. Discuti com ele, mostrei-lhe que as manchas não desapareciam quando se lhes punha um copo em cima, mas ele disse que eu era uma mãe neurótica e que parasse de o fazer perder tempo.

Beth sentou-se, aliviada por aquele aparente virar de maré.

– Foi então que a levaste ao Children's Hospital? – perguntou.

– Sim, e ela morreu pouco depois de ter sido internada.

– Tenho tanta pena, Suzie – disse Beth, e apesar de sempre ter acreditado que era incapaz de se deixar afetar por uma tragédia, sentiu que daquela vez estava a acontecer. – Apresentaste queixa contra ele?

– Apresentei, e de muito me serviu – respondeu Susan, os olhos pálidos a faiscarem como pedaços de pederneira. – São um grupo muito unido, não são? Defendem-se uns aos outros. Eu era apenas uma

mãe solteira, eles queriam lá saber do que me tinham feito.

– E Mrs. Parks, a rececionista… o que foi que ela te fez?

– Nem sequer me deu uma consulta de emergência, quanto mais uma visita domiciliária. – A voz de Susan soou áspera de ódio. – Telefonei para lá três vezes, e das três vezes ela disse-me que metesse a Annabel na cama e lhe desse muitos líquidos. Falava comigo como se eu fosse tonta. Uma mãe sabe quando um filho está gravemente doente.

– Esses telefonemas foram antes ou depois das consultas com o Dr. Wetherall?

– Duas antes da primeira consulta, e então eu fui à clínica de todos os modos porque estava desvairada. Ela ficou danada e obrigou-me a esperar imenso tempo antes de me deixar falar com o médico. Na manhã seguinte, quando a Annabel estava muito pior, voltei a telefonar, a insistir numa visita domiciliária imediatamente. Foi muito arrogante, disse-me que não era necessária uma visita domiciliária, mas que se eu levasse a Annabel à clínica me arranjava uma consulta.

– Portanto, levaste a Annabel à clínica duas vezes de emergência. – Beth precisava de esclarecer bem aquele ponto. – O que disse o Dr. Wetherall da primeira vez?

– Que era apenas uma constipação, ou talvez gripe. Não lhe ligou nenhuma, mal a examinou.

– E da segunda vez?

– Nessa altura, qualquer pessoa podia ver que ela estava muito doente. – A voz de Susan subiu de tom, agitada. – Já te disse, estava flácida como uma boneca, tinha a pele cheia de manchas vermelhas. Disse-lhe que achava que era meningite e ele respondeu que era o que as mães achavam sempre e que a levasse para casa.

– O que aconteceu então?

– Voltei à receção e supliquei àquela mulher que chamasse uma ambulância, mas ela disse que se o doutor achasse que a Annabel precisava de ser internada teria tratado disso. Eu tinha a minha filha ao colo, pelo amor de Deus! A Annabel tinha quatro anos, não era nenhum bebé, estava praticamente inconsciente, qualquer cretino podia ver que se passava qualquer coisa de muito grave!

A dor dela era tão evidente que Beth sentiu um aperto no coração.

– E foi então que a levaste ao hospital?

Susan assentiu.

– Não tinha dinheiro para um táxi. Tive de voltar a casa e pedir a um vizinho que me levasse.

– Porque foi que não a levaste ao hospital logo depois da primeira vez que o médico te mandou embora?

– Quem me dera tê-lo feito. – Susan suspirou e como que se encolheu na cadeira. – Acho que pensei que ele devia ter razão e que eu estava a exagerar. Sempre confiei nos médicos.

– Onde aprendeste a disparar uma arma daquela maneira? – perguntou Beth, ao cabo de uma curta pausa.

Susan levantou um pouco a cabeça e quase sorriu.

– Já sabia quando te conheci – disse. – O meu pai começou a ensinar-me com uma caçadeira quando eu tinha mais ou menos oito anos. Era muito boa atiradora.

– Porque foi que nunca me disseste? – perguntou Beth, curiosa. – Teria ficado muito impressionada.

Susan encolheu os ombros.

– Muitas pessoas achavam estranho. O Martin, o meu irmão, dizia que não era uma coisa de rapariga. Suponho que como tinha uma avó maluca, tive medo que achasses que eu também não era

boa da cabeça.

Beth tinha esquecido até àquele momento que Suzie fazia com frequência o que lhe parecia serem comentários jocosos a respeito de a avó ser meio chalada. Na altura, julgara que se referia apenas a um comportamento extravagante. Agora, olhando para trás como adulta, apercebia-se de repente de que a velha senhora sofria provavelmente de demência, com todos os horrores que isso implicava.

– De onde veio então o revólver? – perguntou, com a ideia de voltar mais tarde à questão da avó.

– Era do meu pai.

– O teu pai ainda está vivo?

– Não, ele e a minha mãe morreram há dez anos, primeiro a minha mãe e depois ele, seis semanas mais tarde.

– Lamento muito. Mas diz-me, Suzie…

– Não me chames isso – interrompeu-a Susan, irritada. – É um nome estúpido, um nome de rapariguinha, não de mulher adulta. Chamo-me Susan.

Beth arqueou uma sobrancelha, interrogativamente.

– Bem, Susan, compreendo as razões que te levaram a querer matar o médico e a rececionista. Penso que qualquer mulher teria sentido o mesmo. Mas porque esperaste quatro anos para te vingares?

Sabia que aquilo ia ser um ponto importante no julgamento. Se Susan tivesse matado o médico logo a seguir à morte da filha, teria granjeado as simpatias gerais: do público, do júri e até do juiz.

– Vingar? – Susan olhou para ela, interrogativamente.

– Sim. Porque foi uma vingança, não foi?

Susan fez uma careta.

– Não foi assim que o vi. Sabia que tinha de o fazer para me libertar.

– Explica-me.

– Não.

– Mas não posso ajudar-te a menos que me contes tudo – disse Beth.

Subitamente, Susan sorriu, o que a fez parecer muito mais nova.

– Não compreendes, pois não? Agora *sou* livre. Fi-lo, e pela primeira vez em quatro anos tenho uma razão para me sentir contente. Não quero saber se tenho de passar o resto dos meus dias na prisão. Não há nada lá fora que me interesse.

Beth suspirou profundamente.

– Muito bem, compreendo porque quiseste fazê-lo. Mas não te ocorreu que ias deixar os quatro filhos do médico sem pai e os dois da rececionista sem mãe?

– Tinha pensado em matar uma criança de cada família – disse Susan, o rosto sombrio. – Queria que conhecessem a agonia de ver o próprio filho num caixão. Mas observei-os, dia após dia, e sabia que aqueles filhos da mãe não queriam saber de ninguém senão deles próprios, nem sequer dos filhos. Por isso matei-os a eles.

Beth não se deixava chocar facilmente, mas a força da afirmação de Susan deixou-a completamente desconcertada. Perguntou-se como seria possível construir uma defesa num caso daqueles.

– Fala-me dos anos anteriores ao nascimento da Annabel. – pediu.

Susan olhou friamente para ela.

– Para quê? Estás à espera de ouvir qualquer coisa que te faça ter pena de mim?

– Nada disso. Só quero saber. Quero ajudar-te.

– Não quero a tua ajuda, nem a tua pena – ripostou Susan. – Mereço estar aqui. É o sítio certo para mim, porque aqui não posso fazer mal a ninguém. Esquece a pequena Suzie Wright, a miúda incapaz de assustar um cisne, porque ela já não existe, desapareceu há muitos anos.

Beth vacilou. Era evidente que a Suzie que conhecera tinha desaparecido, mas tinha de haver uma boa razão para o seu desaparecimento.

– Gostaria de ajudar a Susan Fellows – disse. – Penso que talvez ela precise ao menos de uma amiga.

Susan soltou uma gargalhada surda.

– Agora tenho amigas aqui, onde somos todas gente moída, mastigada e cuspida. Sinto-me em casa.

A amargura do comentário abalou Beth. Havia tanto mais que queria saber, que precisava de saber, quanto mais não fosse para ter uma ideia do que transformara a sua meiga amiga de infância naquela pessoa. Mas estava em choque, o coração batia-lhe muito depressa, não conseguia ser inteiramente profissional, ou assumir apenas o papel de amiga. E o tempo de que dispunha para falar com Susan estava a chegar ao fim, de modo que julgou preferível deixar as coisas como estavam, de momento.

– Tenho de ir – disse, pondo-se de pé. – Mas não vou desistir de ti, Susan – acrescentou, a olhar para ela.

Susan limitou-se a encolher os ombros.

– Como quiseres – disse, sombria. – Mas não esperes que me declare inocente, ou que me ponha a chorar. Fiz isto em plena consciência, não sou louca. Quero uma sentença de prisão perpétua, como disse, mereço-a. Fui suficientemente clara?

Beth assentiu.

– Claríssima – disse em voz baixa, e pela primeira vez na sua carreira de advogada teve vontade de chorar por uma cliente. – Mas lembra-te, Susan, foste tu que me inspiraste a ser advogada. Vou fazer tudo o que puder para te ajudar, quer queiras quer não.

A chuva gelada molhou-lhe a cara quando passou os portões da prisão e se encaminhou para o carro. Toda ela tremia, como se tivesse apanhado gripe. Sentou-se ao volante e ligou o motor, mas por um instante foi incapaz de engatar a mudança e arrancar, porque tinha outra vez onze anos e corria pelas ruas de Luddington na bicicleta da tia Rose para ir ter com Suzie.

No início do segundo agosto, chovia intensamente, e ela receara que um ano tivesse sido demasiado tempo e Suzie já não quisesse sair para brincar. Usava um impermeável que crepitava enquanto ela pedalava. O vento atirara o capuz para trás e tinha os cabelos a escorrer água. Mas quando fizera a pequena curva junto à Igreja All Saints, Suzie saíra a correr de entre as árvores que rodeavam a sua casa, a agitar os braços e a gritar.

– Vieste! – gritava alegremente. – Vieste!

Recordou como atirara a bicicleta para o chão enquanto Suzie a abraçara, e como ficara contente por estar tão encharcada que a amiga não pudera ver que estava a chorar. Esperara o ano inteiro por aquilo, mas não soubera, até àquele momento, que também Suzie o desejara tanto como ela.

– A tia Rose diz que só os patos saem à rua com uma chuva destas – dissera Beth, e Suzie levara-a para o abrigo das árvores.

– A minha mãe disse que devia estar maluca por pensar que virias. – Suzie sorrira e tirara um lenço do bolso do casaco para lhe limpar a cara. – Os adultos não sabem nada de nada. Eu tinha a certeza de que vinhas.

– Está um pouco húmido de mais para fazer seja o que for – dissera Beth, a olhar para o céu cor de chumbo.

– Não para conversar. – Suzie rira. – Vamos para o pórtico da igreja, lá não chove. Trouxe um piquenique.

Tinham ficado sentadas no estreito e duro banco daquele pórtico durante pelo menos duas horas, a falar e a falar, enquanto a chuva caía lá fora. Não se lembrava do que tinham falado, só da alegria de estarem outra vez juntas, do sabor da sanduíche de pasta de peixe e da garrafa de limonada que tinham partilhado.

– A chuva não vai durar eternamente – dissera Suzie, cheia de confiança. – O meu pai diz que amanhã já vamos ter bom tempo. Encontramo-nos em Stratford amanhã? Quero comprar blocos de notas e umas coisas no Woolworth's para o nosso clube secreto.

Beth deu por si a sorrir ao recordar a seriedade das regras que naquela tarde tinham criado para o clube. Teriam de inventar um código que usariam para escrever, para que mais ninguém pudesse ler as mensagens que enviassem uma à outra. Prometeram solenemente não divulgar fosse a quem fosse o que faziam durante as reuniões do clube. Criaram uma palavra-passe, e havia uma espécie de juramento que tinham de recitar juntas enquanto enganchavam os dedos mindinhos.

– Amigas para sempre, com bom ou mau tempo – murmurou, quando as palavras lhe acudiram ao espírito. – Antes morrer do que trair, é o nosso juramento.

Se bem recordava, o clube não durara muito tempo. Tinham comprado blocos de notas no Woolworth's, e inventado um código, mas raramente o usavam para escrever uma à outra, porque dava demasiado trabalho. Construíram uma sede para o clube, um refúgio no bosque, e Suzie levara de casa pratos e talheres velhos, e até uma chaleira e uma manta rota para o tornar confortável. Na realidade, agora que pensava nisso, apercebia-se de que Suzie era uma perfeita dona de casa: enquanto durara a amizade entre as duas, fora sempre ela que se ocupara dos aspetos práticos, decidindo o que iam comer e que roupas iam usar. Uma autêntica mãezinha, já naquele tempo.

CAPÍTULO 5

—Tenho de contar a alguém, ou rebento – disse Beth repentinamente, depois de dois *gins* tónicos com Roy.

Era sexta-feira à noite, cinco dias depois da visita a Susan, e passara todo esse tempo num estado de confusão nervosa. Parte dela ansiava falar a alguém do seu dilema, mas a outra parte insistia em que era uma coisa que tinha de enfrentar sozinha. Então, naquela manhã, chegara uma carta de Susan, a desobrigá-la das funções de advogada.

Uma carta sensata, franca, na qual dizia que se sentia tocada pelo facto de Beth querer defendê-la, mas não achava que fosse boa ideia, à luz da ligação que tinham ido na infância. Pedia-lhe que recomendasse outra pessoa.

De certa maneira, era um alívio. Fosse como fosse que olhasse para o caso, Beth só via problemas. Sentia-se apanhada pela sua própria sensação de envolvimento, e pelas poderosas recordações que teimavam em vir à superfície.

Por outro lado, sentia que tinha a obrigação de ajudar Susan. Parecia-lhe que a reviravolta do destino que as levara a Bristol para se reencontrarem naquelas circunstâncias era algo de que não podia afastar-se.

Por isso, quando Roy ligara naquela tarde e a convidara para uma bebida depois do trabalho, tivera muito prazer em aceitar: tudo era preferível a passar outra noite sozinha com as suas ansiedades.

Tinham-se encontrado no Auntie's Bar, que ficava a um par de minutos a pé do escritório dela, e fosse por efeito do *gin* num estômago vazio ou pela atitude interessada e amistosa de Roy, a verdade era que se sentia compelida a partilhar com ele os seus problemas.

– Mais vale contar-me a mim, que sou um poço de discrição, do que a outra pessoa qualquer – disse ele, com um sorriso. – Está à espera de um bebé? Está a planear fugir com um leiteiro corcunda?

– Não – disse ela, e riu. – Nenhuma dessas coisas, mas é quase tão improvável. Eu e a Susan Fellows fomos amigas quando éramos crianças.

– Meu Deus! – exclamou Roy, voltando-se para ela com os olhos muito abertos de surpresa. – É incrível. Acho que também eu estaria para rebentar, com uma coisa dessas na cabeça.

Beth explicou como tudo acontecera. E que Susan queria outro advogado antes de fazer um depoimento completo à polícia.

Roy era um bom ouvinte.

– Penso que é capaz de ser o melhor – disse pensativamente, quando ela acabou. – Com certeza deve haver partes da vida dela que a Susan não há de querer discutir consigo. E a si ser-lhe-ia muito difícil manter a objetividade, estando pessoalmente envolvida. Não me parece o género de pessoa que goste disso.

Beth ficou um pouco surpreendida por ele já ter adivinhado aquilo a seu respeito. Ao fim e ao cabo, mal se conheciam. Mas agradou-lhe: provava que era um homem sensível e alguém com quem

podia falar francamente.

– Não gosto – admitiu. – Para ser franca, não houve até agora um único cliente que me fizesse perder o sono. Apesar de dever sentir-me aliviada, sinto que não consigo afastar-me. Estou morta por saber tudo o que lhe aconteceu nestes últimos trinta anos desde que nos afastámos. Não gosto de a imaginar sozinha e sem amigos.

Falou-lhe resumidamente da insistência de Susan em declarar-se culpada e contou-lhe o que dissera a respeito de estar rodeada de pessoas iguais a ela.

– Mas ela não pode fazer ideia do que é verdadeiramente cumprir uma pena de prisão perpétua – acrescentou, num tom apaixonado. – A minha sensação é que passou por toda uma série de desgostos e desapontamentos ainda antes da morte da Annabel. Se aquela filha era, como suspeito, a única coisa boa na vida dela, não me admira que tenha perdido a cabeça. Acredito sinceramente que estamos perante um caso de responsabilidade diminuída, e se assim é ela precisa de ajuda, não de perder a liberdade para sempre.

– Talvez isso não a preocupe por nunca ter sabido o que significa ser livre.

Beth olhou para ele, curiosa. Notara-lhe na voz uma nota que não conseguia interpretar.

– O que é que o leva a dizer isso?

– É só uma sensação. Disse que os anos da adolescência dela foram dominados por uma avó senil, e depois pelo AVC da mãe. É possível que tenha passado toda a sua juventude a cuidar de terceiros.

– Contou-me que os pais morreram com uma diferença de seis semanas um do outro, há dez anos – disse Beth, a olhar para Roy com uma expressão de espanto. – Que diabo! Com certeza não cuidava deles desde os dezasseis?

– É bastante provável. – Roy assentiu com a cabeça. – Encaixaria com o que fiquei a saber quando fui dar uma vista de olhos ao sítio onde ela vivia antes de a Annabel nascer. Falei com a antiga vizinha do lado.

– Qual foi a reação dela ao que a Susan fez?

– Não lhe tinha sequer passado pela cabeça que a sua antiga vizinha e a mulher envolvida nas mortes de Dowry Square fossem a mesma pessoa. Ficou espantadíssima. O que é em si mesmo uma prova de que a mulher que prendemos é uma pessoa muito diferente do que costumava ser.

– E eu posso confirmá-lo – disse Beth, veemente. – Continuo a não conseguir associar a rapariguinha tímida e gentil que conheci a uma alcoólica de arma em punho.

– A vizinha não queria acreditar em mim. Disse que a Susan era para o antiquado, cozia o seu próprio pão, fazia compota e bolos e passava as noites a coser ou a tricotar. Parece que se mudou para o bairro no início da gravidez, mas nunca ninguém soube de nada até a criança nascer.

– O que é que ela sabia a respeito do passado da Susan?

– Nada. Mas fez questão de me dizer que a Susan era mais do género de interessar-se pelos outros do que de falar a respeito de si mesma. Fazia bolos para os velhos reformados, fazia-lhes as compras. A mim dá-me a ideia de alguém que passou a vida inteira a tomar conta dos outros.

Beth concordou com um aceno de cabeça.

– O que aconteceu então quando a Annabel morreu?

– Aparentemente, toda a gente naquela rua partilhou o desgosto dela. A Annabel era, segundo me contaram, uma pequena estrela que acenava às pessoas da janela e brincava com muitas das outras crianças. Os vizinhos ofereceram imediatamente ajuda e consolo, foram todos ao funeral da Annabel, mas a Susan fechou-se como que numa concha. Não saía de casa, mantinha as cortinas corridas. Mas,

como a vizinha disse, era compreensível, e todos pensaram que se lhe dessem tempo ela acabaria por ultrapassar o desgosto. Então, cerca de seis meses mais tarde, descobriram que se tinha mudado. Ninguém a viu partir, não se despediu de ninguém. Só se aperceberam quando apareceu uma carrinha para levar a mobília.

Beth já tinha descoberto, através do senhorio de Belle Vue, que Susan só lá vivera dois anos.

– Onde acha que ela passou os dezoito meses antes de ir para Belle Vue? – perguntou.

– Não sabemos. Recebeu um subsídio da Segurança Social enquanto a Annabel foi viva, mas cancelou-o quando se mudou para Ambra Vale, em Clifton Wood. Talvez vivesse com um homem que a sustentava, um homem que talvez fosse o pai da Annabel. Não há sequer registos de ela ter consultado qualquer médico em Bristol, o que é muito invulgar depois de se ter perdido um filho.

– Calculo que tenha perdido a confiança nos médicos, depois da maneira como o Dr. Wetherall a tratou – disse Beth, pensativa. – Não consigo imaginar as coisas por que terá passado mentalmente, para acabar a vigiar aquela clínica a planear matar as pessoas que considerava culpadas pela sua perda.

– Nunca há muita ajuda para alguém que perdeu um filho. – O tom de Roy foi sombrio. – Os amigos não sabem como comportar-se. E não acredito que a terapia ajude muito. É uma coisa que cada um tem de ultrapassar sozinho.

Beth pensou que talvez estivesse a despertar no espírito dele recordações dolorosas e sentiu que o melhor seria encaminhar a conversa noutra direção.

– Que faria em relação à Susan se estivesse no meu lugar? – perguntou.

– Passe o caso para alguém em quem confie, e então escreva-lhe a oferecer a sua amizade – disse ele simplesmente.

Beth pensou naquilo por um instante. Steven Smythe era tão bom advogado como ela, e provavelmente não se importaria de a deixar continuar a ver Susan de vez em quando. Talvez resultasse.

Com a terceira bebida, começaram a falar de preços de casas. Beth notara que tinham recomeçado a subir acentuadamente depois de ter comprado o apartamento. Roy disse que estava muito contente por ter comprado a sua casa de campo durante a recessão há alguns anos, porque agora estaria completamente fora do seu alcance.

– Vive numa casa de campo? – perguntou Beth, com alguma surpresa. Imaginara-o a viver num apartamento moderno.

– Está muito longe de ser o género de casa de campo idílica, com roseiras ao pé da porta – disse ele, num tom pesaroso. – Comprei-a muito barata num leilão porque estava praticamente a cair aos bocados. Na altura, pensava que um grande projeto era mesmo do que estava a precisar. Agora não tenho assim tanta certeza.

Beth pensou que a intenção fora afastar dos pensamentos a morte do filho e o fracasso do casamento.

– Mais trabalho do que tinha imaginado? – perguntou.

– Pode dizê-lo. Quase tudo dependia de outra coisa qualquer. Por exemplo, não podia mandar consertar o telhado porque primeiro era preciso substituir algumas das vigas. Mandei tratar disso, e então pensei passar para os caixilhos das janelas, mas as tábuas do soalho estavam podres e algumas delas cederam e foi então que descobri que tinha um pequeno lago na cave. As canalizações vertiam.

– Quantos anos tem a casa? – perguntou ela, a imaginá-lo atascado até ao pescoço num mar de lama.

– Cerca de cento e cinquenta. Construída para servir de residência a um agricultor, duas divisões no piso térreo, duas no primeiro piso, mas há mais de quinze anos que ninguém lá vivia. Estava quase escondida no meio das silvas e do mato. Devia estar louco quando a comprei.

– Aposto que tem qualquer coisa de bom – disse Beth, divertida com a atitude sardónica dele.

– A vista é magnífica – admitiu Roy. – Campos a toda a volta, quando saio para limpar o jardim, nos dias de sol, acho que é um paraíso. Mas quando chego a casa numa noite de inverno, com frio e chuva, e não consigo acender a lareira, só me apetece vendê-la e comprar um apartamento na cidade.

– Adorava vê-la – disse ela impulsivamente, e arrependeu-se quase no mesmo instante de ter sido tão ousada.

– Então escolhemos um dia bonito – respondeu ele, com os olhos a brilhar. – E depois de eu ter alguns dias de folga, para poder arrumar um pouco aquela barafunda.

Durante algum tempo, falaram a respeito da ideia que cada um deles fazia da casa ideal. Beth disse que gostaria de uma casa jorgiana, com divisões espaçosas, grandes janelas e um jardim com relvado e árvores.

– Com empregada e jardineiro, para não ter de ser eu a tratar dela – acrescentou, com uma gargalhada.

Roy disse que o seu ideal era o que já tinha, só que com tudo acabado.

– A cozinha equipada com máquina de lavar louça e máquina de lavar roupa – disse, num tom sonhador. – Sem sacos de estuque e centenas de fios e de canos. Uma casa de banho impecável. Mobílias e umas cortinas bonitas.

– Como era a sua casa quando era pequeno?

Ele fez uma careta.

– Uma casa camarária em Southmead.

Beth ficou surpreendida por ele ser oriundo da mesma grande urbanização, na zona norte de Bristol, que muitos dos seus clientes. Pensara, pela maneira como se comportava e falava, que vinha de um meio de classe média.

– Entrar para a polícia foi uma saída – disse ele, como se lhe tivesse lido os pensamentos. – Dos meus amigos, alguns alistaram-se no Exército, outros emigraram para a Austrália. A maior parte dos que ficaram meteu-se em sarilhos. Aqui é assim que funciona: ou se sai, ou é-se sugado pelo sistema.

– Os seus pais ainda são vivos? – perguntou ela.

– O meu pai morreu há uns anos. A minha mãe tem um pequeno apartamento em Keynsham, perto das minhas irmãs. São ambas casadas, com três filhos entre as duas. Também não vivo muito longe delas, a casa é em Queen Charlton. Conhece?

– Oh, sim – exclamou Beth, recordando a pequena aldeia a sul de Bristol por onde certa vez passara depois de se ter enganado no caminho quando regressava de Bath. – É um sítio muito bonito. Foi uma sorte arranjar lá qualquer coisa acessível.

– Foi o que me convenceu – admitiu Roy. – E os seus pais? Onde estão?

– No Sussex. Mas a minha mãe já morreu, e o meu pai está num lar. O meu irmão e a minha irmã continuam a viver naquela zona.

– O que foi então que a fez vir para Bristol? – perguntou ele de testa franzida, como se achasse aquilo estranho.

– Para fugir deles – respondeu ela, descuidadamente.

– Surpreende-me. – Roy voltou-se no banco e olhou para ela, fazendo-a corar. – Tem o género de autoconfiança que geralmente vem de laços familiares fortes.

– Não vivo em casa desde os meus dezoito anos – respondeu ela. – A autoconfiança vem do hábito de cuidar de mim mesma.

– É por isso que preferia ter a tal casa jorgiana com empregada e jardineiro em vez de ter um companheiro?

– Não se ponha a psicanalisar-me, pelo amor de Deus! – eriçou-se Beth.

– Não estava, foi puro interesse. O meu pai era um filho da mãe miserável. Infernizava-nos a vida a todos. O que me dá algum conhecimento a respeito de famílias, e do que os familiares são capazes de fazer uns aos outros.

Beth nunca falara a ninguém do pai, sempre escondera o assunto, como escondia tudo o que lhe fosse desagradável. Mas, por uma vez, sentiu-se tentada a falar.

– Também não gosto do meu pai – foi tudo o que conseguiu dizer. – É um *snob* arrogante e prepotente. Suponho que foi por causa dele que nunca quis casar.

– O meu teve o efeito oposto. – Roy sorriu. – Suponho que estava disposto a provar que conseguia ser o marido perfeito. Tinha só vinte e um anos quando conheci a Meg, e estava louco por casar com ela.

– Foram felizes?

Roy pareceu considerar a pergunta durante alguns instantes.

– Sim, na medida em que tínhamos uma vida melhor juntos do que com as nossas famílias – acabou por dizer. – Vendo as coisas em retrospetiva, tínhamos muito pouco em comum. Eu tinha o meu trabalho, ela cuidava da casa, mas é assim que as coisas funcionavam para a maior parte dos casais, naquele tempo. Estávamos casados há nove anos quando o Mark nasceu, e por essa altura já tínhamos perdido a esperança de ter filhos. O Mark tornou-se no centro do nosso casamento, de modo que, quando ele morreu, o casamento desabou.

– Lamento. – Beth pousou-lhe a mão no braço. – Continua a ver a Meg?

Ele abanou a cabeça.

– Voltou a casar. Espero que seja mais feliz agora.

– E o Roy, é mais feliz?

Ainda as palavras lhe saíam da boca e já Beth se perguntava o porquê daquele desvio à sua habitual frieza. No trabalho, tinha de interrogar pessoas constantemente, mas por norma nunca se mostrava curiosa a respeito de quem quer que fosse na vida privada. Mas Roy intrigava-a, por ser uma atraente mistura de dureza e sensibilidade, uma sensibilidade que, calculou, ele cuidava de esconder: com as suas origens e profissão, devia considerá-la um ponto fraco. Parecia-lhe que não tinha, como ela também não, o hábito de baixar a guarda.

– Quase sempre – respondeu ele, com um sorriso arrapazado. – O meu casamento não era muito divertido, a maior parte do tempo era até uma seca de todo o tamanho. Divirto-me muito mais desde que voltei a ficar solteiro. Descobri que gosto de estar sozinho. Embora não tenha a certeza de gostar assim tanto quando for mais velho.

– Nem eu. – Beth sorriu. – Mas raios me partam se vou comprometer-me com alguém só pelo dúbio prazer de ter companhia num futuro distante.

– Nunca se sente só, agora? – perguntou ele, curioso.

Beth pensou naquilo por um momento. A solidão era algo que sempre negara, ao fim e ao cabo não era como certas pessoas que conhecia que não eram capazes de estar sozinhas uma noite sem telefonar a alguém. Mas também era verdade que aprendera à sua custa a certificar-se de que não ficava com tempo para gastar e sem nada que fazer.

– Só num ou noutro fim de semana de chuva – disse. – Acho que me mantenho demasiado ocupada para sucumbir à solidão.

– Vou então ter de convidá-la para sair num fim de semana de chuva? – perguntou ele, com um grande sorriso.

Beth sentiu-se retrair, como sempre fazia quando alguém tentava aquele género de abordagem. Gostava de Roy, do seu sentido de humor, da sua inteligência e da sua integridade, mas não queria que começasse a pôr-se com ideias românticas em relação a ela.

Roy deve ter adivinhado o que ela estava a pensar, pois ao não obter resposta, riu-se:

– Sinto aproximar-se um período de grande seca – disse. – Tudo bem, Beth, estava só a pensar em ir ao cinema, ou jantar, não em fazer de si a minha escrava sexual ou pô-la a lavar-me a roupa.

– Bem, é um alívio. – Beth riu, a tentar disfarçar o embaraço por ele lhe ter lido os pensamentos. – Ora bem, estou cheia de fome. Que tal irmos comer qualquer coisa? Eu convido.

Mais tarde nessa noite, deitada na cama, Beth perguntava a si mesma por que diabo não podia ser como outras mulheres solteiras e ter pensamentos otimistas a respeito de todos os homens adequados que conhecia. Roy era extremamente adequado, bem-parecido, alto, divertido, tinha um bom emprego e ela gostava da sua companhia. Fora até demasiado cavalheiresco para deixá-la pagar a *pizza*. Porque teria ela de estar sempre de pé atrás?

Mas sabia muito bem a resposta a esta pergunta.

A intimidade assustava-a. Não que nunca tivesse gostado o suficiente de alguém. Houvera dúzias de vezes em que recebera todos os sinais certos, sentira uma corrente elétrica passar entre ela e o homem, inclusivamente um enorme desejo de fazer amor. Mas quando ia para a cama com ele, como que congelava.

Até poucos anos antes, sempre que conhecia um homem acreditava que daquela vez ia ser diferente. Quando falhava, culpava o homem por não ser suficientemente bom amante. Ou era demasiado rude, ou grosseiro, ou rápido, ou não era suficientemente asseado ou era demasiado asseado. E ela estava demasiado bebida, ou não tinha bebido o suficiente. Usava qualquer desculpa para não enfrentar a verdade, e a verdade era que a culpa estava nela. Nunca seria capaz de admiti-lo diante de um homem, e por isso representava, fingia que era tudo maravilhoso e esperava mesmo quando já não havia esperança que da próxima vez fosse verdade.

Agora, já não era capaz de o fazer. Era preferível passar sem sexo do que suportar a tortura do fingimento e o azedume que o acompanhava.

Livros de autoajuda, lera-os todos. Ensinavam-lhe, claro, onde residia o mal, mas isso ela sempre soubera. Pôr culpas onde as culpas eram devidas não resolvia o problema.

Adorava o irmão e a irmã, mas sempre que os via com os companheiros e os filhos sentia-se ferida. Adivinhava o prazer que o sexo lhes proporcionava, era uma coisa que como que ressumava deles. Em cada uma das gravidezes da irmã e da cunhada experimentara uma mistura de inveja e de repulsa. Agitava-se, pouco à vontade, quando as via amamentar os filhos, era tudo demasiado animal para o seu gosto.

Por isso mantinha-se à distância. As suas visitas eram curtas e pouco frequentes, e evitava ocasiões como o Natal, que considerava autênticos campos de minas emocionais. As prendas caras substituíam o envolvimento que gostaria de ter com sobrinhas e sobrinhos. Privara-se a si mesma de amor e afeto.

Uma lágrima deslizou-lhe pela face enquanto estava ali estendida, incapaz de dormir. Sabia que os outros a viam como uma mulher que tinha tudo, uma carreira absorvente, dinheiro, belas roupas e uma boa casa. Não podia culpá-los por assumirem que nunca quisera um marido e filhos.

E nunca admitiria fosse a quem fosse que de boa vontade trocaria tudo o que tinha por um homem que a fizesse sentir-se uma verdadeira mulher.

CAPÍTULO 6

Susan atravessou o refeitório com a bandeja de comida, mantendo os olhos baixos e evitando olhar diretamente para qualquer das outras reclusas. Só ali estava há nove dias, mas pareciam-lhe nove meses. Ao ver dois lugares vagos na última mesa, encaminhou-se para lá, mas subitamente tropeçou em qualquer coisa e a bandeja voou-lhe das mãos enquanto ela tentava evitar cair de cabeça no chão.

Uma grande gargalhada ergueu-se à sua volta, a bandeja embateu nas lajes do chão, o jantar de empada de carne, couves e tarte de ruibarbo e creme de ovos voou pelos ares. Parecia vomitado nos azulejos verdes.

Percebeu no mesmo instante que tinha sido deliberadamente rasteirada, e assustada por tamanha maldade, o seu primeiro instinto foi correr a esconder-se. Mas fugir não era opção, porque Miss Haynes, uma das guardas, já avançava para ela, com uma expressão irada.

– Apanhe isso, Fellows – gritou, como se Susan fosse surda além de desastrada.

Soube, pelos risinhos que a rodeavam, que seria uma loucura fazer qualquer espécie de queixa, e enquanto tentava, de joelhos no chão, voltar a pôr na bandeja a comida espalhada, reprimiu a vontade de chorar. Não duvidava de que Haynes ia obrigá-la a comer aquilo. Já descobrira que humanidade era coisa que não existia na prisão, da parte das outras reclusas ou das guardas.

– Atire isso para o caixote do lixo e vá buscar um balde de água para limpar essa porcaria – voltou Haynes a gritar. Olhou para as mulheres que sorriam sentadas na mesa mais próxima. – Suponho que acharam muito engraçado? – continuou. – Pequenas coisas divertem as almas pequenas!

Susan apressou-se a fazer o que lhe era ordenado, embaraçada pela maneira como toda a gente olhava para ela.

Uma mulher de aspeto rude e rosto avermelhado, com uma camisola cor-de-rosa, estava junto do caixote do lixo, a despejar os restos do seu jantar.

– Não ligues, querida – disse. – Fazem o mesmo a todas as novas. Querem ver como é que reages.

– É um pouco infantil – disse Susan, com um suspiro.

– Somos todas como miúdas quando estamos aqui – respondeu a mulher, e entregou-lhe um balde com água e um trapo. – Umas passam o tempo a chorar, outras lutam, mas a melhor maneira de aguentar é rir.

Enquanto voltava apressadamente ao local do «acidente» para limpar o chão, Susan perguntava a si mesma que motivos de riso poderia alguém encontrar num sítio daqueles. Como desejava agora ter voltado a arma contra si mesma depois de matar o médico.

Na sua ingenuidade, imaginara a prisão como qualquer coisa parecida com um retiro religioso. Sem confortos, claro, mas uma oportunidade para estar a maior parte do tempo sozinha, e em silêncio. Mas ali o barulho era ensurdecedor e incessante. Nunca parava, nem sequer de noite: havia mulheres a gritar, a praguejar, a chorar, até a berrar, a tentarem passar mensagens umas às outras, aos murros às portas. Partilhava uma cela com uma mulher chamada Julie que falava incansavelmente de banalidades horas a fio, e o simples som da voz dela era o bastante para lhe pôr os nervos em franja.

A cela era um lugar tão quente e sufocante que de noite ficava deitada no escuro, a sentir que não conseguia respirar. E minúscula, onde mal cabiam os dois beliches, a sanita e o lavatório, sem um sítio onde pudesse sentar-se normalmente, pois não havia espaço para a cabeça no beliche inferior. Detestava ter de lavar-se e vestir-se à frente de Julie, e usar a sanita fazia-a contorcer-se de vergonha – aguentava horas e horas na esperança de ter um minuto sozinha. Mas Julie não sofria do mesmo problema, até ria dos cheiros e ruídos horríveis que fazia.

E depois, havia a brutalidade.

No segundo dia, vira uma mulher ser esmurrada na cara por outra reclusa quando estavam no pátio. Depois disso, assistira a inúmeras lutas e ouvira todo o género de terríveis ameaças serem feitas a reclusas que por qualquer motivo eram detestadas pelas outras. Mas pior ainda do que a agressão declarada era a dissimulada. Via mulheres a segredarem umas com as outras durante o recreio e percebia, pelas expressões e pelos gestos, que estavam a tramar qualquer coisa contra alguém. Vivia no pavor de que fosse contra ela.

Quando acabou de limpar o chão e levou o balde e o trapo para a cozinha, tinha perdido o apetite. E ainda bem, porque era tempo de voltar às celas.

Trancada a porta, deitou-se no seu beliche e pegou num livro. Mas estava só a fingir, não conseguia ver o suficiente para ler e pensou que precisava de óculos.

Parecia-lhe estranho estar constantemente a tomar consciência de coisas que lá fora nunca a tinham afetado. A visão era uma delas. Claro que há já muito tempo que não tentava ler o que quer que fosse, de modo que não podia saber desde quando tinha a visão diminuída. Também não costumava reparar em cheiros, no exterior, mas ali a falta de arejamento era tanta que estava permanentemente consciente da presença de eflúvios desagradáveis: a comida estragada, as sanitas, o suor, os pés mal lavados. E depois havia o seu próprio aspeto. Mal chegara, apercebera-se de como estava horrível: tinha os cabelos emaranhados e a cara tão vermelha que se perguntou como fora possível chegar àquele ponto sem dar por isso.

Percebia agora que tinha vivido numa espécie de letargia desde que se lhe metera na cabeça a ideia de vingar a morte da filha.

Nunca pensara no que lhe aconteceria depois de levar a cabo o seu propósito. Não lhe importava. Mas se o tivesse considerado, com certeza não teria esperado que a sua mente se tornasse repentinamente mais alerta, ou que daria por si a pensar em como em tempos fora, nas refeições que costumava cozinhar, no prazer que lhe proporcionavam os passeios pelo campo ou a jardinagem. E agora que o seu espírito se voltava para essas coisas, tinha uma enorme saudade delas.

O primeiro fim de semana na prisão não fora excessivamente mau, pois as outras mulheres da ala onde a tinham colocado tinham-na recebido bem. Já sabiam o que fizera e pareciam admirá-la. Julie fora em tempos cabeleireira, e insistira em cortar-lhe e lavar-lhe os cabelos. Outra das reclusas, Sandra, oferecera-lhe um pouco de maquilhagem, e Frankie, uma autêntica durona que parecia um homem, dedicara-se a ensinar-lhe com que guardas e outras reclusas convinha ter cuidado, e aconselhara-a a pedir um trabalho, para poder ter algum dinheiro todas as semanas.

Mas a simpatia e a admiração depressa se dissiparam quando se tornou evidente que ela não era dura nem maliciosa. Tinham começado a troçar da maneira como falava, da sua timidez e ingenuidade, e no fim da primeira semana todas as mulheres da ala a ridicularizavam abertamente e lhe chamavam «paspalha», a palavra que usavam para designar os loucos e os apatetados.

E ela não podia ripostar. Não tinha a força física nem as competências verbais para derrubar fosse

quem fosse. Por isso fazia o que sempre fizera no passado: tentar passar o mais despercebida possível e não emitir opiniões.

Mas ali deitada na cela, a olhar para o livro que não conseguia ler, sentia-se furiosa consigo mesma. Sempre deixara que os outros a espezinhassem, e, se não tivesse deixado, a sua vida poderia ter sido muito diferente. Recuou mentalmente até ao dia em que a mãe voltara do hospital, vendo-o tão claramente como se tivesse sido ontem em vez de há vinte e oito anos.

Fora no início de dezembro, e enquanto corria a abrir a porta da frente ao ouvir o carro do pai parar no caminho desejara que o tempo estivesse melhor para o regresso da mãe. Um vento norte agreste fazia rodopiar as últimas folhas mortas. Excetuando o arbusto de azevinho junto à cancela, que estava coberto de bagas, tudo tinha um ar tão triste como o céu cinzento e pesado.

Saíra a correr, ansiosa, a empurrar a cadeira de rodas que o pai comprara, não se contendo de excitação porque mal podia esperar para mostrar à mãe as alterações que tinham sido feitas no piso térreo. O antigo escritório do pai, a seguir à sala de jantar, era agora o novo quarto da mãe, e o roupeiro fora convertido em casa de banho. Tinha trabalhado como uma escrava para que tudo estivesse pronto. Fora ela que carregara para o primeiro piso pilhas e pilhas de livros, fizera a limpeza depois de os homens terem acabado as obras, pintara, limpara e dispusera os móveis.

– Que bom tê-la em casa, mãe – exclamara ao abrir a porta do lado do passageiro, onde a mãe estava sentada. – Vai ver como está tudo tão bonito.

Baixara o lado da cadeira de rodas e encostara-a ao banco do carro, como a enfermeira lhe tinha ensinado. A mãe perdera muito peso e recuperara o uso do braço esquerdo, de modo que não fora difícil passá-la para a cadeira.

– Menina bonita – dissera a mãe. Nessa altura já conseguia falar um pouco, embora as palavras fossem entarameladas, como se estivesse embriagada, de modo que nunca falava a menos que fosse importante. Levantara a mão esquerda e fizera-lhe uma festa no rosto. – É bom estar em casa.

– Nada de demasiada excitação ao mesmo tempo – avisara o pai enquanto ela empurrava a cadeira de rodas para dentro e ele a seguia com a mala da mãe. – Vais ter de controlar esse desejo de mostrar tudo no primeiro dia, Suzie. A tua mãe continua a precisar de paz e sossego.

Fora maravilhoso ver o rosto da mãe iluminar-se quando entrara no escritório convertido, ver a maneira como estendera a mão boa para tocar na bonita colcha que cobria a cama e os poucos ornamentos que ela trouxera do andar de cima. Havia um lume a arder na lareira e um par de candeeiros acesos para manter afastado o frio cinzento que fazia lá fora, e quando ela aparecera com a bandeja do chá com o bule e as chávenas de porcelana e o prato de bolos de manteiga que tinha feito, uma lágrima de emoção deslizara pelo rosto da mãe.

Suspirou ao recordar aquele dia. Tinha tanto a certeza de que a mãe recuperaria totalmente quando regressasse a casa. Sentia-se tão importante, dinâmica, e com imensa ternura por ela. Tinha visões cor-de-rosa de conversas aconchegantes junto à lareira, no inverno, de partilhar pequenas tarefas, de vizinhas a bater à porta e da casa cheia de risos, de levar a mãe a passear na cadeira de rodas, quando o tempo estivesse bom.

Mas não fora nada assim. Ainda apareceram algumas pessoas, ao princípio, mas nunca voltavam depois de verem a dificuldade que a mãe tinha em falar. Não houvera novos progressos. A fala não melhorara, nunca mais voltara a conseguir andar, e, à medida que os meses passavam, achara as suas limitações cada vez mais frustrantes, e isso tornara-a amarga e exigente.

Desenvolvera o hábito irritante de bater com a aliança nos aros da cadeira sempre que queria

atrair a atenção dela para qualquer coisa, geralmente uma ninharia, uma teia de aranha num canto, um copo mal lavado, uma dedada num vidro da janela, de que era preciso tratar imediatamente. Muitas vezes, a panela que estava ao lume deitava por fora porque ela tinha sido chamada, e era mais uma coisa que tinha de fazer.

A irritação com a mãe fazia-a sentir-se culpada, o que a levava a esforçar-se ainda mais por antecipar a mais pequena coisa onde ela pudesse encontrar razão de queixa. E isto deixava-a num estado de exaustão para o qual não havia trégua.

As semanas, meses e anos tinham-se tornado num círculo interminável de lavar roupa, cozinhar, limpar a casa e cuidar dos pais. O pai nunca ajudava em nada, achava que como lhe pagava um salário isso o isentava de toda e qualquer responsabilidade. Nem sequer cumprira a promessa de a deixar livre nas tardes de sábado. A maior parte das vezes, fingia que ia para o escritório tentar recuperar o trabalho em atraso, quando na realidade ia caçar ou jogar golfe.

A enfermeira ia duas vezes por semana dar banho à mãe, e um fisioterapeuta uma tarde por semana, para uma sessão de exercícios. Mas tudo o mais era ela que fazia: levantar a mãe da cama e vesti-la todas as manhãs, levá-la à casa de banho inúmeras vezes durante o dia, cortar-lhe a comida, dar-lhe os medicamentos e ajudá-la a fazer os exercícios que o terapeuta recomendava.

Além de bater com a aliança nas rodas da cadeira, a mãe também tocava uma pequena sineta se ela a deixava sozinha por mais de meia hora. Gostava que a levassem para a cozinha, ou para a sala de estar, ou para onde quer que fosse que ela estivesse a trabalhar. Era doloroso ouvi-la tentar fazer perguntas, mas ainda mais irritantes eram as críticas, pois embora soubesse que não podia fazer nada sozinha, queria absolutamente que a filha fizesse tudo à sua maneira.

Se pudesse dar uma volta de bicicleta e depois deitar-se na cama ou sentar-se ao sol a ler um livro, talvez não se sentisse tão cansada. Mas nunca podia. Detestava-se a si mesma por se ressentir do trabalho duro e da responsabilidade, de não ter amigas e de sonhar com ir trabalhar num escritório, ou ir ao cinema ou dançar, à noite.

Raramente tinha tempo para ler o jornal ou uma revista, e quando tinha só servia para fazer a sua vida parecer ainda pior. A Inglaterra fora invadida pelo Flower Power, e parecia-lhe que todos os outros jovens do país namoravam, iam a concertos de *rock* e a festas loucas, mas o mais perto que chegara de sentir-se uma *hippie* fora comprar uma blusa de musselina bordada em Stratford e cantar «Marrakech Express» acompanhando o rádio.

Recordou a tristeza que sentira quando Beth lhe escrevera, no verão de 69, a dizer que em outubro ia para a universidade, em Londres, estudar Direito. Soubera então, sem que pudesse dizer porquê, que aquela seria a última carta da amiga. Beth até a preparara dizendo que não ia ter tempo para escrever muitas vezes e que ainda não sabia onde ia viver em Londres. Mas as suspeitas de que ela conhecera novos amigos quando, dois anos antes, escrevera a dizer que não iria passar o verão a Stratford tinham-se tornado ainda mais fortes nos últimos meses, ao notar uma súbita frieza nas suas cartas.

O humor tinha desaparecido, e com ele os habituais relatos de Beth a respeito do que acontecia na sapataria onde trabalhava aos sábados e nas férias. Deixara de falar dos rapazes de que gostava, como costumava fazer, ou das roupas que comprava ou dos filmes que via. Fora como se tivesse deixado muito para trás a sua velha amiga e escrever-lhe tivesse passado a ser uma aborrecida obrigação.

Tornava-se tudo ainda mais doloroso quando relia cartas que Beth lhe escrevera menos de um ano

antes e nas quais se mostrava bastante preocupada com ela e a aconselhava a fazer frente ao pai e obrigá-lo a contratar uma enfermeira ou uma empregada para tomar conta da mãe e libertá-la para construir uma carreira. Chegara a sugerir que ainda podiam partilhar um apartamento em Londres.

Não houvera mais referências a partilhar um apartamento naquela última carta, nem exortações a que enfrentasse o pai. Não que Beth dissesse explicitamente adeus, mas estava lá, implícito em cada palavra. Ia seguir o seu caminho.

Na época falava-se muito, nos jornais e na televisão, de «Amor Livre». Aparentemente, toda a gente com menos de vinte e cinco anos andava a dormir com quem bem lhe apetecia, o medo da gravidez afastado pela pílula anticoncecional. No entanto, a experiência sexual dela reduzia-se a ter beijado o rapaz que a acompanhara a casa depois do baile em Stratford no ano em que vira Beth pela última vez. E ela sabia que não ia ter mais experiências, uma vez que nunca tinha oportunidade de conhecer rapazes.

Fora pouco antes do Natal desse mesmo ano que se apercebera de que, com ou sem Beth, estava definitivamente encurralada. Nessa tarde, tivera de batalhar para abrir caminho por entre as multidões que enchiam as lojas de Stratford só para comprar umas luzes novas para a árvore, porque as antigas se tinham estragado.

Ao chegar a casa, encontrara a mãe muito agitada: precisara de ir à casa de banho, mas a maçaneta da porta, que o pai tinha prometido consertar, estava outra vez encravada, de modo que se urinara toda sentada na cadeira de rodas. Deixara bem claro, mesmo com os problemas de fala, que fora ela a culpada, por ter demorado tanto tempo.

E Susan, que não parara sequer para tomar um café, quanto mais para conversar um minuto que fosse com alguém ou ver as montras, ficara bastante magoada. Não conseguira impedir-se de pensar, enquanto limpava a urina e mudava a roupa da mãe, que aquilo podia vir a tornar-se numa coisa regular, como acontecera com a avó.

Nessa noite, o pai chegara a casa já passava das nove, outra vez, e dera a desculpa do costume: estivera a trabalhar. Mas quando lhe pusera à frente o jantar requentado e lhe notara no hálito o cheiro a *whisky*, Susan soubera que ele tinha estado no *pub*.

Depois de o pai sair da cozinha, ela sentara-se a chorar, destroçada pela injustiça de tudo aquilo. O seu dia começara às sete da manhã, quando levantara a mãe da cama e preparara o pequeno-almoço. Não tivera um minuto de descanso, e agora, já depois das dez, ainda tinha de ajudar a mãe a deitar-se antes de poder sentar-se e descansar um pouco.

Não era justo. O pai podia ao menos ir para casa logo a seguir ao trabalho e jantar com elas, sentar-se um pouco a conversar com a mulher. Devia ter consertado a maçaneta da porta da casa de banho e devia ter sido ele a comprar as luzes para a árvore de Natal. Não era justo atirar tudo para cima dela.

– O que é que se passa? – perguntara o pai, da porta. Devia ter voltado à cozinha para ir buscar qualquer coisa.

Susan olhara para ele, mas não vira preocupação nos olhos outrora bondosos, apenas irritação.

– Estou farta – soluçara ela. – Não tenho vida, não tenho amigos. Não posso continuar assim, não é justo. Quero ir-me embora e arranjar emprego em Londres, como o Martin.

– Que espécie de trabalho achas tu que consegues arranjar? – perguntara ele, sardonicamente. – Um Certificado de Estudos em Ciências Domésticas e Geografia não vai levar-te muito longe.

Quando ela recebera os dececionantes resultados, o pai limitara-se a rir e a dizer que, mesmo sem

Matemática ou Ciências, continuaria a poder ser uma excelente secretária. Parecia agora que passara a alinhar com a opinião de Martin, de que ela era estúpida.

– Podia tirar um curso de Secretariado, como sempre quis – soluçara.

– E quem é que imaginas que vai pagá-lo? – perguntara ele, duramente. – Trabalho como um condenado só para manter um telhado sobre as nossas cabeças.

– Nesse caso arranjo um emprego qualquer! – respondera ela, desesperada. – Como criada de mesa ou arquivista…

– Deixavas a tua mãe ir para um lar para poderes ser criada de mesa? – As espessas sobrancelhas escuras tinham-se arqueado, numa expressão de choque. – Não acredito que estou a ouvir isto.

– Então arranje alguém que tome conta dela! – gritara. – Eu não aguento mais.

– Não tenho dinheiro para isso, essas coisas custam caro. Eu digo-te como as coisas são. Se insistes em deixar a tua mãe, ela vai para um lar. Imaginas o que isso lhe vai fazer? Não só ser despachada para um lugar cheio de velhas doentes e senis, mas também saber que a sua única filha foi tão egoísta que preferiu ser criada de mesa a cuidar dela.

– Nunca pediu ao Martin que desistisse da sua vida – protestara, lamurienta.

Martin sempre fora como uma espinha cravada na sua garganta. Os dez anos de diferença entre os dois significavam que nunca tinham brincado juntos. Na realidade, quando tinha cinco ou seis anos Susan aprendera que o melhor era manter-se longe do irmão. Martin era cruel, divertia-se a esconder ou a partir os brinquedos de que ela mais gostava, batia-lhe sem qualquer razão e segredava-lhe insultos sem que os pais o ouvissem.

Ficara encantada quando ele fora para a universidade, e fora nesse mesmo ano que o pai começara a ensiná-la a disparar. Era, na altura, demasiado nova para perceber que essa era mais uma razão para Martin ter ciúmes dela. Estava a receber do pai a atenção e a admiração a que ele se achava com direito. Nunca esqueceria aquele dia de inverno em que Martin aparecera por trás dela quando estava na margem a olhar para o rio e a empurrara. Quase morrera de choque e de frio, e soubera que fora essa a intenção dele, pois vira-o correr para casa. Felizmente, era capaz de dar algumas braçadas e conseguira sair da água, mas apanhara uma palmada por dizer mentiras ao afirmar que o irmão a tinha empurrado. A mãe nunca acreditara em nada de mau a respeito de Martin.

A partir daquele dia, ele nunca mais a deixara em paz. Sempre que ia a casa tratava-a mal, humilhava-a sugerindo que era demasiado estúpida para conseguir um emprego a sério. Dizia que ela era feia, gorda e uma parasita. Imitava o pai e obrigava-a a servi-lo como uma criada. Mas o pai nunca dava por nada.

– O Martin tem um emprego importante na cidade – dissera o pai naquela altura, e lançara-lhe um olhar de pedra que significava que se falasse mal do irmão ia arrepender-se. – Trabalhou duramente para o conseguir. Agora vê se deixas de ser estúpida e vais ajudar a tua mãe a deitar-se. Se ela ouvisse o que estás a dizer ainda tinha outro AVC.

Em retrospetiva, Susan bem via que devia ter percebido que o pai estava a tentar fazer chantagem com ela e tê-lo desafiado a cumprir a sua ameaça. Claro que tinha dinheiro para pagar a uma enfermeira, mas não só não queria gastá-lo com a mulher, como não gostava daquilo que uma enfermeira significaria: qualquer profissional insistiria num horário regular e recusaria fazer limpezas, cozinhar e tudo o mais. Teria de ser ele a tratar disso ou pagar a outra pessoa, e deixaria de poder sair para o *pub*, jogar golfe e caçar.

Na altura, porém, era demasiado ingénua e crédula para ver estas coisas.

Fora em 1973 que perdera toda a confiança que ainda tinha no pai ao descobrir que ele tinha uma amante. Já reparara em manchas de *bâton* nos colarinhos das camisas dele quando estava a lavá-las, mas sempre recusara pensar que significavam algo mais do que um abraço a uma das funcionárias do escritório até ter encontrado uma nota de Gerda no bolso do casaco.

Gerda era a dactilógrafa que o pai contratara quando a mãe sofrera o AVC. Susan vira-a uma vez, quando fora ao escritório do pai apanhar uma boleia para casa. Tinha cerca de quarenta anos, era ruiva e atraente de uma maneira um pouco vulgar, vistosa.

A nota era breve mas muito reveladora, um pedido de desculpas por ter estado tão mal-humorada na noite anterior. Dizia que não conseguia evitá-lo porque tinha medo de nunca mais ver o dia em que ambos estariam juntos para sempre. Mas amava-o e estava disposta a esperar.

– Filho da mãe! – disse Susan em voz alta, esquecendo-se de que Julie estava no beliche de cima.

– Quem é que é um filho da mãe? – perguntou Julie.

Susan ergueu os olhos e viu a cara da outra mulher de pernas para o ar: estava debruçada da beira do beliche, a olhar para ela.

Julie tinha trinta e cinco anos e era uma loura oxigenada de rosto duro que já estivera presa dúzias de vezes por prostituição e roubo. Tinha três filhos que viviam com a avó enquanto ela aguardava julgamento por ter roubado um cliente. Embora não parecesse tão perigosa como outras mulheres da ala, Susan achou que era melhor explicar-se.

– Estava a pensar em voz alta – disse. – No meu pai. Desculpa, não queria incomodar-te.

– O que foi que ele te fez? – quis Julie saber.

– A mim, nada de especial, mas arranjou uma amante pouco depois de a minha mãe ter tido um AVC – explicou Susan. Não estava disposta a ir mais longe e admitir que, depois daquilo, os seus sentimentos para com o pai se tinham transformado em ódio. O simples facto de pensar que andava com outra, à espera que a mulher morresse para poder estar com ela, matara todo o amor que em tempos sentira por ele.

– Todos os homens são filhos da mãe – sentenciou Julie, mas o tom foi amistoso, e desceu do seu beliche para ir sentar-se na beira do de Susan, obrigando-a a afastar as pernas para o outro lado. – Mataste-o por causa disso?

Susan teve a impressão de que Julie fora vítima de abusos de homens ao longo de toda a sua vida.

– Não – disse, e sorriu à mulher. – Naquele tempo ainda não tinha instintos assassinos.

Julie devolveu o sorriso, e Susan teve um vislumbre da rapariga muito bonita que ela em tempos fora.

– Porque foi que mataste aquelas pessoas? – perguntou.

Até àquele momento, Susan não dissera a ninguém uma palavra a seu respeito, e a sua intenção fora guardar silêncio para sempre. Mas agora, depois do incidente no refeitório, precisava desesperadamente de uma amiga.

– Porque elas foram responsáveis pela morte da minha filha – disse simplesmente.

Sabia que Julie adorava os filhos, apesar de estar longe deles durante longos períodos, e ao ver o choque e a simpatia no rosto dela, sentiu de repente o desejo de contar a história toda.

– Mas porque foi que não os despachaste logo a seguir à tua filha ter morrido? – perguntou Julie quando Susan acabou, a limpar lágrimas dos olhos.

– Ao princípio, estava demasiado aturdida – disse Susan. – Só queria morrer também. Saí de Bristol, só voltei dois anos mais tarde. E então uma noite, quando ia a caminho do meu trabalho como empregada de limpeza, nos Downs, vi o médico e a cabra da rececionista. Estavam aos beijos num carro. Foi o que verdadeiramente me enfureceu. Eram ambos casados e com filhos, e estavam naquilo. Como o meu pai e a tal mulher.

Julie sorriu de esguelha.

– Bem feito. Mas onde foste arranjar a arma?

– Era o revólver de serviço do meu pai – disse Susan, e contou como tinha aprendido a atirar quando era pequena.

– E então entraste na clínica e estouraste com eles? – perguntou Julie, com uma expressão de incredulidade. – Podias tê-los seguido até um lugar qualquer e fazê-lo em segredo. Nunca te teriam apanhado.

– Suponho que queria ser apanhada – admitiu Susan. De repente, viu o lado absurdo daquilo e começou a rir. – Devo ser maluca – disse. – Porque haveria alguém de querer vir parar aqui?

– Vais alegar insanidade mental? – perguntou Julie, e riu ao ver a expressão de horror no rosto de Susan. – Não quer dizer que te vão fechar num lugar cheio de tarados, a menos que ainda não estejas curada. Chamam-lhe responsabilidade diminuída, só precisas de fazer com que o psiquiatra perceba que não podias fazer outra coisa, que estavas tão perturbada que foi como se alguém te obrigasse. Foi o que fez uma amiga minha que matou o pai. Nem sequer teve de ser julgada, os advogados resolveram a coisa entre eles. Só apanhou cinco anos.

– Não acredito que a mulher do médico e o marido da mulher que matei fiquem satisfeitos com qualquer coisa menos que prisão perpétua – disse Susan. Tivera, entretanto, tempo para pensar neles e nos filhos, e embora não estivesse exatamente arrependida do que fizera, sentia-se culpada por causa das crianças.

– Bah! – bufou Julie. – Quando souberem que as caras-metades andavam embrulhadas uma com a outra vão ficar muito menos zangados contigo.

– Não posso trazer isso à baila! – exclamou Susan.

– Só se fores doida é que não trazes – disse Julie, rindo-se. – Pensa, tens a vingança perfeita. Liquidas as pessoas que deixaram a Annabel morrer, acabas com a simpatia que as pessoas sentem por elas e sais daqui dentro de meia dúzia de anos.

Quando fora detida, Susan tinha a certeza de querer ficar presa para o resto da vida, mas nove dias naquele lugar já tinham corroído bastante essa certeza. Depois de dispensar Beth, não voltara a ter apoio legal, e ouvir a opinião de Julie era como descobrir que tinha um paraquedas às costas quando o avião já ia a cair.

– Tens a certeza? – perguntou.

– Claro que tenho. Portanto, deixa-te de tretas, dizes ao teu advogado, quando ele voltar a aparecer, que é o que queres. Carrega nas cores a respeito das desgraças por que passaste. Todas essas coisas a respeito do teu pai, e tudo o mais de que te lembrares. E, antes que dês por isso, estás fora daqui.

Susan estava a sentir-se muito mais animada.

– Achas que consigo uns óculos enquanto aqui estou? – perguntou, hesitante. – Já não consigo ver o suficiente para ler.

– Claro, é só pedir ao médico. E enquanto estiveres com a mão na massa, começas a contar-lhe

coisas a teu respeito. É um filho da mãe metediço, tem a mania que é psiquiatra. Diz-lhe que estás deprimida, e ele dá-te uns comprimidos. É bom ter alguma coisa que ajude a passar o dia.

Quando as luzes se apagaram naquele mesmo dia, Susan sentia-se um pouco melhor. Calculou que Julie tivesse divulgado pelo menos uma parte do que lhe contara, pois recebera sorrisos de solidariedade de várias mulheres à hora do chá e tinham-lhe guardado uma cadeira perto da televisão durante o recreio da tarde. Embora tivesse sido impossível concentrar-se no programa por causa do barulho que a rodeara, era preferível a sentir-se excluída.

Julie tinha-lhe perguntado a respeito do pai de Annabel, e a pergunta voltava-lhe agora ao espírito, ali deitada na cama na esperança de conseguir dormir naquela noite. Acontecera tanta coisa depois daquilo que praticamente expulsara Liam dos seus pensamentos.

Naquela noite conseguia ver claramente a cara dele, os olhos escuros sempre franzidos pelo riso, o nariz achatado, os cabelos encaracolados e escuros a caírem-lhe para os ombros enquanto trabalhava no jardim. O pai chamava-lhe um «Didicoy», a palavra que usava para designar alguém abaixo até mesmo de um cigano. Mas Liam não era um cigano, era um homem instruído, tinha inclusivamente frequentado a universidade. Era apenas um espírito livre que ia de cidade em cidade, dormindo na sua velha autocaravana, fazendo trabalhos de jardinagem ou outros quaisquer que conseguisse arranjar.

Batera-lhes à porta num dia dos começos de março de 1985. Dissera que tinha cortado umas árvores para uns vizinhos e que lhe tinham dito que também eles tinham algumas árvores mortas que precisavam de ser cortadas.

Qualquer cara nova que batesse à porta era uma abençoada distração para Susan. Até recebia de braços abertos os angariadores de votos quando havia eleições locais, porque qualquer companhia era melhor do que estar sozinha. Estivera prisioneira naquela casa durante dezanove anos, sem ver ninguém exceto a enfermeira do posto médico e uma ou outra vizinha. O ponto alto da semana era ir fazer compras ao supermercado. Por vezes, sentia que a absoluta monotonia da sua vida ia dar com ela em doida.

Teria convidado Liam para entrar mesmo que não houvesse três árvores de fruto mortas no jardim das traseiras a precisar de atenção, na esperança de que se demorasse algum tempo a conversar, mas ficara contente por ter uma boa desculpa, porque não teria querido, claro, que ele percebesse como estava desesperada por companhia.

Liam sentara-se na cozinha a beber chá e a conversar com a mãe. Susan ficara tocada pela paciência que ele mostrava para com os esforços dela para falar, como se soubesse instintivamente que continuava a haver um espírito vivo por detrás daquelas palavras quase incompreensíveis e uma necessidade de comunicar com outras pessoas.

Lembrava-se de estar de pé, com as costas aquecidas pelo calor do fogão, a ouvi-lo falar a respeito de jardinagem. Tinha na altura trinta e quatro anos, e calculara que ele fosse mais ou menos da mesma idade. Liam tinha cerca de um metro e setenta e cinco de altura e era esguio, mas, a julgar pela maneira como as coxas enchiam os velhos e desbotados *jeans*, muito musculoso. E no entanto, apesar de ele ser atraente de uma maneira um pouco rude, fora a sua paixão pela jardinagem que mais a cativara naquele dia.

Jardins e a Natureza eram praticamente os únicos assuntos, além das lides domésticas, a respeito dos quais conseguia falar com alguma confiança. Sentia-se apagada, sabia que tinha um ar antiquado

porque as roupas que comprava tinham de ser práticas, e até àquele dia o facto nunca a incomodara verdadeiramente.

– Leva Liam ver árvores – dissera a mãe com dificuldade. – Pai nunca tem tempo para nada.

– Foi uma nota de azedume que notei na voz da sua mãe? – perguntara Liam, enquanto atravessavam juntos o jardim. – Peço desculpa se estou a ser intrometido.

Susan pensara que ele devia ser muito intuitivo para ter reparado naquilo sendo a fala da mãe tão pouco clara. E não o achara intrometido, apenas interessado.

– Sim, suponho que sim – admitira. – O meu pai não passa muito tempo connosco, ainda que, para ser justa, ele já não esteja muito em idade de cortar árvores.

Nunca tinha visto o pai como sendo velho, porque ele permanecera igual ao que ela se lembrava de quando era pequena, magro e muito direito, e apesar de os cabelos se terem tornado brancos, isso fazia-o parecer ainda mais distinto. Só se reformara aos setenta, e mesmo naquela altura, com setenta e seis, continuava a sair quase todos os dias para jogar golfe ou caçar. Para não falar de encontrar-se com Gerda.

– Trata então da sua mãe a tempo inteiro? – perguntara Liam, olhando para ela com curiosidade.

– Sim. Tinha dezasseis anos quando ela teve o AVC e o meu pai me pediu que cuidasse dela.

– Isso não é vida para uma mulher tão nova – exclamara ele, horrorizado. – O seu pai deve ter dinheiro, para viver numa casa destas. Não pode contratar uma enfermeira?

– Tem outras coisas em que gastar o dinheiro – respondera ela, num tom despreocupado. Não queria parecer amarga, como a mãe. – A culpa é só minha, devia ter batido o pé há muito tempo.

Mostrara-lhe as árvores mortas e tinham conversado algum tempo a respeito do trabalho envolvido e do que poderia ser plantado no lugar delas.

– Uma magnólia ficaria bem no lugar daquela ao pé da casa, e um salgueiro junto ao rio – dissera ele. – Ou o seu pai também tem objeções a gastar dinheiro em árvores?

Houvera uma deliciosa nota de impudência na voz dele, e Susan tivera a sensação de que ele já descobrira muito mais a respeito da família do que aquilo que lhe fora dito.

– Eu encarrego-me de o fazer largá-lo – prometera ela, com uma pequena gargalhada. – Diga-me só quanto vai custar, juntamente com podar as outras e fazer uma limpeza geral. Eu faço o que posso para cuidar do jardim, mas é demasiado trabalho para mim sozinha.

Ele sentara-se num banco de pedra e enrolara um cigarro enquanto olhava pensativamente em redor.

– É um bonito jardim – dissera, a passar os olhos pelos canteiros de narcisos-amarelos, que começavam a florescer. – Vai ser um prazer trabalhar nele, de modo que digamos quinze libras por dia. Posso fazer dois dias por semana até setembro. O seu pai vai dar o dinheiro por bem empregue.

*

O pai ficara furioso quando ela lhe dissera que tinha contratado Liam. Estava a aquecer as costas junto à lareira, na sala de estar, depois de chegar a casa às nove da noite, quando o jantar que Susan guardara para ele estava quase seco.

– Como te atreveste a fazer uma coisa dessas sem me consultar! – gritara. – Quero lá saber se há um par de árvores mortas no jardim. Tenho coisas melhores que fazer com o meu dinheiro do que gastá-lo em jardins.

Susan olhara-o com frieza. Podia continuar a ser um homem bem-parecido, mas com os anos tinha

perdido o que ela mais amara, o sentido de humor e a ternura.

– Como manter a sua amante, suponho? – dissera ela, surpreendida pela sua própria coragem. – Não o negue. Sei da Gerda.

O pai avançara um passo para ela, de mão erguida.

– Não se atreva a bater-me, ou saio daqui agora mesmo – dissera ela, rapidamente. – Não vai querer tomar conta da mãe sozinho, pois não? Ou pagar para ela ir para um lar?

– Como te atreves a falar com o teu pai dessa maneira! – rugira ele.

– Porque arruinou a minha vida ao obrigar-me a ficar aqui e assumir as suas responsabilidades – ripostara ela, tão zangada que já não queria saber do que dizia. – Que pai pediria a uma filha de dezasseis anos para cuidar de uma vítima de trombose? Se não fosse por si e pela chantagem moral que exerceu sobre mim, hoje podia estar casada, ter uma casa e filhos. Uma vez que estou aqui, o menos que pode fazer é pagar ao Liam para tratar do jardim. É o único prazer que eu e a mãe temos.

Ele subira as escadas, furioso, e fora diretamente para o quarto, sem sequer passar pelo da mulher para dizer boa-noite. Depois daquilo, começara a ficar cada vez mais longe de casa, por vezes nem chegava a aparecer. Susan encontrava frequentemente a mãe a chorar, e isso era o que mais lhe custava, porque também ela era vítima de uma chantagem: sabia aonde iria parar se protestasse. Tudo o que Susan pudera fazer para se vingar do pai fora deixar de guardar-lhe o jantar, o que não parecera afetá-lo muito. Mas deixava o dinheiro para Liam, que começara a ir duas vezes por semana trabalhar no jardim.

E ao longo dessa primavera e desse verão, Susan dera por si a viver para os dias em que Liam lá estava. Enquanto a mãe dormia a sesta, depois do almoço, ia para o jardim trabalhar com ele, e contava-lhe coisas que nunca contara a ninguém. Como as duas breves relações que tivera com homens. A primeira fora quanto tinha vinte e três anos, com o homem que fora reparar o telhado. A segunda, quando tinha trinta, com um membro de uma organização que ajudava pessoas idosas retidas em casa.

– Julguei estar apaixonada, das duas vezes – admitira timidamente. – Mas suponho que era só a excitação de estar a fazer uma coisa que não devia. Não foi muito longe, de todos os modos, só uns beijos e umas carícias, mas a verdade é que não tinha oportunidade para mais.

– O teu pai é um velho egoísta por manter-te aqui encarcerada desta maneira – dissera ele, veemente. – És uma mulher bonita, Susan, e é quase indecente não conheceres nada do mundo, nunca te divertires. Devias acabar com isto, dizer-lhe que não aguentas mais.

– Como posso eu fazer uma coisa dessas, Liam? – Encolhera os ombros. – Ele mandava a minha mãe para um lar e provavelmente trazia a outra mulher cá para casa. Não posso fazer isso à minha mãe. Amo-a.

– Mas ela também é egoísta – argumentara ele. – Tem um espírito bem vivo, Suzie. Sabe muito bem que não é justo reter-te aqui para sempre. Céus, é bem capaz de chegar aos noventa, e que idade terás tu nessa altura?

– Mais de cinquenta – dissera ela, sombria.

– Demasiado velha para ter filhos – dissera ele, e fizera-lhe uma festa na cara. – E essa carinha bonita estará cheia de rugas e de amargura. Sai agora, enquanto ainda podes mudar alguma coisa na tua vida.

O trabalho de Liam ficara acabado em setembro e ele beijara-a ternamente naquele último dia.

– Voltarei para te ver em dezembro – prometera, abraçando-a com força, como se estivesse

consciente de que ela tremia dos pés à cabeça. – Se nessa altura te sentires com coragem suficiente para arriscar uma nova vida, ajudar-te-ei. – Segurara-lhe a cara com as duas mãos calejadas e olhara para ela, os olhos escuros a brilhar. – És como um botão de rosa – dissera finalmente. – Gostava de ver essas pétalas abrirem-se, partilhar a tua doçura e a tua beleza.

Susan pusera-se diante do espelho naquela noite e olhara longa e atentamente para si mesma e, pela primeira vez na sua vida, vira uma mulher bonita devolver-lhe o olhar. Talvez fosse um pouco para o cheio, mas a pele dela brilhava, os olhos faiscavam e os cabelos refulgiam. Queria partir com Liam, queria mais dos seus beijos, deitar-se nua nos seus braços e descobrir mais dos mistérios do sexo. Não lhe importava que ele não quisesse casar com ela e assentar, estar com ele seria o suficiente.

A mãe morrera no última dia de setembro, três semanas depois de Liam ter partido. Estava sentada na sua cadeira, junto do fogão enquanto Susan lavava e arrumava a louça do almoço, e quando Susan voltara a olhar a mãe tinha adormecido.

Cerca de meia hora mais tarde, Susan notara que o nariz da mãe estava a pingar, e aproximara-se para o limpar. Fora então que suspeitara de que tinha morrido, pois não se agitara, irritada, e quando lhe procurara o pulso, não o sentira.

Claro que tinha chorado, mas aquilo não lhe parecera assim tão terrível: ao fim e ao cabo a mãe tinha morrido durante o sono, e com a filha junto dela. Não devia ter sentido nem a mais pequena dor, ou teria feito um som qualquer.

Fora curioso o facto do pai ter chegado a casa mais cedo naquela tarde. Há muito que o médico saíra, depois de ter dito que fora um ataque cardíaco e que não havia necessidade de se fazer uma autópsia, dado que a tinha visto várias vezes ao longo das últimas semanas. Durante algum tempo, Susan ponderara a hipótese de telefonar ao pai para o número que descobrira na agenda dele dois ou três anos antes. Ficara muito contente por não ter sido necessário.

O pai fizera um ar aturdido quando ela lhe dissera, e incrédulo, também, ao ver que a mulher continuava sentada na cadeira de rodas, apesar de Susan a ter levado para o quarto. Talvez tivesse sentido remorsos por todos aqueles anos em que a tratara com tanta indiferença, pois ficara no quarto com ela até o pessoal da funerária aparecer para levar o corpo.

Susan começara a perguntar-se, uma ou duas semanas depois do funeral da mãe, se a razão de o pai ter chegado a casa tão cedo naquele dia teria sido o facto de ter terminado a sua relação com Gerda, uma vez que não voltara a sair. Ao princípio, pensara que era um sinal de respeito, mas os dias passavam e ele continuava em casa. Só saía para ir ao banco ou levá-la ao supermercado. Levantava-se à hora habitual, lavava-se, barbeava-se e vestia-se tão cuidadosamente como sempre, comia a comida que ela lhe punha à frente, mas quase não falava. No entanto, não parecia zangado com qualquer coisa que ela tivesse dito ou feito. Tinha-se simplesmente fechado numa concha, e nada conseguia tirá-lo de lá.

Em meados de outubro começara a fazer frio, e ele adquirira o hábito de acender a lareira no quarto da mulher, que fora o seu antigo escritório, e ficar lá, sentado no grande cadeirão de couro, a olhar para as chamas.

À sua maneira, Susan estava tão confusa a respeito do futuro como o pai parecia estar. Passara de estar constantemente ocupada a ter tempo de sobra. Era agora livre para ir com Liam se ele voltasse a aparecer, ou para arranjar um emprego, mas sempre que olhava para o pai perguntava-se como iria ele sobreviver se ela não estivesse ali, como sempre estivera.

Uma noite, tentara obrigá-lo a falar. Tencionava dizer-lhe que queria arranjar um emprego, e se ele

não ficasse alarmado com a ideia, talvez pudesse sugerir que vendesse aquela casa e se mudasse para outra mais pequena. Mas como não tivera coragem de abordar diretamente o assunto, perguntara-lhe o que se passava e se estava zangado com ela por qualquer motivo.

Ele erguera a cabeça e olhara para ela com uma expressão vazia.

– Porque havia de estar zangado contigo? – perguntara.

– Pensei que talvez fosse por eu ter contratado o Liam para tratar do jardim. E das coisas que dissemos um ao outro naquele dia.

Ele limitara-se a suspirar, com um encolher de ombros.

– Tivemos a mãe dela cá em casa todos aqueles anos, a dar cabo da nossa vida – disse. – O Martin foi-se embora por causa dela, e então pensei que ia voltar a ficar bem quando a avó morreu. Mas a Margaret transformou-se na mãe dela antes que tivéssemos tempo para respirar. Não foi justo.

Susan ficara sentada em silêncio. O único som que se ouvia no quarto era o crepitar da lareira. A sua reação àquela estranha explicação, se era disso que se tratava, fora um enorme desapontamento por o pai não ter encontrado palavras para lhe agradecer tudo o que fizera para lhe aliviar o fardo ao longo de tantos anos. E no entanto, apesar do seu desapontamento, vira que ele tinha razão: a mãe transformara-se na avó. Talvez não verdadeiramente difícil ou demente, mas a presença e o problema eram bastante iguais.

Ele não voltara a falar durante vários minutos, e quando finalmente o fez, fora para dizer que era em Martin que estava a pensar.

– Devia ter podido fazer mais pelo meu filho – dissera, a voz trémula de emoção. – Parecia um estranho quando voltou a casa para o funeral.

– Foi ele que se fez um estranho – retorquira Susan, recordando como Martin chegara a casa na véspera do funeral, já de noite, e fora para a cama mal acabara de jantar, praticamente sem ter dirigido uma palavra a qualquer um deles. – Não vinha a casa há mais de cinco anos. Quase nunca escrevia ou telefonava. Nem sequer se lembrava dos anos da mãe.

Quisera recordar ao pai como Martin sempre fora mau para ela, os insultos e o sarcasmo constantes que tivera de suportar. Mas não o fizera. O pai já estava suficientemente em baixo, não precisava de carregar mais.

Martin voltara a partir um par de horas depois do funeral. A última coisa que lhe dissera fora: «Vê se arranjas um emprego decente e deixas de sugar o pai.»

– Pobre Martin – suspirara o pai.

Aquilo fora de mais para Susan.

– Pobre Martin! Nem sequer se deu ao trabalho de perguntar se havia alguma coisa que pudesse fazer por si antes de se pôr a andar! – acusara, amargamente.

– Não o censuro. A culpa foi minha – insistira o pai, voltando para Susan uns olhos tristes. – Deixei a avó afastá-lo de nós. Devia ter pensado nele e tê-la posto num lar.

– Não teria feito qualquer diferença – atirara-lhe Susan, furiosa por ele não admitir que fora ela que aguentara o pior dos maus tempos com a avó. – Ele já tinha ido para a universidade muito antes de a avó ficar mesmo mal, como muito bem sabe. A verdade é que o Martin sempre se preocupou muito mais com ele próprio e com a sua carreira do que connosco.

– Vou ter de compensá-lo – dissera o pai tristemente, como se não a tivesse ouvido.

O pai sofrera um ataque cardíaco fulminante a 6 de novembro, quando se encontrava em Stratford,

seis semanas apenas após a morte da mulher. Estava numa livraria quando caiu subitamente no chão, falecendo na ambulância a caminho do hospital.

Dessa vez, Martin fora rápido a chegar. Susan telefonara-lhe para o escritório em Londres pouco depois de a polícia lhe ter ligado a informá-la do que acontecera. Fizera o telefonema às quatro e meia da tarde, e às oito e meia já ele estava a bater-lhe à porta, e se acaso tivesse sido ingénua ao ponto de imaginar que a pressa se devera a preocupação por ela, não teria tardado a desenganar-se.

Martin era muito parecido com o pai, alto e magro, com os mesmos cabelos escuros e sobrancelhas espessas, mas sempre tivera uma espécie de expressão zangada, um descair dos cantos da boca, que o impedia de ser atraente, e os seus olhos eram frios. Nunca casara, e se havia mulheres na sua vida, nunca falava delas. Susan sabia menos a respeito dele do que a respeito de muitos homens da aldeia.

Ainda mal acabara de despejar um *whisky* quando lhe perguntara se sabia onde o pai guardava o testamento.

– Nem sequer pensei nisso – respondera, chocada pela pressa.

– Pois muito bem, sugiro que penses agora – respondera ele, sarcástico. – Pode ser que contenha alguma disposição relativamente ao funeral.

– Não é nisso que estás a pensar – acusara ela, adivinhando-lhe as intenções. – Só queres ver o que foi que ele te deixou.

Ele agarrara-lhe no braço e torcera-lho para trás das costas até ela gritar de dor.

– E se for? É mais honesto do que ficar aqui a fingir que és a Florence Nightingale quando na realidade não passas de uma parasita gorda e mandriona.

Martin partira no dia seguinte, depois de uma conversa com o advogado do pai. Telefonara a Susan nessa noite e dissera-lhe secamente que tratasse do necessário para fazer o funeral na Igreja All Saints. Uma vez que teria de ser feita uma autópsia, dado que o pai não fora examinado por qualquer médico nos meses anteriores à sua morte, o funeral fora adiado para duas semanas mais tarde, e durante esse tempo Martin não telefonara nem voltara a casa uma única vez.

Naquelas duas semanas, Susan sentira-se muito estranha: fraca, chorosa e completamente desorientada. Nunca antes houvera um tempo em que tivesse estado sozinha em casa, ou em que não tivesse de cozinhar para alguém. Aquele fora um outono de ventos fortes, que uivavam à volta da casa e a punham ansiosa por estar sozinha. Sobressaltava-se ao mais pequeno ruído e tinha de deixar uma luz acesa à noite, e apesar de algumas vizinhas a terem convidado para passar as noites com elas, não se sentira capaz de deixar a casa.

Tão depressa estava exultante por ter agora liberdade para ir com Liam, como se punha a inventar obstáculos que a impedissem de o fazer. Ignorante como era a respeito de homens, como saber se podia ou não confiar em Liam? E depois havia a casa. Esperava que o pai a tivesse deixado a ela e ao irmão, de modo que seria preciso vendê-la, mas até que isso acontecesse teria de ficar lá alguém a tratar dela. Não queria voltar a ver Martin, tinha um medo horrível dele, e sabia que ele seria ainda mais cruel agora que não havia ninguém para o ver e ouvir.

Que espécie de emprego conseguiria arranjar? Não sabia fazer nada exceto trabalhos domésticos. Tinha-se em tão baixa conta que até dera por si a concordar com a opinião de Martin a seu respeito.

O irmão voltara a aparecer para o funeral. Ainda mal a cerimónia acabara quando ele a informara do conteúdo do testamento. Lera-o em voz alta, sabendo muito bem como ia perturbá-la.

– «À minha filha Susan deixo a quantia de duas mil libras e o meu revólver de serviço – começara a ler, erguendo os olhos do papel e sorrindo maldosamente. – Ao meu amado filho Martin –

continuara, num tom cheio de malícia –, lego o resto dos meus bens. The Rookery, a casa da família, com todo o seu recheio. As minhas poupanças, as minhas ações e obrigações. Espero que este testamento de algum modo compense qualquer alheamento que o meu filho possa ter sentido da minha parte e da parte da mãe ao longo dos anos. Ambos o amamos muito e nos orgulhamos dos seus êxitos.»

Susan sentiu um aperto no estômago ao recordar o fraseado daquele testamento e o sorriso de maldosa satisfação com que Martin acompanhara a leitura. Não se teria importado se o pai tivesse deixado tudo a uma instituição de beneficência, desde que ela e o irmão tivessem sido tratados com igualdade. Mas por que razão não houvera qualquer «amada» antes do nome dela? Nem uma palavra de agradecimento por ter tomado conta da mãe durante todos aqueles anos. Fora na realidade tratada como uma criada, paga e despedida quando os seus serviços tinham deixado de ser necessários, sem um pensamento sequer para com o seu futuro.

Fora, sabia-o agora, o princípio do fim, porque naquele dia Martin despertara nela qualquer coisa que ia mudá-la para sempre.

Comprimiu o rosto contra a almofada. Mesmo depois de passado tanto tempo, e de acontecimentos ainda mais dolorosos, a recordação daquele dia fazia crescer-lhe uma fúria enorme no peito. Até que ponto teriam as coisas sido diferentes se tivesse conseguido manter o contacto com Beth? Beth não teria deixado Martin tirar-lhe tudo.

Pensar em Beth fez o nó que lhe apertava a garganta afrouxar um pouco. Apesar de ter sido um choque monumental voltar a encontrá-la, e de lhe ter doído tanto o facto de Beth ter visto aquilo em que ela se tornara, não conseguia impedir-se de estar satisfeita por a amiga ter voltado à sua vida.

Um sorriso como que subiu dentro dela ao recordar como, ainda criança, Beth parecia sempre saber como lidar com qualquer situação. Era ela que tinha as ideias, e a força para as pôr em prática.

Conseguira até resolver o problema de levar Susan a vencer o embaraço ao comprar o seu primeiro *soutien*. Tinham treze anos, e fora só quando o tempo se tornara mais quente, naquele verão, e Susan começara a usar roupas mais finas que a mãe notara como os seus seios se tinham tornado grandes. Insistia em que a filha começasse a usar *soutien*, e ordenara-lhe que fosse à loja de roupa de senhora na povoação tirar as medidas.

Susan tentara ir duas vezes, mas de ambas, ao ver as imponentes empregadas da loja, ficara tão assustada e embaraçada que recuara no último instante, o que deixara a mãe muito zangada, porque não tinha tempo para ir com ela. E então Beth chegara para passar o mês de agosto.

Reparara imediatamente no peito de Susan, mas em vez de fazê-la sentir-se envergonhada, mostrara-se invejosa, pois continuava a ser lisa como uma tábua. Fora então que Susan lhe falara do problema à volta da compra do *soutien*.

– Não tens de aturar aquelas velhas a meterem o nariz onde não são chamadas – dissera Beth, confiante. – Eu tiro-te as medidas. Vi a minha irmã fazê-lo. E depois vamos comprar um ao Marks and Spencer. Podes prová-lo na casa de banho, e se não te servir trocamo-lo por outro.

Susan não se importara nada de ser Beth a tirar-lhe as medidas, apesar de ter ficado chocada ao descobrir que era já um número 36. Fora Beth que escolhera um bonito *soutien* de renda no Marks, sem sequer pestanejar, e supervisionara a prova na casa de banho. Felizmente, tinham acertado à primeira, mas foram os elogios de Beth quando ela voltara a enfiar o vestido por cima que a tinham feito sentir-se maravilhosa.

– Céus, pareces mesmo uma adulta – exclamara Beth. – Antes parecias só uma miúda cheiinha, agora pareces uma *pin-up*. Tens cá uma sorte.

Mas a verdade era que, com Beth ao seu lado, Susan se tornara mais ousada em todo o género de coisas, naquele verão. Beth ensinara-a a fazer o pino, a fumar um cigarro e a usar maquilhagem e pintar as unhas. Tinha um pequeno estojo de maquilhagem que a irmã lhe dera, e apesar de nenhuma das duas ter idade suficiente para usá-la em público, Beth afirmava que precisavam de praticar para quando tivessem. Escondidas no pequeno acampamento que tinham montado no bosque no ano anterior, fingiam estar num salão de beleza, e passavam horas a embelezarem-se uma à outra.

Susan ouvia Julie a ressonar no beliche por cima da sua cabeça. Geralmente, o som irritava-a, mas naquela noite proporcionou-lhe o mesmo género de conforto que sentia quando ela e Beth se deitavam lado a lado num campo, a ler.

Sabia que fizera bem ao dispensar Beth como sua advogada. Não era justo sobrecarregá-la com um caso que não podia ganhar, e além disso não a queria a remexer em alguns dos aspetos mais vergonhosos do seu passado. Mas estava emocionada por Beth ainda gostar o suficiente dela para querer defendê-la. Era muito mais do que merecia.

CAPÍTULO 7

—Queres então que tome conta do caso. – Steven Smythe olhava interrogativamente para Beth, tão espantado que os olhos azul-escuros quase lhe saltavam da cara. – Tens a certeza?

Beth estava irritada. Era segunda-feira de manhã e durante todo o fim de semana quase não pensara noutra coisa senão em Susan e na sua defesa. Já fora suficientemente difícil ligar para Steven, no escritório, e explicar-lhe a situação, pois Steven não era homem para se contentar com a simples exposição dos factos. Já fizera um monte de perguntas que ela considerava irrelevantes, e o facto de estar, como sempre, com um aspeto horrível não ajudava. Tinha entornado qualquer coisa na gravata, a camisa estava mal engomada e os cabelos louros davam a impressão de não terem visto um pente nas últimas semanas, quanto mais uma tesoura. Poderia um advogado que dava tão pouca importância ao seu próprio aspeto tratar devidamente de uma questão tão séria como aquela?

– Já disse que tinha a certeza, não disse? – retorquiu, áspera, cheia de vontade de dizer-lhe que se fosse arranjar. – E também já expliquei porquê. A Susan receia que a nossa relação de infância seja causa de problemas.

– Compreendo tudo isso – disse ele, com igual aspereza. – Mas porquê eu? Porque não o Brendan, ou o Jack? Qualquer um deles tem mais experiência em casos de assassínio.

Brendan e Jack eram dois dos associados da firma.

– Porque nenhum deles me deixaria ajudar – respondeu ela, pensando que com a verdade teria mais probabilidades de influenciá-lo. – Ouve, gosto da Susan, apesar de a nossa amizade ter acontecido há muito tempo. Acredito que ela não podia deixar de fazer o que fez e não posso deixá-la apanhar prisão perpétua sem tentar evitá-lo.

– E se eu dissesse que também não te quero a meter o nariz no assunto? – disse ele.

Beth estava a preparar-se para lhe cair outra vez em cima quando percebeu que Steven estava só a provocá-la. Os olhos azuis dele brilhavam, divertidos. Pensou então que talvez aquilo resultasse, que talvez sempre tivessem alguma coisa em comum, ao fim e ao cabo.

– Não dirás. – Sorriu. – Precisas da minha ajuda, nunca defendeste um caso de assassínio.

– Devias sorrir mais vezes – disse ele, a olhar fixamente para ela. – Ficas bonita.

– Deixa-te de parvoíces – atirou-lhe. – Bom, o melhor é contar-te tudo o que ela me disse até agora.

– E é tudo – disse Beth, meia hora mais tarde. – O que é que achas?

– Diria que já temos quase o suficiente para alegar responsabilidade diminuída – concordou ele. – Isto é, se conseguirmos convencê-la a desistir de declarar-se culpada de assassínio. Mas precisamos de saber quem era o pai da criança, e para onde foi ela durante os dezoito meses em que parece não ter estado em Bristol. Talvez tenha estado com ele?

Beth encolheu os ombros.

– Pergunta-lhe.

– Vou amanhã à tarde, tenho um julgamento esta manhã. Devo dizer-lhe que também queres visitá-

la?

Beth assentiu com a cabeça.

– Mas com muito tato. Tenta sondá-la para ver se ainda me quer como amiga.

Steven sorriu.

– O tato é a minha especialidade. Já me disseram que tenho tanto que chego a ser ineficaz.

– Se conseguires arrancar-lhe mais do que eu, serei a primeira a acabar com esse boato – prometeu Beth. – Agradeço a compreensão, Steven. Estava meio à espera de que me mandasses dar uma volta.

Steven olhou demoradamente para ela.

– É bom descobrir que tens um coração escondido algures por baixo dessas roupas de marca. Começava a duvidar…

Saiu do gabinete, e Beth sentou-se à secretária para dar uma vista de olhos aos *dossiers* dos casos que tinha de momento entre mãos. Mas descobriu, ao abrir o primeiro, que não conseguia concentrar-se o suficiente para perceber o que estava a ler.

Apoiou os cotovelos na secretária e o queixo nas mãos, e pensou no comentário com que Steven se despedira. Pouca diferença lhe fazia que até àquele dia ele a tivesse julgado sem coração. Até pessoas que a conheciam muito melhor tinham muitas vezes manifestado a mesma opinião. Talvez fosse só por ter voltado a encontrar Susan, e por todas as emoções que esse encontro fizera vir à superfície, que ela própria sabia que não era verdade.

Mas o que seria que levava as pessoas a verem-na daquela maneira? Seriam os seus modos? Ou teria feito qualquer coisa que criara uma imagem que nunca mais a largara? Tê-lo-ia herdado do pai? Ele era, ao fim e ao cabo, o melhor exemplo de alguém desprovido de coração que conhecia.

– É possível – murmurou para si mesma enquanto pegava nas notas a respeito de Susan que rabiscara apressadamente durante o fim de semana, para lhe recordar tudo o que acabava de contar a Steven. Releu-as, para se certificar de que não deixara nada de fora.

Recordou uma das perguntas irrelevantes de Steven. «Porque é que ias passar férias a Stratford-upon-Avon? Diria que o Sussex, junto ao mar, é um sítio muito melhor para se estar em agosto.»

A sua resposta seca fora que ia com a mãe, Alice, visitar a tia Rose. Mas quando pensou na verdadeira razão que as fazia ir para lá, sentiu-se repentinamente abalada e lembrou-se de que fora essa a primeira vez que a tinham acusado de não ter coração.

Agarrou com força os braços da cadeira e viu-se novamente como uma rapariguinha de dez anos com um vestido cor-de-rosa desbotado que lhe ficava já demasiado apertado, de pé junto à cama da mãe, que atirava roupas para dentro de uma mala.

– És tão sem coração como o teu pai! – soluçara Alice. – Não pensaste no que me ia custar, só queres saber de ti mesma.

Através da janela do quarto, Beth via a roliça e jovial tia Rose a conversar com o tio Eddie, que fumava apoiado à vedação de ferro forjado do caminho. O carro deles, um *Rover 90* verde, estava tão reluzente como sempre. Era a menina dos olhos do tio Eddie, que viajara nele a pedido de Beth para a levar, e à mãe, para a segurança de Stratford-upon-Avon.

– Não foi por mim que lhes telefonei – insistira Beth, começando a chorar, porque a mãe mal conseguia ver de um dos olhos, inchado e negro, e cada vez que se mexia fazia um esgar por causa da dor nas costelas. – Fi-lo para que o pai não possa voltar a magoar-te.

A escola acabara uma semana antes e as férias de verão tinham começado. Beth estivera a brincar com uma amiga e, ao chegar a casa para o chá das quatro e meia, encontrara a mãe caída no chão da

cozinha.

Soubera no mesmo instante, ao ver o sangue na boca dela, que o pai tinha voltado a bater-lhe. E soubera também que daquela vez a mãe tinha ficado muito mais gravemente magoada, porque regra geral esforçava-se ao máximo por esconder da filha aqueles incidentes.

O sangue assustara-a. Robert, o irmão de quinze anos, teria sabido o que fazer, mas não estava em casa, ia estar a trabalhar numa quinta a quilómetros de distância durante todo o verão. Por isso soubera que teria de enfrentar aquilo sozinha.

– Consegue ouvir-me mãe? – perguntara, ajoelhando-se ao lado da mãe.

Para seu grande alívio, a mãe abrira os olhos.

– Ajuda-me a levantar, Beth – dissera, numa voz estranhamente rouca. – Devo ter caído.

Demorara imenso tempo a pôr-se de pé, e agarrava as costas com a mão e fazia esgares de dor. Beth ajudara-a a chegar à sala de estar, a deitar-se no sofá, e depois fora buscar uma bacia com água e um pano para lhe limpar a cara.

– Provavelmente não é tão mau como parece – dissera a mãe. – Só fiquei no chão porque me sentia tonta.

Beth estava habituada a ouvir as mentiras da mãe a respeito dos ferimentos com que aparecia constantemente. Serena, a irmã mais velha, explicara-lhe uma vez que a mãe não queria que as pessoas soubessem que o pai fazia aquelas coisas. Da última vez que Serena chegara a casa da universidade e vira a mãe com outro olho negro, zangara-se a sério com ela e dissera-lhe que tinha de deixá-lo. Robert também se envolvera na discussão e dissera que estava de acordo, e que podiam alugar um apartamento em Hastings.

Beth não tinha idade suficiente para compreender a complexidade das relações dos adultos, mas sabia que fugiria de alguém que lhe batesse. A cara da mãe inchava a olhos vistos, e estando as duas sozinhas em casa, com o pai a poder voltar de um momento para o outro, tivera medo.

– Vamos fugir, mãe? – murmurara. – Posso meter umas coisas na mala.

– Não sejas pateta, Beth – dissera a mãe, e começara a chorar. – Mal posso andar, como conseguiria fugir? Além disso, para onde iria contigo?

– Podíamos ir para casa da tia Rose – respondera Beth sem a mais pequena hesitação. A tia Rose era irmã da mãe e, na sua opinião, a pessoa mais bondosa e alegre do mundo. Rose e o marido, Eddie, não tinham filhos, e tinham uma caravana. Duas ou três vezes por ano iam passear nela, e passavam sempre por Copper Beeches para ver a irmã e os sobrinhos. Beth ouvira a tia Rose sugerir à irmã dúzias de vezes que levasse os filhos para passar umas férias em Stratford-upon-Avon. Mas nunca tinham ido.

– Não posso deixar a Rose ver-me assim – dissera a mãe, enquanto limpava a cara magoada com o pano molhado e fazia um esgar de dor. – Ela ia culpar o teu pai.

– Bem, foi ele, não foi? – respondera Beth. – É mau e cruel. Odeio-o.

– Não deves dizer essas coisas – exclamara a mãe, horrorizada. – É o teu pai.

Aquilo não fizera sentido para Beth. Mas embrulhara a mãe numa manta e dissera que ia fazer-lhe uma chávena de chá.

Depois de ter posto a chaleira ao lume, fora para o pátio das cavalariças e sentara-se num banco para pensar no que devia fazer. O velho e enferrujado *Humber* do pai não estava à vista, o que provavelmente significava que ele tinha ido para Hastings e só voltaria ao fim da noite.

Tudo o que se relacionava com os pais e a vida familiar era um mistério para ela. Vista do fundo

do caminho de saibro, com terras de pastagem a estenderem-se de ambos os lados, Copper Beeches parecia esplêndida, sobretudo no verão, quando as filas de faias quase se juntavam e formavam um arco. A casa tinha largos degraus que subiam até uma grande porta de madeira cravejada de grossas tachas de ferro, e com as suas compridas janelas em arco, as suas altas chaminés e as cavalariças de um lado e a estufa do outro, parecia a residência de pessoas muito ricas.

Quando se chegava a meio do caminho de acesso, porém, começava a tornar-se evidente que não era o caso. O reboco das paredes estava a cair, os caixilhos das janelas a desfazerem-se, muitos dos vidros da estufa tinham caído anos antes. Cresciam ervas daninhas entre o empedrado do pátio das cavalariças, e o telhado estava abaulado. A mãe esforçava-se por manter o relvado aparado e os canteiros arranjados, mas como tantas vezes dizia aos filhos, era uma casa para ser tratada por uma equipa de criados, e ela mal tinha forças para conservar o interior limpo e arrumado.

Nenhum dos amigos da escola de Beth vivia numa casa tão grande, mas todos eles tinham roupas e brinquedos melhores do que os dela. As casas deles podiam ser pequenas em comparação, mas eram na sua maior parte mais bonitas. Copper Beeches estava degradada, cheirava a humidade e a mofo, e tudo, desde as mobílias e os tapetes até às colchas das camas, era velho e gasto.

Em todas as outras famílias que conhecia, os pais trabalhavam, mas o dela não. Não cortava a relva nem consertava coisas, limitava-se a preguiçar por ali, a mexericar no carro, ou a ler na biblioteca. Quase todas as noites saía para ir ao *pub* em Battle, que ficava perto. Beth também tinha a certeza de que mais ninguém na escola tinha um pai que batesse na mulher.

«Tenho uma posição a manter», dizia ele constantemente, o que soava a Beth como se aquilo fosse suposto ser uma razão para não trabalhar, mas não fazia sentido para ela. Certa vez pedira a Robert que lhe explicasse, mas ele limitara-se a rir e dissera: «A posição dele é a anedota da aldeia.» O que também não fizera sentido para ela.

Serena, em contrapartida, tinha sido mais clara quando Beth a interrogara. Dissera: «Significa que o nosso pai é um *snob* e um parasita. Um parasita é um animal que vive à custa de outro. Como as pulgas. O pai vive do dinheiro que recebe dos rendeiros. É demasiado preguiçoso para trabalhar.»

Beth bem desejara que Robert ou Serena estivessem ali para a ajudar. Mas Robert só aparecia em casa de longe a longe quando estava a trabalhar na quinta, e Serena, que tinha um emprego de verão num restaurante, nem sequer isso. Telefonar à tia Rose parecera-lhe a coisa mais sensata.

Por isso voltara a casa, levara o chá à mãe, encontrara uns trocos e o número de telefone da tia e, mal sentira que podia deixar a mãe sozinha por uns instantes, fora de bicicleta até à cabina telefónica na aldeia.

Depois de ter explicado como encontrara a mãe, a tia Rose dissera que ela e o marido iriam buscá-las logo que pudessem.

– Não digas à tua mãe que telefonaste – avisara. – Não quero dar-lhe tempo para inventar desculpas, nem ao teu pai oportunidade para a impedir de vir. Vai para casa e cuida dela enquanto nós não chegamos.

E fora exatamente o que Beth tinha feito. E agora, dois dias mais tarde, a tia Rose e o tio Eddie estavam ali, tal como tinham prometido, e, por mais que se esforçasse, Beth não conseguia compreender por que razão a mãe dissera que não tinha coração. Com certeza não fazer nada é que seria não ter coração.

Arrancou-se ao seu devaneio, um pouco chocada por a recordação do incidente ainda a magoar ao

fim de tantos anos. Parecia-lhe que a mãe devia tê-la louvado por ter mantido a cabeça fria. Uma criança mais emocional teria corrido a gritar para casa de um vizinho, e toda a gente teria ficado a saber que espécie de bruto Monty Powell era. Mas a verdade era que a mãe nunca fora abençoada por grande senso comum, o que era evidente na maneira como continuava com o marido, por muito mal que ele a tratasse, e aos filhos também.

Beth não acreditava que o carácter de uma pessoa fosse transmitido por herança genética. Crescera com irmãos que eram consideravelmente mais velhos do que ela, de modo que aprendera mais com eles do que com os pais. Assistir à fraqueza da mãe desde a mais tenra idade mostrara-lhe que a aceitação estoica só proporcionava desgosto. Do mesmo modo, a preguiça do pai instilara nela a ética do trabalho. Eram os dois exemplos perfeitos daquilo que não queria ser.

Suspirou, folheando os *dossiers* que tinha em cima da secretária, sem os ler verdadeiramente. Se ao menos a mãe tivesse dado ouvidos aos conselhos da tia Rose naquele verão e pedido o divórcio. Mas não quisera, tinha demasiado medo de deixar Robert sozinho em casa com o pai, e talvez também acreditasse que até um pai preguiçoso, *snob* e violento era preferível a não ter pai nenhum.

Parecia-lhe curiosamente irónico o facto de no mesmo verão em que se apercebera de como a sua família era disfuncional, ter conhecido os Wright e decidido que eles eram o exato oposto. Na realidade, conservara a imagem daquela família perfeita e feliz até à idade adulta.

Ainda conseguia ver a casa dos Wright, The Rookery, tão nitidamente como se a tivesse visto dias antes, um lugar de aspeto misterioso, quase invisível da estrada devido aos densos arbustos e às árvores que a rodeavam. Tinha chaminés altas e janelas com portadas de treliça, e o jardim descia até ao rio e à comporta. Lembrou-se de Susan lhe ter dito que já não havia gralhas nas árvores: o pai tinha-as matado a todas porque não conseguia aguentar o barulho que faziam.

Susan levara-a lá para ir buscar a cesta do piquenique naquele primeiro verão e ela achara que era a casa mais maravilhosa que alguma vez tinha visto, nem um bocadinho assustadora como esperara. Belas mobílias antigas muito bem enceradas, um vestíbulo com paredes apaineladas a madeira e uma escada com postes esculpidos, uma cozinha aquecida por um fogão, e a mãe de Susan, gorducha e bem-disposta, a fazer bolos de manteiga que as deixava comer ainda quentes. E depois havia o maravilhoso e enorme jardim. Algumas partes tinham sido deixadas em estado quase selvagem, com arbustos floridos e árvores, e havia um pequeno lago, um pavilhão de verão, dúzias de árvores de fruto e um relvado muito verde que descia até ao rio Avon, flanqueado por canteiros de flores.

Não chegara a ver a avó de Susan porque ela estava a dormir a sesta, mas vira o bonito quarto da amiga e a sua coleção de bonecas vestidas com delicados peças de roupa que a mãe fazia. Não havia salas húmidas e escuras naquela casa, nem horrorosos quadros a óleo ou mobílias partidas. E Susan tinha um pai que trabalhava num escritório. Também nunca o conhecera, mas naquele dia vira uma fotografia dele e lembrava-se de que era um homem bem-parecido, sorridente, e soubera sem a mais pequena sombra de dúvida de que nunca batia na mulher ou nos filhos.

Nos verões subsequentes, Susan nunca mais a levara a casa, mas não parecera haver nisso qualquer coisa de estranho ou sinistro, apenas nunca houvera uma verdadeira razão para o fazer. Se o tempo estava bom, iam passear de bicicleta, se chovia, visitavam as lojas de Stratford ou iam ao cinema. E como nunca recebia amigos em casa para brincar, nem sequer lhe ocorria que outras crianças o fizessem. E no entanto houvera, em retrospetiva, indícios de que nem tudo estava bem. Susan costumava referir que a avó era um fardo, que cheirava mal e estava sempre a partir coisas. E também parecia falar muitas vezes de ter de pôr a roupa a secar para a mãe.

Conseguia agora deduzir de tudo isto que a velhota devia sofrer de Alzheimer e que Mrs. Wright se esfalfava a cuidar dela praticamente vinte e quatro horas por dia, mas na altura não sabia nada destas coisas. Que rapariguinha da sua idade saberia a menos que o tivesse experimentado na sua própria família?

Perguntou-se se Susan não lhe teria dito nada por ter vergonha, ou se achara que dissera o suficiente para ela compreender e a julgara insensível por nunca lhe ter manifestado o quanto o lamentava.

Do mesmo modo, quando Mrs. Wright sofrera o AVC, ela não sabia exatamente o que aquilo significava. Susan falava, nas suas cartas, de a mãe estar parcialmente paralisada, com dificuldade em falar, mas nunca, de uma forma explícita, das implicações de ter de cuidar dela. Além disso, parecia feliz por tratar da mãe, e numa carta chegara mesmo a brincar dizendo que era uma boa maneira de evitar ter de trabalhar a sério.

Na imaginação de Beth, Mrs. Wright continuara a ser a senhora gorducha e sorridente que conhecera, com a diferença de que agora estava sentada numa cadeira de rodas e ensinava Susan a fazer os bolos e cozinhar o jantar. Sendo a sua vida em casa tão miserável, chegava até a invejar a amiga. Imaginava-a sentada à lareira com a mãe numa tarde fria, ou a levá-la a passear na cadeira de rodas quando estava bom tempo.

Sabia agora, claro, que devia ter lido nas entrelinhas das cartas de Susan e percebido que a razão por que parecia não saber nada a respeito de música *rock* ou dos filmes e livros mais recentes era não ter tempo nem oportunidade para essas coisas. Quando Susan pedia desculpa por as suas cartas serem curtas e aborrecidas, devia ter adivinhado que era por estar demasiado cansada e não ter estímulo para escrever coisas mais alegres.

Na altura, porém, Beth estava a acabar o secundário e enfrentava os seus próprios problemas. Bastava-lhe que em quase todas as suas cartas Susan continuasse a exortá-la a não desistir do seu sonho de ser advogada e a recordar-lhe que era suficientemente inteligente para passar todos os exames com resultados brilhantes. Se não fosse por isso, era bem possível que tivesse abandonado o colégio, onde se sentia uma pária, e arranjado um qualquer emprego sem futuro.

– Deves-lhe muito – murmurou para si mesma, e sentiu uma pontada de vergonha por ter deixado a amizade entre as duas definhar e morrer quando fora para a universidade.

Talvez as suas razões fossem boas. Cortar com todos os que tinham conhecido a velha Beth era a única maneira de criar uma nova. Lembrava-se de como gastara o que lhe parecera uma grande parte do primeiro cheque da bolsa de estudos a comprar roupa nova: um casaco comprido de veludo vermelho, botas altas pretas e um espetacular chapéu preto. Era imprescindível ter um aspeto sensacional, era a única maneira de banir para sempre a recordação das roupas em segunda mão, da troça das colegas e da piedade dos vizinhos. Com aquela roupa, não precisava que Susan lhe dissesse que era inteligente, sabia que era. Ninguém se atreveria a humilhar uma rapariga que se vestia assim.

– Não foi a maneira como vestias que te permitiu vencer – murmurou para si mesma. Sabia agora que tinham sido as defesas que construíra à sua volta que tinham travado a humilhação e a troça. E nunca saberia que coisas boas deixara do outro lado, juntamente com as más.

CAPÍTULO 8

Susan Fellows foi uma enorme surpresa para Steven Smythe, quando a visitou no dia seguinte.

Sabia, claro, que as pessoas de Dowry Square a julgavam uma alcoólica, de modo que estava à espera de alguém com ar mais duro, de cabelos desgrenhados e talvez um ou dois dentes a menos. E no entanto, a coisa que mais se destacava em Susan Fellows era a sua normalidade: era o género de mulher que esperaria encontrar a trabalhar numa pastelaria ou num supermercado.

Era, na realidade, quase o exato oposto de Beth em todos os sentidos: baixa, gorducha e nervosa, e a primeira impressão de Steven foi de que era também um pouco lerda de espírito. Tinha dificuldade em imaginar como pudera a implacável Beth Powell tornar-se amiga de uma criatura assim.

Mas mal se refez da primeira surpresa, Susan proporcionou-lhe outra. Disse que estava preocupada com a possibilidade de ter ofendido Beth ao dispensá-la como advogada. Ficou espantado; esperava tudo menos que alguém acusado de um duplo assassínio se importasse com os sentimentos dos outros. Mal entrara ainda na sala de interrogatório e dito quem era quando ela se lançou numa ansiosa explicação.

– Não se preocupe, não a ofendeu – respondeu. – A Beth compreende perfeitamente as suas razões, e foi por isso que me enviou no seu lugar. Mas espera que a deixe visitá-la de vez em quando, como amiga.

Susan não estava claramente à espera daquilo, pois o lábio inferior tremeu-lhe e os seus olhos encheram-se de lágrimas. Steven lera no relatório da polícia que ela não mostrara qualquer emoção ao ser detida, de modo que, a seu ver, aquilo representava um considerável progresso. Ou então Beth significava muito mais para ela do que fora levado a crer.

– E é permitido? – perguntou Susan.

– Bem, trabalhamos os dois para a mesma firma de advogados. As autoridades da prisão não têm modo de saber se estamos ou não os dois a trabalhar no seu caso – disse ele, com um sorriso. – A Beth perdeu muito sono por sua causa. Precisa de vê-la, de saber como está a aguentar-se. Ambos esperamos que tenha finalmente decidido alinhar connosco quanto à maneira como deve declarar-se no seu julgamento.

– Não vejo como posso deixar de declarar-me culpada. Confessei o que fiz, houve testemunhas – disse ela, quase ansiosamente. – De certeza já não há nada a fazer.

Steven detetou aquela nota de esperança na voz dela, e ficou contente. Era muito comum os criminosos primários convencerem-se de que mereciam um severo castigo, sobretudo no caso de uma mulher que assassinara outra. No entanto, depois de algumas semanas na prisão, quase todos mudavam de opinião e de alegação.

Steven sentiu que Susan era basicamente uma mulher muito honesta. Via-se-lhe na cara, na maneira como falava. Depois de saber, através de Beth, as condições horríveis em que vivia, estava absolutamente convencido de que tinha passado por um autêntico inferno depois da morte da filha. Tudo o que precisava de fazer era descobrir exatamente que espécie de inferno.

– No mundo do direito, são muito poucas as coisas em que já não há nada a fazer – disse. – Há

sempre uma abertura, algures, mas para a encontrar preciso de saber tudo a seu respeito. Ora bem, e que tal se hoje falássemos apenas em termos muito gerais? Gostaria de conhecê-la pelo menos tão bem como a Beth.

Susan ergueu vivamente a cabeça.

– A Beth não me conhece de todo. Tínhamos quinze anos quando nos vimos pela última vez, em Stratford. Provavelmente não trocámos mais de uma dúzia de cartas depois disso.

– Porque foi que deixaram de escrever? – perguntou ele, com gentileza. – Afastaram-se simplesmente uma da outra, ou houve mais qualquer coisa?

– A Beth foi para a universidade, e eu estava presa em casa a tratar da minha mãe – disse Susan com um encolher de ombros, como se aquilo fosse explicação suficiente. Fez uma pausa, apercebendo-se talvez de que não era. – Não houve ressentimentos da minha parte. Devo ter sido uma correspondente muito aborrecida no último par de anos. Suponho que teria pensado que se passava alguma coisa com ela se tivesse insistido em escrever-me, com todas aquelas festas de estudantes, bailes e namorados.

Steven sempre fora bom com clientes do sexo feminino. Muitas delas tinham-lhe dito que nem sequer sentiam que estavam a ser interrogadas, era quase como se fosse uma conversa. Esperava conseguir causar a mesma impressão em Susan.

– Porque as únicas coisas que tinha sobre que escrever eram cozinhados e limpezas? – perguntou.

Ela assentiu, e então começou a descrever um dia normal. Não havia azedume na sua voz enquanto explicava como a mãe precisava de ajuda para tudo: vestir-se, ir à casa de banho, ser levada na cadeira de rodas para onde quer que quisesse estar. Parecia esgotante, porque não eram só os cuidados de enfermagem, havia também o trabalho da casa.

– Tinha sorte quando conseguia deitar-me à meia-noite – concluiu. – Mas a minha mãe chamava-me muitas vezes durante a noite. Era um problema arranjar tempo para escrever à Beth, quanto mais procurar qualquer coisa interessante para lhe contar.

– E era tão nova – disse Steven, num tom cheio de simpatia –, há de ter sentido algum azedume, uma vez por outra, com toda a gente da sua idade a viver os anos sessenta, a pular, a revolução da paz, as roupas malucas e a música, e a Susan a servir de mãe à sua própria mãe. Quanto tempo durou essa situação?

– Dezoito anos – respondeu ela, com um suspiro. – Mas não diria que senti azedume, é uma palavra demasiado forte. Amava a minha mãe e queria tomar conta dela. Mas houve momentos em que questionei a justiça de tudo aquilo. Certa vez estava no jardim, a olhar para o rio – continuou, com um meio sorriso. – Vi o rio como a minha vida a passar por mim, e eu ali presa, a olhar. Fez-me sentir muito triste. Um dia, encurtei uma saia, só para ficar parecida com todas as outras raparigas, com as suas minis. O meu pai mandou-me voltar a descê-la. Disse que não ficava bem a alguém que cuidava de uma inválida. Devo ter sido a única rapariga dos anos sessenta que usou saias pelo joelho.

– Ele era muitas vezes assim?

– Bem, sim, suponho que sim. – Susan voltou a suspirar. – Penso que deixou de ver-me como filha, ou até como pessoa. Era apenas aquela que tratava dele e da minha mãe.

Pouco a pouco, Steven continuou a puxar por ela, e Susan contou-lhe como, à medida que os anos passavam, o pai começara a chegar a casa cada vez mais tarde, como nunca tivera um sábado livre como lhe fora prometido, como ficara isolada do mundo real. Steven estava horrorizado, porque não

tinha a mínima dúvida de que o que ela dizia era verdade, e achava até que estava a atenuar o pavor de tudo aquilo por uma espécie de lealdade para com a mãe. Era quase como um daqueles melodramas vitorianos, uma jovem sequestrada e mantida longe do mundo durante dezoito anos.

– Nunca quis que a minha mãe fosse para um lar – explicou Susan. – Mas comecei a culpar o meu pai por ele não querer pagar a alguém para me ajudar. Dizia que não tinha dinheiro, mas eu sabia que não era verdade, e magoou-me muito descobrir que não era o homem generoso que eu sempre tinha julgado. Também parecia não se importar que eu estivesse tão isolada. A televisão era a minha única ligação ao mundo exterior, mas era também uma tortura porque me mostrava tudo o que estava a perder. Lembra-se das Pan's People que costumavam dançar no *Top of the Pops*?

– Adorava-as – disse Steven, com um sorriso.

– Também eu, eram tão bonitas, tão *sexy* e graciosas. Mas também as odiava, porque eram tudo o que eu não era, tinham o mundo inteiro aos seus pés. E eu andava de chinelos todo o dia.

Aquilo pareceu a Steven quase insuportavelmente triste, porque a simples referência às Pan's People fizera-o voltar aos seus tempos de estudante. Lembrava-se de estar deitado no chão do apartamento que partilhava, com uma garrafa de cerveja numa mão e um charro na outra, a discutir com os colegas qual das raparigas era mais maravilhosa.

Tentou imaginar como seria Susan quando era nova. A imagem que lhe acudiu ao espírito foi a de Judith Durham, dos New Seekers, a cantar «The Carnival is Over». Roliça, cabelos lisos e franja. O género de rapariga para que ele e os colegas de apartamento acabavam sempre por voltar-se quando queriam uma refeição caseira, uma camisa engomada ou alguém que fizesse um pouco o papel de mãe.

– De que estrelas *pop* gostava? – perguntou ele.

– Dos Beatles, claro. – Susan riu um pouco, e de repente pareceu muito mais nova. – Também adorava o David Bowie e o Marc Bolan. Acho que gostava deles porque o meu pai dizia que eram maricas.

– Tentei parecer-me com o Marc Bolan, durante algum tempo – disse Steven, e a recordação fê-lo rir. – Na altura usava os cabelos compridos, e pintei-os de preto. Quando o meu pai descobriu que às vezes também usava maquilhagem, ia tendo um ataque.

Susan riu pela primeira vez. Tinha um riso encantador, como água a correr sobre pedras.

– Não consigo imaginá-lo vestido como ele, é demasiado grande – disse.

– Acho que não fui muito bem-sucedido na tentativa de me parecer com ele. – Steven sorriu. – E também não me serviu para atrair raparigas. Mas diga-me, Susan, quem é que admirava? Não estou a falar de estrelas *pop*, talvez outra mulher que fosse o seu modelo.

– A Vanessa Redgrave – disse ela sem a mais pequena hesitação. – Era tão bonita, e tão boa atriz, mas costumava falar a respeito da guerra do Vietname em comícios, e coisas assim. Não seria de esperar que alguém na posição dela se importasse.

– E a Germaine Greer? Julgo recordar que na altura era uma espécie de ícone para a maior parte das mulheres jovens.

– O que ela dizia passava-me ao lado – admitiu Susan, com uma pequena gargalhada. – Não sabia nada a respeito de homens, e tinha sido ensinada a acreditar que as mulheres deviam aceitar um papel subordinado. Mesmo que as coisas tivessem sido diferentes e eu tivesse arranjado um emprego, não me parece que alguma vez tivesse sido do género liberal. Tudo o que sempre quis foi ser esposa e mãe.

– Supondo que era livre de ir trabalhar, que espécie de emprego gostaria de ter arranjado?

Ela voltou a rir.

– O leque de possibilidades era muito limitado, considerando que não tinha quaisquer habilitações. Mas penso que teria gostado de ser jardineira.

– A sério? – Aquilo surpreendeu Steven quase tanto como saber que ela admirava Vanessa Redgrave.

– Se não fosse o jardim, naquele tempo, julgo que tinha caído no desespero – continuou ela, pensativa. – Há qualquer coisa no cuidar das plantas, vê-las crescer, que é muito terapêutico. Talvez se não tivesse tido de ficar naquele miserável quarto em Clifton Wood, se tivesse encontrado um lugar com um jardim, não tivesse acabado como acabei.

Steven sentiu uma vaga de exaltação. Estaria a aproximar-se da razão por detrás das ações de Susan?

– Porque diz isso? – perguntou, mantendo um tom ligeiro.

– Teria tido qualquer coisa em que me concentrar – disse ela, com um encolher de ombros. – O quarto era tão horrível que não suportava lá estar. Acabei por dar comigo a caminho daquela pequena praça em frente da clínica dia após dia. Em vez de ver as plantas crescer, observava aqueles dois. Aquilo apoderou-se de mim.

Foi naquele momento que Steven pôs de lado a ideia de que ela era um pouco apatetada. O que via naqueles olhos azul-esverdeados não era uma expressão vazia, era um reflexo do desejo que ela tinha de viver num outro lugar qualquer algures na sua mente em vez de no presente.

– Onde vivia antes disso, depois de ter saído de Ambra Vale? – perguntou.

Ela estremeceu.

– Más recordações? – disse ele gentilmente, e estendeu a mão por cima da mesa para pegar na dela. – Tenho duas filhas, Susan, e posso bem imaginar o inferno de perder uma delas.

– É o que toda a gente diz – respondeu ela, secamente. – Mas é uma coisa que é preciso experimentar para compreender. É como se também estivéssemos mortos, com um tiro no coração, mas ainda a respirar e a andar. Deixa de haver luz do sol, toda a beleza que víamos à nossa volta desaparece também.

Steven ficou alarmado quando olhou para o relógio e viu que o tempo estava quase a acabar. Descobrira muita coisa a respeito da antiga vida familiar de Susan e não queria ter de interromper a conversa naquele momento, quando ela começava a falar dos seus sentimentos. Mas sabia que era preciso, porque tinha outra reunião no escritório dentro de meia hora.

– Há muito mais coisas a respeito das quais precisamos de falar, mas hoje já não temos tempo para mais – disse. – Volto cá no final da semana. Acha que vai conseguir falar-me do pai da Annabel, e de onde esteve antes de ir para Belle Vue?

– Quer saber muito – disse ela, cravando nele um olhar frio. – Não sei se posso contar-lhe isso.

– A minha mãe costumava dizer: «Mais vale contar tudo do que deixá-lo a infetar cá dentro.» Não sabia o que ela queria dizer com aquilo, quando era rapaz – respondeu Steven. – Agora sei.

– A minha mãe costumava dizer: «Quanto menos se disser, mais depressa se cura» – retorquiu ela. – Para mim, faz muito mais sentido.

– Penso que essa expressão se aplica a coisas ditas no calor do momento – disse ele, num tom de reprovação. – O que eu estou a dizer é muito diferente. Pense nisso, Susan, talvez deva tentar escrever uma parte. Eu volto na sexta-feira.

– A Beth é faladora? – perguntou ela inesperadamente, quando ele se preparava para sair.

– Não, não é – admitiu Steven. – Há um ano que trabalhamos juntos na mesma firma e ainda não sei nada a respeito dela. Era faladora quando a conheceu?

– Sim e não – disse Susan, pensativa. – Não falava muito a respeito da família, mas conseguia tagarelar sem parar a respeito de qualquer outra coisa.

– Porque perguntou?

Susan corou.

– Não sei exatamente. Suponho que é o mesmo que o senhor querer saber tudo a meu respeito, para conseguir compreender porque foi que matei. Sempre pensei que se voltasse a encontrar a Beth ela seria uma coisa assim maior do que a vida, dinâmica, cheia de força, mas não é nada disso, a mim pareceu-me triste. Pergunto a mim mesma porquê. Também não é casada, pois não? Já foi?

– Não me parece. Mas vou investigar, e depois digo-lhe. Mas vai ter de ser um segredo entre nós – disse ele, tocando no nariz e piscando-lhe um olho.

Susan voltou a rir, talvez mais da cara pateta que ele tinha feito do que das palavras que dissera. – É boa pessoa, Mr. Smythe – disse. – Agradeça à Beth por mim por o ter mandado.

*

De regresso a Bristol, era o comentário de Susan a respeito de Beth que ocupava os pensamentos de Steven, mais do que qualquer das coisas que ela dissera a respeito de si mesma. Era um pouco ridículo considerar seriamente o juízo sobre o carácter de uma pessoa feito por alguém que tinha conhecido essa pessoa trinta anos antes, mas Susan parecia-lhe cada vez mais racional e perspicaz.

Beth intrigara-o desde o dia em que chegara à firma. Da primeira vez que a vira estava debruçada a tirar livros de um caixote, no seu gabinete, de costas para ele. Usava um fato cor de ameixa com uma saia justa e comprida com uma racha atrás. Lembrava-se de ter reprimido a vontade de soltar um assobio de admiração, porque a combinação dos cabelos pretos e encaracolados, o tom avermelhado do fato e as longas e elegantes pernas envoltas em *collants* pretos era muito, muito *sexy*.

Em vez disso, apresentara-se e oferecera-se para ajudar com os livros. Ela endireitara-se, mirara-o de alto a baixo e dissera qualquer coisa a respeito de precisar de ser ela a fazê-lo para saber exatamente onde estava cada livro. Espetacular era a única palavra capaz de resumir o aspeto dela. De saltos, era tão alta como ele, e o rosto, com a sua pele muito branca, a boca larga e os olhos frios, parecia quase fantasmagoricamente enquadrado por uma juba de cabelos negros. Não era de modo nenhum uma mulher bonita, mas era fascinante à maneira das estrelas do velho cinema mudo.

Fez uma careta ao recordar como pusera imediatamente a pata na poça ao perguntar-lhe de onde vinha, porque decidira trabalhar em Bristol e onde morava. Em retrospetiva, teria sido bem melhor ter-se limitado a apresentar-se, oferecer-se para lhe ir buscar um café e desaparecer. Os amigos costumavam brincar com ele comparando-o a um cachorro excessivamente entusiasta, e naquele dia sem dúvida que o fora, a tentar com demasiado empenho ser apreciado, quase ao ponto de se babar para cima dela.

Beth fora muito clara logo desde o início:

– Agradeço o seu interesse – dissera, num tom gelado –, mas sou uma pessoa muito reservada. Terei muito prazer em discutir consigo casos de clientes e outros assuntos legais, mas nada mais pessoal do que isso.

E fora exatamente assim que se comportara. Era altiva e fria, nunca falava com ninguém do

escritório, parecia não ter sentido de humor e as únicas ocasiões em que ele lhe vira qualquer espécie de animação era quando discutiam um caso. Mas o aspeto dela e as roupas elegantes, muitas vezes *sexy*, sugeriam que havia uma outra faceta, uma faceta que ansiava mostrar-se. Fora só na festa de Natal do escritório, no ano anterior, que tivera um vislumbre de uma pessoa mais calorosa por baixo daquela dura carapaça. Comprara prendas para todas as funcionárias da firma, não os habituais chocolates ou uma garrafa, mas prendas pessoais e escolhidas com cuidado, todas lindamente embrulhadas. E também levara, logo de manhã, uma bandeja com deliciosos canapés para a festa. Todos feitos em casa. Pela primeira vez naqueles três meses desde que chegara à firma, relaxara um pouco, e bebera bastante. E ele julgara ter sentido nela uma relutância em ir para casa.

Quando, quatro dias mais tarde, ela regressara ao trabalho com um braço engessado, por tê-lo partido em consequência de uma queda depois de ter saído da festa, Steven tivera a certeza de que passara sozinha toda a quadra natalícia, e provavelmente cheia de dores, por não ter ninguém a quem pedir ajuda. À curiosidade que sentia em relação a ela misturara-se então alguma pena, e começara a estudá-la com mais atenção. Aquela mulher era um enigma, excelente no seu trabalho, totalmente empenhada, justa e honesta. Embora não revelasse nada de si mesma, convidava à confidência dos outros. Ele próprio dera muitas vezes por si a contar-lhe coisas que normalmente não diria a ninguém.

Podia ser altiva, mas não era uma *snob*. Não desvalorizava quem tivesse uma posição inferior. Na realidade, parecia muito mais à vontade com as empregadas da limpeza e os jovens delinquentes dos bairros camarários do que com os seus pares. Era também muito paciente e atenciosa com os novos membros do pessoal, esforçando-se por explicar tudo muito cuidadosamente, coisa que nenhum dos outros advogados fazia.

Depressa se tornou evidente para Steven que a altivez de Beth não passava de uma fachada cuidadosamente construída, destinada a manter à distância as pessoas como ele, que queriam saber mais a seu respeito. O que a tornava ainda mais intrigante.

Steven começou a sorrir ao pensar no absurdo de estudar outro advogado, quando era na sua cliente que devia estar a pensar. Mas a verdade era que tinha de confessar-se culpado do mesmo género de absurdo também na sua vida privada.

Apresentava-se como um homem de família casado e feliz, mas já não havia felicidade alguma na sua vida doméstica. A mulher, Anna, era uma alcoólica, e as filhas, Polly e Sophie, sofriam com isso. Noite após noite, chegava a casa e encontrava Anna inconsciente, tudo desarrumado e as raparigas cheias de fome e a chorar.

Cansara-se de pedir a Anna que procurasse ajuda para deixar de beber. Ela prometia que sim, mas no dia seguinte voltava ao mesmo. Já perdera a conta às vezes que ela saíra e passara a noite fora de casa. Nas noites de domingo, era ele que lavava e engomava os uniformes da escola para segunda-feira, tal como era ele que fazia as compras, cozinhava e limpava.

Só havia uma verdadeira solução para a impedir de continuar a destruir a vida das filhas, e era apresentar-lhe um ultimato: ou parava de beber, ou ele punha-a fora. Mas nunca o fizera porque sabia que ela quase desejava ser posta na rua, para poder fazer o que quisesse. Dissera muitas vezes que bebia porque estava farta dele e da monotonia daquela vida. Se acreditasse que ela era verdadeiramente capaz de governar-se sozinha, Steven ficaria muito contente por livrar-se da responsabilidade e das cenas constantes. Mas sabia que não, e não suportava a ideia de ver a mulher que em tempos amara presa por embriaguez, ou a mendigar pelas ruas.

Sentia-se como um malabarista, a tentar manter todas as bolas no ar ao mesmo tempo, a tentar ser mãe e pai das filhas, a governar a casa, a esconder o alcoolismo de Anna dos amigos e da família e a fazer um trabalho difícil e exigente, tudo isto enquanto fingia não ter uma preocupação neste mundo. Era a pressão do fingimento, a ausência de alguém com quem pudesse desabafar que por vezes o levava ao desespero. Muitas vezes fantasiara a respeito de Anna ser morta, atropelada, ou que os rins dela acabassem por ceder, para pôr fim àquilo. Nos momentos mais negros, pensara inclusivamente em matá-la ele mesmo.

– Isso era capaz de fazer a Beth endireitar-se na cadeira e reparar em ti.

O absurdo da ideia fê-lo sorrir. Mas era verdade, cometer um crime grave era a única maneira de uma pessoa se fazer notar, ou conseguir ajuda. Talvez tivesse sido por isso que Susan o fizera.

– Então? – Beth apoiou as mãos na secretária dele e olhou-o do alto. – O que foi que ela disse?

Steven pensou que ela estava um espanto, naquele dia. Vestia calça e casaco cinzento-claros e uma camisola de gola alta vermelha, a condizer com o *bâton*, e tinha os cabelos presos num coque sobre a nuca. Sorriu-lhe descaradamente, divertido pelo facto de Susan ter sacudido as correntes dela com força suficiente para a fazer ir ao gabinete dele, coisa que nunca antes fizera. Continuava a não compreender como pudera aquela mulher aparentemente implacável conservar um tal afeto e preocupação por alguém tão diferente dela.

– Montes de coisas – disse, determinado a fazê-la sofrer um pouco mais. – Descobri que, se pudesse voltar atrás, gostaria de ser uma Vanessa Redgrave jardineira casada com o Marc Bolan.

– O Marc Bolan já morreu – atirou-lhe Beth, secamente.

– Pois já – respondeu Steven. – Agora tenho de ir para casa. Amanhã conto-te tudo.

– Vem tomar uma bebida comigo primeiro – sugeriu Beth, com uma nota de súplica na voz.

Steven ficou tão estupefacto por aquela inesperada reviravolta na habitual atitude de distanciamento dela em relação a ele que deu por si a corar.

– É uma oferta muito tentadora – disse. – Mas a Anna saiu e tenho de ir tratar das miúdas.

– Deixa-me ir contigo, então. Posso fazer o jantar para todos.

Steven ficou sem saber o que dizer. Além de não conseguir imaginá-la a cozinhar fosse para quem fosse, nunca a julgaria capaz de preocupar-se o suficiente com alguém para estar tão desesperada por saber notícias.

Teria gostado muito de aceitar a oferta, mas não era verdade que Anna tivesse saído. Polly, a filha de oito anos, ligara-lhe poucos minutos depois de ele ter voltado da prisão a dizer que a mãe estava doente, na cama. O que, evidentemente, significava que estava outra vez bêbeda, e a casa estaria sem dúvida num estado caótico.

– Não, não po…podes – gaguejou, porque não tinha tido tempo para arranjar uma desculpa plausível. – Quero dizer, não estou preparado. E as miúdas também não.

Beth olhou atentamente para ele.

– Está tudo bem em tua casa? – perguntou. – A Anna não está doente, pois não?

– Hã, não. Está ótima, só que hoje saiu o dia todo. A casa deve estar num pandemónio.

– Bem, então podes ir buscar as pequenas e levá-las para minha casa.

Steven sentiu que estando ela a oferecer-lhe a mão num gesto de amizade, recusá-la pareceria muito estranho.

– Céus, és persistente. – Esboçou um meio sorriso. – Queres assim tanto saber notícias da Susan?

– Sim, quero. – Beth pôs as mãos nas ancas e olhou-o com uma expressão de desafio. – Mas também seria agradável conhecer as tuas filhas. Portanto vai buscá-las. Terei o jantar pronto quando chegarem.

– Mas elas têm seis e oito anos – suspirou ele. – Não é nada a tua cena.

O ar de desafio dela tornou-se ainda mais evidente.

– Como é que sabes? Lá por não ter filhos não quer dizer que coma criancinhas ao pequeno-almoço.

A ideia de comer uma refeição cozinhada por outra pessoa foi mais forte do que o receio de que uma das raparigas dissesse alguma coisa a respeito da mãe.

– *Okay*, ganhaste. Mas depois não me acuses se a coisa der para o torto.

– Não dá – disse ela. – Também já fui uma rapariguinha, em tempos. Sei do que é que elas gostam. Bem, sabes onde fica o meu apartamento em Park Row, não sabes? É o número 12.

– Por favor, meninas, portem-se bem – disse Steven às filhas enquanto desciam Whiteladies Road a caminho do apartamento de Beth. Ajustou o retrovisor de modo a poder vê-las no banco de trás e desejou tê-las feito despir os uniformes da escola e vestir outra coisa qualquer.

Polly, a de oito anos, era como ele, loura, de olhos azuis e alta para a idade. Os dentes definitivos, acabados de nascer, pareciam demasiado grandes e ligeiramente tortos, e, como o pai, parecia permanentemente mal vestida. Sophie era mais parecida com a mãe, com olhos e cabelos castanhos e umas bochechas rosadas como maçãs.

– Claro que nos vamos portar bem, papá – garantiu Polly. – Mas espero que ela não nos dê comida esquisita.

– Seja o que for que ela tiver, vocês comem – disse ele, começando a sentir-se ansioso, porque a ideia que Polly fazia de esquisito incluía a maior parte das carnes, salada, qualquer coisa picante ou com ervas. – E enquanto eu e a Beth estivermos a falar, têm de deixar-nos em paz.

– Vamos poder ver televisão? – perguntou Sophie.

– Espero que sim – respondeu ele, a desejar ter-se lembrado de levar um dos vídeos das miúdas. – E não digam nada a respeito de a mamã estar doente. Saiu com uma amiga, se a Beth perguntar alguma coisa.

As raparigas ficaram impressionadas pela maneira como a porta da rua se abriu automaticamente depois de Beth ter falado com eles pelo intercomunicador, mas já não tanto pela primeira visão de Beth debruçada do corrimão enquanto subiam a escada.

– Parece a Cruella de Vil – sussurrou Polly.

Cheirava deliciosamente a alho quando entraram no apartamento, e as raparigas ficaram sem palavras face à discreta elegância da sala de estar e à panorâmica de Bristol que se avistava da janela.

Depois das apresentações, Beth sorriu-lhes.

– Devia ter perguntado ao vosso papá o que é que gostam de comer. Mas joguei pelo seguro e fiz omeletas de queijo e salada de tomate, e fritei umas batatas. Espero que gostem.

Fizeram as duas um ar de alívio. Omeletas era uma das coisas que comiam em qualquer altura, em qualquer lugar.

Ao contrário de tudo o que Steven tinha pensado e esperado, Beth revelou ser surpreendentemente boa a lidar com crianças. Conversou com elas, mostrou-lhes o apartamento e deu a cada uma um

copo de sumo de maçã enquanto preparava os pratos. Comeram na cozinha alegremente pintada de vermelho e branco, sentados à volta de uma pequena mesa redonda junto à janela.

– Isto está ótimo – disse Polly cheia de entusiasmo, enquanto comia. – Adoro as batatas.

– São só cozidas e depois fritas com um pouco de alho – disse Beth, servindo vinho a Steven e a si mesma. – A minha irmã fá-las para as filhas e elas gostavam quando tinham a vossa idade.

– A mamã bebe muito disso – disse Sophie, a apontar para o vinho.

Beth nem teria dado grande importância ao comentário infantil não fora o evidente embaraço de Steven. Tinha-se posto muito vermelho, e a sua resposta à filha, «Mas que disparate!», sugeria que a criança tinha razão. Mas não fez observações, limitando-se a dizer que tinha feito *Angel Delight* de chocolate para a sobremesa porque quando era pequena era o seu preferido.

– E também tenho um vídeo para verem, enquanto eu e o papá conversamos – acrescentou, ao mesmo tempo que colocava as taças com pudim de chocolate à frente delas. Tinha desenhado uma espiral de natas em cima do chocolate, e as duas pequenas sorriram deliciadas. – Provavelmente já o viram. É *A Bela e o Monstro*.

– Só no cinema – disse Steven. – Gostaram imenso, têm andado atrás de mim para lhes comprar o vídeo.

Estava sensibilizado pela maneira como Beth lidava com as crianças, distante como sempre era, mas interessada e surpreendentemente terna. Era espantoso ter-se lembrado de alugar um vídeo para elas, e o pudim servido naquelas taças provava que não tinha verdadeiramente esquecido o que era ser uma rapariga pequena.

– Porque é que não tens um marido? – perguntou Sophie, enquanto comia as últimas colheradas de pudim.

Steven queria ralhar com ela, mas Beth limitou-se a rir.

– Ando à procura de um príncipe – disse. – E ainda não apareceu nenhum.

– Por mim não me importava de não casar se pudesse viver numa casa como esta – declarou Polly. – Teria animais em vez de filhos.

– Parece boa ideia – concordou Beth, com uma gargalhada. – Gostava de ter um cão, mas não é justo fechar um animal num apartamento, sobretudo tendo de trabalhar fora todo o dia.

– Gostas de cães? – disse Steven. – Imaginava-te mais com gatos.

Beth fez uma careta e abanou a cabeça.

– Não, são demasiado superiores para mim. Se tivesse um animal de estimação, ele teria de recompensar-me com montes de amor babado.

– O que é amor babado? – perguntou Polly, a rapar da taça os restos de pudim.

– Assim! – disse Beth e, inclinando-se para ela, lambeu-lhe a bochecha e ofegou.

Polly riu-se, deliciada.

– Para baixo, cãozinho, para baixo – disse.

– Podemos ver agora *A Bela e o Monstro*? – perguntou Sophie. – Ou devemos ajudar-te a lavar a louça?

Beth sorriu.

– Que menina tão bonita – disse, e acariciou-lhe os cabelos. – Não, vocês veem o vídeo e eu e o papá ficamos aqui a conversar. Chamem se precisarem de alguma coisa.

Steven foi pôr o vídeo e sentiu-se aliviado ao ver as filhas instalarem-se no sofá para verem o filme. Quando voltou à cozinha, Beth estava a pôr queijo e biscoitos em cima da mesa. Serviu-lhe

outro copo de vinho.

– São umas crianças encantadoras, tu e a Anna estão de parabéns. Agora conta-me tudo a respeito da Susan.

Enquanto relatava a conversa que tivera com Susan, e as opiniões que formara a respeito dela, Steven foi várias vezes distraído pela incongruência do destino. Passara a maior parte de um ano a tentar saber mais coisas a respeito daquela mulher, e de repente ali estava no apartamento dela, com as filhas na sala ao lado, e a sentir-se tão bem. Decorrera tanto tempo desde a última vez que alguém cuidara dele, lhe servira um copo de vinho, lhe pusera à frente um prato com queijo, a louça suja a desaparecer como que por magia na máquina de lavar, que sentiu de uma forma ainda mais pungente até que ponto a sua vida familiar se tinha degradado.

– Quase não consigo acreditar que ela passou dezoito anos a tratar da mãe. – Suspirou. – Venham-me cá falar de ser enterrado vivo! Mas o tempo passou demasiado depressa. Em todo o caso, pelo menos não hesitou em falar, e espero ser capaz, da próxima vez, de levá-la a abrir-se a respeito do pai da Annabel.

– Foi contra a ideia de eu também ir visitá-la? – perguntou Beth.

– Não, ficou comovida, quer que vás. Diz-me uma coisa, quando era menina, ela parecia-se um pouco com a Judith Durham?

Beth pensou por um instante.

– Sim, agora que falas nisso, acho que sim. Pequena, com cabelos lisos e brilhantes, franja, pele bonita, olhos límpidos. Uma cara bonita. A idade e a vida não foram generosas para com ela.

– Como eras tu naquele tempo? – perguntou ele.

– Magra como um pau e com uma cara de giz – disse ela, mas havia uma nota de tristeza na gargalhada que soltou.

– E a tua vida na universidade foi como a Susan a imagina, cheia de festas loucas todas as noites?

– Não. Estudava de dia, e à noite trabalhava como empregada de mesa. Sempre tive a intenção de voltar a escrever à Susan, mas, como ela, nunca tinha tempo, e suponho que achava que não tinha nada de interessante para lhe contar. E então chegou à fase em que era pura e simplesmente demasiado tarde para tentar voltar a juntar os cacos.

Steven percebeu que ela não gostava que ele desse a volta à conversa para lhe fazer perguntas.

– Desculpa se dou a ideia de estar a meter o nariz onde não sou chamado – disse. – É só porque quero ter uma imagem de vocês as duas juntas. Estou convencido de que nunca mais teve nenhuma amiga depois de ti, e por isso a maneira como se relacionavam é tão importante.

– Éramos ambas solitárias – disse Beth, pensativa. – Claro que, aos dez anos, não sabemos destas coisas, pensamos que não temos muitos amigos porque somos feios, ou burros, ou algo assim. Só descobrimos o que realmente somos muito mais tarde. Penso que as nossas circunstâncias familiares foram uma influência. A Susan não podia convidar amigas para casa por causa da avó, eu por causa do meu pai.

– O que é que tinha o teu pai?

Beth encolheu os ombros.

– Era um homem que gostava de pensar que era um senhor feudal. Na realidade vivia no passado, com a casa a cair aos pedaços à sua volta porque estava completamente desligado da realidade.

Steven arqueou uma sobrancelha.

– Não perguntes mais – disse ela, num tom cansado. – O meu pai é alguém em quem prefiro não

pensar.

– Mas ainda está vivo?

– Sim. O meu irmão pô-lo num lar há alguns anos, depois de a minha mãe ter morrido. Nunca o vou ver, se era essa a tua próxima pergunta.

Steven pensou que o melhor era desistir daquela abordagem.

– Penso que a Susan está pronta para alterar a declaração de culpada – disse. – Se conseguirmos provar que durante os últimos quatro anos viveu num autêntico inferno, julgo que teremos boas probabilidades de safá-la com uma sentença leve.

– O marido da rececionista voltou a aparecer nos jornais de hoje – disse Beth, repentinamente. – Fotografias dele e dos filhos em casa. Parece ter-se lançado numa cruzada para conseguir que a Susan seja enforcada, arrastada e esquartejada. Compreensível, claro, mas há qualquer coisa no tom dele que soa a falso.

– Posso ver?

– Vê amanhã de manhã, no escritório. A Polly e a Sophie iam querer saber do que se trata. Não me parece que seja bom para crianças da idade delas saberem deste género de coisas.

– Há em ti muito mais do que parece à primeira vista, Beth – observou ele. – Não esperava que estivesses tão sintonizada com as crianças, nem que fosses tão doméstica. – Olhou em redor para a cozinha, reparando não só em como tudo brilhava, mas nos pequenos toques pessoais, como a capa de bule de chá tricotada à mão com o feitio de uma casa de campo e o papagaio de madeira garridamente colorido num poleiro junto à janela. – Já foste casada?

– Não, Steven – respondeu ela, contraindo muito ligeiramente o rosto. – Nunca fui casada. Nunca conheci ninguém de quem gostasse o suficiente. Mas de longe a longe, quando conheço crianças amorosas como as tuas, penso que teria gostado de ser mãe.

Steven sentiu que aquilo era o mais longe que ela estava disposta a ir. Olhou para o relógio e viu que eram quase nove e meia.

– Tenho de levar as miúdas para casa – disse. – Normalmente, às oito já estão na cama.

Beth pôs-se de pé e foi espreitar a sala. Sorriu ao ver que o vídeo tinha acabado e Polly e Sophie tinham adormecido. Fez sinal a Steven para que fosse ver. Polly estava sentada, com a cabeça descaída para um lado, e a irmã mais nova tinha a cabeça pousada no colo dela e chupava o polegar.

Steven suspirou.

– Não vão gostar nada de ser acordadas – disse.

– Eu levo a Sophie ao colo até ao carro, e tu levas a Polly – propôs Beth. – Talvez não acordem.

As duas crianças acordaram mal o ar frio da noite as atingiu, mas limitaram-se a dizer um ensonado adeus a Beth. Enquanto se afastava, Steven olhou pelo retrovisor e viu-a ainda de pé no passeio, debaixo do candeeiro. Perguntou-se em que estaria ela a pensar.

CAPÍTULO 9

Susan tinha um olho negro quando Steven a foi visitar na sexta-feira.

– Santo Deus! – exclamou, horrorizado. – Quem lhe fez isso?

Susan quase não conseguia abrir o olho para olhar para ele, mas mesmo assim esboçou um meio sorriso.

– Não é tão mau como parece. Não vou morrer desta.

Steven perguntou-se como podia uma mulher que tivera uma vida tão retirada mostrar-se tão resignada a respeito de ser agredida por outra mulher.

– Não vou sugerir que apresente uma queixa formal – disse, sabendo que isso só serviria para tornar as coisas ainda piores. – Diga-me só, entre nós, porque foi que ela o fez.

– Por causa daquilo que eu fiz, evidentemente – respondeu Susan, a olhar para ele como se achasse a pergunta estúpida. – Viu as fotografias do Roland Parks e dos filhos no jornal e decidiu que eu precisava de uma boa sova.

Steven desejou ter-se lembrado de pedir à diretora prisional que mandasse retirar dos jornais tudo o que dissesse respeito a Susan e ao seu crime antes de serem entregues na ala onde ela estava. Não bastaria para impedir que a informação sobre ela continuasse a passar, claro, durante as visitas, por exemplo, mas o tempo que isso demorava, e o facto de as notícias serem recebidas em segunda ou terceira mão tinha geralmente um efeito diluidor. Estava, em todo o caso, ligeiramente intrigado, pois não era vulgar os outros presos reagirem com agressões a um crime como o de Susan. Regra geral, a violência era reservada para os molestadores de crianças.

– Voltou a pensar no que lhe pedi da última vez? – perguntou; o tempo de que dispunha era demasiado curto para o desperdiçar com outros assuntos.

Ela assentiu com a cabeça.

– Muito bem, então – continuou Steven. – Podemos começar pelo nascimento da Annabel? Teve-a no St. Michael's Hospital, segundo julgo saber. O pai esteve presente durante o parto?

Susan corou e olhou para as mãos. Não queria falar a respeito do seu caso com Liam. Calculava que Mr. Smythe ia querer saber se fora ele o seu primeiro amante, onde e como o conhecera, pormenores que nunca revelara a ninguém.

– Separei-me do pai antes de vir para Bristol – disse, apressadamente. – Se precisa mesmo de saber a respeito dele, prefiro contar à Beth.

– Tudo bem – respondeu Steven; o que sobretudo não queria era que ela se remetesse agora ao silêncio por uma questão de vergonha. – Comece então pelo nascimento da Annabel. Foi difícil?

– Não, foi muito rápido. Entrei em trabalho de parto durante a noite e às nove da manhã chamei a ambulância. Ela nasceu às duas da tarde, sem necessidade de pontos nem nada disso, depois.

– Muito bem – disse ele, num tom de admiração. – A minha mulher teve de levar dúzias de pontos quando a mais velha nasceu, e durou um dia e meio. Quanto tempo ficou no hospital?

– Quatro dias. Mas havia demasiado barulho, fiquei contente por poder ir para casa com ela.

– Tinha quem a ajudasse?

– Não precisava de ajuda – respondeu ela, com um toque de indignação. – Os recém-nascidos estão sempre a dormir.

– Os meus nãos – disse ele, e ela riu.

– Bem, talvez tenha tido sorte. A Annabel foi uma criança que nunca deu trabalho, logo desde o princípio. – Uma expressão sonhadora invadiu-lhe os olhos. – Foram tempos maravilhosos, só nós as duas. Eu dormia quando ela dormia, e quando estava acordada sentava-me a embalá-la. Queria saborear todos os momentos.

– Adorava então ser mãe?

– Oh, sim. – Susan suspirou. – Foi só a melhor coisa que alguma vez me aconteceu. A primeira vez que a levei a passear no carrinho, senti-me tão orgulhosa. As pessoas paravam e falavam comigo na rua, para olhar para ela. Sentia que era finalmente uma pessoa real, acabada e completa.

– Mas deve ter-se sentido um pouco só, sem mais ninguém.

Ela franziu a testa.

– Não, de modo nenhum. As pessoas falavam comigo na rua, e eu aparecia para tomar um café com os vizinhos mais velhos que estavam em casa durante o dia. Além disso, há sempre tanto que fazer com uma criança pequena que, por vezes, os dias até passavam demasiado depressa. Quando a Annabel estava na cama, eu cosia ou tricotava. Sentia-me muito só em casa com a minha mãe, mas nunca com a Annabel.

– Costumava levar as minhas filhas ao parque, quando elas eram pequenas – confidenciou Steven. – Pô-las nos balouços, e essas coisas. Aonde é que levava a Annabel?

– A Brandon Hill, sobretudo. Adorava ir lá no verão. É tão alto, e vê-se a cidade inteira. Quando a Annabel chegou à fase de começar a andar, gostava de ir até ao lago ver a cascata correr por cima das rochas.

– As minhas filhas também gostavam disso – disse Steven. – Obrigavam-me a levá-las lá para dar de comer aos esquilos.

– Os esquilos eram os preferidos da Annabel. – A voz de Susan começou a tremer e os olhos dela encheram-se de lágrimas. – Costumávamos levar-lhes nozes, e ela tinha nomes para todos eles.

Via Brandon Hill tão nitidamente como quando lá estivera, no último outono antes de Annabel morrer. Onde havia mais esquilos era na parte mais próxima de Berkeley Square, onde ficava o escritório de Beth e de Steven. Ali, a encosta subia num íngreme declive até Cabot Tower, lá em cima. No verão, a relva ficava à sombra das grandes árvores, mas em novembro desaparecia sob uma espessa manta de folhas caídas.

Via Annabel a correr excitadamente à sua frente, com a sua *parka* vermelha e os *collants* de lã azul-escuros, as pernas ainda roliças de gordura infantil.

«Anda, mamã, corre!» Ouvia a vozinha aguda gritar e via-a voltar-se, as pequenas mãos estendidas como se imaginasse que isso pudesse ajudá-la a subir a inclinada vertente.

«Não consigo correr tão depressa como tu», dizia, ofegante. «Os esquilos vão ter de esperar que eu lá chegue.»

Os olhos de Annabel eram escuros como os de Liam, dois crisóis de chocolate derretido com pestanas compridas e espessas. Também os cabelos se encaracolavam como os dele, sempre emaranhados, por mais que Susan os escovasse. Uma das vizinhas em Ambra Vale chamava-lhe «Sorrizinho», por estar sempre a sorrir. Susan não se lembrava de ela alguma vez se ter mostrado rabugenta, nem sequer quando acordava.

– Dava nomes de rapariga a todos – disse em voz alta, consciente de que enquanto devaneava a respeito da filha devia ter estado calada durante algum tempo. – Havia a *Wendy*, a *Lucy*, a *Mary* e a *Linda*. Lembro-me de lhe dizer que pelo menos alguns deles deviam ser rapazes, mas ela dizia que não. Que eram demasiado bonitos para serem rapazes. – Fez uma pausa e olhou para Steven. – Suponho que era por não haver qualquer homem na nossa vida.

Steven pensou que talvez ela se sentisse um pouco culpada por isso.

– As minhas também davam nomes de rapariga a todos os animais – disse. – Tiveram um coelho chamado *Florence* que era um macho.

Fez-se um silêncio. Steven não sabia o que dizer a seguir.

– Consegue imaginar como se sentiria se lhe tirassem uma das suas filhas? – perguntou Susan, os olhos marejados de lágrimas.

Steven abanou a cabeça.

– Tentamos agarrar-nos à mais pequena recordação – continuou ela, numa voz muito baixa. – O cheiro dos cabelos dela, a suavidade da pele. Fico acordada à noite e tento ouvi-la cantar canções de embalar. Por vezes estava numa loja e uma criança chamava a mãe e eu dava um salto, a pensar que era ela. E, no entanto, conhecemos a voz do nosso filho, nenhuma outra criança tem uma voz exatamente igual.

– Para onde foi depois de ela morrer? – perguntou Steven. Não se sentia capaz de interrogá-la a respeito da morte da filha, estando ela já tão perturbada.

– Para Gales – respondeu Susan, num tom repentinamente mais duro. Steven ergueu a cabeça, esperançoso, mas ela parecia relutante em continuar. – Juntei-me a uma espécie de comuna – acabou por dizer.

– Uma comuna? – Era a última coisa de que estava à espera. – Pensava que tinham desaparecido todas no princípio dos anos setenta.

– Não era dessas – disse ela, secamente. – Esta era uma espécie de grupo religioso.

– Como foi que isso aconteceu?

– Andava a passear por Leigh Woods, cerca de três meses depois de a Annabel ter morrido. Apareceu um casal, e perguntaram-me o que se passava, porque eu estava a chorar. Foram muito gentis, acompanharam-me a casa e sugeriram que fosse à igreja deles. Disseram que ia ajudar-me.

Steven assentiu com a cabeça.

– Continue – disse, sentindo que ela hesitava.

– Estava tão desesperada que teria tentado fosse o que fosse – disse Susan, tentando sorrir, como se achasse agora tudo aquilo um pouco tolo. – Não era o género de igreja a que eu estava habituada, não tinha um vigário, nem altar, nem órgão. Era apenas uma sala com um piano, e montes de pessoas a cantar e a porem-se de pé e dizerem como ter encontrado Jesus as tinha tornado novamente inteiras. Não sei explicar porquê, mas é verdade que me senti melhor por estar ali.

Steven conhecia o género de grupo, os rejeitados pela vida, os pobres, os excêntricos, os socialmente inadaptados, a reunirem-se para se consolarem uns aos outros. Tivera clientes que tinham pertencido a grupos daqueles durante algum tempo e, curiosamente, em alguns casos isso tinha-os desviado de uma vida de crime.

– Foi alguém do grupo que sugeriu que se mudasse para a comuna? – perguntou.

Ela assentiu.

– Um homem chamado Reuben Moreland. Um curandeiro espiritual.

Steven arqueou inquisitivamente uma sobrancelha. Susan corou.

– Disse que me faria ficar outra vez bem. Sempre que falava com ele sentia-me mais forte, de modo que acreditei. Seja como for, levou-me a ver um sítio que tinham em Gales, e eu gostei. Cultivavam uma horta, tinham algumas galinhas e faziam peças de artesanato que eram vendidas em lojas de recordações para ajudar a manter a comunidade. Pensei que era exatamente aquilo de que estava a precisar.

Havia uma nota defensiva na voz dela, o que sugeriu a Steven que as coisas tinham acabado por azedar, mas Susan queria que ele compreendesse porque fora que inicialmente se sentira atraída pelo lugar.

– Era tão encantador e tranquilo – continuou. – Foi no fim do verão, e a paisagem era maravilhosa. Eu não tinha nada nem ninguém que me fizesse voltar a Bristol. Era uma boa jardineira. Sabia coser, tricotar, cozinhar e fazer compotas. O Reuben mostrou-me as casinhas de gesso que faziam e pintavam à mão, e eu pensei que gostaria de fazer aquilo. Ele disse que eu seria um trunfo para a comunidade.

– Tinha algumas dúvidas?

Ela suspirou.

– Só a respeito de abrir mão de tudo o que possuía. Aquilo pareceu-me um pouco como queimar todos os meus caminhos.

– Porque queriam eles que fizesse uma coisa dessas? – perguntou Steven, com um alarme a soar-lhe na cabeça.

– O Reuben dizia que o dinheiro e os bens materiais eram as coisas que nos impediam de sermos verdadeiramente livres. Uma das condições para entrar para a comunidade era entregar-lhe tudo. Eu não tinha muito dinheiro, só umas centenas de libras em poupanças, mas tinha boas mobílias de casa dos meus pais, algumas joias que tinham sido da minha mãe. Não me agradava a ideia de vendê-las todas. Significavam muito para mim.

Steven teve a sensação de que ia ficar a saber que o tal Reuben não passava de um trapaceiro que se aproveitava dos perdidos e vulneráveis.

– Mas concordou?

– Sim. É que, sabe, queria o que ele prometia: uma vida simples e feliz. Parecia fazer sentido que enquanto tivesse todas aquelas coisas do passado não poderia seguir em frente.

Havia um tremor na voz dela, e os olhos estavam outra vez a encher-se de lágrimas. Steven sentiu que aquelas lágrimas eram por mais do que ter perdido todas as suas posses. Era evidente que Reuben a tinha enganado de outras maneiras.

– Ele convenceu-a a juntar-se a eles dizendo que a amava.

Ela assentiu e deixou pender a cabeça.

Susan recordava o dia em que Reuben o dissera com todas as letras. Estava um tempo magnífico, com o sol da tarde a entrar pela janela da pequena sala de estar em Ambra Vale. Enquanto encerava os móveis, pensava se devia ou não largar tudo e ir para Gales.

Quando Annabel morreu, e durante as semanas seguintes, a casa e tudo o mais tinham deixado de significar o que quer que fosse para ela. Só queria morrer também. Muitas tinham sido as noites em que se sentira tão consumida pelo desgosto que poderia facilmente ter caminhado até à ponte suspensa de Clifton e saltado de lá. Mas pouco a pouco, depois de se ter juntado à igreja e conhecido

outras pessoas que tinham problemas como ela, começara novamente a ver a sua casa como um refúgio. Talvez tivesse experimentado o pior que a vida podia atirar-lhe para cima, mas também havia muitas boas recordações.

Ficara louca de excitação quando encontrara aquela casa em Ambra Vale. Talvez fosse apenas uma vulgar casa vitoriana com dois pisos e quatro assoalhadas, e uma porta que dava diretamente para a rua, mas transmitia uma sensação boa e ela sabia que seria capaz de torná-la acolhedora.

Pintara-a ela própria, e forrara as paredes a papel. O bonito papel de parede *Laura Ashley* que escolhera adequava-se bem à época da casa e às mobílias que trouxera de Luddington. Pusera a mesa redonda de castanho e as quatro cadeiras da antiga sala de estar em frente da janela, um sofá contra uma das paredes e a cadeira de balouço junto ao fogão a gás. Mandara estofar de novo a cadeira em *Dralon* azul-claro e fizera uma capa larga de tecido estampado a azul para o sofá. Com os livros e os ornamentos nas prateleiras dos nichos ao lado do fogão e o tapete com o tradicional padrão azul do antigo quarto dos pais no chão, ficava perfeito.

Achara estranho conseguir pensar que tudo estava perfeito, sem Liam. No dia em que trocara Luddington por Bristol estava convencida de que a dor que sentia dentro de si nunca mais a deixaria. Talvez ajudasse ir para um sítio novo, onde não havia recordações dele, e ter demasiado que fazer para remoer o passado. Mas fora no momento em que sentira pela primeira vez o bebé a mexer-se no ventre que todas as dúvidas, todas as preocupações e desgostos do passado tinham voado para longe. Centenas de mulheres tinham filhos sozinhas, já não havia nisso qualquer estigma, e ela fora abençoada por uma gravidez isenta de problemas. Estava feliz.

Quando Annabel nasceu, sentira-se cheia de uma tal alegria que até conseguira perdoar a Martin. Escrevera-lhe a dizer que era tio e juntara uma fotografia de Annabel. Não ficara verdadeiramente surpreendida quando ele não respondera, e sentia-se muito forte e feliz para deixar que isso a magoasse.

Outras mães que encontrava durante os seus passeios com a bebé diziam-lhe muitas vezes como estavam desejosas de voltar ao trabalho, mas ela nunca sentira essa necessidade. O dinheiro era pouco e tinha apenas o rendimento mínimo para se aguentar, mas estar em casa com a filha pequena preenchia-a completamente.

Sentia-se abençoada todos os dias. Quer estivesse no parque com Annabel, a ler para ela, a dar-lhe banho ou de comer, experimentava uma sensação de propósito que nunca antes conhecera. Todas as fases do desenvolvimento da filha, o gatinhar, o começar a andar, as primeiras palavras, o aprender a usar o bacio, tudo era totalmente absorvente. Tinha uma amiguinha, não apenas uma filha, e todos os dias eram puro encantamento.

Mas então Annabel morreu e o mundo desmoronara-se à volta dela, deixando um enorme e negro vazio onde a menina estivera. Para quê cozinhar, tratar do jardim, coser ou limpar a casa se não tinha ninguém para quem o fazer? Por isso passava a maior parte do tempo na cama, com as cortinas corridas. Era demasiado doloroso ver as pinturas de Annabel na parede da cozinha, a roupinhas dela ainda à espera de serem engomadas e guardadas.

Quando começara a ir à igreja, a simpatia e a compreensão daquelas pessoas tinham-na feito voltar a comer regularmente, lavar-se e sair de vez em quando. Mas continuava a não conseguir entrar no quarto de Annabel sem chorar. O edredão *Peter Rabbit* a fazer conjunto com os cortinados e o friso à volta das paredes continuava a cheirar a ela. Não conseguia decidir-se a pegar nas caixas de brinquedos e nos peluches que enchiam as prateleiras, empacotar tudo aquilo e dá-lo a uma

instituição qualquer. Tentara limpar o quarto, uma vez, mas quando puxara a cama e encontrara o copo por onde Annabel bebia quando era bebé, ficara histérica de dor.

Acreditara que Reuben tinha razão quando dizia que quando saísse daquela casa recuperaria completamente. Dissera que só as boas recordações iriam com ela, as más desapareceriam. No entanto, por muito que quisesse deixar todo o desgosto para trás, era muito difícil decidir-se a abrir mão de tudo.

Uma pancada na janela sobressaltara-a. Era Reuben, e apressara-se a abrir a porta da frente.

Reuben era uma relíquia dos tempos do *Flower Power* dos anos sessenta. Apesar de ter cinquenta e poucos anos, usava os cabelos grisalhos presos num rabo de cavalo, um brinco, um colar de contas ao pescoço e o símbolo cristão de dois peixes tatuado no antebraço. Era alto e magro, com feições duras, mas os olhos eram hipnotizantes. Logo no primeiro encontro, Susan vira-os como dois feixes de luz *laser* azul que pareciam penetrar-lhe a alma.

Naquele dia usava uns *jeans* desbotados e uma *T-shirt* azul-clara, e transpirava profusamente, depois de ter subido a pé a íngreme encosta desde Hotwells.

– Tive medo de que ignorasses a campainha da porta – dissera, na sua voz cativantemente profunda e rouca. Os olhos azuis perscrutaram o rosto dela em busca de sinais de que voltara a cair na depressão. – Tinha de falar contigo, Sue, julgo que não fui absolutamente claro no nosso último encontro a respeito dos meus motivos para querer que vás para Gales.

Susan convidara-o a entrar e fora à cozinha buscar-lhe uma bebida fresca. Ele ficara no jardim.

Lembrava-se de se ter sentido repentinamente muito nervosa. Aquela era apenas a segunda vez que Reuben a visitava em casa, encontravam-se sempre na igreja ou no Rowan Tree, um café em Clifton. Mesmo quando iam a Gales, ele apanhava-a ao fundo da rua. Perguntara a si mesma o que queria ele dizer com «os meus motivos». Pensava que não tinha nenhuns, além de querer que ela voltasse a ser uma pessoa inteira.

Fora juntar-se a ele no jardim, levando o copo de sumo de laranja. Tinha sido um grande desafio transformar num jardim aquela série de degraus cheios de ervas daninhas e velhos arbustos. Era um lugar perigoso para uma criança pequena – a única parte plana ficava junto à porta da cozinha –, e ela instalara uma cancela para impedir que Annabel tentasse subir os degraus e caísse. Mas ficara bonito, depois de as muitas plantas alpinas e de rocal que plantara terem escondido os feios muros de cimento. Do topo tinha-se uma boa vista de Cumberland Basin e da parte sul de Bristol.

Reuben bebera o sumo de laranja num único e longo trago, e então voltara-se para ela, pegara-lhe na mão e fizera-a sentar-se a seu lado no banco.

– Sabes que quero que vás para Gales porque acredito que lá posso curar-te completamente, não sabes? – dissera, voltando-se para olhar para ela.

Susan assentira com a cabeça.

– Aqui, numa cidade, há muitas forças negativas e destrutivas que contrariam os meus poderes. Quando estiveres num ambiente cheio de serenidade e beleza, longe da poluição e do barulho, rodeada de amor, sentir-te-ás muito mais recetiva. Serás outra vez uma criança, aprenderás a confiar, a rir, a deixar o espírito sagrado entrar em ti. Quero fazer isto por ti porque sei aquilo de que és capaz.

Fizera uma pequena pausa, levando a mão à cara dela e acariciando-a.

– Estás tão cheia de ansiedade e de suspeita. É o resultado da ação das forças negativas e destrutivas de que te falei. Por isso vim aqui hoje para explicar porque te escolhi de entre as dezenas

de outros que gostariam de juntar-se a nós.

– Porquê? – perguntara ela.

– Porque és uma pessoa doce e gentil, uma fazedora de paz. E porque te amo.

Susan não pensara que ele estivesse a referir-se ao amor num sentido romântico. Na igreja, a palavra surgia constantemente.

– O que disseste foi uma coisa muito bonita – respondera, um pouco atrapalhada. Todos os seus novos amigos da igreja falavam abertamente das suas emoções, e gostavam de analisar também as dos outros. Uma coisa que ela continuava a achar um pouco embaraçosa.

– Quando digo que te amo quero dizer que quero que sejas minha mulher – dissera ele.

Sobressaltara-se, porque era a última coisa de que estava à espera. Ficara rígida.

– Não te retraias de mim, Sue – pedira ele, pondo os braços à volta dela e apertando-a com força. – Quando te vi pela primeira vez, tão perdida e cheia de dor, o meu coração voou para ti. Deixa-me mostrar-te a alegria que pode haver na intimidade do amor.

E, inesperadamente, beijara-a.

Não fora excitante da maneira que fora com Liam, mas com Liam ela desejara-o durante muito tempo antes de finalmente acontecer. Mas fora agradável, e era bom sentir-se novamente desejada.

Se Reuben lhe tivesse pedido para ir para a cama com ele, teria dito não. Mas ele não pedira, nem tentara convencê-la, limitara-se a pôr-se de pé, pegar-lhe na mão e levara-a para cima. Houvera um ou dois momentos no quarto, enquanto ele se despia, em que ela quase dera meia-volta e fugira. Reuben cheirava a suor, não usava cuecas por baixo dos *jeans* nem meias por baixo das alpergatas, tudo coisas que a repeliam, e o corpo dele era muito branco e ossudo. Mas esperara demasiado tempo, porque de repente ele estava a beijá-la outra vez e a despi-la tão depressa que não havia maneira de voltar atrás.

No entanto, quaisquer que fossem as suas reservas, minutos depois de estar nua na cama com ele esquecera-as todas. Não sabia se fora por ter vivido faminta de amor durante tanto tempo ou por ele ser um hábil amante, mas entrara num estado de bem-aventurança em que nada importava exceto o aqui e agora.

Reuben dissera, a certa altura, que estava a fazer-lhe uma «terapia sexual», e ela quase desatara a rir, recordando a canção[1]. Mas ele não estava a brincar, falava a sério, e na verdade aquilo parecera curá-la.

Reuben ficara com ela vários dias, aliciando-a com todas as coisas que fariam juntos em Gales. Longos passeios a explorar a maravilhosa paisagem, tratar do jardim, ouvir música e partilhar uma vida que seria completa. Dissera que queria que ela tivesse um filho seu.

– Acreditei verdadeiramente que ia ser para sempre – disse Susan a Steven, uma lágrima solitária a correr-lhe pela face. – Queria muito o que tinha visto em Gales, bons amigos sentados todas as noites à volta de uma mesa para jantarem juntos, todo o trabalho partilhado para o bem comum, o passado e a tristeza banidos por uma vida nova. O Reuben não precisava de me jurar amor eterno e dizer que queria ter um filho comigo para me levar para lá. Provavelmente teria ido de todos os modos.

Steven sentiu uma onda de simpatia por ela, e de aversão pelo homem capaz de explorar alguém tão vulnerável.

– Diga-me, Susan, tratou da venda das suas coisas antes de partir para Gales?

Ela abanou a cabeça.

– O Reuben disse-me que fizesse uma mala com roupa para levar comigo, e mais nada. Disse que podia levar um par de objetos pessoais, se quisesse, e que ele trataria de tudo o mais. Disse que queria proteger-me da dor de tudo aquilo.

– O revólver do seu pai foi um dos objetos pessoais que levou?

– Sim. – Fez um ar embaraçado. – Não sei verdadeiramente dizer porque foi que quis conservá-lo. Suponho que foi apenas pelas boas recordações de ir praticar com ele. Levei também o álbum de fotografias da Annabel e um par de anéis que tinham sido da minha mãe.

– Fale-me da comuna – pediu Steven.

– Era um velho e grande casarão, estranho e um pouco degradado, a meio de uma encosta, a quilómetros de distância de tudo. Havia anexos onde fazíamos as peças de artesanato, e um par de quartos por cima das antigas cavalariças.

– Quantas pessoas?

– Incluindo eu e o Reuben, éramos ao todo doze pessoas, dois casais, quatro homens solteiros e seis mulheres. A mais nova era a Megan, tinha só vinte e dois anos. O Reuben era o mais velho, e os outros eram quase todos mais novos do que eu, com trinta e poucos anos. Tínhamos uma escala para os vários trabalhos, desde lavar a roupa, a cozinhar e tratar da horta. De um modo geral funcionava muito bem, porque se alguém estava ocupado na oficina de artesanato, outro qualquer fazia a limpeza ou cozinhava as refeições. Podíamos optar por não fazer certas tarefas se fôssemos melhores a fazer outra coisa. A Megan, por exemplo, era uma artista brilhante, mas um desastre completo a cozinhar ou a tratar da limpeza, de modo que passava os dias todos a pintar. Um dos homens, o Justin, era muito melhor a consertar coisas, e era isso que fazia.

– E a Susan?

Ela fez uma careta.

– Bem, esse acabou por ser um dos meus problemas. Eu queria trabalhar no exterior, na horta, ou na oficina de artesanato, mas como era boa a cozinhar e a tomar conta da casa, todos queriam que o fizesse. Tornou-se muito aborrecido, o orçamento para a comida era apertado e não tínhamos muita variedade.

– E a sua relação com o Reuben? Amava-o?

Uma expressão de dor perpassou-lhe pelo rosto.

– Não tenho muito a certeza, ao princípio, penso que era mais gratidão por me ter atirado uma boia de salvação. Mas foi crescendo a partir daí, porque tudo era como ele tinha dito que seria. Eu era a mulher dele, sentia-me segura e feliz, e passávamos muito tempo juntos, sozinhos. Não conseguia esquecer a Annabel, claro, continuava a ser como uma dor surda dentro de mim.

– E os outros? Dava-se bem com os outros?

– Ao princípio, achei que eram todos pessoas fantásticas. – Sorriu. – Todos eles, incluindo a jovem Megan, pareciam saber muito mais do que eu a respeito de tudo. À noite, ficava sentada a ouvi-los falar dos lugares onde tinham estado, das coisas que tinham feito. Mas passado algum tempo tornou-se muito repetitivo, por vezes. Também senti que estavam a mentir, e que todos eles tinham muitos recalcamentos. A Shannon, uma das mulheres que era só um pouco mais nova do que eu, estava sempre a contar que o pai a violava quando era criança. Acabámos por descobrir que vivia num mundo de fantasia. Tinha sido criada pela avó e por uma tia. Nunca conhecera o pai.

– Um bando de chalados, então? – disse Steven, arqueando uma sobrancelha.

Susan esboçou um meio sorriso.

– Chalados, falhados, sonhadores. Dois dos homens tinham estado presos, o único verdadeiro denominador comum era termos sido todos recolhidos pelo Reuben, o nosso chamado curandeiro espiritual, quando estávamos num estado de necessidade.

– E quando foi que abriu os olhos para isso?

– Quando ele levou uma nova mulher para a casa – disse ela, tristemente. – Já me tinha dito que éramos ambos livres de ter relações sexuais com outras pessoas e que o mesquinho ciúme era o que provocava ruturas em «famílias» como a nossa. Mas nunca quis, e pensava que ele também não. Foi um choque terrível para mim.

– Não duvido. E os outros? Achavam que estava certo o que ele fez? Ou ficaram do seu lado?

– Achavam que tudo o que ele fazia estava certo – disse ela, com uma ponta de amargura. – Compreendo porquê, claro. Tinha aquela maneira de fazer com que as pessoas acreditassem totalmente nele. Era ele que trazia o dinheiro, tomava todas as decisões. Era um homem muito calmo, tinha aquela maneira de olhar para as pessoas quando protestavam por algum motivo, como se fossem crianças a precisar de ser amadas. Falava durante as refeições da noite, mantinha-nos como que fascinados, e todos nós queríamos agradar-lhe. Penso que se nos tivesse dito para bebermos veneno o teríamos feito. É que, bem vê, todos aceitávamos a ideia de que tudo o que ele fazia era porque nos amava. Éramos todos pessoas incapazes de juntar os cacos das nossas vidas, por uma razão ou por outra. Era ele que nos segurava.

– Sentiu-se então rejeitada quando ele levou a nova mulher para casa? – perguntou Steven. – Foi isso que a fez voltar-se contra ele?

– Não me voltei contra ele – disse ela firmemente. – Só me desencantei com tudo aquilo. Comecei a olhar para algumas das coisas que lá fazíamos e a calcular por quanto ele conseguia vendê-las. Não tardei a perceber que ganhava muito mais dinheiro do que o que entrava em casa. Não era o altruísta que eu tinha pensado.

– Disse-lhe alguma coisa, ou a algum dos outros?

– Não, não tinha provas. Não havia livros de contabilidade, ele vendia as coisas na carrinha, a dinheiro, sem impostos nem nada disso.

– Quando foi que veio definitivamente embora?

– No começo de abril de 1993. O Reuben estava fora, e eu aproveitei para sair, porque não queria fazer uma cena.

Steven sentiu uma enorme pena dela. Parecia ter passado toda a vida a tentar evitar uma cena, quando talvez tivesse sido muito mais benéfico gritar e bater o pé em vez de deixar as injustiças acumularem-se-lhe sobre a cabeça.

– Como conseguiu viver? Restava-lhe algum dinheiro?

Susan encolheu os ombros.

– Não, mas vendi os anéis da minha mãe. Não valiam muito, mas foi o suficiente para pagar o bilhete de comboio até Bristol e alugar o quarto em Belle Vue.

Steven pensou naquilo por um momento. Perguntava-se por que razão, se fora capaz de perceber o que Reuben era em Gales e sair de lá, se tinha deixado ir completamente abaixo quando voltara a Bristol.

– Posso perguntar-lhe quando começou a beber? – disse.

– Nunca fui uma alcoólica – respondeu ela, num tom indignado. – Gostava de uma bebida de vez em quando. Mais nada. Comecei a beber mais quando voltei a Bristol porque era uma maneira de me

alhear das coisas.

– Diria então que estava deprimida?

– Desesperada descreve melhor como me sentia. Não tinha nada nem ninguém. Nada que esperar no futuro, apenas dor no passado. Senti-me como alguém atirado para o ferro-velho. Telefonei ao meu irmão uma vez, de tão mal que me sentia. Foi uma estupidez, claro, devia ter sabido que ele ia aproveitar para me insultar. Fiquei a sentir-me ainda pior.

Steven sentiu uma pontada de fúria por não haver uma organização capaz de ajudar pessoas na situação de Susan. Tinham de cometer um crime para que alguém reparasse nelas.

– Como pagava a renda? – perguntou. – Não há registo de ter pedido qualquer subsídio.

– Limpava escritórios à noite.

Disse o nome de uma empresa de Bristol. Tinha uma chave e entrava e saía sozinha.

– Porque esperou dois anos para matar o Dr. Wetherall e a Pamela Parks, Susan?

Susan olhou para ele durante vários minutos com o olho bom, enquanto o outro se mantinha desconcertantemente fechado.

– O Reuben dizia que a maldade nunca fica sem castigo. Eles eram amantes, além de terem deixado a Annabel morrer por negligência. Por isso vigiei-os e esperei que lhes acontecesse qualquer coisa má. Como não aconteceu, decidi que tinha de ser eu mesma a castigá-los.

Steven sentiu-se repentinamente gelado por aquela explicação. Tudo o que ela tinha dito antes daquilo fora compreensível e razoável, mas a maneira fria e calma como decidira aplicar o seu próprio castigo tinha o toque da verdadeira loucura.

Sabia que devia mergulhar de cabeça e tentar conseguir alguns pormenores a respeito do alegado caso amoroso entre o médico e a rececionista, uma vez que seria valioso para desacreditar o par, mas, por qualquer razão, não se sentiu capaz de continuar a interrogá-la sobre aquele ponto. As paredes da pequena e abafada sala pareciam estar a fechar-se sobre ele, precisava de tempo para pensar no que acabava de ouvir, e queria consultar Beth.

– Acho que vamos ficar por aqui, hoje – disse, consultando o relógio. – Espero que o seu olho esteja melhor da próxima vez que vier.

1 Referência à canção «Sexual Healing», de Marvin Gaye. *(N. do E.)*

CAPÍTULO 10

Susan foi acordada pelo som dos seus próprios gritos. – Cala essa boca, sua cabra estúpida – rosnou a mulher do beliche de cima, trazendo-a de volta ao sítio onde realmente estava. A prisão.

Tinha medo de voltar a fechar os olhos, não queria tornar a cair no pesadelo. No seu sonho tentava correr, sobrecarregada pelo peso de Annabel, que levava ao colo. Mas as pernas dela pareciam não se mexer, e apesar de gritar a pedir que a ajudassem, as pessoas limitavam-se a olhar.

Não fora o que acontecera naquele dia de maio, quatro anos antes. Então, as suas pernas tinham-se movido mais depressa do que alguma vez julgara possível. Não gritara a ninguém. Mas o terror no sonho fora exatamente o que sentira naquele dia.

Conseguia ver com perfeita nitidez tudo o que tinha acontecido naquela manhã, quando a respiração rouca de Annabel a acordara.

No dia anterior, levara a criança ao médico e fora-lhe dito que a febre era apenas consequência de uma virose, mas ficara tão preocupada que nessa noite a levara para a sua cama, para poder vigiá-la mais de perto. Annabel acordara às primeiras horas da madrugada e ela dera-lhe mais *Calpol* e um copo de água.

Mas quando voltara a acordar, dessa vez ao som de uma respiração rouquejante, pousara instintivamente a mão na testa da filha e descobrira que estava a arder em febre. Horrorizada, saltara da cama, abrira os cortinados e examinara-a.

Soubera no mesmo instante que não era uma inofensiva virose e sim algo verdadeiramente grave. Os cabelos escuros de Annabel, encharcados em suor, colavam-se-lhe à cara e à cabeça, as bochechas estavam vermelhas de febre, os lábios secos. Levantara-lhe a camisinha de noite e descobrira que as manchas continuavam lá, ainda mais carregadas do que na noite anterior, de um vermelho-vivo contra a brancura da pele. Mas o mais assustador fora o facto de Annabel parecer não a reconhecer.

Ao correr escada abaixo para telefonar, descobrira que passava um pouco das oito, o que significava que a clínica já estava aberta. Quando conseguira a ligação, e para seu profundo desalento, a mesma rececionista de ar empertigado que a atendera no dia anterior dissera-lhe que não era necessária uma visita domiciliária, mas que podia levar Annabel à clínica e ela tentaria conseguir-lhe uma consulta.

Em retrospetiva, compreendia agora que, considerando o descaso com que o Dr. Wetherall a tratara no dia anterior, devia ter ignorado a oferta e telefonado imediatamente a pedir uma ambulância. Mas, frenética de preocupação e desesperada para que Annabel fosse vista por um médico, subira as escadas a correr e pegara nas primeiras roupas que encontrara à mão. Nem sequer perdera tempo a pentear-se ou a vestir Annabel. Embrulhara-a numa manta e correra para a clínica com a filha ao colo.

Não era muito longe, apenas descer a colina e seguir Hotwells Road até Dowry Square, uma caminhada de dez minutos em circunstâncias normais. Mas o peso da criança, e o medo que lhe causava ouvi-la respirar com tanta dificuldade, fizera com que parecesse muito mais. O tráfego da

hora de ponta que se dirigia para Bristol rugia à sua volta, e os fumos dos escapes pareciam encher-lhe os pulmões e dificultar ainda mais a respiração de Annabel.

– O médico já te põe boa, minha querida – sussurrara à filha, enquanto tentava encaixá-la mais confortavelmente na anca.

A desdenhosa rececionista loura não fora mais compreensiva ou simpática do que no dia anterior, nem mesmo quando a vira a cambalear sob o peso da criança de quatro anos que carregava, quase inconsciente, nos braços. Ordenara-lhe secamente que fosse para a sala de espera e aguardasse a sua vez.

– O doutor tem de vê-la já – suplicara Susan. – Acho que é meningite.

– As mães pensam sempre o pior – respondera a mulher, voltando-lhe costas como se os receios dela fossem ridículos.

Os minutos tinham parecido horas enquanto estivera ali sentada à espera, a embalar Annabel nos braços. Outros pacientes tinham tentado falar-lhe, e uma mulher dissera «A criança não parece muito bem», mas ela estava demasiado ansiosa, a apurar o ouvido à espera de ouvir chamar o seu nome, para responder.

Então, finalmente, o seu nome fora chamado e correra para o consultório do Dr. Wetherall. O médico estava sentado à secretária, a folhear uns papéis, e mal erguera os olhos quando ela entrara.

Apesar de, antes dos acontecimentos do dia anterior, ter tido poucos motivos para ver o Dr. Wetherall, sempre o considerara um bom médico, apenas porque era bem-humorado e paciente. Era um homem alto, com mais de um metro e oitenta, e um pouco para o corpulento, com uma espessa cabeleira grisalha e um bronzeado que mantinha ao longo de todo o ano. Dissera-lhe, certa vez, que o conseguia nos campos de golfe. Sabia que ele tinha quatro filhos, cujas fotografias decoravam a secretária, e uma vez, quando Annabel era bebé, mostrara-se cheio de compreensão por ela estar a criá-la sozinha.

Naquele dia, porém, não houvera sinais de bom humor, ou de paciência. Levantara com gestos bruscos a camisa de Annabel, auscultara-a rapidamente, enfiara-lhe um termómetro debaixo do braço e examinara-lhe os ouvidos. Fora ela que apontara as manchas. Explicara que não desapareciam quando apertava com um copo contra elas e falara do seu medo de que fosse meningite.

– Disparate – dissera o Dr. Wetherall, lançando-lhe um olhar fulminante. – Quem me dera ter uma libra por cada mãe histérica que faz esse diagnóstico! A criança tem apenas uma ponta de febre – continuara, consultando o termómetro. – Dê-lhe *Calpol* de quatro em quatro horas e muitos líquidos.

– Mas eu já lhe dei isso – argumentara Susan. – Olhe para ela, nem sequer sabe onde está! Por favor, deixe-a ir para o hospital!

– Ela não precisa de ir para o hospital – insistira ele, parecendo zangado por ela se ter atrevido sequer a sugeri-lo. – Pode ser um início de rubéola, ou até uma gripe. Em casa é onde tem de estar, metida na cama. Quer mais uma receita para *Calpol*?

Lívida de raiva e frustração, Susan saíra do consultório com Annabel ao colo e voltara ao balcão da receção.

– Importa-se de telefonar a chamar uma ambulância, por favor? – pedira à mulher loura. – A Annabel está muito doente, é preciso que alguém a ajude.

– O Dr. Wetherall disse que ela precisava de ir para o hospital? – perguntara a rececionista, a olhá-la de cima.

– Não, mas ele está enganado, isto não é uma coisa sem importância. Eu sei que é grave –

respondera ela, a voz a tornar-se aguda com a agitação.

– Nesse caso, não posso telefonar a chamar uma ambulância – dissera a mulher, secamente. – Leve-a para casa e meta-a na cama, que é onde deve estar.

Não pudera sequer pedir-lhe que chamasse um táxi, não tinha dinheiro consigo, e em casa também não tinha o suficiente. Tudo o que pudera fazer fora sair a correr, as lágrimas de raiva a correrem-lhe pela cara.

O medo dera-lhe forças e velocidade, pois subira a correr até Ambra Vale. Batera à porta de Mr. Potter, três casas mais abaixo da sua, porque, desde que se reformara, estava geralmente em casa, e gostava de Annabel.

Mr. Potter olhara longamente para ela e pegara nas chaves do carro.

– Devia ter vindo logo ter comigo – dissera, passando a mão pela escaldante testa da criança. – Eu tinha-a levado diretamente ao hospital.

No Children's Hospital, em St. Michael's Hill, levaram-na a sério. A irmã encarregada da triagem lançara um olhar a Annabel e levara-a imediatamente para um cubículo. Minutos depois, um médico examinara-a e dissera que tinha de ser internada de urgência.

Uma hora mais tarde, Susan soube que Annabel não ia sobreviver. Os médicos e enfermeiras afadigavam-se à volta dela, mas era óbvio, pelas suas expressões ansiosas, que não havia esperança. Ninguém dissera que devia ter sido levada mais cedo, ninguém comentara o facto de a clínica de Dowry Square ter recusado uma visita domiciliária e uma ambulância. Mas Susan sentira a fúria que uma tal negligência provocava neles.

Annabel morrera duas horas depois, sem ter chegado a recuperar a consciência. Susan só pudera esperar que a filha a tivesse sentido agarrar-lhe a mão, os beijos que depositara na sua carinha de querubim.

As enfermeiras tinham sido muito carinhosas e compreensivas: tinham-na abraçado e tentado confortá-la. Mas não havia conforto possível para ela, a única luz da sua vida fora abafada. A sua bebé, a sua única razão para viver, estava morta.

Lembrava-se de, enquanto estava ali sentada ao lado da cama, a olhar para Annabel, ter tentado convencer-se a si mesma de que aquilo não passava de um terrível pesadelo e que ia acordar em casa de um momento para o outro e descobrir a filha deitada na cama a seu lado, forte e saudável. Mas o peito dela não se mexia, nenhum sopro lhe saía da boca quando se inclinara para a beijar.

A vermelhidão desaparecera do rosto, as pestanas escuras repousavam nas faces como dois pequenos leques. Parecia estar a dormir tranquilamente. Mas aqueles dedinhos gordos nunca mais voltariam a enrolar-se à volta dos seus. Nunca mais voltaria a ouvi-la rir ou chamar-lhe mamã. Os olhos escuros tinham-se fechado para sempre.

Havia uma fotografia com alguns esquilos na parede da pequena enfermaria de isolamento. Annabel teria gritado de prazer se estivesse consciente quando a tinham levado para lá. Quase de certeza ter-lhes-ia dado nomes. Mas não dera por nada, e ela nunca mais voltaria a vê-la dar de comer aos seus preferidos, em Brandon Hill.

Tudo o que acontecera depois daquilo era agora uma mancha confusa. Supunha que alguém a tinha levado a casa, talvez até tivessem ficado com ela durante algum tempo, mas não se lembrava, nem dos dias que se tinham seguido. Pensava que talvez se tivesse enfiado na cama e ficado lá.

Só duas coisas se destacavam, nítidas e horríveis, na sua memória. A primeira era a última vez que vira o pequeno caixão com um ursinho feito de cravos cor-de-rosa em cima da tampa a desaparecer

no túnel do crematório municipal. Sabia que a maior parte dos moradores da rua tinha aparecido para o funeral. Ouvira as vozes exprimirem condolências, mas não recordava nenhuma das caras, por mais carinhosas que tivessem sido as palavras.

A segunda coisa que recordava nitidamente era a manhã depois do funeral, quando acordara sozinha em casa e compreendera que *era* tudo real e que Annabel desaparecera para sempre.

– Porque é que estás a lamuriar-te agora?

A voz de Frankie arrancou-a ao seu devaneio e Susan apercebeu-se de que estava de facto a chorar.

Tinha voltado ao tribunal, um par de dias antes. Era procedimento habitual da prisão as reclusas fazerem a mala com os seus pertences sempre que iam a tribunal, para o caso de lhes ser concedida fiança ou serem transferidas para outro estabelecimento prisional. Se continuavam em prisão preventiva, como fora o caso de Susan, eram com frequência colocadas numa cela diferente. Por isso ela estava agora com Frankie, a virago com noventa quilos de peso que era quem na prática mandava na ala. Parecia um homem, com os cabelos pretos curtos e espetados e as tatuagens de arame farpado a rodear-lhe os braços. Susan tinha muito medo dela.

– Desculpa – disse, a limpar os olhos com o lençol. – Estava a pensar na minha filha.

Não falara pessoalmente a Frankie de Annabel, mas sendo Julie, a sua antiga parceira de cela, tão coscuvilheira como todas as outras mulheres que ali estavam, sabia que tudo o que lhe contara passara a ser do conhecimento geral.

Houve um restolhar na escuridão da cela, seguido de um baque surdo quando Frankie saltou do beliche superior.

– Aqui não é bom pensar no passado – sussurrou, num tom inusitadamente gentil. Regra geral, batia em quem a incomodasse. Dizia-se que estava a aguardar julgamento por ter retalhado a cara de alguém com uma faca, e toda a gente se mantinha o mais longe possível dela. Mas naquele momento pousou a mão na cara de Susan e fez-lhe uma festa. – Sou a tua parceira, agora, e vou tomar conta de ti, querida.

Na segunda-feira seguinte, Beth foi visitar Susan. Esperava encontrá-la cabisbaixa, mas em vez disso Susan recebeu-a com um grande sorriso que recordava outros tempos.

– Estás com bom aspeto – disse, a admirar o fato às riscas azuis e brancas. – Mas a verdade é que sempre te vestiste bem.

– Achas? – disse Beth com alguma surpresa, enquanto se sentava. – Pensava que parecia um saco de trapos andante. Tudo o que tinha já vinha da Serena.

– Poucos nos vemos como realmente somos. – Susan encolheu os ombros. – É quase sempre preciso que alguém nos mostre.

Uma vez que Susan parecia tão animada, apesar de o olho negro manter ainda uma conspícua tonalidade violácea, Beth assumiu que devia ter encontrado uma nova amiga na prisão, alguém que estava a tratá-la com bondade.

– No teu caso, alguém te mostrou?

– Tu – disse Susan, corando. – Fizeste-me acreditar que não fazia mal ser tímida e meiga. O que parece uma parvoíce dito agora, quando estou presa por ter cometido um crime violento.

Beth esboçou um meio sorriso. Era na verdade inacreditável. Se alguém tivesse tido de adivinhar, aos catorze ou quinze anos, qual das duas acabaria por se meter em sarilhos, sabia que a teria

escolhido a ela, nunca Susan.

– Além de mim – insistiu. – Alguém que tenhas conhecido quando já eras adulta?

– Acho que não há muita diferença entre a pessoa que na verdade sou e a maneira como os outros me veem – respondeu Susan, com um pequeno sorriso. – Mas houve alguém que me mostrou um relance da mulher que sempre tinha querido ser.

Beth apoiou os braços na mesa. O aspeto geral de Susan estava a melhorar. Os cabelos tinham recuperado algum brilho e as cores fortes do rosto que tinha quando fora presa começavam a desvanecer-se. Para Beth, aquilo provava que a vermelhidão era causada pela exposição às intempéries e não pela bebida, como toda a gente supusera. Mas o horroroso fato de treino castanho que vestia não a beneficiava nada. Beth calculou que era apenas uma coisa que lhe tinham arranjado.

– Quem foi então o homem que te ofereceu um vislumbre do Paraíso? – perguntou, num tom ligeiro.

– Chamava-se Liam Johnstone e foi o pai da Annabel – disse Susan.

– Fala-me dele – pediu Beth. – Onde foi que o conheceste?

Susan explicou como Liam aparecera no jardim em Luddington, e como era de aspeto e de carácter. Enquanto falava de como se tinham tornado próximos, a sua voz encheu-se de ternura e afeto. E de gratidão, também, porque ele tinha claramente iluminado aquele período da sua vida.

– Acabou o trabalho em setembro, e tinha de seguir o seu caminho – disse. – Beijou-me no último dia, e estava tão triste como eu por termos de nos separar. Mas prometeu voltar para o fim do ano e disse que se nessa altura eu estivesse pronta para ir com ele me levaria.

– E tu tencionavas ir com ele? – perguntou Beth.

– Não pensava noutra coisa – respondeu Susan, num tom sonhador. – Mas não via como poderia ir-me embora e deixar a minha mãe. No fim, nunca cheguei a saber se era suficientemente corajosa para o fazer, porque a minha mãe morreu, e depois o meu pai, seis semanas mais tarde.

Beth pensou que fora uma feliz reviravolta da sorte, mas não podia dizê-lo. Limitou-se a fazer uma careta de compreensão e deixou Susan continuar.

– Portanto lá estava eu, sozinha em casa – disse Susan, num tom quase irreverente. – Era estranho, não ter nada que fazer nem ninguém de quem cuidar, mas não conseguia sentir-me verdadeiramente feliz por ser finalmente livre. Estava demasiado furiosa com o meu pai por não me ter deixado nada exceto a maldita arma.

– Espera um pouco – interrompeu-a Beth. – Tudo o que ele te deixou foi a arma?

– Sim, e duas mil libras – disse Susan. – Escassa compensação por ter desistido da minha vida por ele e pela minha mãe, não foi? Deixou tudo ao Martin, que nunca mexeu uma palha para nos ajudar.

– Mas a casa devia valer uma fortuna – exclamou Beth, a recordar a encantadora casa de tijolos vermelhos, o belo jardim com o rio a passar ao fundo.

– Eu nem sequer tinha pensado nisso, mas o Martin percebeu logo. Não se importou nada de me deixar sem teto. – Susan suspirou. – Disse-me que podia ficar até ele a vender, mas nesse Natal não me mandou sequer um postal. Sempre foi um filho da mãe egoísta e cruel. Penso que nunca gostou de ninguém exceto de si mesmo.

As palavras de Susan evocaram no espírito de Beth uma recordação muito nítida. Fora durante as segundas ou talvez as terceiras férias que tinham passado juntas, e estavam sentadas perto da comporta atrás da casa de Suzie, com os pés pendentes e a balouçar enquanto esperavam pela chegada dos barcos. Suzie mencionara quase de passagem que o irmão mais velho tinha chegado a casa na noite anterior, e parecia ter um pouco de medo dele.

Beth sabia que Martin era da mesma idade que Serena, e por isso sempre assumira que tratava a irmã como Serena a tratava a ela: pequenas prendas de vez em quando, carinhos, perguntas a respeito da escola.

– O que é que se passa? – perguntara. Suzie mordia o lábio e parecia um pouco pálida.

– Detesto quando ele vem a casa – dissera num fio de voz, e voltara a cabeça como que para se certificar de que o irmão não estava no jardim a vigiá-la. – É mau para mim. Diz coisas cruéis.

– Como, por exemplo?

Beth, que recebia de Robert e de Serena o amor e o afeto que os pais lhe negavam, tinha dificuldade em imaginar que um irmão ou uma irmã pudessem ser maus.

– Que eu sou gorda e estúpida – dissera Suzie, e uma lágrima deslizara-lhe pela face rechonchuda.

– Não és gorda nem estúpida – declarara Beth, perentória. – És amorosa e bonita. Ele é que é estúpido se não percebe isso.

Não se lembrava de mais nada, talvez um barco tivesse entrado na comporta e as tivesse distraído. Não lhe parecia que Susan tivesse alguma vez voltado a dizer o que quer que fosse a respeito do irmão. Mas era óbvio que Martin sempre fora má peça. Mais uma coisa que deixara escapar a respeito da amiga.

– Porque não contestaste o testamento? – perguntou, a sentir a indignação subir-lhe no peito. – Os tribunais são muito compreensivos quando alguém passa uma vida inteira a tomar conta dos outros e no fim fica sem o suficiente para se sustentar.

Susan sorriu placidamente.

– Talvez o tivesse feito, se o Liam não tivesse voltado – disse. – Estava cheia de raiva, mas então, surpresa das surpresas, no início de dezembro o Liam bateu-me à porta, tal como prometera. Por essa altura, eu já começava a duvidar também dele, de modo que de certeza imaginas como fiquei emocionada. De repente, não queria saber da casa nem do Martin para nada.

Beth notou que a voz de Susan adquiria uma tonalidade rouca, sensual, quando falava de Liam. Aquela era a mulher adulta que não conhecia, tão diferente da sua amiga de infância.

Ocorreu-lhe então que estava ali em desvantagem. O carácter de Susan tinha mudado, fora remodelado pelas circunstâncias, pelos acontecimentos e pelas influências de terceiros, e a imagem que ela tinha na mente estava inapelavelmente ultrapassada.

Parecia-lhe incongruente que uma mulher da classe média, tímida e até um pouco antiquada se apaixonasse por um homem que parecia um cigano e vivia como um cigano. Nunca lhe passara pela cabeça que a sua antiga amiga tivesse um filho sem ser casada, ou que se envolvesse com o líder de uma comunidade religiosa. Quanto a matar alguém…

Steven estava igualmente intrigado, mas o seu julgamento não era obnubilado pelas mesmas coisas que confundiam Beth. A sua primeira opinião era que Susan fora uma vítima voluntária dos pais, do irmão e de Reuben. Mas se isto era verdade, como fora que saltara desta docilidade para se tornar na vingadora da morte da filha?

A resposta para isto tinha de ser qualquer coisa que ainda não tinham conseguido descobrir. Beth pensava que ela e Steven iam ter de continuar a cavar até a desenterrarem.

– O Liam deve ter ficado muito chocado quando soube que os teus pais tinham morrido – disse Beth, a querer ser convencida de que aquele homem não fora mais um caçador de fortunas como Reuben.

– Ficou espantado – concordou Susan, e sorriu, como se a recordação ainda a divertisse. – Oh, Beth, ele foi tão amoroso, nunca ninguém se tinha preocupado comigo. Lamentou que eu tivesse tido de tratar de dois funerais sem ajuda, ficou furioso por o Martin ser tão mau. Mas o que verdadeiramente me fez sentir que já nada disso importava foi a simples presença dele. Compreendia como eu me sentia, queria tornar as coisas melhores para mim.

Beth queria acreditar naquilo. Mas sabia que Susan tinha acabado em Bristol sem ele. Era um pouco como começar por ler a última página de um romance.

– Já não havia então nada que te impedisse de ter um caso amoroso? – disse, arqueando uma sobrancelha.

Susan riu.

– Não, nada nem ninguém – respondeu. – Fui muito má. Abri uma garrafa do melhor vinho do meu pai e nessa noite dormimos os dois na cama do meu pai e da minha mãe. Foi delicioso.

– Merecias que te acontecesse alguma coisa boa depois de tudo aquilo por que tinhas passado. – Beth imaginou Susan de camisa de noite de flanela debaixo do edredão de cetim cor-de-rosa dos pais. Liam, o cigano, não encaixava nada bem naquela imagem. – Foi o teu primeiro amante?

– Sim. – Susan sorriu, um pouco envergonhada. – Nunca conhecia ninguém, sempre fechada em casa. Já tinha perdido a esperança de alguma vez chegar a conhecer. Por isso tinha de agarrar a oportunidade, não tinha? Ao diabo com as consequências.

– Pensaste sequer em usar um contracetivo?

Ao dizer aquilo, lembrou-se de como ela e Suzie tinham discutido o que fariam se engravidassem. Tinham catorze anos, na altura, e nenhuma das duas beijara sequer um rapaz, de modo que a questão era puramente hipotética. Suzie afirmara que se mataria!

– Não me lembro. – Susan voltou a rir. – Mas mesmo que tivesse, não saberia o que dizer ao Liam. Além disso, com a minha idade já pouco importava, de todos os modos.

Teria importado, e muito, para Beth. Mas a verdade era que ela tinha todas as razões para desconfiar dos homens.

– Portanto, atiraste-te de cabeça?

– Sim. Sem pensar duas vezes. É engraçado como conseguimos lembrar-nos de todos os pormenores de algumas coisas, e nada de outras – disse Susan, pensativa. – Estava lua cheia, naquela noite, e geada. Eu estava a fechar as cortinas da janela do quarto, o Liam aproximou-se por trás de mim e ficámos os dois a olhar para o jardim. A lua brilhava no rio, era como se houvesse uma ponte de prata a atravessá-lo, e a geada que cobria a relva cintilava.

– Parece muito romântico – disse Beth, pouco à vontade.

Susan mal ouviu o que ela disse. Estava a escutar, estava a recordar. Liam passara os braços à volta dela e beijara-lhe a nuca.

– Esta noite há magia no ar – sussurrara. – Está tudo perfeito para nós, por isso não tenhas medo.

Enfiara as mãos por baixo da camisola dela e desapertara-lhe o *soutien*. Quando aquelas mãos lhe acariciaram os seios, arquejara de prazer. Naquela noite, entrara num mundo completamente novo, um mundo que nunca imaginara nem nos seus sonhos mais loucos. A excitação do peito nu de Liam contra o dela, a macieza húmida da boca de Liam, a dureza do corpo de Liam a fazer pressão contra a carne dela. E então, na macia cama dos pais, a mesma onde ela própria fora concebida trinta e quatro anos antes, descobrira o que êxtase queria verdadeiramente dizer. Todas as inibições tinham desaparecido enquanto ele a explorava com os dedos e com os lábios, ouvira-se a si mesma a pedir

mais, e não quisera saber se estava a comportar-se como uma devassa.

– Uma virgem com trinta e quatro anos – disse Susan, com um risinho. – Julgava que era demasiado velha para me apaixonar. Mas foi como voltar a ser uma rapariga nova, Beth. Nunca julgara que fosse assim. Pensava que ia ter medo, que ia ser uma coisa suja e que ia sentir-me mal. Mas não, foi maravilhoso, a melhor coisa que alguma vez me aconteceu.

– E depois dessa noite? – Beth estava a ficar enervada pelo brilho de êxtase no rosto de Susan.

– Ficou comigo a partir daquela noite, durante o Natal e até meados de janeiro, e parecia que nunca dormíamos.

– Quais eram os teus planos? – perguntou Beth. Compreendia agora por que razão Susan não se sentira capaz de contar tudo aquilo a Steven. – O teu irmão sabia que tinhas um homem em casa?

– Não sabia nem queria saber do que o Martin sabia. – Susan riu, mostrando os dentes pequenos e muito iguais que Beth tanto lhe invejara quando eram crianças. Surpreendentemente, continuavam tão brancos como naquela altura. – Sentia-me tão forte, tão feliz, que nem sequer pensava nele. Vivia no presente, o passado e o futuro tinham deixado de ser importantes.

– Mas disseste que o Liam só ficou até meados de janeiro. Como te governaste quando ele se foi embora?

– Foi duro voltar a estar sozinha, mas ele tinha de trabalhar – disse Susan cuidadosamente, como se aquilo fosse uma coisa que já tivesse dito cem vezes a si mesma. – Sabes, ele tratava de jardins por todo o lado, há já alguns anos. Não podia abandonar os clientes por causa de mim. Chegava a estar fora quatro semanas seguidas, mas quase sempre era só uma ou duas. Eu tentava com muita força não deixar que isso me perturbasse.

– Quanto tempo durou essa situação? – perguntou Beth. Se Annabel nascera em abril de 1986, tinha sido concebida em julho do ano anterior, cerca de oito meses depois de os pais de Susan terem morrido.

– Até que o Martin vendeu finalmente a casa, em agosto – respondeu Susan. – O que nós nos divertimos naquele verão! Íamos tomar banho nus no rio, à noite, embebedávamo-nos e dançávamos no relvado, e muitas vezes fazíamos amor no jardim. Nunca me tinha divertido tanto. Ele fazia-me sentir *sexy* e perversa. Era isso que queria dizer quando falei do vislumbre da mulher que sempre quisera ser.

Beth começou a sentir-se irracionalmente irritada. Não queria ouvir falar de amor na relva orvalhada, nem de mergulhos no rio. Queria saber se Liam fora um aldrabão, como acabara Susan por ir viver para Bristol, sozinha, e todos os pormenores relevantes.

– Oh, vá lá, Susan – disse, impaciente. – Em agosto já devias estar na primeira fase da gravidez. Nenhum dos dois era criança, pelo amor de Deus, conta-me o que aconteceu ao Liam.

Uma nuvem passou pelo rosto de Susan.

– O Martin apareceu um dia lá em casa, inesperadamente. O Liam não estava, na altura, mas o Martin tinha descoberto o que se passava e estava furioso comigo. Disse que era eu uma pega meio atrasada mental e como me atrevia a ter um cigano a viver na casa dele. Disse que eu tinha de sair.

– Estás a dizer que o Liam se pôs a andar antes de tu saíres de casa?

– Não, não se pôs a andar. – Susan levantou a voz, zangada. – Estávamos apaixonados, era tudo maravilhoso entre nós. O Liam tinha ido trabalhar durante alguns dias. Quando voltou, contei-lhe o que o Martin tinha dito e falámos a respeito do que devíamos fazer. Ele queria que eu arranjasse um

sítio em Stratford, mas eu sabia que era difícil encontrar apartamentos ou casas para arrendar. Também pensei que seria mais feliz começando de novo noutro sítio qualquer, onde ninguém me conhecesse. Não queria que as pessoas coscuvilhassem a meu respeito.

Beth assentiu.

– Mas porquê Bristol?

– Costumávamos vir cá às vezes, quando eu era pequena – explicou Susan. – Ficávamos em casa de um familiar da minha mãe, em Clifton. Sempre me pareceu um lugar maravilhoso, excitante, com o jardim zoológico no Downs, os parques, as grandes lojas e as docas. Não era demasiado longe para o Liam continuar a visitar os seus clientes, e pensámos que também poderia encontrar cá novos clientes.

– Então o Liam veio contigo?

– Bem, não. – Susan hesitou por um instante. – Sabes, eu ainda não tinha percebido que estava grávida, e ele tinha um trabalho importante que precisava de acabar, de modo que eu resolvi vir à frente procurar um sítio para nós.

Beth perguntou-se como poderia uma mulher que praticamente nunca saíra da sua aldeia natal ir sozinha para uma grande cidade. E se Liam era assim tão carinhoso com ela, porque a teria deixado ir?

– Muito bem, vieste para Bristol e encontraste a casa em Ambra Vale. E o Liam? – perguntou, sem rodeios.

– Nunca conseguia contactar com ele quando estava a trabalhar, era sempre ele que me telefonava. Encontrei a casa, voltei a Luddington para juntar as minhas coisas, mas ele não telefonava. Nessa altura comecei a entrar em pânico, mas pensei que se as coisas chegassem ao pior e ele ainda não tivesse telefonado quando chegasse a altura de eu deixar a casa, podia deixar a morada de Bristol com os vizinhos, e eles dar-lha-iam. Mas nunca mais voltei a vê-lo.

– Portanto, o último contacto que tiveste com ele foi antes de vires para Bristol? – disse Beth, sentindo que tinha de deixar aquele ponto bem claro.

Susan assentiu sombriamente.

– Devia ter deixado a morada com mais pessoas, devia ter-lhe deixado uma carta no The Bell, em Shottery, onde ele costumava ir beber. Calculo que o Martin tenha dito aos vizinhos para não lhe dizerem onde eu estava.

Dado o que Susan já lhe contara a respeito de Martin, Beth pensou que não era impossível ele ter metido a colherada, mas o facto de Liam ter desistido tão facilmente não dizia grande coisa a respeito do seu amor por Susan. Pensou que a explicação mais provável era ele já ter começado a sentir-se encurralado antes de a casa de Luddington ser vendida. Talvez até a tivesse encorajado a ir para Bristol para não correr o risco de voltar a encontrá-la por acaso.

Mas não ia expressar esta opinião. Era mais caridoso deixar Susan continuar a pensar que ele não conseguira encontrá-la.

– Deve ter sido horrível para ti – disse. – Sobretudo quando descobriste que estavas grávida.

– Curiosamente, descobrir que estava grávida ajudou-me a esquecê-lo – respondeu Susan, pensativa. – Sabia que ele me amava de verdade, mas era um espírito livre, tinha vivido como um cigano a maior parte da sua vida. Mesmo que conseguisse encontrar-me, não acredito que tivesse sido capaz de habituar-se a uma vida normal.

– Fico contente por conseguires ser tão generosa com ele – disse Beth, com uma ponta de

sarcasmo. – Julgo que eu não conseguiria, se tivesse de criar uma filha sozinha.

– Se ele não tivesse aparecido quando apareceu, eu nunca teria conhecido o amor – disse Susan, num tom quase de censura. – Deves saber do que estou a falar, Beth. Apaixonarmo-nos, fazer amor, é o que faz de nós verdadeiras mulheres, não é?

Beth sentia-se inexplicavelmente zangada enquanto conduzia de regresso ao escritório. Não conseguia compreender por que razão Susan aceitava tão bem a deserção de Liam. Toda aquela treta a respeito de apaixonar-se ter feito dela uma verdadeira mulher não passava de conversa. Era patética! Deixara o irmão ficar com aquela casa tão bonita sem sequer protestar. Devia ter tomado medidas legais contra o Dr. Wetherall quando Annabel morrera, mas em vez disso ficara quieta à espera que um guru *hippie* qualquer a depenasse!

E então, quando já não lhe restava absolutamente nada, decidira finalmente fazer qualquer coisa e matara duas pessoas!

Tinha de ser louca!

E, ao longo da tarde, o facto de aparecer uma série de clientes que ou estavam a mentir descaradamente ou falavam com um tão arrogante descaso sobre o que tinham feito que só lhe apetecia bater-lhes, em nada contribuiu para lhe melhorar o humor. Quando deixou o escritório, às cinco, estava tensa de fúria e frustração.

E quando chegou a casa, abriu a porta e encontrou cinco centímetros de água no vestíbulo, foi a última gota.

A máquina de lavar que deixara a funcionar nessa manhã era obviamente a culpada. A água correra para o vestíbulo, e agora começava a empapar também a alcatifa da sala. Soltou um grito de pura raiva, bateu com o punho cerrado na parede e começou a chorar histericamente.

– Beth! – Voltou-se ao ouvir alguém chamá-la e viu Steven subir as escadas a correr. – Que diabo aconteceu?

– Olha! – rosnou ela, apontando um dedo trémulo para o chão do vestíbulo. – A maldita máquina de lavar!

Steven galgou os últimos degraus, espreitou para o vestíbulo e pousou a mão no braço dela.

– Calma. Provavelmente não é tão mau como parece.

– Calma! – gritou ela. – Isto é o remate perfeito para o dia que tive. Não tarda nada tenho os vizinhos de baixo a queixarem-se de que o teto deles está a cair.

– Não, não tens, o chão deve ser de cimento – disse ele tranquilamente e, sem hesitar, descalçou os sapatos e as meias e entrou a chapinhar no apartamento.

Beth deixou-se cair contra a parede, ainda a soluçar. Steven reapareceu uns minutos mais tarde com um balde, um pano e algumas toalhas. Estendeu as toalhas junto à porta da sala de estar para impedir que mais água lá entrasse e começou a limpar.

– Não é assim tão mau – disse, da sua posição agachada. – A água correu quase toda para aqui, o chão da cozinha tem uma ligeira inclinação. Felizmente é de azulejos. A alcatifa não demorará muito a secar, e, como é água limpa, não vai deixar marca.

Este otimismo não bastou para a acalmar. Beth sabia que estava a dar espetáculo, mas não conseguia parar de chorar, ou sequer ajudar. Ficou ali parada, impotente, com as lágrimas a caírem-lhe pela cara abaixo enquanto ele apanhava a água, torcia o pano para dentro do balde e voltava a apanhar água.

– Certo. Já podes entrar – disse Steven, quando finalmente se levantou. Estendeu-lhe a mão. – Vai-te sentar. Deixa-me acabar a cozinha e já te faço uma chávena de chá.

*

Minutos depois, Beth tinha uma caneca de chá nas mãos e os seus soluços tinham-se reduzido a uma ou outra fungadela.

– Lamento muito que me tenhas visto assim – disse, a sentir-se muito embaraçada. – Não sei o que foi que me deu.

Nunca imaginara que Steven fosse tão prático. Sempre o julgara um desses homens incapazes de mudar a roda de um carro ou sequer de substituir uma lâmpada. Supunha que era apenas por ele parecer sempre tão mal-arranjado. Mas naquele caso fora rápido e eficiente, e nos seus olhos azuis não havia o mais pequeno vestígio de troça.

– Todos temos dias assim, de vez em quando – disse ele num tom de simpatia, empoleirado na beira do sofá enquanto beberricava o chá. – Apetece-te falar?

Beth olhou para ele e sentiu-se envergonhada. Continuava descalço, com as pernas das calças enroladas a mostrar os tornozelos muito brancos e ossudos. Despira o casaco, e a camisa que vestia não fora engomada nas mangas nem nas costas. Precisava de cortar o cabelo. Se havia ali alguém que parecesse necessitado de cuidados, era ele.

Tinha uma cara tão simpática, pensou Beth, uns olhos bondosos, lábios cheios que sugeriam uma natureza generosa. Não conseguia verdadeiramente compreender porque o tratara tão mal no passado.

– Não há qualquer explicação lógica – admitiu. – A Susan irritou-me, esta manhã, e à tarde fui ficando cada vez mais enervada. Quando abri a porta e vi a água, saltou-me a tampa. Mas o que foi que te trouxe até cá, de todos os modos?

– Tentei apanhar-te antes de saíres do escritório, só para te perguntar como tinham corrido as coisas com a Susan, mas tu parecias que levavas fogo no rabo. – Sorriu. – O meu carro estava no parque aqui perto, e como deixaste a porta da rua aberta, entrei por impulso. Ouvi-te gritar e pensei que tinhas sido assaltada, ou coisa assim.

– Sinto-me estúpida – disse ela envergonhada, enquanto limpava os olhos com um lenço de papel e descobria, horrorizada, que tinha a maquilhagem toda esborratada. – Mas obrigada pela ajuda.

– Não foi nada. Daqui a pouco já tiro a máquina do sítio para ver se consigo descobrir o que aconteceu. É melhor ir tratar disso e deixar-te descansar.

– Não, não vás ainda – disse ela, consciente de que lhe devia ao menos notícias de Susan em troca do que tinha feito. – Deixa-me só ir lavar a cara. Devo estar horrível.

Na casa de banho, Beth contemplou a sua imagem no espelho. Não era só a cara muito branca riscada de preto, mas também a compreensão de que tinha perdido completamente o controlo de si mesma. E logo na frente de Steven!

Ouvia-o a arrastar a máquina de lavar, na cozinha, e recordou quantas vezes fora dura com ele no passado. A verdade era que não merecia toda aquela gentileza. Esperava fervorosamente que ele guardasse silêncio sobre o incidente. Imaginava com que prazer alguns dos outros colegas ficariam a saber que ela era capaz de ataques de histerismo.

Quando entrou na cozinha, Steven tinha voltado a enfiar a máquina debaixo da bancada. Tinha um tubo na mão.

– Rasgou-se – explicou, mostrando-lhe o pequeno buraco. – Vou levá-lo comigo e compro-te outro.

É um problema fácil de resolver.

– Foste muito gentil – disse ela. – Estou-te muito agradecida.

– Donzelas em dificuldades sempre foram a minha especialidade – respondeu Steven, com um sorriso. – Sentes-te com coragem para me contar a respeito da Susan, ou vai ter de esperar?

– O Liam, o pai da Annabel, abandonou-a – disse Beth, num tom duro. – E ela é tão patética que acha que ele lhe fez um favor ao engravidá-la.

– Não diria que é patética – protestou ele, indignado. – A maior parte das mulheres quer ter filhos. Talvez ela quisesse um mais do que queria uma relação permanente.

– Foi irresponsável – retorquiu ela.

Steven sorriu.

– Todos somos culpados disso, às vezes. Estás então a dizer que ela não ficou zangada por ele ter desaparecido?

– Pelo menos não pareceu. Toda ela foi pequenas homilias no género: «O amor transforma-nos em verdadeiras mulheres.» Achei tudo aquilo extremamente irritante.

– Ah, foi isso que acendeu o rastilho. – Steven riu. – Queres que faça mais chá? Acho que o melhor é despejares tudo cá para fora de uma vez.

Enquanto bebia a segunda caneca de chá, Beth contou-lhe tudo o que Susan lhe tinha dito, incluindo a descrição de Liam, e como Martin herdara a casa e correra com ela.

– Devia ter-se imposto – disse, zangada. – Porque será que as pessoas deixam os outros espezinhá-las?

– Alguns de nós não somos suficientemente duros para ripostar – disse ele.

Beth notou-lhe a nota de tristeza na voz e olhou-o fixamente.

– Porquê? Quem é que anda a espezinhar-te? – perguntou.

Ele abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas voltou a fechá-la. E ela soube que tinha tocado num nervo.

– Vá lá, diz-me – insistiu, gentilmente. – Como disseste, o melhor é despejar tudo cá para fora.

Ele coçou a cabeça e desviou o olhar.

– Não posso – disse, finalmente.

– Porquê? Tens medo que eu conte a alguém? Tenho cara de coscuvilheira?

– Não, claro que não – apressou-se ele a dizer. Estava a corar, parecia um rapazinho apanhado em falta.

– Eu também não acredito que fales a alguém no escritório a respeito deste incidente – disse ela. – Por favor, confia em mim.

Steven suspirou.

– Está bem. É a Anna – disse de um jorro. – Eu sei que devia impor-me, mas não consigo. É que ela tem um problema com a bebida, compreendes?

Beth ficou espantada. Não conhecia Anna, mas tinha visto uma fotografia dela no gabinete de Steven, uma mulher bonita de cabelos escuros e um sorriso rasgado e vivo. Desde o início, sempre pensara que Steven tinha uma vida «ideal».

Sabia vagamente onde ele vivia, uma área de vivendas geminadas com bonitos jardins. Desde que conhecera Sophie e Polly e vira como eram bem-educadas, imaginara Anna como o motor da Associação de Pais e Professores, uma mulher capaz de fazer um bolo merecedor de um prémio ao mesmo tempo que confecionava uma máscara de Carnaval.

Subitamente, porém, recordou o comentário de Sophie a respeito de a mãe gostar demasiado de vinho, e a reação de Steven.

– Procuraste algum género de ajuda? Como é que isso está a afetar as meninas? – perguntou.

– Está a deixá-las muito ansiosas. – A voz de Steven tremeu e os olhos dele velaram-se. – Nunca sabem o que esperar quando voltam da escola. Não podem contar com a mãe para nada. Sou eu que faço tudo, ou tento fazer. Quanto a procurar ajuda, a Anna não admite que tem um problema.

– Lamento muito, Steven. Nunca desconfiei de nada, tinhas sempre um ar tão alegre.

Steven encolheu os ombros.

– Essa é uma das muitas razões de queixa que a Anna tem contra mim: sou demasiado alegre, demasiado aborrecido, demasiado tudo para ela.

– Onde estão as miúdas neste momento?

– Em casa de uma amiga, passam lá a noite. Caso contrário, a esta hora estava a correr para casa para lhes fazer o lanche. Mas não tencionava contar nada disto. É melhor ir andando, já tiveste drama suficiente para um dia.

– Não, fica e janta comigo – disse Beth, impulsivamente. Ele ajudara-a, e ela ia ajudá-lo.

– Gostava muito – disse ele, com um meio sorriso. – Mas não quero falar mais do meu problema com a Anna. Admitir que ele existe é o bastante para um dia.

Enquanto Beth cozia massa e preparava um molho à bolonhesa, Steven sentou-se numa das cadeiras da cozinha e ouviu-a contar-lhe mais coisas a respeito da visita a Susan.

Falaram de um modo geral a respeito de Susan enquanto comiam. Da vida dela a tomar conta da mãe, e de como fora injusto o pai deixar tudo ao irmão.

– Devia falar com ele – disse Steven. – Quero dizer, precisamos de confirmar que tudo isto é verdade.

– Duvidas dela?

– Não, não duvido. Parece-me o género de pessoa que nasce para perder. Demasiado submissa, demasiado ansiosa por agradar. Suponho que foi por isso que mergulhou de cabeça num caso amoroso com o primeiro homem que lhe apareceu. Devia sentir-se tão só – acrescentou, num tom cheio de compreensão. – E calculo que com o Reuben tenha acontecido mais ou menos o mesmo. Não admira que tenha descarrilado quando o segundo romance falhou.

Beth pôs os pratos sujos na máquina de lavar louça, fez café e sugeriu que fossem para a sala de estar.

– Intriga-me, em todo o caso, que ela se tenha apaixonado por dois homens tão parecidos – disse Beth pensativamente, enquanto se sentava em frente de Steven. – Se ficou escaldada com o Liam e o seu ideal de espírito livre, não devia ter soado um alarme na sua cabeça quando o Reuben apareceu em cena?

– Penso que a maior parte de nós se apaixona sempre pelo mesmo género de pessoa – respondeu Steven. – Mesmo sabendo qual vai ser o resultado.

– Isso é experiência pessoal, ou simples observação? – perguntou Beth, sorrindo maliciosamente.

– Ambas. Sempre fui atraído por mulheres complicadas, invariavelmente com resultados desastrosos. A Anna disse uma vez que é por eu ser tão aborrecido que preciso de apimentar a minha vida – disse ele, com uma gargalhada desprovida de humor.

Por qualquer razão, aquilo instigou Beth a defendê-lo. Talvez ela tivesse demorado um ano a perceber que Steven era algo mais do que um escoteiro crescido, mas fora Anna que casara com ele e

tivera os seus filhos. Não era justo ridicularizá-lo agora e destruir-lhe a autoestima.

– Penso muitas vezes que as pessoas que rotulam os outros como aborrecidos são os verdadeiros chatos – disse, num tom irritado. – Estão de tal maneira absortas em si mesmas que não conseguem ver nem ouvir mais nada.

– Talvez tenhas razão, mas suponho que sou mesmo uma companhia aborrecida em comparação com os homens que são mulherengos ou bebem e jogam. Sempre joguei pelo seguro, sempre tentei manter os padrões em que fui educado. Pareço ser um alvo para as mulheres que começam por gostar disso em mim, mas quando me apanham, passam a achar que é motivo de troça.

Beth sentiu a dor dele e o seu coração encheu-se de pena, pois recordava-lhe a maneira como o pai tratara a mãe.

– A Anna já tinha problemas com a bebida quando a conheceste? – perguntou.

– Não exatamente um problema. Gostava de festas, era muito viva, divertida. O gosto pela bebida anda normalmente a par com isto, claro. Todos os seus anteriores namorados tinham sido muito possessivos, dizia que não a deixavam brilhar, que queriam mantê-la fechada a sete chaves. Deixou muito claro desde o início que se eu me tornasse assim me largava. Nunca fui do género ciumento, gostava de vê-la ser a alma da festa. Era bonita, espirituosa, e eu gostava da faceta um pouco louca que havia nela.

– Desconfio que, secretamente, ela queria que tu também fosses possessivo – disse Beth. – Talvez sem isso não se sentisse apreciada.

– Nesse caso, para quê dizer que detestava isso? – perguntou ele, com uma ruga de confusão na testa.

Beth sorriu.

– As mulheres conseguem ser muito contraditórias. Seja como for, quando foi que o problema começou?

– Depois do nascimento da Sophie. Ficou bem depois da Polly, continuava a sair muito, convidava os amigos lá para casa. Mas quando a Sophie nasceu, dois anos mais tarde, sofreu de depressão pós-parto durante algum tempo. Quando recuperou, pareceu ressentir-se de estar presa pela maternidade. Estava sempre a falar de voltar a trabalhar… tinha sido artista gráfica antes de ter as filhas… mas nunca fazia um verdadeiro esforço para arranjar emprego.

Beth assentiu com a cabeça.

– Como foi que começou a beber?

– Ao princípio, quando as miúdas eram pequenas, era uma coisa estritamente social. Tentei facilitar-lhe a vida ficando com as crianças para ela poder sair com os amigos. Chegava muitas vezes a casa embriagada. Então começou a convidar amigas durante o dia, o que geralmente envolvia uma ou duas garrafas de vinho. Não tardou muito que eu começasse a chegar a casa e encontrasse tudo desarrumado, e a Anna meio bêbeda. A partir daí, foi sempre a piorar. Agora, raramente está sóbria.

– Pobre de ti – disse Beth, a recordar como as filhas dele eram encantadoras e compreendendo porque não quisera Steven que ela o acompanhasse a casa naquela noite. – Alguma vez tomaste uma atitude mais dura em relação a ela?

– Tentei – disse ele, a voz a tremer. – Mas sei que se a pressionar demasiado ela usará isso como desculpa para me deixar.

– E isso seria assim tão mau?– perguntou ela gentilmente, a sentir uma enorme pena dele.

– Não suportaria que as pequenas perdessem a mãe. Pode não ser grande coisa, mas é a única que

têm.

– Penso que seriam mais felizes sem ela. Sei do que falo, porque foi assim com o meu pai.

Beth nunca falava da sua infância, e a única razão por que se sentia naquele momento compelida a falar do assunto era o facto de achar que seria relevante para Polly e Sophie. Explicou como se sentia sozinha e triste quando era criança por causa do comportamento irracional do pai, e de como a mãe continuara com ele exatamente pelas mesmas razões que Steven alegara em relação a Anna.

– Não era um alcoólico – disse –, mas era um inútil e um homem mau e mesquinho. Suponho que o problema dele era sentir-se incapaz, porque o pai, o avô e o bisavô tinham sido verdadeiros empreendedores. Além disso, foi de certeza uma criança estragada com mimos.

«A Anna tem todo o direito de matar-se a beber se acha que isso é divertido e que as pessoas que não bebem são aborrecidas – continuou, veemente. – Mas não tem o direito de te arrastar a ti e às crianças com ela. O pior das pessoas como a Anna, e o meu pai, é terem egos desmedidos. Quando lhes cedemos, quando as deixamos fazer o que querem, estamos a exacerbar esse ego e a fazê-las sentirem-se ainda mais poderosas.»

– Ela não é egocêntrica – insistiu Steven. – É mais forte do que ela.

– Tretas! – replicou Beth acaloradamente. – É mas é uma maneira de fugir a fazer a sua parte. «Coitadinha de mim, não consigo impedir-me de esvaziar uma garrafa e depois perder a consciência e esquecer-me de alimentar as minhas filhas!» Se começas a acreditar nisso, Steven, ela nunca mais se emenda! Se a minha mãe tivesse saído de casa connosco quando éramos pequenos, não teríamos ficado financeiramente pior do que estávamos. E não teríamos tido de assistir àquele triste espetáculo. Poderíamos ter tido um lar onde houvesse paz e alegria.

Fez uma pausa, sem ter a certeza se seria sensato continuar. Mas decidiu fazê-lo de todos os modos.

– Acabei por odiar o meu pai, Steven. Odiá-lo tanto que o teria matado alegremente se me tivesse surgido a oportunidade certa. A Polly e a Sophie acabarão por odiar a mãe se permitires que isso continue. Pior ainda, podem tornar-se elas próprias alcoólicas, ou casar ou viver com um alcoólico. É o que os filhos dos alcoólicos fazem.

Repentinamente, Steven começou a chorar. Beth olhou para ele horrorizada, do outro lado da mesa de café. O rosto dele contraía-se enquanto as lágrimas lhe corriam pelas faces. Era uma visão confrangedora. Beth tinha consciência de que fora dura, mas não lhe ocorrera nem por um instante que pudesse estar a dizer qualquer coisa suficientemente horrível para o fazer ir-se abaixo.

– Desculpa, Steven – disse, alarmada, e contornou a mesa para ir sentar-se ao lado dele. – Devia ter guardado as minhas opiniões para mim mesma.

Na sua necessidade de confortá-lo, passou-lhe o braço pelos ombros, puxou-lhe a cabeça para o ombro e acariciou-lhe o cabelo, como costumava fazer à mãe quando o marido a espancava. Não voltara a repetir o gesto com mais ninguém desde então, e ficou espantada por ser capaz de o fazer.

– Ouve, não te guies pela minha palavra – disse. – Procura um especialista, fala com ele e pede-lhe que te diga o que fazer.

– Não foi o que tu disseste – fungou ele. – Penso que é só a libertação de falar abertamente do assunto. Escondo-o todos os dias, até digo às miúdas que a mãe está doente. Nunca me passou pela cabeça que também tivesses tido uma infância infernal. Foi preciso muita coragem para a partilhares comigo.

– Fazemos um belo par – disse Beth, tentando rir, mas também ela tinha lágrimas a arderem-lhe nos

olhos. – Nunca contei estas coisas a ninguém.

Tirou o braço dos ombros de Steven e foi à cozinha buscar *brandy* para os dois.

– Acho que estamos a precisar de qualquer coisa para o choque – disse, ao voltar da cozinha com dois copos.

Steven tinha limpado os olhos e parecia quase recomposto.

– És uma mulher curiosa e fascinante – disse, fazendo rodar o *brandy* no copo. – Estaria disposto a apostar que uma inundação não te perturbaria, e de certeza não esperava que fosses do género de oferecer um ombro para alguém chorar.

– Foram ambos comportamentos anormais para mim – concordou ela. – Mas, no todo, foi um dia interessante.

Contou-lhe então o que Susan lhe dissera naquela manhã e que tanto a irritara.

– Toda aquela conversa a respeito de irem nadar nus no rio – disse. – Parecia uma miúda, aos risinhos. Suponho que queria provar-me que em tempos foi desejável. – Calou-se, consciente de que não estava a fazer grande sentido. – Não me pareceu apropriado falar a respeito desse género de coisas – concluiu, atabalhoadamente.

– Sim, ela consegue ser um pouco estranha, por vezes – concordou Steven. – Vê a questão da arma. Se fosse a única coisa que o meu pai me tivesse deixado, acho que a teria atirado ao rio, e de certeza não a teria conservado todo aquele tempo com uma criança pequena em casa. E porquê levá-la para Gales? Não seria a minha ideia de uma recordação.

– Nunca me disse que sabia disparar. Quando éramos miúdas, quero dizer. A maior parte das crianças diria, não achas? Seria um bom motivo para se gabar.

– Talvez o pai lhe tenha dito que não falasse do assunto – sugeriu Steven. – É uma coisa um pouco estranha para ensinar a uma rapariga.

– Acho que seria útil falarmos com todos os homens que passaram pela vida dela. Por vezes, fico com a sensação de que não nos conta tudo.

Beberam um segundo *brandy*, e um terceiro, e de repente Beth apercebeu-se de que estava a falar com Steven como nunca tinha conseguido falar com outro homem. Discutiram casos em que tinham estado ambos envolvidos, contaram um ao outro histórias divertidas passadas nos tribunais e falaram da culpa que sentiam quando alguém que sabiam de certeza que era culpado saía em liberdade. Steven sentia-se tão fascinado como ela pelo facto de uma pessoa de uma família se tornar num criminoso enquanto os outros membros da mesma família, criados da mesma maneira, se mantinham cidadãos exemplares e respeitadores da lei. Ou, inversamente, o facto de numa família de bandidos aparecer um honesto.

– Vê o caso da minha família – disse Beth. – Nós os três fomos bem-sucedidos e bem formados, a despeito do nosso pai. – Fez uma pausa e sorriu. – Bem, pelo menos o Robert e a Serena são bem formados, com muito melhor feitio do que eu.

– Mas tu eras a mais nova, provavelmente viste o pior do teu pai – sugeriu ele. – Apercebeste-te muito cedo de como a tua mãe era fraca, e estavas determinada a ser diferente.

– Diferente foi como sempre me senti – disse ela, sombria. – Uma vez perguntei à Serena se sentia a mesma coisa, e ela respondeu que não. Na escola, eu estava sempre do lado de fora a olhar para dentro. Não implicavam comigo nem faziam troça de mim, só me deixavam à parte. Parecia simplesmente não ter a qualidade necessária que nos torna aceitáveis.

– Eu também não era exatamente dos mais populares – confessou Steven, com um sorriso. –

Chamavam-me marrão, e nunca fui grande coisa no desporto, de modo que me limitava ao que fazia melhor. Mas fui feliz na universidade. E tu?

– Bem, não me senti tão esquisita como antes. – Beth sorriu. – Talvez por haver montes de raparigas muito mais estranhas do que eu por todo o lado. – Serviu a ambos uma nova bebida. – De todos os modos, como que me reinventei na universidade – continuou. – Vestia-me de uma maneira misteriosa, grandes chapéus pretos, casacos até aos pés, lenços compridos a arrastar pelo chão. A partir do momento em que adotei a pose, foi fácil interpretar o papel. Uma das minhas parceiras de apartamento chamava-me Greta Garbo – disse, com uma pequena gargalhada.

– Foi mais ou menos como te vi quando entraste para a firma – admitiu Steven. – Altiva, bonita, mas com um coração de gelo. E tu a mim?

Beth ficou comovida por ele a ter achado bonita, de modo que não podia ser totalmente honesta e dizer-lhe que o achara uma nulidade.

– Como uma espécie de escoteiro – disse pensativamente. – Um tudo-nada demasiado prestável, demasiado desejoso de agradar. Melhoras muito visto de perto.

– A Anna diz que sou bajulador – disse ele, com um ar triste. – Não sou, pois não?

– Não, não és – respondeu ela firmemente, apesar de no passado ter achado que sim. – Soa-me a que a Anna é má só para justificar o seu próprio comportamento.

– Quase todas as mulheres que conheci foram um pouco mazinhas – disse Steven, com um sorriso maroto.

– Sabes porquê? – perguntou ela. – Porque és demasiado bonzinho. Algumas mulheres, incluindo eu própria, suponho, veem isso como uma coisa para esmagar.

– E que género de homem te atrai, então?

– Nenhum. Já não me deixo atrair por homens, é demasiado doloroso. – Quando as palavras lhe saíram da boca, Beth apercebeu-se de que estava a ficar embriagada. Sóbria, nunca faria afirmações daquelas, que revelavam tanto a seu respeito.

Ele pegou-lhe na mão e apertou-lha. Apenas isso, nada de banalidades ou pedidos de explicação.

– Então andamos por aí os dois feridos – disse, ao cabo de alguns instantes de silêncio. – E passamos os dias a defender outras pessoas como nós.

Beth nunca pensara em si mesma como sendo nem remotamente parecida com as pessoas que defendia, mas naquele momento viu que era verdade, e, por razão nenhuma que soubesse explicar, recomeçou a chorar.

– O que foi, Beth? – perguntou Steven, passando-lhe o braço pelos ombros. – Tenta dizer-me.

– Nem sequer saberia por onde começar – soluçou ela, com a cara escondida no ombro dele.

Steven pegou-lhe no queixo, obrigou-a a levantar a cabeça e olhou-a ternamente nos olhos.

– Vi uma mudança em ti desde que a Susan voltou a aparecer na tua vida. Porque é que não começas por contar-me como eram as coisas entre vocês as duas?

CAPÍTULO 11

—Conhecemo-nos na margem do rio, em Stratford-upon-Avon – começou Beth. – Tínhamos ambas dez anos, estávamos ambas sozinhas e, suponho, olhando para trás, desesperadas por companhia tanto uma como a outra. Mas, na altura, pensava que era eu a única a sentir-se só e ansiosa. Aos meus olhos, a Suzie parecia a pessoa mais despreocupada do mundo.

Explicou que estava em Stratford, em casa da tia, porque o pai batera na mãe. Mas, à medida que descrevia o seu primeiro encontro com Susan, deu por si a recuar ainda mais no tempo, a recordar coisas que julgava ter esquecido.

Estava muito calor, e ela sentia-se a assar apesar de vestir apenas uns calções e uma blusa que a tia Rose lhe comprara naquela manhã. Fora embaraçoso, porque a tia dissera que os únicos dois vestidos que tinha não estavam em condições de ser usados, mas, ao mesmo tempo, fora maravilhoso ter roupas que não tinham já sido da irmã e que lhe serviam na perfeição.

Apesar de tudo, estava satisfeita por ter telefonado à tia Rose e ter-lhe dito que o pai batera na mãe. A mãe ainda estava zangada com ela por causa daquilo, mas Beth sentira que ela, secretamente, estava contente por poder ter umas férias com a irmã.

A casa dos tios era pequena e simples, mas para ela era uma casa de sonho, cheia de luz, limpa e acolhedora. A mãe ficara no quarto de hóspedes, que era muito cor-de-rosa e muito cheio de folhinhos e pregueados, um pouco à maneira como a tia Rose se vestia. Beth dormia no confortável quarto dos arrumos. Mas o melhor da casa era ficar tão perto do centro da cidade. Bastava caminhar alguns metros pela rua, virar a esquina e estava-se nas lojas. Em Copper Beeches, Beth raramente ia além de Battle, e lá não havia grande coisa em matéria de lojas. Stratford-upon-Avon tinha-as de todos os géneros. Maravilhosas lojas de brinquedos, elegantes cafés, podia-se comprar de tudo, desde um saco de rebuçados a um casaco de peles. A maior parte dos visitantes – e havia muitos – parecia, no entanto, mais interessada em tirar fotografias a tudo, desde os velhos edifícios Tudor às exposições de flores, do que em fazer compras. A tia Rose costumava dizer que aquelas centenas de pessoas só iam ali para ver o lugar onde William Shakespeare tinha nascido. Beth só ouvira falar do nome, não fazia a mínima ideia do que fizera o homem para o tornar tão fascinante. Mas não quisera perguntar, com medo de parecer estúpida.

Tinham chegado sábado à noite, ao cabo de uma longa e aborrecida viagem. No domingo tinham ficado em casa, porque os adultos estavam cansados. Beth receara muito que tudo continuasse como no dia anterior, com a mãe a chorar e a tia Rose a borboletear de um lado para o outro e a fazer bules de chá e a murmurar coisas como: «Há muito tempo que eu sabia que isto ia acontecer, mas ninguém me deu ouvidos.»

Naquele dia, porém, o tio Eddie fora trabalhar. Arranjava caravanas, e a tia Rose dizia que era um artesão, num tom que parecia querer dizer que a mãe devia ter arranjado alguém como ele. Mal tinham voltado das compras, a tia Rose dissera a Beth que podia ir explorar e deixar os adultos ter uma conversa séria. Uma vez que a tia lhe dera meia coroa e lhe dissera que comprasse qualquer coisa para o almoço, supusera que se esperava que ficasse por fora até à hora do chá.

Ao princípio fora excitante, com tantas lojas para ver, tantas pessoas para observar. Muitas delas eram estrangeiras e divertira-se a tentar adivinhar de onde vinham. Mas passado algum tempo fartara-se de estar sozinha, e estava demasiado calor para andar de um lado para o outro, de modo que fora até à margem do rio ver os barcos de recreio, e fora então que vira a rapariguinha sentada debaixo de uma árvore.

Usava um daqueles vestidos com pregueados à frente, mangas tufadas e uma faixa atada nas costas que ela sempre desejara. Era cor-de-rosa com flores malva, e o peitilho era também malva. Umas sandálias azuis muito bem engraxadas, soquetes brancas como a neve pelos tornozelos e uns cabelos encaracolados e brilhantes completavam a imagem que Beth fazia de uma criança que tinha tudo, e pensara que estava provavelmente à espera que a mãe acabasse as compras.

De onde vinha, raparigas como aquela limitavam-se a ignorá-la, de modo que lhe fora necessário reunir toda a sua coragem para lhe falar. Mas, para seu espanto, a rapariga parecera tão desejosa como ela de fazer uma nova amiga. Dissera que se chamava Suzie Wright, que vivia em Luddington, uma aldeia próxima, e estava à espera que o pai acabasse o trabalho para ir para casa com ele.

Beth nunca conhecera ninguém com quem fosse tão fácil falar. Suzie não se dava ares a respeito de si mesma, das roupas que vestia ou fosse do que fosse. Dissera que era bastante burra em comparação com as outras raparigas da sua turma, mas a Beth não parecera nada burra porque liam os mesmos livros. Na realidade, até sabia que Battle era o lugar onde se tinha travado a batalha de Hastings, e explicara que William Shakespeare era o maior dramaturgo inglês.

Mas a coisa de que Beth mais gostara em Suzie fora o facto de não parecer achá-la uma espécie de aberração por ser tão alta e magra. O prazer de ouvir dizer que ficava muito bem de calções, que os seus cabelos encaracolados eram bonitos e que parecia a Branca de Neve tinham-na feito regressar a casa numa nuvem. Rezara para que a tia Rose lhe emprestasse a sua bicicleta na manhã seguinte e que a deixassem sair para ir ter com Suzie. Pensara que seria capaz de enrolar-se e morrer se não deixassem.

Durante aquelas férias, percebera muita coisa a respeito da mãe que nunca tinha compreendido. Na realidade, era tão *snob* como o pai. A tia Rose dissera, quando estavam as duas a discutir, que a irmã só tinha casado com Montague porque se convencera de que ele tinha montes de dinheiro e vivia numa grande casa. E dissera também que ela sofria de uma coisa a que chamara «mania das grandezas» e que o que estava a ter agora era o que merecia por ter casado com um homem que não amava só para ter uma posição. E dissera que se ela tivesse nem que fosse uma ponta de coragem pegava na filha e deixava o marido, mas então acrescentara que sabia muito bem que nunca o faria porque era tão má como ele e nunca trabalharia para ganhar a vida.

A mãe insistira em que nada daquilo era verdade, mas a primeira coisa que lhe perguntara a respeito de Suzie fora que escola frequentava. Claro que Beth não sabia, mas a tia Rose aparentemente sim, e fora bastante sarcástica. Dissera:

– Não precisas de ter medo que a tua filha ande metida com a ralé. Conheço a família. A rapariga anda no The Croft, um colégio particular. Mr. Wright é gerente de uma grande companhia de seguros e a casa dele é uma das maiores de Luddington.

Depois de esta informação ser digerida, Beth passara a ter autorização para se encontrar com Suzie todas as tardes. Talvez a mãe pensasse que ia sempre brincar para o jardim dos Wright, mas nunca perguntara. Ficava muito contente por poder ler ou sair com a irmã.

Na realidade, Beth só entrara em casa de Suzie duas vezes durante todo aquele mês. Geralmente,

Suzie já estava ao portão com a sua bicicleta quando ela chegava, e parecia sempre cheia de pressa de sair dali. Do mesmo modo, Beth só levara Suzie a casa da tia Rose meia dúzia de vezes e arrancara-a de lá o mais depressa que podia, com a desculpa de que as lojas ou o parque serem muito mais interessantes.

*

– Olhando para trás, da perspetiva de um adulto – disse Beth a Steven, depois de lhe ter contado como conhecera Susan e falado do impacto que a outra rapariga tivera nela –, estávamos ambas a esconder os nossos segredos de família. Eu não queria que a Susan soubesse que na verdade éramos pobres, ou que o meu pai era um filho da mãe pomposo que batia na mulher. Ela não queria que eu soubesse que a avó era maluca. E havia mais qualquer coisa. Ambas nos sentíamos inadequadas, ainda que de maneiras diferentes. A Susan via-me como destemida, inteligente, sempre com uma ideia na manga a respeito de qualquer coisa excitante que pudéssemos fazer. E também queria ser assim. Eu queria ser como ela, doce, feminina e genuinamente fina, com a família mais feliz e a casa mais bonita do mundo.

– Quando começaram a perceber a verdade a respeito uma da outra?

– Acho que nunca soubemos, ou talvez a visão simplista que tínhamos uma da outra fosse muito próxima do que verdadeiramente éramos na altura. – Beth suspirou e olhou para Steven com uma expressão de impotência. – Mas quando só se vê uma pessoa durante um mês, no verão, é um pouco como um romance de férias, não é? Não chegamos a ver as partes feias ou aborrecidas. Aprendemos alguma coisa a respeito uma da outra, ambas admitíamos que não tínhamos verdadeiros amigos. Ela disse-me que a avó era um fardo, eu disse-lhe que o meu pai era um bruto. Mas como estas coisas nunca foram testemunhadas, nenhuma de nós tinha maneira de saber até que ponto eram más. Suponho, também, que quando estávamos juntas queríamos esquecer que durante onze meses do ano as nossas vidas eram muito infelizes.

– Mas mantinham o contacto, por carta, durante esses onze meses?

– Oh, sim, uma carta a cada duas ou três semanas. Mas com certeza sabes como os miúdos escrevem uns aos outros. Só coisas a respeito do que fizeram, dos livros que estão a ler. Calculo que quando escrevia para Copper Beeches, a Susan imaginava uma grande mansão. É que eu falava das cavalariças, e da grande alameda de acesso, nas nossas conversas. Ela não sabia das janelas partidas, dos buracos no telhado nem dos ratos na cozinha.

«Do mesmo modo, eu só imaginava a avó dela a tricotar sentada numa cadeira de balouço, e a mãe com um avental muito limpo a fazer bolos. Com certeza não visualizava lençóis sujos ou a velhota a andar pela casa aos berros.

– Quantos verões passaste então em Stratford?

– Cinco. Depois do primeiro, punham-me no comboio e ia sozinha. A minha mãe ficava em casa. Mas no verão em que íamos fazer dezasseis anos, o meu pai não me deixou ir.

– Porquê?

– Porque era mau e mesquinho. Não queria que eu me divertisse – disse Beth, veementemente. – A Susan escreveu-me depois de a avó ter morrido, no começo daquele ano, e convidou-me para ficar em casa dela. Esperávamos poder ir a outro baile… tínhamos ido a um no ano anterior… e conversar com os rapazes. – Fez uma pausa e esboçou um sorriso. – No ano anterior tínhamos passado as férias quase todas à caça de rapazes. Andávamos pelos cafés, a fingir que éramos francesas, tu sabes, essas

parvoíces todas que as adolescentes fazem. Achávamos que em agosto, já com dezasseis anos e os exames despachados, seríamos adultas.

Beth viu-se a ler a carta de convite de Susan. Fora em abril, e ela estava sentada no quarto, a lê-la e relê-la, o coração a bater de excitação.

Chovia tão torrencialmente que ouvia a água a pingar na banheira de zinco que tinham posto no patamar por baixo do buraco do teto. O quarto estava gelado e ela embrulhara-se no edredão. Mas só pensar em Stratford e Suzie fazia-a sentir-se mais quente. Pegara num papel e num lápis e, encolhida debaixo do edredão, pusera-se a calcular quanto dinheiro teria em agosto se poupasse todas as moedas da distribuição de jornais.

Só ganhava uma libra e cinco xelins por semana, e para isso tinha de fazer mais de dezasseis quilómetros de bicicleta todos os dias, começando às seis e meia da manhã, com chuva e com neve. Mas era preciso. Quando fizera catorze anos, o pai dissera-lhe que não tencionava continuar a pagar-lhe fosse o que fosse, nem sequer roupas ou uma semanada. Dissera que era tempo de ela ganhar o seu próprio dinheiro.

Até tinha graça vindo de quem vinha, uma vez que o único dinheiro que ele alguma vez lhe dera fora um ou outro xelim nas raras ocasiões em que estava de bom humor. Quanto a roupas, eram as que tinham sido de Serena, quase todas tão antiquadas que preferiria morrer a aparecer com elas em público. Era Serena que dava à mãe dinheiro para o uniforme escolar dela, e para os sapatos também.

Beth não se importava de fazer a distribuição dos jornais na primavera e no verão. Ter algum dinheiro seu para comprar roupas novas e não se sentir envergonhada se encontrasse alguém da escola no fim de semana compensava levantar-se às seis e meia da manhã. Mas no inverno era horrível. Tinha de começar a ronda ainda de noite, e alguns dos caminhos que tinha de percorrer eram autênticos lamaçais. Ficava com a cara, as mãos e as pernas gretadas do frio, e quando chegava a casa não podia tomar um banho quente antes de ir para a escola. Tinha de tentar lavar a lama das pernas com água fria, vestir o uniforme, engolir à pressa o pequeno-almoço e voltar a pedalar até Battle, ainda rígida de frio.

No entanto, com a primavera a caminho, e a promessa de agosto em Stratford, em breve tudo voltaria a estar bem, e talvez em setembro conseguisse começar a trabalhar aos sábados numa loja. Voltando às suas contas, calculara que poderia poupar pelo menos quinze libras até agosto, o suficiente para comprar um vestido que estivesse na moda e uns sapatos para ir dançar.

O frio que fazia no quarto obrigara-a a voltar a descer à sala um pouco mais tarde, pois tinha trabalhos de casa para fazer. Não vira a mãe em parte nenhuma, e assumira que tinha ido à aldeia, de modo que espalhara os livros em cima da mesa da cozinha, o mais perto do fogão que pudera, e começara a trabalhar.

Desde que vira a cozinha dos Wright, em Luddington, a que tinha em casa fazia-a sentir-se terrivelmente envergonhada. Estava limpa – a mãe passava a vida a esfregá-la –, mas era tão velha e feia que limpá-la não lhe melhorava o aspeto. Muitos dos azulejos do chão estavam partidos, alguns até tinham desaparecido, a pintura dos armários estava desbotada e cheia de fendas. Nada brilhava como se lembrava de ter visto na cozinha dos Wright, parecia tudo tão gasto como a mãe. A falta de luz também não ajudava. Duas das vidraças das janelas tinham-se partido e sido substituídas por cartão. A única coisa que a tornava suportável era o calor do fogão.

O pai entrara minutos mais tarde.

– Onde está a tua mãe? – perguntara bruscamente. – Ainda não tomei o café da manhã.

– Eu faço-lho – dissera ela, levantando-se da mesa, mas a desejar ser capaz de lhe perguntar porque não o fazia ele próprio.

A mãe tinha-lhe dito que, quando era novo, o pai era exatamente igual a Robert, alto e muito bonito, com ombros largos e cabelos pretos. Mas há já muito tempo que deixara de haver fosse o que fosse de admirável na aparência de Monty. Tornara-se excessivamente gordo, com as bochechas a penderem-lhe da cara como as de um perdigueiro e uma barriga enorme. Os cabelos eram ralos, grisalhos e escorridos, tinha a frente do casaco de malha cheia de nódoas e o colarinho da camisa também não estava muito limpo. Mas o que Beth mais odiava nele eram os olhos. Castanhos, salpicados de verde, e muito frios. Como que a contrariar a inatividade do dono, aqueles olhos estavam constantemente a saltar de um lado para o outro, a examinar todos os pormenores, a estudar todos os rostos, à procura de qualquer coisa que pudesse constituir razão de queixa. Se alguma vez tivera boas qualidades, Beth achava que as perdera todas, e que isso se notava.

Certa vez, perguntara à irmã porque seria ele tão mau. Serena dissera que tinha tudo a ver com não ser capaz de igualar o pai e o avô e ter sido uma criança mimada. Dissera que, como a maior parte dos rufiões, era na realidade um cobarde, incapaz de arranjar um emprego decente por ter medo de falhar, e, como continuava a receber o suficiente dos poucos rendeiros que lhe restavam, podia continuar a fingir que era um senhor feudal.

A explicação, porém, nada contribuíra para que Beth passasse a gostar mais dele.

Pusera a cafeteira ao lume, e enquanto a água fervia fora à despensa buscar o café. A lata estava vazia.

– Não há café – dissera, imediatamente tensa. – Talvez a mãe tenha saído para comprar um pacote.

– Não há café? – rugira ele. – Ela sabe muito bem que tomo sempre o meu café às onze horas.

– Posso fazer-lhe chá – sugerira Beth, apressadamente.

– O chá bebe-se ao pequeno-almoço. Só os operários bebem chá às onze da manhã – retorquira o pai, desdenhoso.

Gostava quase tanto de apontar os hábitos dos operários como de dizer que tinha «uma posição a manter». Dizia que os operários guardavam o carvão na banheira, se assoavam à manga da camisa e tinham muitos outros costumes repelentes. E era mesmo a pessoa certa para falar: Beth já o tinha visto urinar da janela do escritório por ser demasiado preguiçoso para ir à casa de banho, no primeiro piso, e no inverno raramente fazia a barba, quanto mais tomar banho.

Tentara acalmá-lo dizendo que a mãe não devia demorar, e até se oferecera para ir ela própria à aldeia, de bicicleta, comprar café.

– Trata disso – ladrara ele.

Beth olhara pela janela da cozinha para o dilúvio que continuava a cair e estremecera. Já ficara encharcada uma vez naquela manhã, durante a distribuição dos jornais, e o casaco e os sapatos de sair continuavam molhados. Mas sabia que se se queixasse ele lhe bateria.

– Dá-me dinheiro, então? – perguntara.

– Dinheiro? – rugira ele. – A tua mãe é que tem o dinheiro para o governo da casa.

– Mas a mãe não está cá – fizera ela notar.

– Então usa o teu.

Mais tarde, Beth haveria de perguntar a si mesma o que lhe teria passado pela cabeça para dizer

que estava a poupar o seu dinheiro para as férias em Stratford. Saíra-lhe.

– Não vais lá voltar, minha menina – dissera ele, os olhos semicerrados de maldade. – Vais trabalhar o verão todo. Se julgas que vou pagar viagens para ires ver essa bruxa da tua tia estás muito enganada.

– Mas, pai, a Suzie convidou-me para ficar em casa dela. Por favor, deixe-me ir – suplicara.

Ele movera-se tão depressa que ela não tivera tempo para se esquivar. Agarrara-a pelo ombro e dera-lhe um murro na cara com tanta força que ela caíra contra o fogão e queimara a mão.

– Não vais a parte nenhuma – gritara ele. – A partir de agora, vais passar as férias a trabalhar, e darás à tua mãe metade do que ganhares, para te sustentar. Ouviste?

Recordar aquela cena feia fez subir as lágrimas aos olhos de Beth. Ficara com um olho negro e um lábio rachado, os mesmo ferimentos que ele tantas vezes infligia à mãe. Lembrava-se de ter ficado caída no chão frio da cozinha, a amaldiçoá-lo e a jurar a si mesma que haveria de fazê-lo pagar.

– O que foi? – perguntou Steven gentilmente, ao ver as lágrimas, e, de repente, Beth deu por si a contar o que tinha acontecido naquele dia.

– Parece ser um autêntico monstro – disse ele, voltando a passar-lhe o braço pelos ombros, como fizera antes, e apertando-a com força. – Não admira que o odeies.

– Não fui capaz de confessar à Suzie a verdadeira razão por que não podia ir – disse ela, a secar os olhos, reconfortada pelo abraço. – Acho que no fim acabei por lhe dizer que me tinham oferecido um bom emprego. Mas não fez diferença, de todos os modos, porque entretanto a mãe teve o AVC e suponho que ela não teria tido muito tempo para estar comigo, quanto mais receber-me lá em casa.

– Passaste então as férias todas a trabalhar, a partir desse verão?

Beth assentiu.

– E aos sábados também, numa sapataria em Hastings. O meu pai obrigava-me a entregar-lhe o envelope com o ordenado e era ele que o abria. Metia logo metade ao bolso, nunca chegou a dá-lo à minha mãe.

Steven acariciou-lhe os cabelos e suspirou.

– Tinhas de ficar, suponho, se querias ir para a universidade?

– Sim. Mas acho que teria saído de casa, arranjado emprego e alugado um quarto, se não fosse a Suzie. É que eu dizia-lhe muitas vezes, nas minhas cartas, que queria sair de casa, apesar de não explicar porquê. E ela, sempre que me escrevia, exortava-me a não o fazer, dizia, e eu acabei por acreditar, que era demasiado inteligente para me ir enterrar num emprego sem futuro, que era o que ia conseguir se não tivesse habilitações. A opinião dela era a única em que eu verdadeiramente confiava, nem sequer a Serena e o Robert eram totalmente fiáveis. Suponho que o meu pai lhes dizia que eu era burra e eles pareciam não ter muita fé em que eu conseguisse fazer a universidade. Muitas vezes sugeriram que talvez fosse melhor arranjar trabalho a cuidar de crianças durante um par de anos.

– Mas presumivelmente sabiam da vida que tinhas em casa? A Susan não, pois não? – fez ele notar.

– Fazia tudo parte do mesmo. A minha irmã e o meu irmão, os meus professores, os nossos vizinhos, todos tinham pena de mim. Via-o nas caras deles. Isso mina-te a ambição, Steven, enfraquece a tua determinação e faz-te sentir que não vales nada. A Susan não tinha pena de mim, admirava-me. Eu disse-lhe, quando tínhamos treze anos, que queria ser advogada, depois de termos visto um filme a respeito de uma. Acho que a convenci de que era a profissão certa para mim, e ela

nunca me deixou desviar-me desse objetivo. Sempre me senti em dívida para com ela por causa disso, lembro-me de pensar nela no dia em que acabei o curso, de desejar que estivesse lá.

– Foi uma pena, por todos os motivos e mais alguns, terem perdido o contacto. Se ainda fossem amigas quando os pais dela morreram, podias ter obrigado o traste do irmão a partilhar a herança.

– Eu sei – disse Beth, tristemente. – E talvez, se tivéssemos continuado amigas, eu tivesse conseguido influenciá-la a sair de casa dos pais anos antes e fazer a sua própria vida. Tenho pensado nisso constantemente desde que voltei a encontrá-la.

– Todos nós temos os nossos «e se» – observou Steven, com um suspiro. – Mas calculo que te deixaste envolver na vida social da universidade, que fizeste amigos mais interessantes.

– Não – respondeu ela. – Continuei a ser uma solitária. Nunca mais voltei a ser a rapariga que era quando estava com a Suzie.

Havia qualquer coisa de tão lamentoso naquela afirmação que Steven se voltou para olhar para ela. Beth tinha o lábio inferior a tremer, uma tristeza profunda e terrível nos olhos verdes. Steven recordou o comentário de Susan a respeito da tristeza de Beth, uma tristeza que obviamente não estava ainda presente quando as duas eram amigas. Não duvidava de que falar do passado abrira uma velha ferida, e essa ferida devia ter sido infligida entre a última visita dela a Stratford e a ida para a universidade, pois Beth já tinha dito que lá se reinventara a si mesma.

– O que foi que te aconteceu, Beth? – perguntou docemente. – Sei que alguma coisa foi. Conta-me.

Os olhos dela encontraram os dele, e desviaram-se rapidamente. Uma expressão culpada que ele vira tantas vezes na cara dos seus clientes.

– É tarde – disse Beth, tensa, o corpo rígido ao lado do dele. – São horas de ires para casa.

Tinha razão, claro, já passava da meia-noite, mas a maneira como ela estava a tentar freneticamente descer as persianas confirmava que ele tinha razão.

– Contei-te da Anna porque confio em ti – disse Steven. – Acho que também por saber que tu ias ajudar-me a enfrentar a situação e lidar com ela. Por isso, por favor, confia em mim e deixa-me ajudar-te.

A boca dela torceu-se numa expressão irónica.

– O que é isto? Uma tentativa de acordo extrajudicial?

Steven fez apelo a toda a sua coragem.

– As mentes e os corpos das pessoas não são como a tua máquina de lavar – disse, cauteloso. – Quando alguma coisa se avaria, não se pode ir à loja comprar uma peça sobressalente. Têm de sarar. Penso… – Fez uma pausa. – Não. Sei – continuou, com mais ênfase – que tu tens uma ferida que não sarou. Não afirmo que sou capaz de sará-la, mas ao menos deixa-me vê-la.

– O que és tu, um psiquiatra frustrado? – atirou-lhe Beth, venenosa. – Sou uma mulher adulta, não preciso que um homem que nem sequer é capaz de engomar a sua própria roupa me venha dizer que tenho problemas.

Steven corou.

– Não tenho tempo para engomar as roupas das miúdas tão bem como gostaria, quanto mais as minhas – disse. – Não tentes magoar-me para esconder a tua própria dor.

– Tens um raio de uma lata – exaltou-se ela, levantando-se do sofá e começando a andar de um lado para o outro. – Vieste aqui sem ser convidado, eu dei-te de jantar e ofereci-te bebidas para mostrar a minha gratidão por teres resolvido o problema da inundação. Está bem, talvez por eu te ter falado da minha infância te julgues no direito de meter o nariz em tudo o que me diga respeito. Pois

não tens. Tudo o que te disse esta noite foi para te ajudar a construir uma imagem da Susan, nada mais.

Steven pôs-se de pé. Tinha medo de insistir, não fosse estragar tudo o que já conseguira naquela noite. Sentia, no entanto, que estava a chegar perto da verdade. Beth não abrira a porta para o pôr na rua, e havia na voz dela uma certa nota que sugeria que, pelo menos subliminarmente, queria contar tudo.

– Aconteceu entre os teus dezasseis e dezoito anos – disse, num tom gentil mas firme. – Uma coisa tão horrível que não foste capaz de a contar nem à tua amiga. Foi por isso que cortaste o contacto, não foi? Podias ter ido vê-la a Stratford depois de estares na universidade, mas não te atreveste, com medo de deixar escapar qualquer coisa. Tenho razão, não tenho?

Beth estava a olhar para ele, de olhos muito abertos, o rosto lívido, o queixo descaído. Era a expressão de uma criança apanhada a fazer qualquer coisa errada. Estava cheia de medo. Steven aproximou-se e agarrou-lhe os braços.

– Não tenhas medo – murmurou, e abraçou-a com força. – Nunca usarei isso contra ti, só quero tentar ajudar-te.

Repentinamente, o corpo de Beth ficou flácido nos braços dele, e ela estava a chorar, convulsivamente, com grandes soluços, como uma criança.

– Está tudo bem – disse ele, enquanto lhe acariciava os cabelos ondulados com uma mão e a abraçava com a outra. – Estás a salvo comigo, Beth. Conta-me.

– Violaram-me – disse ela. – Três, num beco, um após outro.

Steven ficou petrificado pelo horror. Não esperava uma coisa daquelas, estivera a pensar mais em termos de uma gravidez, ou na traição de um namorado. Na sua profissão, encontrava muitas mulheres vítimas de violação, e sabia como aquilo as marcava para o resto da vida.

O seu instinto foi puramente paternal. Pegou-lhe ao colo, levou-a para o sofá e embalou-a, como faria a uma das suas filhas que se tivesse magoado.

– Já disseste a pior parte – disse num tom calmante, afastando-lhe os cabelos da cara. – Agora conta-me como foi exatamente que aconteceu.

– Foi durante as férias de Natal, no início de janeiro de 1968, em Hastings. Tínhamos tido os saldos de janeiro na sapataria e eu, em vez de ir diretamente para casa, fui até um café-bar chamado Rococo – disse atropeladamente, como se quisesse acabar com aquilo o mais depressa possível. – Os meus colegas da escola passavam lá a vida, era o sítio mais *in* da altura. Mas eu só ia durante o dia, porque não me deixavam sair à noite. Eram quase seis horas quando cheguei, e a minha intenção era apanhar o autocarro das sete e meia para casa. Se o meu pai dissesse alguma coisa por chegar atrasada, inventaria uma história qualquer a respeito de ter tido de fazer o inventário.

Com o rosto rígido de tensão, Beth agarrou com força o braço de Steven enquanto lhe contava o que tinha acontecido naquela noite.

A razão por que quisera ficar em Hastings, apesar do frio horroroso, fora ter conhecido, no autocarro, um rapaz chamado Mike de quem gostava verdadeiramente e saber que ele frequentava o Rococo. Achava que não ficava mal de todo com as suas roupas de trabalho, minissaia preta e camisola de malha justa, e poderia despir o casaco comprido da escola mal lá chegasse.

O Rococo ficava por cima de uma loja, duas divisões decoradas com assentos baixos e luzes veladas, um lugar abafado e barulhento. Para seu grande desapontamento, Mike não estava lá. Bebera várias chávenas de café *espresso*, conversara com um par de raparigas que conhecia da loja, pusera

alguns discos a tocar na *jukebox* e finalmente, por volta das sete e vinte, saíra, um pouco desconsolada, para apanhar o autocarro para Battle.

A geada refulgia nos passeios e o vento que soprava do mar era tão frio que parecia cortar como facas. As ruas estavam completamente desertas, e era estranho ver as montras das lojas todas iluminadas sem haver ninguém que olhasse para elas.

Ouvira alguém assobiar-lhe e, olhando na direção da torre do relógio, do outro lado da rua, vira dois rapazes a acenar-lhe. Estava demasiado escuro para ver claramente, mas parecera-lhe que um dos rapazes era Mike e correra para eles.

Fora só quando chegara a poucos metros de distância que se apercebera de que não era Mike. Também não conhecia o outro rapaz. O que julgara ser Mike era vários centímetros mais baixo e pelo menos três anos mais velho. Visto de perto, parecia rude e sujo, e a única parecença era usar os cabelos louros cortados ao estilo dos Beatles, como Mike.

– Pensei que eram outras pessoas – dissera, detendo-se, muito embaraçada pelo seu engano.

O rapaz que ela julgara ser Mike dissera que não fazia diferença nenhuma ela não o conhecer, ou qualquer coisa nessa linha, e acrescentara uma piada a respeito de ela ser tão alta.

Beth estava habituada a ouvir comentários jocosos a respeito da sua altura, mas picava-se sempre, e respondia invariavelmente com um insulto.

– Talvez aches isso por seres um meia-leca – dissera, na sua voz mais altiva, e dera meia-volta e começara a afastar-se.

– Que queres tu dizer com isso? – gritara o rapaz, e correra até a alcançar, pondo-se a olhar para ela com um ar de troça.

Beth ficara assustada e a desejar não ter feito o comentário: o hálito dele cheirava a álcool e o blusão de couro e os *jeans* sebentos sugeriam que se tratava de um dos chamados «casos difíceis» da cidade.

– Peço desculpa, não devia ter dito aquilo. Foi só porque não é muito agradável estar sempre a ouvir piadas a respeito da minha altura – dissera, afastando-se dele.

– Deviam pôr-te uma lâmpada na cabeça e usar-te como candeeiro de rua – sugerira o outro, e rira à gargalhada da sua própria graça. – Ei, Bob – acrescentara, ainda a rir –, repara só nas pernas dela. Parecem uns palitos.

– Quanto mais perto do osso, melhor é a carne – declarara o de cabelos louros, com um riso ameaçador.

Beth começara a afastar-se o mais depressa que conseguia. Mas eles tinham-na seguido, a fazer comentários a respeito do cabelo dela, do casaco da escola e do facto de ter uns pés muito grandes. Beth estava a ficar assustada. As ruas estavam desertas, e tivera medo de que a seguissem até ao autocarro.

– Por favor, deixem-me em paz – pedira, detendo-se e voltando-se para eles.

– Por favor, deixem-me em paz – dissera Bob, a imitar-lhe a voz. – És uma finaça. Sempre quis comer uma finaça.

Beth ignorara-os e continuara a andar, e quando vira um homem sair de uma rua transversal e chamar os rapazes, pensara que eles ficariam suficientemente distraídos para a deixarem em paz.

Um rápido olhar bastara para lhe mostrar que o terceiro indivíduo era muito mais velho do que os outros dois. Era alto e bem constituído, usava um sobretudo e tinha uns bigodes de pontas caídas e a cabeça quase completamente rapada à navalha. Quando os dois mais novos pararam para lhe falar,

apressara o passo, mas o vento levava-lhe as vozes deles, e percebera que estavam a falar dela.

De repente, estavam os três a tentar alcançá-la. O que se chamava Bob gritava-lhe, a perguntar se não queria conhecer o «Osso».

– Chamamos-lhe assim por ser tão duro! – acrescentara, com uma gargalhada rouca.

Faltavam-lhe apenas vinte metros para chegar à paragem do autocarro, estava a vê-la à sua frente. Mas não havia mais ninguém à espera, não se via vivalma em parte alguma, e os três homens cochichavam uns com os outros.

O medo fazia o coração martelar-lhe o peito enquanto corria, a desejar que o autocarro chegasse naquele instante para poder saltar para ele e desaparecer. E então, de repente, os dois mais novos estavam um de cada lado dela, a agarrar-lhe os braços.

– O Osso tem uma coisa dura que te quer mostrar – dissera Bob.

Beth gritara, mas o grito fora imediatamente abafado por uma mão vinda de trás. Fora puxada e empurrada para uma passagem entre duas lojas, ao fundo da qual ficava um estreito e escuro beco.

Tentara fugir, mas eles eram demasiado fortes. Quando dera um pontapé naquele a que chamavam Osso, ele limitara-se a rir.

– É brava, não é? – dissera. – Gosto dela. Não há muitas miúdas capazes de me dar luta.

Até ao momento em que vira o mais velho desabotoar o sobretudo e abrir o fecho de correr das calças, imaginara que iam bater-lhe. O que já era suficientemente assustador, mas ao perceber que a intenção era violá-la, ficara aterrorizada. Voltara a gritar e a tentar libertar-se das mãos que a agarravam, mas eles tinham tanta força que não conseguira. Obrigaram-na a deitar-se no chão do beco e o rapaz cujo nome não ouvira enfiara-lhe qualquer coisa, um lenço ou um trapo, na boca, para a calar.

Tinha dezassete anos, e a sua experiência com rapazes até então não passara de alguns beijos. Agora, porém, estava estendida no chão frio e duro, e o homem debruçado sobre ela levantava-lhe a saia, rasgava-lhe os *collants* e as cuecas, sorria horrivelmente e dizia aos outros que a segurassem com força enquanto ele fazia aquilo a que chamava «a sua vez».

Beth sentia o cheiro a mijo de gato e a lixo podre, mas estava tão escuro que a única coisa que via eram os muros dos pátios das lojas a erguerem-se de ambos os lados. Então, até isso fora escondido pelo homem que se deitava em cima dela e a penetrava com violência.

– Aposto que é um raio de uma virgem – rira o louro junto ao ouvido dela, enquanto a segurava com força. – É apertada, Osso?

Tentara gritar apesar da mordaça e conseguira fazer algum barulho, mas o homem apertava-lhe o pescoço com a mão, e ela mal conseguia respirar, quanto mais continuar a tentar fazer-se ouvir.

A dor fora horrível, sentira-se como se estivesse a ser cortada ao meio. Então, de repente, o homem parou e o seguinte substituiu-o, empurrando-a ainda com mais força contra o chão duro, a murmurar coisas nojentas a respeito de ela ser quente e húmida.

Quando chegara a vez do terceiro, estava demasiado aturdida e destroçada para tentar lutar mais. Vira o mais velho voltar-se para a parede, a poucos passos de distância da cabeça dela, para urinar, e por qualquer razão o ato de desprezo para com os seus sentimentos fora tão mau como a violação propriamente dita.

– Está cheia como o balde de um colador de cartazes – comentara o rapaz cujo nome não ouvira, pondo-se de pé e dando-lhe um pontapé de lado enquanto ela estava ali estendida, demasiado destroçada para chorar, quanto mais mover-se. – Pega de merda. Gostaste, não foi?

Tinham desaparecido na escuridão, rápidos como ratazanas, deixando-a ali caída no meio da porcaria, como um pedaço de lixo ensopado.

– Oh, Beth. – O suspiro de Steven trouxe-a de volta ao presente, e viu que ele tinha lágrimas a correrem-lhe pelas faces. – Sempre julguei ter as palavras certas para qualquer ocasião, mas, por uma vez, não consigo dizer nada exceto o quanto lamento.

Beth estava chocada consigo mesma por ter contado tudo com tanto pormenor, mas sentia uma enorme sensação de alívio por ter sido capaz. Nas semanas que se tinham seguido àquela noite, esforçara-se ao máximo por apagar da memória a maior parte do que acontecera, e a única coisa que ficara fora a vergonha. E no entanto, ao reviver aquilo naquele momento, não era vergonha que sentia, só pena por a sua vida ter ficado manchada para sempre.

– Que pode alguém dizer? – murmurou. – Sei que só uma percentagem ínfima de homens é capaz de fazer este género de coisa, mas durante muito tempo tive um medo pavoroso de todos os homens.

– O que aconteceu? Apresentaste queixa?

Steven estava chocado até ao âmago. Aquilo fazia-o ter vergonha de ser homem. Esperara que o ato de contar tudo pudesse ajudá-la a sarar, mas agora não via como poderia alguém alguma vez ultrapassar uma coisa tão monstruosa.

Beth não respondeu imediatamente. Mesmo agora, com quarenta e quatro anos e muita experiência, voltava a tremer como tremera naquela noite enquanto se punha de pé, com aquela coisa nojenta a escorrer-lhe pelas pernas.

Tinham-lhe destruído a juventude e a inocência, tinham-lhe roubado coisas que nunca mais poderia recuperar. Naquela altura, já desconfiava um pouco dos homens, por causa do pai, mas continuava a ser como qualquer outra jovem, à espera do seu primeiro amor. As canções e os poemas românticos faziam-na suspirar, meditar sobre as pequenas sensações de ânsia no seu corpo que não compreendia. E então, repentinamente, depois daquele feroz ataque, tudo se tornara feio. Tinham-lhe tirado tudo.

Libertou-se do braço de Steven, pôs-se de pé, dirigiu-se à janela, abriu as cortinas e olhou para fora. A escuridão era como veludo preto na montra de um joalheiro, salpicada de milhões de diamantes. Mas ela sabia, pelas estatísticas, que naquele preciso momento, lá fora, na cidade aparentemente adormecida, havia outras mulheres a recordar o horror da violação, ou até a serem sujeitas à sua violência.

Steven foi pôr-se ao lado dela, os ombros dos dois a tocarem-se.

– Cheguei à rua, a cambalear e a gritar – continuou Beth, sabendo que tinha de acabar a história, mas a sequela fora quase tão má como a violação. – Fui de encontro a um grupo de mulheres que tinham saído para se divertirem. Viram o estado em que eu estava e levaram-me imediatamente à esquadra da polícia.

– Como foi, Beth? – perguntou Steven. Queria saber tudo, mas via-a a tremer, e tinha medo de forçá-la demasiado.

– Quase nenhuma compaixão, simpatia ou tato – respondeu ela, olhando-o de lado. – Graças a Deus, já não é assim que tratam as vítimas de violação. Fizeram-me muitas perguntas, algumas tão pessoais que senti que estava a ser outra vez violada. Então deixaram-me sozinha numa sala enquanto iam buscar os meus pais. Não tínhamos telefone em casa.

Beth conseguia ver a sala onde a tinham interrogado. Desde então, estivera em centenas, talvez milhares de salas iguais, mas reconheceria aquela imediatamente mesmo que a levassem até lá de

olhos vendados.

Era quadrada, com cerca de dois metros e meio de lado, as paredes pintadas de verde-ervilha, sem janelas, e fedia ao fumo do cigarro do último ocupante. Uma mesa e duas cadeiras eram a única mobília. Lembrava-se de uma mensagem rabiscada na parede: «Jesus vive, eu é que estou morto.» Naquela noite, parecera-lhe uma mensagem profunda. Ainda tinha o cheiro daqueles homens agarrado ao corpo, queria coçar-se por se sentir tão suja. Alguém lhe levara uma caneca de chá, mas não conseguira bebê-la porque a mão lhe tremia demasiado.

– Foi o Monty, o meu pai, que apareceu. A minha mãe tinha ficado em casa, julgo que por insistência dele – continuou. – Estava roxo de raiva, e por um minuto ou dois pensei que era pelo que me tinha acontecido. Mas não era. Estava furioso por ter sido arrancado de frente da TV numa noite tão fria. Adivinha quais foram as primeiras palavras que me disse?

– Se uma das minhas filhas tivesse sido violada, julgo que as minhas seriam: «Vou encontrar esses homens e matá-los» – respondeu Steven. – Mas calculo que não foi isso que ele disse.

– Não, nada que pudesse fazer-me pensar que se preocupava comigo – disse Beth, com os lábios a tremer. – Disse: «Isto é mesmo teu, sempre a arranjar sarilhos. Suponho que os provocaste.»

Steven abanou a cabeça, estupefacto. A crueldade de alguns pais era uma coisa que nunca deixava de espantá-lo.

– Acho que até o sargento da polícia que vinha com ele ficou chocado – continuou Beth. – Tentou dizer que eu tinha passado por uma horrível provação e que aquele não era o momento para recriminações. Mas mais lhe valia ter falado para a parede, o meu pai estava demasiado absorto em si mesmo para ouvir. Tinha uma gravata às pintas, e puxava por ela como se estivesse a sufocá-lo. O sargento disse que eu tinha de ser examinada pelo médico da polícia, e que depois recolheriam o meu depoimento, mas o meu pai não quis. Não parava de dizer que eu era uma estúpida e que ia levar-me para casa.

– Não quis que a polícia apanhasse aqueles homens e os acusasse? – arquejou Steven, incrédulo.

Beth abanou a cabeça.

– Sabes o que ele disse ao sargento? «Ora veja, meu bom homem, olhe para o tamanho daquela saia. Ela estava a pedi-las.»

«Naquele momento, só queria morrer. – A voz de Beth soou áspera de dor. – Estava a dizer que aqueles homens tinham feito bem em violar a filha. Mas não acabou ali, Steven. Obrigou os polícias a levarem-nos a casa e quando lá chegámos bateu-me com o chinelo e disse-me que eu dava nas vistas como um pau de bandeira. Castigou-me, mesmo depois daquilo por que eu tinha passado.»

Steven abraçou-a e embalou-a. Mais uma vez, deu por si desprovido de palavras de conforto. Perguntou a si mesmo como conseguira ela conservar a sanidade mental.

– E a tua mãe? – perguntou, passado algum tempo. – Com certeza não seguiu a mesma linha?

– Fez o que sempre fazia, recusou desafiar abertamente o meu pai – fungou Beth. – Foi ter comigo mais tarde, quando ele estava a dormir, e tentou confortar-me. Sei que estava profundamente perturbada, mas aquilo de entrar no meu quarto às escondidas só serviu para me mostrar como era fraca.

– E mais tarde? Voltaste à escola? Alguém disse alguma coisa?

– A minha mãe passou a maior parte dos dias seguintes a chorar. Quanto a mim, suponho que me recolhi dentro de mim mesma, não me lembro de quase nada. Mas o meu pai deve ter sentido algum remorso, porque algum tempo depois disse que era a sua maneira de me proteger. Disse que se

aqueles homens fossem presos e julgados, seria eu quem mais sofreria com o caso, e quer os homens fossem ou não condenados por violação, eu seria apontada a dedo, e o estigma ficaria para sempre comigo.

– Aposto que isso não te fez sentir-te melhor – disse Steven, ainda a abraçá-la.

– Não, não fez. Se ele tivesse pedido desculpa pela sua brutalidade naquela noite, talvez tivesse sido diferente. Só muitos anos mais tarde, quando vi como funciona a lei nos casos de violação e aquilo por que a vítima tem de passar, consegui admitir que ele tinha uma certa razão.

– Na altura contaste a mais alguém o que aconteceu?

– Não, nunca – disse Beth, com o rosto escondido no casaco dele. – Nem sequer à Serena ou ao Robert. Além dos meus pais, tu és a única pessoa que sabe.

– Foi um segredo enorme, terrível, para carregar contigo. Como conseguiste?

– Planeando a fuga – disse ela simplesmente, afastando-se dele. – Nessa primavera, estudei como uma louca para os exames. A universidade era a única saída, e eu tinha de lá chegar custasse o que custasse. Disse a mim mesma que se falhasse acabaria uma inútil como o meu pai.

De repente, soltou uma gargalhada, e Steven olhou para ela, consternado.

– Não te preocupes – disse ela, ao ver-lhe a expressão. – Não estou a ficar maluca, só estou a pensar na maneira como me vinguei do Monty. É que, sabes, não o deixei ficar impune. Depois de entrar para a universidade, deixava muito claro, nas minhas raras visitas, que só tinha ido ver a minha mãe. Nunca lhe disse uma palavra amável. E quando ficou mais velho e mais frágil, fui tão dura com ele como ele tinha sido para comigo. Ria das dores e maleitas dele, rebaixava-o de todas as maneiras que podia. Inventei que falava dele na aldeia, de tal modo que pouco depois deixou de lá ir. Levava a minha mãe de férias e deixava-o governar-se sozinho. E então, quando ela morreu, disse-lhe que ou aceitava ir para um lar ou eu contava ao Robert toda a história da violação. Aquilo abalou-o, não queria que o filho soubesse. A Serena e o Robert ficaram espantados por ele concordar tão facilmente, e por lhes ter dito que vendessem a casa para pagar as mensalidades.

Steven sentiu-se pouco à vontade. O homem podia ter sido um monstro, mas guardar tanto rancor durante tantos anos e fazer chantagem com um velho doente parecia-lhe um pouco excessivo.

– Tens de esquecer tudo isso, Beth – disse, a pensar em Susan e naquilo a que a levara o desejo de vingança. – Tenta perdoar-lhe.

Beth voltou-se para ele e, para sua surpresa, beijou-a na cara.

– Quem me dera poder – disse, pousando as mãos nos ombros dele e olhando-o nos olhos. – Tu foste o primeiro homem com quem consegui abrir-me, Steven. Não achas que é triste?

Steven adivinhou que ela queria dizer muito mais do que aquilo.

– Sim, é triste – concordou. – Mas agora, por teres falado comigo, transpuseste o primeiro obstáculo.

Ela sorriu-lhe e, pela primeira vez, ele viu-lhe nos olhos verdadeiro calor.

– És um homem tão bom – suspirou Beth. – Também tu tens de transpor o teu obstáculo e fazer qualquer coisa em relação à Anna. Prometes que vais fazer?

– Vou – disse ele, e estava a falar a verdade. Compreendia agora por que razão Susan admirara tanto Beth. Era corajosa e, suspeitava, tinha optado pelo direito criminal movida por uma necessidade genuína de ajudar os outros. Conseguira transformar uma coisa má numa coisa boa e nobre.

– E juntos havemos de safar a Susan – disse ela, fazendo-lhe uma festa na cara. – E vamos

continuar amigos?

– Um por todos e todos por um – disse ele. – E agora tenho de ir para casa.

CAPÍTULO 12

Nas semanas que se seguiram às suas revelações a Steven, Beth sentiu uma ligeira mudança em si mesma. Nada de dramático, mas parecia menos desligada das outras pessoas, menos reservada, e certamente menos pessimista. Por um ou dois momentos, na manhã posterior à conversa, quase entrara em pânico, com medo de que ele revelasse a alguém o que lhe tinha dito, mas mal o vira detetara-lhe no rosto qualquer coisa que lhe dissera que nunca trairia a sua confiança.

Talvez fosse isso que tornava tudo melhor; não conseguia lembrar-se de alguma vez ter confiado implicitamente em alguém. Mesmo com a aproximação do Natal, não sentia a habitual tristeza. À hora do almoço, ia comprar prendas para os sobrinhos e dava por si a gostar de o fazer. Quando Serena telefonara a perguntar se queria ir passar o Natal com eles, concordara sem hesitar, sem perguntar primeiro se Monty também estaria presente.

Felizmente, como mais tarde dissera a Steven, Serena acrescentara que o pai ficaria no lar. O seu recém-encontrado espírito natalício, afirmara Beth, não ia ao ponto de lhe apetecer estar com ele.

Quanto a Steven, tinha finalmente feito um ultimato a Anna. Para sua surpresa, ela não aproveitara a oportunidade para sair de casa, como temera; em vez disso, fora ao médico pedir conselho. O médico recomendara-lhe que passasse uma semana numa clínica privada para dependentes de droga e de álcool, e ela inscrevera-se quase logo a seguir. Agora, de novo em casa, tentava com muita força, e com a ajuda dos AA e do marido, deixar a bebida para sempre.

Steven estava moderadamente otimista. A sua alegria por Anna ter escolhido ficar com ele e com as filhas dava-lhe esperança numa recuperação e no futuro do seu casamento, mas ao mesmo tempo tinha consciência da possibilidade de ela voltar aos velhos hábitos a qualquer momento. Era a parte mais difícil para ele, pois apesar de saber que a confiança era crucial, tinha muita dificuldade em não ligar constantemente para Anna durante o dia para saber o que estava ela a fazer.

Beth sentia-se muitas vezes comovida pela compreensão que Steven tinha das fraquezas humanas. Certo dia, durante o almoço – tinham passado a almoçar juntos com muita frequência –, dissera-lhe que tê-lo como amigo fora como acender outra luz numa sala mal iluminada. Apesar de, na altura, ambos terem rido da analogia, e de Steven ter perguntado de quantos *watts* era, era assim que ela o via. Steven trouxera luz aos recônditos mais sombrios do seu espírito.

Era, de facto, amor o que sentia por ele, embora, claro, não pudesse dizê-lo por medo de ser mal compreendida. Era, ao fim e ao cabo, um amor platónico, não um amor romântico. Amava a sua compaixão, as pequenas gentilezas que prodigalizava a praticamente todos os que contactavam com ele. Nunca tivera um confidente, nunca lhe passara sequer pela cabeça que precisasse, ou quisesse, de um. No entanto, achava muito reconfortante saber que podia contar a Steven fosse o que fosse sem receio de que ele o repetisse. Também ele confiava nela, o que a fazia sentir-se valorizada de uma maneira muito especial.

Com Steven, conseguia rir de si mesma, outra coisa que nunca fizera com mais ninguém. Mas, acima de tudo, descobrir que tinha a capacidade de gostar profundamente de outro ser humano era como um bálsamo para a sua alma. Nunca se julgara capaz disso.

Susan parecia ter-se adaptado à rotina da prisão. Segundo Steven, parecia até ter lá encontrado uma espécie de contentamento. A liberdade, como Roy Longhurst fizera notar, não podia significar muito para quem nunca a tinha verdadeiramente conhecido.

Beth tinha tantos casos prementes entre mãos que só pudera visitá-la uma vez, mas Steven mantinha-a a par de tudo. Estava à espera do resultado dos exames psiquiátricos feitos a Susan e de uma resposta à carta que escrevera a Martin Wright a solicitar um encontro.

Quanto a Roy, Beth não o esquecera, mas com tanta coisa a acontecer à sua volta, também não o tivera na primeira linha dos seus pensamentos. Por isso quando ele telefonou, poucos dias antes do Natal, e a convidou para jantar nessa noite, ficou contente. O simples som da sua voz profunda provocou-lhe um estremecimento de inesperada excitação, e aceitou sem pensar duas vezes.

– Ainda bem que quer – disse ele, parecendo muito aliviado. – É que me adiantei um pouco. Marquei mesa no Glass Boat pouco depois da última vez que a vi. Sabia que ia ser difícil conseguir mesa num sítio minimamente decente tão perto do Natal.

– Quem levaria então esta noite se eu já tivesse um compromisso? – perguntou ela, divertida pelo facto de ele ter tido a previsão de marcar mesa mas não lhe ter dito nada.

– Ninguém. Telefonava-lhes a dizer que estava doente. É que, depois de ter feito a reserva, fiquei com medo de que não tivesse gostado de mim e que, se lhe telefonasse, me dissesse para ir dar uma curva. Sou uma pessoa muito insegura, como vê. Medo da rejeição.

Beth riu e disse que se encontrariam às oito. Depois de ter pousado o telefone, apercebeu-se de que semanas antes uma tal declaração, verdadeira ou falsa, só teria conseguido irritá-la. Estava definitivamente a descontrair.

*

Beth já tinha ouvido dizer que o Glass Boat era excelente, mas nunca lá tinha estado, e quando o táxi a deixou perto da Bristol Bridge e viu o restaurante flutuante, com todas as suas janelas iluminadas refletidas na água escura, sentiu-se de repente ridiculamente jovem e excitada.

Sabia que estava elegante com o novo vestido vermelho que comprara para a festa do Boxing Day em casa de Serena. Era justo, pelo meio da perna, e tinha mangas curtas, muito simples, excetuando o debrum de penas vermelhas à volta do decote redondo e bastante pronunciado. Uma vez que não tivera tempo para ir ao cabeleireiro, lavara e secara ela própria o cabelo. Apesar de geralmente achar que usar os cabelos soltos como uma louca tempestade negra a fazia parecer uma *groupie* de meia-idade, naquela noite parecera-lhe apropriado. Perguntou-se se Roy a reconheceria, uma vez que sempre a tinha visto com os cabelos puxados para trás e sóbrias roupas de trabalho.

Roy já estava a tomar uma bebida no pequeno bar quando ela entrou. Ergueu a cabeça, olhou para ela, desviou os olhos e voltou a olhar, o rosto a abrir-se num enorme sorriso ao perceber que era mesmo ela.

– Beth! – disse, levantando-se de um salto. – Estás sensacional! Absolutamente espantosa.

– O Roy também não está nada mal. – Beth sorriu. Roy vestia um elegante fato escuro feito por medida e uma camisa ofuscantemente branca. – Como vai tudo?

– Cheio de trabalho, mas a sentir-me muito festivo e contente. – Sorriu. – E a Beth?

– Mais ou menos o mesmo – disse ela, olhando em redor, e sorriu porque as decorações de Natal eram muito bonitas e o restaurante para lá do bar parecia simultaneamente elegante e acolhedor, com as velas e as flores.

Foi uma noite memorável. A maior parte das outras mesas estava ocupada por grandes grupos que festejavam e que, apesar de serem barulhentos com os seus *party poppers* e *crackers*[2] e grandes revoadas de riso, não eram incómodos, antes pareciam contribuir para criar ambiente. A refeição foi absolutamente deliciosa, e o serviço atento mas discreto. Sempre que olhava para o rio, através da janela, Beth ficava encantada pela ponte iluminada, pelas muitas árvores de Natal e luzes coloridas nos escritórios da margem oposta e pelos cisnes que nadavam majestosamente na água escura.

E Roy era uma agradável companhia, que a fazia rir com histórias de asneiradas da polícia e relatos dos desastres que iam pontuando o progresso das obras de restauração da sua casa.

– Deduzo então que a casa está finalmente a transformar-se num verdadeiro lar? – disse ela a dada altura, com um sorriso.

Ele assentiu.

– Tenho-me fartado de trabalhar. Mas vai ter de ir vê-la em breve. Até arranjei o caminho até à porta para que os seus elegantes sapatos não fiquem cheios de lama.

Quando chegaram ao café e ao *brandy*, Beth sentiu que não queria que aquela noite acabasse. Roy era tão boa companhia: divertido, interessante, inteligente e *sexy*.

Enquanto o via dirigir-se, com passos um tudo-nada inseguros, à área dos lavabos, pensou que era estranho considerar o facto de a sensualidade ser um atributo. Sentia-se geralmente muito pouco à vontade com homens que tivessem aquela qualidade.

Quando ele voltou a subir as escadas, percebeu que trazia qualquer coisa escondida atrás das costas e sorria como um rapazinho.

– O que foi? – perguntou, quando ele se deteve junto à mesa, a olhar para ela.

– Estás linda de comer – disse ele.

Beth riu.

– Porquê, não comeste já o suficiente para uma noite?

– Surpresa! – disse Roy, tirando de trás das costas um pequeno ramalhete de azevinho, com um aspeto já bastante decadente. – Contento-me com um doce. Um beijo.

Beth achou-o amoroso ao dizer aquilo. Tinha uma boca tão macia e sorridente, uns olhos escuros tão encantadores. Não queria saber que as outras pessoas estivessem a olhar, queria que ele a beijasse.

Foi um beijo perfeito. Lábios quentes e macios, que se demoraram apenas o suficiente para a fazer desejar estar de pé, a abraçá-lo. Uma das mãos dele acariciou-lhe a cara, enquanto a outra continuava presumivelmente a segurar o ramalhete de azevinho.

As pessoas da mesa ao lado aplaudiram. Beth corou ao perceber que os aplausos eram para eles.

– Hum… – disse Roy pensativamente, enquanto voltava a sentar-se em frente dela. – O doce estava delicioso.

No mesmo instante, a velha ansiedade regressou. Ele ia querer ir para o apartamento com ela, e não ia querer ir-se embora. Esta presunção pareceu confirmada quando, mais tarde, o ouviu pedir ao empregado que chamasse um táxi. No entanto, para sua surpresa, quando Roy voltou à mesa inclinou-se, beijou-lhe o pescoço e disse:

– Mandei chamar um táxi. Deixo-te em casa e depois sigo para Queen Charlton. Conseguir um táxi tão perto do Natal é raro, dois é uma impossibilidade.

Tiveram de caminhar ao longo do cais empedrado até Bristol Bridge, uma vez que os carros não podiam ir até ali, e estava muito frio depois do calor do Glass Boat. Beth tinha apenas uma *écharpe*

mais grossa à volta dos ombros, e também ela se sentia pouco segura nas pernas, mas ele passou-lhe o braço pelas costas e puxou-a para si.

As árvores ao longo do cais estavam decoradas com luzes coloridas, e Roy deteve-se debaixo de uma delas e beijou-a. Beth pareceu derreter-se contra ele, perdendo todas as inibições, e foi ele o primeiro a interromper o beijo, ficando a olhar para o rosto erguido dela.

– É linda, Ms. Powell – disse em voz baixa. – As luzes de Natal estão a pôr-te joias nos cabelos e a tua boca é a mais adorável que alguma vez vi. Feliz Natal!

*

Aquele Natal foi o melhor de que Beth conseguia lembrar-se. Mas talvez isso se devesse em parte à recordação da noite com Roy. Tinham-se beijado apaixonadamente durante todo o caminho até ao apartamento dela, mas ele não forçara as coisas apeando-se do táxi e pedindo para entrar. No dia seguinte, enviara-lhe um encantador arranjo de flores de Natal, com uma nota a agradecer-lhe uma noite maravilhosa. Desejava-lhe um feliz Natal e dizia que lhe telefonaria quando ela voltasse.

Conseguira um equilíbrio perfeito. Interessado, mas não insistente ao ponto de enervá-la. Beth partiu de Bristol por volta do meio-dia da véspera de Natal, e não obstante a sua convicção de que iria encontrar engarrafamentos de trânsito à volta da M25, as estradas estavam calmas e chegou a Brightling, a aldeia próxima de Battle onde Serena e a família viviam, às cinco e meia da tarde.

Quando trabalhava em Londres, costumava visitar Serena pelo menos quatro vezes por ano, e geralmente ficava uma noite. Mas desde que se mudara para Bristol só a vira uma vez, e sentia que o seu afastamento magoava a irmã, apesar de Serena saber como a viagem era longa e cansativa. Por isso ia à espera de alguma frieza, pelo menos inicial. Mas não aconteceu, de maneira nenhuma.

Foi alegremente recebida por Serena e pelo marido, Tony. As duas sobrinhas, Becky e Louise, de dezoito e dezasseis anos, respetivamente, comportaram-se como se ela fosse um membro da realeza: escoltaram-na até ao pequeno quarto de hóspedes, ajudaram-na a desfazer a mala, admiraram as roupas e os sapatos com louco entusiasmo.

Serena merecia bem o nome, porque era a serenidade em pessoa. E era bonita, também, sempre fora desde criança. Tinha cabelos pretos e encaracolados, como os de Beth, mas usava-os sempre curtos, o que realçava os olhos escuros e profundos, que, dizia-se, herdara da avó. Tinha ainda a sorte de ter uma pele morena, e não branca como a de Beth.

Aos cinquenta e quatro anos, com alguns cabelos grisalhos, rugas à volta dos olhos e as formas outrora esguias a tornarem-se volumosas, ainda fazia voltar muitas cabeças. Usava roupas largas de cores vivas e colares e pulseiras de bijuteria étnica, o que a fazia parecer uma flor exótica. Mas, além de ser bonita, Serena era uma pessoa extremamente sociável e uma grande organizadora. Não só tinha decorado a casa de modo a fazer lembrar a gruta do Pai Natal, como preparara comida suficiente para alimentar um exército e planeara as atividades dos três dias seguintes.

Estas tiveram início logo a seguir ao jantar, com bebidas em casa de uns vizinhos antes do serviço religioso, à meia-noite, na igreja de Brightling. O dia de Natal começou com *Buck's Fizz* enquanto abriam as prendas, e ao meio-dia, quando Robert e a mulher, Penny, e os dois filhos do casal, Simon e Edward, chegaram, vários vizinhos apareceram para uma bebida pré-prandial.

E continuaram no mesmo ritmo, com pessoas a entrar e a sair e visitas a outros vizinhos até à noite do dia 26, quando Serena deu a sua habitual grande festa. Como sempre, Beth ficou espantada com a capacidade que a irmã tinha de dar de comer e beber a dúzias de pessoas, incluindo um pequeno

exército de crianças a ver vídeos no primeiro piso, e continuar impávida e fresca como se nada fosse.

Foi, no entanto, o terceiro dia das Festas que maior significado teve para Beth. De manhã, Tony levou Becky e Louise a Brighton, de modo que Serena pôde passar algumas horas sozinha com a irmã. Sentaram-se na sala, perto da lareira, com os pés apoiados em pufes e a relaxar.

– Pareces muito mais feliz – disse Serena a dada altura. – Descontraída e alegre. É o trabalho, ou é um homem?

Os dez anos de diferença de idades sempre tinham feito com que as relações entre as duas fossem mais do género tia-sobrinha do que de irmãs. Serena saíra de casa aos dezoito anos, muito pelas mesmas razões que Beth, mas sempre se preocupara por ter deixado a irmã mais nova a aguentar sozinha as consequências dos maus humores do pai. Esforçava-se por compensar a ausência oferecendo a Beth roupas e outras pequenas coisas, e nunca deixara de apoiá-la. Ainda agora, com cinquenta e quatro anos e sendo a irmã uma advogada de sucesso, continuava a carregar o fardo da culpa. Para ela, o facto de Beth continuar solteira e sem filhos era o reflexo da sua própria incapacidade de ajudá-la mais e melhor quando Beth era pequena.

Beth sabia disto e, por vezes, esse conhecimento aumentava ainda mais a sua tristeza interior. Serena era uma Mãe Terra, distribuía amor às mãos-cheias, não só ao marido e às filhas, mas também aos amigos, aos vizinhos e a praticamente todo e qualquer um que encontrasse no seu caminho. Fazia tudo com amor – trabalhar, decorar e mobilar a casa, arranjar as flores na igreja, até visitar o pai, que não merecia que ela lhe dedicasse sequer um momento. Beth decidiu dar-lhe aquilo que para ela seria a mais perfeita das prendas de Natal: saber que a irmã mais nova se sentia feliz e preenchida.

– O trabalho *e* um homem – disse Beth, com um grande sorriso. – Adoro estar em Bristol, sou feliz lá, e há um romance a desabrochar.

Não achava que fosse exatamente uma mentira. Depois do jantar com Roy, qualquer mulher esperaria que a relação se transformasse num romance a sério. Era óbvio que ele a desejava, era livre, e ela experimentara com ele essa sensação de ter borboletas no estômago, o que constituía prova irrefutável de que o caso era especial.

– Oh, Beth, fico tão contente – disse Serena, entusiasmada. – Conta-me tudo sobre ele.

Beth descobriu que lhe era surpreendentemente fácil fazer parecer que Roy era o «Sr. Certo». O trabalho que fazia, a casa onde morava, o seu sentido de humor, até a aparência, tudo nele era tão atraente. Não precisou de exagerar, e só falar dele punha-lhe um calor no peito.

– Suponho que é igualmente bom na cama? – disse Serena, rindo.

– Ainda não experimentei essa parte – admitiu Beth, a desejar que a irmã não fosse sempre tão terra a terra.

– Porque não? – espantou-se Serena.

– Não o conheço assim há tanto tempo – respondeu Beth, o que levou a uma explicação de como e porquê ela e Roy se tinham tornado amigos.

Serena ficou fascinada ao saber que a mulher de que ouvia falar nos noticiários era a velha amiga da irmã e que Beth estava envolvidíssima no caso. Beth explicou o que levara Susan a matar duas pessoas, e como ela e Roy se tinham conhecido por causa disso.

– Foi o destino que voltou a juntar-vos, a ti e à Suzie – disse Serena, pensativa. – E o Roy também. Deixa-te levar pela corrente, tem de haver uma razão por detrás de tudo isto. Tenho a certeza de que o Roy é o homem certo para ti.

Era absolutamente típico de Serena sugerir a ação de uma qualquer ligação espiritual. Vivera assim toda a sua vida, convencida de que nada acontecia por acaso e que tudo estava predeterminado.

Por uma vez, porém, também Beth queria acreditar que sim.

Beth deixou Brightling ao princípio da tarde para regressar a Bristol. Enquanto conduzia pelas estradas escuras e desertas, deu por si a pensar em Robert e em Serena. Sempre se considerara a esquisita da família. Serena e Robert eram pessoas gentis, generosas. Amavam e davam, lentos a sentirem-se ofendidos, rápidos a elogiar. Pareciam tão descomplicados, tão indulgentes. E no entanto a irmã dissera-lhe, naquela manhã, que tanto ela como Robert tinham carregado muito ressentimento da infância e que ambos tinham tido várias relações desastrosas antes de encontrarem a verdadeira felicidade com os seus atuais parceiros.

– Eu estava a tornar-me igual à mãe – dissera Serena a dada altura. – Deixava os homens maltratarem-me, fazerem de mim o que queriam. Suponho que achava que não merecia mais. O Robert disse-me uma vez que costumava ser cruel para as mulheres e que via em si mesmo mais do que uma semelhança fortuita com o pai. Eu consultei um psiquiatra, graças a uma amiga que não me deixou ir abaixo. O Robert foi salvo por uma mulher mais velha com quem teve um caso. Ambos aprendemos a pôr de lado os terríveis exemplos que nos mostravam em casa, e encontrámos os nossos verdadeiros «eus».

Aquilo fora um choque para Beth, que sempre imaginara que Robert e Serena tinham singrado na vida sem uma única angústia.

– Então e eu? – perguntara. – Não deixo os homens me maltratarem mas também não maltrato ninguém. E mesmo assim não consigo deixar de pensar nas coisas que aconteciam em nossa casa.

Desejara naquele momento poder falar a Serena da violação. Queria que a irmã soubesse a verdadeira razão que a impedia de sentir-se inteira. Mas não fora capaz. Além da perturbação que iria causar a Serena, a mãe obrigara-a a prometer que nunca contaria nada ao irmão e à irmã, e uma promessa era uma promessa.

– És o oposto de mim – dissera Serena, pensativa. – Eu lidei com o problema fazendo tudo o que podia para que as pessoas me amassem. Tu nunca deste a ninguém a mais pequena hipótese. Dou graças a Deus por nunca teres sido promíscua como eu, quando era nova, porque isso pode fazer muito mal. Mas ser tão fria também não é bom. Privaste-te a ti mesma de muita alegria. Desta vez esforça-te mais, Beth, por mim. Dá a esse polícia ao menos meia hipótese.

Era muito tarde quando chegou, e o apartamento pareceu triste e despido depois da cor e da luz da casa de Serena. Mas a luz vermelha do atendedor de chamadas estava a piscar, e depois de ouvir a mensagem sentiu-se melhor. Era de Roy. «É só para ter a certeza de que chegaste bem. Telefona-me, seja a que horas for. Há gelo nas estradas e não vou conseguir dormir sem saber que chegaste.»

Ligou-lhe para o número que ele lhe tinha dado durante o jantar. Ele atendeu ao primeiro toque.

– Estou em casa – disse ela. – Já podes ir dormir.

– O Natal foi bom?

– Ótimo. E o teu?

– Melhor do que esperava. Mas a verdade é que estive de serviço a maior parte do tempo. Posso telefonar-te amanhã e combinar um encontro?

– Claro. Fico à espera. Dorme bem.

*

Steven entrou no gabinete de Beth pouco depois de ela chegar ao trabalho, na manhã seguinte. Foi ótimo voltar a vê-lo, e depois das habituais perguntas sobre o Natal, ele admitiu que passara um mau bocado com Anna.

– Já me tinham avisado de que o Natal era uma época má para os alcoólicos em recuperação – disse, sombrio. – Com toda a gente a beber. Esteve sempre muito agitada e sarcástica, tudo o que eu dizia parecia irritá-la. Mas não bebeu, e estou muito orgulhoso dela. Mesmo assim, fiquei feliz por voltar ao trabalho.

Beth disse que achava que Anna tinha muita sorte em ter um marido tão compreensivo. Steven sorriu.

– Não sei se me poderão chamar exatamente compreensivo – disse. – Refugiei-me na minha própria cabeça, a pensar no caso da Susan e em como devemos insistir em falar com os homens que passaram pela vida dela.

Beth assentiu; também ela pensava o mesmo.

– Já tiveste alguma resposta do Martin Wright?

– Sim, chegou esta manhã. Parece ser tão egoísta como imaginávamos. Recusa terminantemente deslocar-se a Bristol para falar comigo. Mas digna-se dizer que pode receber-me a 6 de janeiro, em sua casa. Vamos ter de descobrir também o Reuben e o Liam.

Beth pensou naquilo por um instante.

– Não podemos fazer grande coisa até depois do Ano Novo – disse. – Mas eu posso ir a Stratford-upon-Avon no sábado a seguir. Posso falar com os antigos vizinhos da Susan e perguntar-lhes se sabem onde para o Liam.

– Eu oferecia-me para ir contigo, mas não posso deixar a Anna. Está ainda muito frágil, facilmente perturbável, e eu ir contigo para qualquer lado poderia ser o suficiente para a fazer passar para o outro lado.

– Não há problema – respondeu Beth. Steven parecia exausto, e ela calculou que não lhe tinha dito toda a verdade a respeito de como o Natal fora difícil. – Talvez consiga convencer o meu polícia de estimação a ir comigo. Não como polícia, claro, mas como amigo.

Steven sorriu. Soubera do jantar e notara o brilho que irradiava dela no dia seguinte.

– A que se deve esse sorriso idiota? – perguntou ela, mas o tom foi afetuoso.

– Só a esperança de que as coisas resultem entre vocês os dois – disse ele. – Entretanto, o que é que fazemos em relação ao Reuben?

– Pensamos nisso depois de termos encontrado o Liam – propôs ela. – Para já, temos muito com que nos entretermos.

Roy ia trabalhar durante o Ano Novo, mas disse que teria muito prazer em ir com ela a Stratford-upon-Avon no sábado a seguir e sugeriu que aproveitassem o fim de semana e passassem a noite num hotel.

– Quartos separados – disse, quase demasiado depressa, antes que Beth tivesse sequer tempo de pensar sobre o que achava de partilharem um. – Conheço um muito agradável, com um excelente restaurante, de modo que posso tratar das reservas, se quiseres.

Beth concordou, mas mal pousou o telefone foi direita ao gabinete de Steven para lhe contar.

– Achas que devo? – perguntou, apoiada ao peitoril da janela e a olhar para a praça lá em baixo. –

Não estarei a pedir para ser novamente magoada?

Apesar de ela não lhe ter dito que tinha um problema com o sexo, Steven estava cem por cento seguro de que sim, e aquilo era a maneira dela de o confirmar.

– Quanto é que gostas dele? – perguntou. – Numa escala de um a dez?

– Acho que dez – respondeu ela, ainda de costas voltadas. – Mas tenho medo.

– Tu, a indomável Ms. Powell, tens medo? – brincou ele. – Aposto que o pobre do Roy também está a tremer como varas verdes.

– Não sejas pateta – disse ela, voltando-se para o encarar. – Porque havia o Roy de estar com medo?

– Porque também foi magoado, e tu és um grande prémio. – respondeu Steven. – Os homens não são tão confiantes a respeito destas coisas como gostam de dar a entender. Vai, Beth, diverte-te e vê o que acontece. Não me parece que o Roy seja do género de ficar amuado se não o convidares para a tua cama.

Ela ficou calada por um instante, outra vez a olhar lá para fora.

– O que foi, Beth?

– Achas que lhe conte?

– Sim, acho, se julgas que ele é assim tão especial – disse Steven, levantando-se da secretária e pousando uma mão no ombro dela. – Ajudá-lo-á a compreender-te.

– És um amor – disse Beth, voltando-se e fazendo-lhe uma festa na cara. – Ajudaste-me mais do que possas imaginar.

– Vai lá e diverte-te com o Roy. – Steven sorriu. – Mas não te deixes envolver ao ponto de te esqueceres de tentar encontrar o Liam.

Beth passou a noite de Ano Novo sozinha. Tinha sido convidada para uma festa em Bath, mas declinara, preferindo ficar sossegada em casa a enfrentar o desafio de tentar conseguir um táxi na noite mais agitada do ano. À meia-noite, vestiu o casaco e foi para a varanda com uma bebida ver os fogos de artifício que rebentavam por toda a cidade.

No ano anterior, por aquela altura, estivera verdadeiramente em baixo, com um braço partido e depois de ter passado o Natal sozinha e cheia de dores. Recordou como se enchera de pensamentos amargos ao ouvir o repicar dos sinos e o barulho dos festejos, pois parecera-lhe que toda a sua vida passara sem que ela experimentasse sequer uma fração da alegria e da felicidade que todos os outros pareciam estar a sentir naquela noite.

Mas agora não sentia o mesmo. Os sinos das igrejas pareciam repicar uma mensagem a dizer que o passado estava morto e o futuro era uma coisa nova e excitante. Quando Roy telefonou poucos minutos depois da meia-noite a desejar-lhe um feliz Ano Novo e disse que mal podia esperar por sábado, ela apercebeu-se de que sentia exatamente o mesmo.

Roy foi buscá-la às oito e meia, no sábado de manhã. Queriam sair cedo, porque às quatro da tarde seria noite. Enquanto ele conduzia, Beth pô-lo ao corrente de tudo o que ela e Steven tinham descoberto sobre Susan.

– Diz-me uma coisa – pediu ele, quando ela acabou. – Continuas a gostar dela? Quero dizer, se as circunstâncias fossem diferentes, serias capaz de reatar a vossa antiga amizade?

Beth pensou por um momento.

– Não sei – respondeu. – É uma incógnita, não é? Ela está na prisão, eu sou advogada. Passou tanto

tempo.

– Sim, mas continuas a gostar dela, apesar de tudo? É que, sabes, uma vez tive de prender um velho amigo meu. Não nos víamos há cerca de quinze anos, e ele estivera envolvido num assalto com arma de fogo ao edifício de uma empresa, de modo que nem sequer hesitei. Mas descobri que continuava a gostar dele, era mais forte do que eu. E ele continuava a gostar de mim, apesar de eu o ter posto na prisão.

– É difícil dizer. Para começar, toda aquela coisa das visitas impede-nos de sermos nós mesmas – disse Beth, pensativa. – Há lampejos da antiga Suzie, mas no geral é uma pessoa diferente daquela que conheci.

– De que maneira?

Beth pensou por um momento.

– Está mais rude. Costumava ser tão senhoril, nunca se sentava numa sanita com medo de apanhar qualquer coisa. Lembro-me de uma vez, quando tínhamos doze anos, estarmos a falar de beijos. Ela achava a ideia das línguas absolutamente nojenta – disse, com uma gargalhada.

– Bem, todos nós passamos esse obstáculo. – Roy riu. – É natural que tenha deixado de ser tão esquisita depois de passar quase um ano numa comuna *hippie*, não achas?

– Isso é, em parte, o que eu acho tão difícil de perceber. Compreendo o caso com o jardineiro. Foi romântico, e praticamente qualquer outra mulher tão só e insegura a respeito do futuro como ela devia estar teria feito o mesmo. Quando soube como viveu em Ambra Vale com a Annabel, também isso me pareceu normal. Adorava a filha, aquela criança compensava toda a tristeza e todos os desapontamentos da vida dela. Se ela tivesse matado aquelas pessoas logo a seguir à morte da Annabel, compreenderia tudo perfeitamente.

– Deduzo que estás a dizer que não consegues perceber a parte a respeito do Reuben?

– Não, não consigo. Parece-me tudo muito estranho. Segundo o Steven, a Susan voltou a ser ela própria enquanto esteve com o Reuben. Se isso é verdade, porque foi que voltou a desatinar quando regressou a Bristol? Não encaixa com o carácter da rapariga de que me lembro.

– Encaixaria se ela tivesse enlouquecido – disse ele, voltando a cabeça para olhar para ela. – Não acreditas que foi o que aconteceu?

– Podia acreditar se soubesse que tinha sofrido outro trauma em Gales. Mas, de acordo com o Steven, só acabou por ficar desiludida com tudo aquilo, nada mais. Será possível alguém entrar e sair da racionalidade?

Roy encolheu os ombros.

– Aí está uma boa pergunta para os psiquiatras.

Chegaram a Stratford-upon-Avon às dez e meia e, depois de um pequeno-almoço tardio e uma chávena de café, seguiram para Luddington. Beth descobriu que sabia o caminho e reconheceu muitas casas, apesar de um grande número delas ter agora pórticos novos e garagens, mas parecia tudo muito diferente do que recordava.

– Suponho que é só por ser inverno – comentou; o dia estava cinzento e frio, os campos eram terra nua e castanha e faltava a frondosa paisagem verde que lhe ficara impressa na memória. – É familiar e ao mesmo tempo estranho.

Mas o pequeno jardim da aldeia, as bonitas vivendas com telhado de madeira e telha e a Igreja de All Saints continuavam tal e qual os recordava. The Rookery, no entanto, estava quase invisível atrás das árvores e dos arbustos; passaram pela casa sem a ver e tiveram de fazer inversão de marcha

quando Beth se apercebeu de que já ficara para trás.

Roy encostou à berma, do lado oposto ao caminho de acesso.

– É isto? – perguntou, surpreendido. – Parece uma casa assombrada.

Tinha razão, parecia. O género de lugar onde qualquer pessoa pensaria duas vezes antes de se aventurar no escuro. Beth sempre a achara misteriosa, mas isso fora apenas por causa das árvores que a rodeavam. Tinham crescido muito e agora quase envolviam a casa, tapando muitas das janelas.

A cancela de cinco traves em que Suzie estava tantas vezes a balouçar quando Beth chegava tinha desaparecido. Talvez os novos proprietários não quisessem dar-se ao trabalho de abri-la e fechá-la sempre que entravam ou saíam. Mas não era possível ver que outras alterações tinham sido feitas, por causa das árvores.

– Pergunto a mim mesma se o fantasma da velha avó maluca não os deixa dormir – disse Beth.

Roy riu.

– Mesmo que deixe, vão ter os jornalistas a assombrá-los quando o caso da Susan chegar a tribunal. Não me parece que seja boa ideia tentar sacar-lhes informações. O que é que achas?

Beth olhou para as duas pequenas moradias perto do sítio onde tinham estacionado, provavelmente antigas casas camarárias entretanto melhoradas com novos pórticos e mais janelas. Julgou lembrar-se de que uma delas tinha sido uma loja, nos anos sessenta. A outra parecia pertencer a pessoas já de idade, a julgar pelas antiquadas cortinas de rede nas janelas e pela pequena grade destinada às garrafas de leite ao pé da porta, e como as janelas davam diretamente para The Rookery, era provável que as pessoas que lá viviam soubessem mais do que quaisquer outras a respeito do que se passava do outro lado da estrada.

– Tentemos aqui – disse Beth.

O toque da campainha foi atendido, ao cabo do que lhes pareceu uma eternidade, por uma velhota pequenina, de cabelos grisalhos, quase afogada num espesso camisolão de lã que lhe chegava aos joelhos.

– Peço desculpa por incomodá-la num sábado de manhã – disse Beth –, mas ando à procura de uma amiga minha que vivia naquela casa do outro lado da estrada. A Suzie Wright. Perdemos o contacto quando eu fui para o estrangeiro.

Beth preparou-se para uma chuva de invetivas, mas muito claramente a velhota não tinha estabelecido a ligação entre a antiga vizinha e a assassina de Bristol, pois a sua expressão foi de bondoso interesse.

– Foi-se embora quando a casa foi vendida – disse, mirando Beth e Roy dos pés à cabeça. Presumivelmente, passaram no exame, pois a mulher convidou-os a entrar, comentando que estava demasiado frio para ficar a conversar com a porta aberta.

Levou-os para uma quente e acolhedora sala de estar nas traseiras da casa, com um pequeno sofá e um cadeirão de braços junto à lareira.

Uma vez no interior, Roy voltou-se para a mulher.

– É muita gentileza da sua parte, Mrs… – disse, e estendeu a mão para apertar a dela.

– Mrs. Unsworthy – disse a velhota, aceitando o cumprimento.

– A minha noiva, a Beth, tem-se esforçado imenso por encontrar a Suzie – continuou Roy, surpreendendo Beth com o seu encanto. – É que gostaríamos de a convidar para o nosso casamento.

Beth lançou-lhe um olhar de soslaio, mas ele nem pestanejou.

– Por isso pensámos que se viéssemos até cá e perguntássemos às pessoas, talvez conseguíssemos

encontrá-la. Diz que a casa foi vendida. Quando foi isso?

– Não me recordo exatamente – disse a velha senhora, sentando-se no cadeirão e indicando-lhes o sofá. – Há oito, nove anos, julgo eu. Foi muito triste para a Suzie. Tinha começado a tomar conta da mãe quando era ainda praticamente uma criança, e então ela morreu, e depois o pai, poucas semanas mais tarde. O patife do irmão vendeu a casa e deixou-a sem nada.

– Meu Deus! – exclamou Beth. – O Martin fez uma coisa dessas? Que horrível para ela! Tem de contar-me tudo.

O rosto de Mrs. Unsworthy ganhou uma nova animação. Fez chá, ofereceu-lhes uma fatia de bolo de frutas já bastante seco e retomou a história dos Wright.

Mr. e Mrs. Unsworthy tinham comprado a casa apenas um par de anos antes de a avó de Susan morrer. O contacto que tinham com os Wright, na altura, pouco mais além ia de dizerem bom-dia, mas sabiam, através de outras pessoas da aldeia, que a velhota que vivia com eles estava senil.

– Tinha muita pena da Margaret Wright – disse. – Tinha um cão, naquele tempo, de modo que ia muitas vezes passear com ele junto ao rio e via a Margaret a pôr a roupa a secar no jardim. Filas de lençóis, de modo que deduzi que a mãe dela era incontinente. Falava mais com a pequena Suzie. Por vezes estava a tratar do jardim da frente quando ela chegava da escola e conversávamos um pouco. Era uma boa rapariga, gostava de ajudar a mãe, um pouco antiquada. Só conheci bem a Margaret depois de a velhota morrer. Julgo que foi a primeira vez que fui a casa deles. Fui ver se podia ajudar de alguma maneira. A Margaret disse que ficaria contente se eu pudesse ficar e beber uma chávena de chá com ela. Disse que havia muitos anos que não tinha a companhia de pessoas com juízo. Mas a pobre mulher teve um AVC alguns meses mais tarde, e foi a Suzie que teve de ficar em casa a tomar conta dela.

Beth pensou que Mrs. Unsworthy daria uma boa testemunha de defesa, pois falava com grande veemência de como fora injusto para Susan passar a juventude inteira a tratar de uma doente.

– A pobrezinha entrou aqui a chorar como uma criança no dia em que soube que o pai tinha deixado a casa ao Martin – disse, indignada. – Não conseguia acreditar que o pai lhe tinha feito aquilo. E nós também não.

Beth decidiu levar as coisas um passo mais adiante.

– Uma outra velha amiga nossa disse-me que a Suzie tinha tido um caso com o jardineiro – disse com um pequeno risinho, como se não acreditasse. – Será verdade, Mrs. Unsworthy?

A velhota franziu os lábios, num gesto de reprovação.

– Sim, andava com ele – disse. – Costumávamos ouvi-los na galhofa, no jardim, a altas horas da noite. Ele deixava sempre a carrinha estacionada lá fora até que o meu John lhe pediu que a pusesse noutro lugar qualquer. Uma coisa horrível e velha, cheia de ferrugem.

– Porque não a punha no caminho de acesso?

– Suponho que a Suzie achava que isso tornaria óbvio que ele estava a passar a noite com ela – respondeu Mrs. Unsworthy. – Ou talvez tivesse medo que o Martin visse.

– Ficou chocada quando ela começou a andar com ele? – interveio Roy. – Ouvimos dizer que era como um cigano.

– Não sou pessoa de coscuvilhices – declarou a velha senhora, cruzando os braços sobre o peito. – A pobre rapariga merecia divertir-se um pouco, depois de tudo aquilo por que tinha passado. Mas podia ter arranjado coisa melhor. Não me entendam mal, não sou nenhuma *snob*. Mas ele não tinha nada exceto a velha carrinha, e até sabermos que o Martin ficara com a casa sempre pensámos que a

Suzie herdaria tudo. Receávamos que o homem fosse um caçador de fortunas.

– Então a Suzie foi com ele? – perguntou Beth. – Quero dizer, quando o irmão vendeu a casa.

– Não, deve ter caído em si. Ou talvez o irmão lhe tenha enfiado algum juízo na cabeça. Foi-se embora sozinha, numa carrinha, com toda a mobília. Imagine, nem sequer se deu ao trabalho de se despedir de nós!

– Palavra? – exclamou Beth. Susan tinha-lhes dito, a ela e a Steven, que deixara mensagens para Liam a uma vizinha, e era certamente àquela que se referia. – Está a dizer que não deixou uma morada para lhe enviarem o correio, nem nada?

– Nem uma palavra. – Mrs. Unsworthy franziu os lábios. – Nem sequer me disse quando ia. Um dia estava em casa, tudo parecia normal. No dia seguinte, vi uma carrinha de mudanças à porta e um homem a carregar coisas. Se soubesse que ela se ia embora, tinha ido até lá. Mas pensei que fosse o Martin a levar aquilo a que não tinha direito.

Era mais do que evidente que a velhota gostara de Susan e a conhecera bem. Descrevia-a como sendo uma pessoa muito capaz, calma, estoica e generosa.

– Como pôde ela ir-se embora sem me dizer uma palavra? – Subitamente, os olhos de Mrs. Unsworthy encheram-se de lágrimas. – Fiquei tão magoada, não consegui compreender, sobretudo depois de ela ter corrido para mim quando o irmão foi tão mau para ela. O meu John disse que ela havia de escrever dentro de uma ou duas semanas, mas nunca escreveu. Nem sequer um cartão de Natal.

Também Beth achava aquilo muito estranho. Sempre pensara que Susan era do género sentimental em relação às pessoas. E não era normal alguém que toda a sua vida cuidara dos outros magoar daquela maneira uma pessoa que fora bondosa para com ela.

– Escreveu a mais alguém, ou deixou uma morada a mais alguém? – perguntou.

– Que eu saiba, não. – A velha senhora fungou. – Montes de pessoas da aldeia vieram perguntar-me a mesma coisa. É que, sabe, toda a gente gostava dela. Toda a gente tinha pena dela por causa do que o irmão lhe tinha feito.

– Terá deixado a nova morada às pessoas que compraram a casa? – perguntou Roy.

Mrs. Unsworthy abanou a cabeça.

– Vieram perguntar-me se eu a tinha alguns meses depois de se terem mudado para cá. É que havia algumas cartas para a Suzie. Sabiam que ela e o irmão não se davam, de modo que pensaram que se lhas dessem a ele talvez não lhas entregasse.

Beth olhou interrogativamente para Roy.

– O jardineiro veio procurá-la? – perguntou ele.

– Aqui, não.

– Voltou a vê-lo desde então? Parece que cuidava de muitos jardins nesta área.

– Nunca mais voltei a pôr-lhe a vista em cima – disse firmemente a velhota.

– Lembra-se de qualquer outra pessoa na aldeia que possa saber onde ele está? – perguntou Roy.

– Talvez saibam no The Bell, em Shottery. Ele ia lá beber muitas vezes.

– É estranho – disse Beth, enquanto voltavam ao carro. – Porque me terá a Susan dito que tinha deixado a nova morada ao Liam quando não deixou?

– Porque o caso já tinha acabado? – sugeriu Roy. – Talvez tenha inventado toda aquela história de amores para se justificar a si mesma.

– A mim convenceu-me. A única coisa que achei estranho foi o desgosto ter-lhe passado aparentemente tão depressa.

– Talvez não se tenha despedido de Mrs. Unsworthy nem mantido o contacto por causa da gravidez. Disseste que era para o antiquado. Talvez tivesse vergonha e não quisesse que as pessoas se pusessem a falar do assunto.

Beth concordou com um aceno de cabeça. Sendo ela própria do género de nunca falar dos seus assuntos pessoais com quem quer que fosse, compreendia perfeitamente a atitude.

– Vamos tentar o *pub*, e, se isso falhar, podemos sempre ir dar uma vista de olhos à casa da Anne Hathaway, que fica perto.

O interior do The Bell, em Shottery, foi uma desilusão. Beth esperara que um velho *pub* tão próximo de uma atração turística como a casa onde a mulher de Shakespeare tinha vivido tivesse conservado intacto o seu charme «velho mundo». Mas seguira o mesmo caminho que tantos outros: máquinas de sumos de fruta, música ambiente e alcatifa de parede a parede. Nem sequer uma verdadeira lareira a lenha.

Era, apesar disso, acolhedor, ainda com a árvore e as decorações de Natal, e sendo a época do ano errada para turistas, a clientela parecia maioritariamente constituída por gente da terra.

Roy pediu uma caneca de cerveja para si e um copo de vinho para Beth e deixaram-se ficar junto ao balcão enquanto ponderavam qual daquelas pessoas poderiam interrogar a respeito de Liam com mais probabilidades de êxito.

Havia um pequeno grupo de homens de mais velhos sentado perto da mesa de bilhar que, a julgar pelos casacos de *tweed* e pelas pesadas botas, deviam ser agricultores.

– Tentamos com eles? – perguntou a Beth.

– Vai tu sozinho – sugeriu ela. – Junto-me à conversa se parecer que vai dar qualquer coisa.

– Pensava que eras a favor da emancipação das mulheres – observou ele, com um sorriso.

– E sou. Mas os homens daquela idade falam mais facilmente com outros homens do que com uma mulher. Além disso, tu é que és o superpolícia, não sou eu.

Roy levou a caneca de cerveja e aproximou-se da mesa.

– Será que algum dos senhores me pode ajudar? – disse. – Procuro um jardineiro chamado Liam Johnstone. Disseram-me que costuma vir aqui. Conhecem-no?

Os homens entreolharam-se.

– Não era assim que se chamava aquele cigano de cabelos compridos? – perguntou um deles a um sujeito corpulento que usava um colete castanho por baixo do casaco.

– Sim, chamava-se Liam – respondeu o homem, com um cerrado sotaque do Warwickshire. – Costumava beber uns copos com ele, mas não sei onde para agora. Há anos que não o vejo.

– É pena – disse Roy. – Costumava tratar do jardim de um amigo meu que gostava do trabalho dele. Alguém faz ideia de onde possa encontrá-lo?

O homem corpulento abanou a cabeça.

– Muitos me fizeram essa pergunta, e vou dizer-lhe a mesma coisa que disse a todos eles: deve ter ido para o Sul.

– Conheceu-o bem? – insistiu Roy. Gostava do ar daquele velho, que devia ter pelo menos setenta e cinco anos mas que se mantinha saudável e forte, com um rosto curtido pelo tempo.

– Acho que posso dizer que sim, costumávamos beber juntos. Gostava dele, apesar de parecer um cigano.

– Posso pagar uma rodada? – ofereceu Roy, dirigindo-se ao grupo, na esperança de que um pouco de álcool lhes oleasse as engrenagens da memória.

Depois de quatro canecas de cerveja terem sido levadas para a mesa, Roy voltou-se para o homem corpulento, que se apresentou como Stan Fogetty.

– Disseram-me que o Liam tinha uma namorada em Luddington – disse. – Sabe quem é? Talvez consiga encontrá-lo através dela.

– A única rapariga de que tive conhecimento foi a Suzie Wright. Mas ela também já não está para estes lados – respondeu Stan, e lançou-se no relato de como a tal rapariga fora espoliada pelo irmão, que lhe roubara a casa. A indignação na voz dele e a animação nos rostos dos outros homens mostrava que o assunto fora objeto de acalorado falatório, na altura, e que todos eles condenavam veementemente o que fora feito.

Beth aproximou-se, neste ponto, e ela e Roy ouviram com atenção, como que fascinados por um pedaço de história local. A versão de Stan era muito semelhante à de Mrs. Unsworthy, sendo a única diferença que Stan, nado e criado em Luddington, conhecera Charles e Margaret Wright muito melhor.

– Acho que o jovem Liam teve pena da pequena Suzie – disse Stan. – Houve por aí muita gente que pensou mal dele, como se andasse atrás do que a pequena ia receber. Mas eu sabia que não era verdade.

– Como era ele, então? – perguntou Roy.

– Um sujeito estranho – respondeu Stan, pensativo. – Inteligente, bem-educado, mas um verdadeiro homem da Natureza, mantinha-se longe das cidades e não queria saber de dinheiro ou de posses para nada. Era um homem bondoso, tornou-se amigo da Suzie quando andava a tratar do jardim dos Wright, gostava dela e achava que merecia melhor do que estar encafuada em casa a tratar da mãe e do pai. Era o que costumava dizer-nos a todos, não era?

Stan olhou em redor, e todos os amigos concordaram com acenos de cabeça.

– Então, quando os pais dela morreram, que aconteceu?

– Ficou ao lado dela. – Stan encolheu os ombros. – Disse-me mais de uma vez que a Suzie era muito capaz, mas que não achava que conseguisse safar-se sozinha.

– Para onde foi ela depois do irmão ter vendido a casa?

– Não sei. Foi-se embora sem dizer uma palavra a ninguém.

– Suponho que o Liam ainda cá estava, nessa altura? – perguntou Roy.

– Não, foi-se embora mais ou menos na mesma altura.

– Então é possível que tenha ido com ela?

– Não, O Liam não. – Stan fez um sorriso rasgado. – Não era do género de assentar. Bebemos um copo na véspera de a casa ter sido vendida e eu perguntei-lhe se ia com ela. Ele disse qualquer coisa a respeito de a Suzie precisar de um homem mais normal do que ele e que já estava a ficar um pouco cansado de ela estar constantemente a tentar emendá-lo.

– O que é que acha que ele queria dizer com isso?

– Refeições a horas, tratar dele. Sabe como são as mulheres!

Roy voltou-se e sorriu a Beth.

– Parece que a pobre rapariga foi tramada por toda a gente – comentou ela. E então perguntou, a olhar para Stan: – Porque é que acha que o pai deixou a casa ao filho? Ela tinha feito qualquer coisa que o ofendesse?

– Bem, minha querida – Stan olhou apreciativamente para ela –, é a maneira como os tipos como o

Charley pensam. Os rapazes herdam, sempre assim foi. Deixa-se qualquer coisa às raparigas e elas casam e a propriedade sai da família.

– Um tanto antiquado, e cruel, considerando que a Suzie tinha lá vivido tanto tempo – retorquiu Beth.

– Eu chamar-lhe-ia um tolo. – Stan sorriu a Beth. – Houve uma altura em que íamos caçar juntos. Um bom sujeito, mas tinha aquela cabeça toda baralhada. O filho nasceu durante a guerra, e quando ele chegou a casa encontrou-o estragado pela mãe e pela avó. Era do género mole, gostava de livros, uma verdadeira deceção para o Charley. Acho que nunca se deram bem. Então apareceu a Suzie, e ela era a menina dos olhos do pai. Ensinou-a a caçar, calcule! E ela era bastante boa, para uma rapariga. Fui muitas vezes às lebres com o Charley, e ela acompanhava-nos.

– A sério? – exclamou Beth. – Mas, se gostava assim tanto dela, é estranho tê-la tratado tão mal mais tarde.

– Bem, como disse, o Charley tinha aquela cabeça toda baralhada – respondeu Stan. – Quando a mulher teve o AVC, ele pareceu mudar imediatamente em relação à Suzie. Nunca mais disse uma palavra a respeito de como ela era uma joia, só falava a respeito de como o filho era inteligente, de como se tinha saído bem na cidade. Alguns de nós quase dávamos em doidos, toda a gente sabia que o Martin era um filho da mãe vaidoso que não queria saber dos velhos para nada.

– Está então a dizer que deixou tudo ao Martin como forma de o compensar por não lhe ter dedicado muito tempo quando ele era pequeno? – disse Beth, a tentar clarificar o que ele dissera.

Stan encolheu os ombros.

– Qualquer coisa desse género, acho eu. Há quem diga que o fez para se vingar da Suzie por ela se ter zangado com ele quando descobriu que andava enrolado com outra mulher. Outros dizem que foi o Martin que o forçou. Seja como for, foi muito malfeito. A Suzie teria ficado aqui, suponho, casado com um rapaz da terra, talvez tivesse tido um par de filhos. Era uma rapariga do campo dos pés à cabeça.

– Que história tão triste – suspirou Beth. Deu por si a perguntar-se o que aconteceria naquele *pub* quando o julgamento de Susan começasse e todos descobrissem o que mais lhe tinha acontecido. – E pensar que só queríamos encontrar o Liam para ele tratar do nosso jardim! Algum dos senhores conhece outros amigos dele a quem possamos perguntar?

Stan fez um ar pensativo.

– Podia dar-lhe uma dúzia de nomes de pessoas para quem ele trabalhou, mas como disse quando começámos esta conversa, houve montes de pessoas à procura dele depois de se ter ido embora e nenhuma delas conseguiu encontrá-lo. Não sei onde vive a família, ou se tem alguma, nunca falou disso. O único sítio onde podem descobrir alguma coisa é na esquadra da polícia.

– A polícia! – exclamou Roy, com os olhos muito abertos de surpresa.

– Bem, não é certo que eles saibam alguma coisa, mas rebocaram-lhe a carrinha. Tinha coisas dele lá dentro.

– Quando foi isso? – perguntou Beth.

Stan coçou a cabeça.

– Já faz uns anos. Deixou-a estacionada num carreiro junto à casa dos Wright. Uma velha *Volkswagen* toda cheia de ferrugem. Era lá que ele vivia. Ficou ali meses, até que alguém roubou as rodas. Ninguém via o Liam há muito tempo, de modo que chamaram a polícia para a levar dali.

2 *Party poppers* e *crackers*, objetos festivos típicos do Reino Unido e dos países da Commonwealth. *(N. do E.)*

CAPÍTULO 13

—É muito estranho o Liam não ter voltado a esta área – disse Roy pensativamente ao jantar, nessa noite. – Poderia compreender se tivesse desaparecido por uns tempos se achasse que iam criticá-lo por ter abandonado a Susan quando ela mais precisava dele. Mas seria de esperar que tivesse saudades de todas aquelas pessoas para quem trabalhava.

Estavam no restaurante do Welcombe Hotel, uma graciosa pousada com campo de golfe privado a cerca de quilómetro e meio de Stratford-upon-Avon onde Roy fizera as reservas. Beth, que estava à espera de qualquer coisa pequena e vulgar, ficara surpreendida pelo luxo das instalações: a sala de estar era espaçosa, com uma enorme lareira e confortáveis sofás e cadeirões de braços, e os quartos sumptuosos. Para lá das janelas do restaurante estendiam-se os jardins iluminados e uma esplêndida vista do campo de golfe e da paisagem circundante. Era o género de lugar que devia estar cheio, ao longo da maior parte do ano, de turistas e praticantes de golfe, mas naquela altura, tão perto do Ano Novo, havia apenas um punhado de hóspedes, e as outras pessoas que estavam no restaurante eram na sua maioria habitantes locais.

Stan indicara-lhes os nomes de duas outras pessoas de aldeias próximas que tinham empregado Liam, e eles tinham-nas visitado depois de saírem do *pub*. Felizmente, aquelas pessoas não sabiam da existência de Susan Wright, o que lhes poupara ter de ouvir repetições da saga do irmão malvado.

Tinham agora uma imagem muito mais nítida de Liam: de confiança, trabalhador, honesto, instruído e considerado um autêntico cavalheiro, não obstante as roupas e o estilo de vida menos ortodoxos. Parecia ser um homem notável, a julgar pela maneira como as pessoas falavam dele, mesmo ao cabo de vários anos de ausência.

A primeira casa que visitaram tinha mais de um hectare de jardim e uma piscina. Mrs. Jackson, esposa do cirurgião a quem a propriedade pertencia, dissera que Liam costumava trabalhar para eles todas as primaveras, e novamente em outubro, durante duas semanas. Tratava da poda, fazia os trabalhos mais pesados e encarregava-se de plantar o que fosse necessário. Acrescentara que o marido lhe tinha pedido dúzias de vezes que trabalhasse para eles como jardineiro a tempo inteiro, mas ele sempre recusara. Aparentemente, achava a manutenção regular de um jardim, cortar relvados e arrancar ervas daninhas uma ocupação demasiado aborrecida e não queria fixar-se muito tempo no mesmo lugar. Dissera também que ela e o marido tinham ficado muito desapontados quando ele não aparecera, como era habitual, no outono de 1986. Pensava que talvez tivesse ido para a Escócia, pois sabia que trabalhava frequentemente lá durante o inverno, para a Comissão Florestal.

A segunda morada era uma vulgar casa de campo, mas tinha um jardim igualmente vasto, na sua maioria ocupado por árvores. Era propriedade de um casal já de idade, ambos com mais de oitenta anos, ambos um pouco surdos e com tendência para divagar, de modo que não tinham sabido dizer com um mínimo de exatidão qual fora o último ano em que tinham visto Liam. Mas disseram que trabalhara para eles, sempre em novembro, durante mais de doze anos. Costumavam dar-lhe alojamento, porque o tempo estava geralmente mau e ele sujava-se imenso a cortar as silvas e a queimá-las. Ambos o recordavam com comovente saudade. Explicaram que estavam sempre

desejosos de que chegasse, pois também fazia pequenos arranjos em casa que eles já não podiam fazer, e era uma boa companhia.

*

– Porque terá deixado a carrinha para trás? – perguntou Roy, enquanto servia a Beth mais um copo de vinho.

– Talvez estivesse avariada – sugeriu Beth. – Talvez ele soubesse que não valia a pena mandá-la arranjar. Podes verificar com a polícia daqui?

– Duvido que ainda tenham qualquer registo da ocorrência. Devem tê-lo apagado pouco depois de terem rebocado a carrinha. Além disso, posso meter-me em sarilhos se constar que ando por aí a fazer perguntas sem ser no desempenho das minhas funções.

– Mas só tropeçaste numa coisa curiosa quando eras um simples cidadão – argumentou ela. – Hoje não estiveste aqui como polícia mas como meu amigo.

– Não me parece que fosse visto a essa luz. – Roy sorriu. – Para começar, pusemos Mrs. Unsworthy a falar a respeito da Susan sem revelarmos a verdadeira natureza do nosso interesse. Fui eu que a prendi, pelo amor de Deus! Depois, numa aldeia próxima, fingimos andar à procura de um jardineiro. Se o Stan e Mrs. Unsworthy falarem a respeito do assunto, é bem possível que liguem para a polícia local a fazer queixa de nós.

Beth percebeu que ele tinha razão.

– Pergunto-me se deveria dizer à Susan que vim até cá.

– Eu não diria. Pelo menos para já. Esperemos para ver o que acontece.

Beth acordou cedo na manhã seguinte, e por um breve instante não soube muito bem onde estava. Mas estendeu a mão para a mesa de cabeceira, e mal viu o quarto encantadoramente antiquado com os seus cortinados de chita estampada, a confusão desvaneceu-se.

Levantou-se da cama e fez chá, mas estava frio porque o aquecimento não tinha ainda sido ligado. Enquanto esperava que a pequena chaleira fervesse, abriu os cortinados e olhou para fora.

O quarto dava para a fachada da casa e para os campos e bosques que se estendiam mais além. A aurora mal despontava, e um manto de geada tão espesso que parecia neve cobria tudo. Pensou que praticamente qualquer pessoa poria aquela vista no topo da sua lista de preferências, e no entanto Susan, que vivera com uma ainda mais espetacular durante a maior parte da sua vida, não falara uma única vez de ter saudades dela desde que fora presa.

O som da chaleira a ferver arrancou-a a este devaneio. Fez rapidamente uma chávena de chá e voltou para o quente da cama. Perguntou-se se Roy já estaria acordado, e se estava, se estaria a pensar que ela devia ser frígida.

Depois do jantar, na noite anterior, tinham passado para a sala de estar e tomado várias outras bebidas junto à lareira. Sentia que, se tivessem estado sozinhos, talvez tivesse sido capaz de falar verdadeiramente com ele, segurar-lhe a mão, e que alguns beijos talvez a tivessem encorajado a convidá-lo para o seu quarto. Mas um outro casal, que viera para um fim de semana de golfe, fora juntar-se-lhes diante da lareira e insistira em conversar, de tal modo que quando o bar fechara ela estava com demasiado sono para pensar em qualquer outra coisa que não fosse dormir. Roy beijara-a à porta do quarto e ela entrara sozinha.

Aquele sou-capaz, não-sou-capaz era quase pior do que mergulhar de cabeça e descobrir que as

coisas continuavam tão horríveis como sempre. Seria, ao menos, uma maneira de desistir desde já das suas ideias românticas a respeito do homem. Sabia agora que não queria perder Roy. O dia anterior fora tão bom. Ele era uma excelente companhia, descontraído, divertido, atencioso e estimulante. Além disso, não tentava com demasiada insistência, como a maior parte dos homens. Não recorria a nenhum dos truques que ela sempre achara tão aborrecidos para tentar impressioná-la.

E no entanto impressionava-a. Tinha um encanto natural que fazia toda a gente abrir-se com ele, uma maneira inteligente de frasear as perguntas para chegar à verdade. Parte disto era, claro, influenciado pelo trabalho que fazia, tal como acontecia com ela, mas tinha um genuíno interesse pelas pessoas. Quando tinham deixado o velho casal, ao fim da tarde, ele conhecia-os verdadeiramente bem. No caminho de regresso ao hotel, fizera um comentário a respeito de serem mais um par de velhotes a que os filhos não ligavam nenhuma. E ela perguntara-lhe como o sabia.

– As fotografias dos filhos eram todas de quando eram crianças. Mas agora são obviamente adultos – dissera ele, parecendo surpreendido por ela não ter percebido aquilo. – A velhota disse: «Agora já não há grande coisa que interesse aos jovens aqui no campo.» É a desculpa dela para os filhos nunca aparecerem.

Beth achava que ele tinha provavelmente razão. E talvez tivesse sido também essa a razão por que gostavam tanto de Liam. Mas nunca lá teria chegado sozinha.

Perguntou a si mesma quantas mais vezes Roy a convidaria para sair antes de perder a paciência com ela. A maior parte das suas anteriores relações com possibilidades de chegar a algum lado tinham morrido assim. Ao longo dos anos tinham-lhe chamado tudo, desde provocadora a cabra de coração frio, mas, embora a maior parte das vezes isso não lhe tivesse tirado o sono, pensar em Roy recordou-lhe o que sentira por James Macutcheon.

James também era advogado, numa firma em Chancery Lane. Como Roy, era forte, encantador, afetuoso e divertido.

Ela tinha, na altura, trinta e quatro anos. James era um ano mais novo, alto, louro, com esse género de confiança típico dos que nasceram no seio de uma família da classe média alta, rodeados de carinho e conforto. Beth apaixonara-se ao terceiro encontro, e ao quinto estava com medo que ele perdesse o interesse se não conseguisse levá-la para a cama. Quando James a convidara para jantar em sua casa, um elegante apartamento em Chelsea, ela estava pronta para dar o passo.

Fora tudo perfeito: música suave, luz de velas, e a comida chinesa que ele encomendara fora uma das melhores que ela alguma vez provara. Mais tarde, tinham-se estendido no sofá, a acariciarem-se, e ela desejara-o, desejara-o verdadeiramente de uma maneira que nunca experimentara com nenhum outro homem.

Mas, de repente, os beijos tinham-se tornado demasiado impetuosos, e ele estava a enfiar-lhe a língua quase até à garganta e a mão pela saia acima. Ela tinha querido que ele a excitasse gentilmente, que lhe despertasse pouco a pouco o corpo e os sentidos, e em vez disso estava a meter os dedos dentro dela com tanta força que a magoou, e todo o desejo que tinha sentido se desvanecera. Ainda tentara fazer brincadeira, perguntara-lhe se não podia ir um pouco mais devagar, mas ele resmungara qualquer coisa a respeito de saber que ela era do género de gostar à bruta, e puxara-lhe as cuecas para baixo.

Só recordar a cena fez-lhe subir lágrimas aos olhos. Não o deixara forçá-la, libertara-se dos braços dele.

– Não, não gosto à bruta – dissera, já a chorar, enquanto voltava a puxar as cuecas para cima. –

Queria ser amada, não queria ser violada.

Se ele se tivesse mostrado chocado ou arrependido, ou se se tivesse posto de pé para a abraçar, talvez as coisas tivessem acabado de um modo diferente. Mas James limitara-se a ficar ali estendido no sofá, de braguilha aberta, os cabelos despenteados, a olhar para ela com frio desdém.

– Vê se cresces, Beth – dissera, num tom gelado. – Para que foi que vieste, senão para foder?

Ela saíra porta fora antes que ele tivesse tempo de se levantar e correra por King's Road, de sapatos na mão, freneticamente à procura de um táxi.

Ao longo dos meses seguinte, revira mentalmente a cena vezes sem conta, perguntando a si mesma o que teria sido que dera a James a ideia de que ela gostava de sexo à bruta. Parecia-lhe lógico que qualquer homem percebesse que se uma mulher não saltava para a cama logo no primeiro encontro tinha forçosamente de ser do género de querer ser seduzida com ternura.

O pior de tudo aquilo fora ter-se apaixonado por James, acreditado que ele sentia o mesmo e se aperceberia de que havia uma boa razão para a sua relutância. Tornara-se óbvio, quando ele não correra atrás dela a pedir desculpa, que se enganara em ambas as assunções. Não voltara, aliás, a contactá-la. A única coisa que fizera por ela fora fazê-la voltar a sentir-se com dezassete anos, a sentir-se suja e humilhada.

Depois daquela experiência, perdera a confiança em todos os homens. Só aceitava um convite para sair muito de longe em longe, e voltava a casa de táxi e sozinha. E passara a nunca sair com nenhum homem mais de duas vezes. Sentia que estaria mais segura fazendo uma vida de celibato, pois assim ninguém poderia magoá-la.

Enquanto voltava a aconchegar-se debaixo das mantas da cama, pensou que Roy era muito diferente de James na maneira como via o mundo. Saberia reconhecer um desgosto profundo, era sensível e carinhoso, e ela devia tentar falar com ele sobre os seus problemas.

Depois de um pequeno-almoço farto, puseram as malas no carro de Roy e foram dar um passeio. Beth usava um gorro, luvas e um cachecol de lã vermelho, e Roy, a rir, disse-lhe que estava a ficar com o nariz vermelho, a fazer conjunto, e beijou-lho.

– Adoro andar em cima da geada – disse ela alegremente, quando os dois meteram pelo trilho que partia do hotel em direção aos campos de Stratford. – Não há nada como este estalar.

– Quebrar gelo é ainda melhor – disse ele, batendo com o calcanhar numa poça gelada e sorrindo como um rapazinho.

Subitamente, Beth sentiu a necessidade de dizer qualquer coisa. Passou-lhe os braços pela cintura, num abraço, e esfregou o nariz gelado no dele.

– Estás a fazer um bom trabalho a quebrar esta donzela de gelo – murmurou. – Sinto-me a derreter. Não percas já a paciência comigo, Roy. Há razões para eu ser como sou.

Reteve a respiração, à espera de perguntas a que não poderia responder ou um silêncio confuso. Em vez disso, ele segurou-lhe a cara com as mãos e olhou-a nos olhos.

– Isso já eu tinha adivinhado – disse. – Mas paciência é coisa que tenho às carradas, e também sou bom ouvinte. Quando quiseres falar sobre o assunto, é só dizer.

– Como foi que adivinhaste? – perguntou ela um pouco mais tarde, quando caminhavam pelos campos de mão dada. O hálito deles era como fumo no ar frio e o céu estava cor de chumbo, a ameaçar neve.

– És extraordinariamente defensiva – disse ele. – Quando te vi pela primeira vez, no tribunal, reparei como tudo em ti era tenso, a maneira como te mexias, a maneira como falavas. Apesar de

termos tido uma conversa muito estimulante, não revelaste nada a respeito de ti mesma.

Beth franziu a testa.

– Bem, suponho que ninguém o faz num primeiro encontro.

– A maior parte de nós faz – disse ele, sorrindo. – Quer seja ou não nossa intenção. De todos os modos, na noite em que fomos beber um copo depois de a Susan ter sido detida, picaste-te toda comigo quando te perguntei se tinhas um homem. Não é uma reação normal para uma mulher tão bonita como tu, Beth. A maior parte das mulheres, quando lhes perguntam uma coisa dessas, riem e entram em grandes explicações a respeito de porque é que não têm.

– A sério? – perguntou ela, com alguma surpresa.

Ele assentiu.

– Talvez não o fizessem se achassem que o homem era um cretino, ou estava a tentar engatá-las. E também podem nem sempre dizer a verdade. Mas levar a conversa para um terreno um pouco mais pessoal é a maneira de fazer amigos.

– Então é por isso que não tenho muitos amigos – murmurou ela, e sorriu tristemente. – Nesse caso, porque foi que te deste ao trabalho de perder tempo comigo?

– Porque fiquei intrigado, sobretudo depois de saber que a Susan era tua amiga de infância, e de ter visto como aquilo te afetava. – Os olhos dele brilhavam, divertidos. – Vi um vislumbre da rapariga que em tempos foste, da mulher que podias ser se saísses de trás do teu profissionalismo. Perguntei a mim mesmo o que seria que te tornava tão defensiva e medrosa.

Beth inspirou fundo.

– Dir-te-ei em breve – prometeu. – Mas não hoje. Não quero estragar este dia.

Steven conduzia ao longo de Acacia Avenue, à procura do número 27. Estava um dia triste e cinzento, muito frio, caindo fiapos de neve durante todo o tempo, mas, surpreendentemente, encontrara muito pouco tráfego na M4, e a viagem de Bristol até ali até fora agradável.

Estava à espera, claro, que Martin Wright vivesse numa casa elegante. Windsor era uma zona boa, e sabia que o homem ganhara muito dinheiro com a venda de The Rookery. Mas não contara com algo tão luxuoso como aquela rua. Era ladeada de árvores, com passeios relvados e amplos caminhos que davam acesso a vivendas isoladas que deviam valer pelo menos meio milhão. O género de casas com piscina no jardim das traseiras, criadas e crianças em colégios particulares.

Parou o carro quando viu a casa de Wright, uma pequena mansão dos anos trinta com telhados de telha verde e um vitral *Art Déco* na janela redonda da escadaria, em posição central. Estava pintada de branco, com um pórtico por cima da porta principal e três conjuntos de janelas de cada lado. O próprio caminho de acesso era do género caro que via anunciado nas revistas da especialidade, calcetado com lajes envernizadas e seladas de tal maneira que nenhuma erva daninha pudesse mostrar sequer a cabeça feia. Estava a um mundo de diferença da vivenda geminada onde ele vivia, com o seu raquítico relvado e as pinturas das filhas coladas nos vidros das janelas.

– E ainda mais longe do lugar onde a irmã acabou por ir parar – murmurou para si mesmo, enquanto estacionava o carro na rua. Os grandes portões de ferro forjado estavam fechados, o que o impedia de subir o caminho de acesso, e viu nisto mais uma prova de que Wright tencionava fazer-se difícil.

Estava nervoso. Tudo o que sabia a respeito daquele homem sugeria que era uma pessoa má. Não podia ser fácil falar com alguém tão implacável, tão indiferente à sorte da própria irmã. Ficou

contente por Beth o ter obrigado a cortar o cabelo e mandar limpar o fato. Beth recomendara-lhe que arranjasse maneira de introduzir o nome dela na conversa, porque não queria que Martin pensasse que Susan não tinha um amigo no mundo.

A porta foi aberta por uma mulher de meia-idade que vestia uma bata branca. Usava óculos com aros de ouro e uma expressão superior.

– Mrs. Wright? – perguntou Steven, apesar de, tanto quanto Susan soubesse, Martin nunca ter casado.

– Não, sou a empregada – respondeu a mulher.

– Smythe, da Tarbuck, Stone and Aldridge. Tenho uma reunião marcada com Mr. Wright – disse Steven.

A mulher permitiu-lhe a entrada e deixou-o à espera no vestíbulo enquanto se dirigia às traseiras da casa.

– Mr. Wright vai recebê-lo agora – anunciou a empregada momentos mais tarde. Do umbral da porta por onde desaparecera pouco antes, fazia-lhe sinal para entrar.

Martin Wright estava de pé junto à lareira numa sala que era uma tentativa de imitar a biblioteca de um cavalheiro da época vitoriana, com cadeirões de couro, as paredes forradas de estantes e uma secretária de roseira, antiga, com incrustações de madrepérola. Mas a tentativa não resultava: as proporções da sala estavam todas erradas e a alcatifa e os cortinados vermelho-escuros tornavam-na opressiva em vez de opulenta.

«Muito dinheiro mas pouca imaginação», pensou Steven maliciosamente. Decidiu pedir para usar a casa de banho mais tarde, para ter ocasião de ver um pouco mais da casa.

– Steven Smythe – disse, estendendo a mão. – Obrigado por ter aceitado receber-me.

Wright foi uma surpresa. Imaginara-o baixo e para o corpulento. Na realidade, Martin Wright era tão alto como o próprio Steven, magro e de costas bem direitas, os cabelos escuros salpicados de cinzento, um homem atraente, com feições fortes e regulares e muito poucas rugas no rosto, apesar de Steven saber que tinha cinquenta e quatro anos. Os olhos eram a única coisa que partilhava com Susan: azul-esverdeados e muito claros, como os dela.

– Antes de mais nada, deixe-me dizer-lhe que não vejo a mais pequena vantagem em falar consigo – disse Wright secamente, sentando-se à secretária. – A polícia já me interrogou e não estou certamente disposto a depor como testemunha de defesa da minha irmã.

Steven sentiu-se tentado a responder que se fosse chamado como testemunha não teria outro remédio senão comparecer, mas resistiu à tentação.

– Procuro apenas informação geral – disse, com um simpático sorriso. – Posso sentar-me?

Martin apontou com um gesto da mão a cadeira mais afastada dele. Steven ignorou-o e sentou-se na mais próxima.

– Qual foi a sua reação quando soube que a sua irmã tinha sido presa e quais eram as acusações que enfrentava? – perguntou.

– Reação? – Wright arqueou as sobrancelhas. – Horror, evidentemente.

– Não incredulidade?

– Claro que não. A Suzie sempre foi uma mulher irracional, extremamente emotiva – disse Wright, cruzando as pernas e deslocando a cadeira de modo a não ter de olhar diretamente para Steven.

– Nem compaixão? Sabe que ela considerava o homem e a mulher que matou responsáveis pela morte da filha?

– Há maneiras de lidar com essas coisas sem recorrer ao assassínio – foi a seca resposta. – Não, não tenho a mínima pena dela.

– Chegou a conhecer a Annabel?

– Quem é a Annabel?

Ocorreu a Steven que se a ideia de Wright era irritá-lo, estava a ser bem-sucedido.

– A filha dela, Mr. Wright. A sua sobrinha, que morreu de meningite – disse, num tom duro.

– Não, não a conheci.

– Mas sabia da sua existência?

– Sim. A Suzie mandou-me uma fotografia, uma vez, com uma carta lamecha a recordar-me que a criança era minha sobrinha. Não sei o que esperava de mim.

– Julgo que não esperava nada de si – disse Steven. – Foi a maneira dela de estender o ramo de oliveira.

Wright levantou-se da cadeira e dirigiu-se à janela, uma distância de menos de dois metros. Vestia um fato cinzento-escuro de muito bom corte.

– Deduzo que ela lhe contou a história da Gata Borralheira – disse, com uma mão apoiada no caixilho e a olhar para o jardim. – A Suzie sempre teve tendência para o drama. A verdade é que o meu pai era um homem antiquado que acreditava que o filho mais velho devia herdar. Uma vez que era esse o desejo dele, senti-me obrigado a honrá-lo.

Steven esteve quase a fazer notar que um homem de honra teria tomado algumas medidas a favor de uma irmã solteira que dedicara a sua vida a cuidar dos pais. Mas o objetivo que o levara ali naquele dia era conhecer melhor o homem, não hostilizá-lo.

– Não duvido de que tem consciência de que a Suzie podia facilmente ter contestado o testamento – disse, sem alterar a voz. – E teria quase de certeza ganhado, tendo em conta o tempo que dedicou a tratar dos pais. Mas não o fez, e isso significou que foi obrigada a viver em condições quase miseráveis. Acredito que quando lhe escreveu a falar da Annabel, foi a sua maneira de mostrar que não lhe guardava rancor.

– Há quanto tempo conhece a Susan? – perguntou Wright, com um bufar depreciativo.

– Há cerca de três meses.

– Pois bem, eu conheço-a desde que nasceu e sei muito bem porque escreveu aquela carta. Queria uma esmola.

Steven ficou indignado. Conhecia bem a euforia que os pais recentes sentem e a necessidade que têm de partilhar a sua alegria com parentes e amigos.

– Não acredito que tenha sido esse o motivo – disse, calmamente. – O senhor é irmão dela. Se esperava alguma coisa de si, era que se interessasse pela sua sobrinha.

– Para a Suzie, isso significaria dinheiro. Sempre foi uma parasita.

– Não é o que me diz a Beth Powell, uma das sócias da minha firma.

Quando Steven referiu o nome de Beth, um lampejo de surpresa perpassou pelo rosto de Martin Wright. Era evidente que sabia da amizade entre as duas.

– A Beth conhece a sua irmã desde que tinham ambas dez anos – continuou Steven. – Segundo ela, a Susan não escolheu ficar em casa a tratar da mãe, esse papel foi-lhe imposto numa idade em que ainda não podia imaginar as implicações a longo prazo. Quando percebeu o que significava, apesar de ter preferido arranjar um emprego e ser independente, estava encurralada. Parece que o seu pai sempre afirmou que não podia pagar a uma enfermeira. Além disso, disse à Susan que se não

aceitasse o encargo, poria a vossa mãe num lar.

– O papel preferido da Suzie sempre foi o de mártir – respondeu Wright, no mesmo tom desdenhoso. – Nunca se pôs a questão de o meu pai mandar a minha mãe para um lar. Era-lhe muito dedicado. A Suzie ficou porque lá tinha uma vida fácil.

– Eu dificilmente chamaria vida fácil a cuidar de uma inválida e tratar de uma casa daquele tamanho, trabalhando sete dias por semana a troco de uma ninharia – retorquiu Steven. – Não se divertia, não tinha amigos, não tinha uma vida. Sentir-me-ia mais inclinado a chamar-lhe escravatura.

Compreendia agora que Susan se sentisse tão intimidada por aquele homem. Era tão frio que quase parecia um réptil. E era um mentiroso, ainda por cima.

– Claro que a Suzie falaria de escravatura – disse Wright, com um encolher de ombros. – É mesmo dela. A verdade é que era demasiado preguiçosa para fazer a sua própria vida. Não havia trancas nas portas. Se se sentia tão maltratada, podia pegar nas suas coisas e ir-se embora quando quisesse.

– Os laços emocionais são tão fortes como trancas – observou Steven. – Mas mesmo que não admita que ela se sentiu obrigada a ficar e tomar conta dos vossos pais, com certeza deve sentir que merece alguma simpatia e compaixão por aquilo por que passou quando perdeu a única filha?

– Concordo, foi triste – disse Wright, mas a frieza dos seus olhos sugeria que não fazia a mínima ideia do que perder um filho podia significar para qualquer pessoa.

– Ficou destroçada – disse Steven, com mais veemência. – Mas o que tornou tudo muito pior para ela foi o facto de a Annabel ter morrido desnecessariamente. O médico foi negligente, mandou-a embora atribuindo os sintomas a uma simples infeção viral. A Susan estava sozinha, sem ninguém junto de quem pudesse procurar apoio e conforto. Não lhe restava absolutamente nada. Não concordo com o que ela fez, mas consigo compreender as razões que a levaram a fazê-lo. O senhor não?

– Que veio fazer a minha casa? – interrompeu-o Wright. – Se foi na esperança de convencer-me a fazer um apelo apaixonado à clemência, veio bater à porta errada.

– De modo nenhum, Mr. Wright – disse Steven, por entre os dentes cerrados. Custava-lhe a crer que alguém pudesse ser tão insensível. – Tenho outras pessoas dispostas a contar ao tribunal como a vida foi injusta com a Susan. Só quis ver com os meus próprios olhos como era o irmão dela, e como vivia.

Desejou poder acrescentar que achava que Wright só serviria para aumentar a credibilidade de Susan, mas não ousou ir tão longe.

– O que é que isso é suposto querer dizer? – perguntou Wright, com uma nota de ameaça na voz.

– Sabia que quando a sua irmã matou aquelas pessoas estava destroçada pelo desgosto, a viver num sótão húmido e frio, a limpar escritórios para pagar a renda? – disse Steven. – Um gesto da sua parte poderia ter feito toda a diferença.

– Não fazia ideia de onde ela estava – respondeu Wright, e pela primeira vez pareceu um pouco nervoso.

– Acho que sabia, Mr. Wright – disse Steven, mais calmo do que realmente se sentia. – A Susan telefonou-lhe para o seu escritório em maio de 1993, pouco depois de ter chegado a Bristol. Pediu-lhe ajuda, não pediu? Foi nessa altura que lhe disse que a Annabel tinha morrido.

– Apanhou-me num mau momento – afirmou Wright, apressadamente. – E, de todos os modos, não foi muito clara.

– Penso que se a minha irmã me telefonasse a dizer que a filha tinha morrido, seria suficientemente claro para mim – disse Steven, acidamente.

– Teria sido hipócrita da minha parte manifestar pena quando nem sequer tinha conhecido a criança – tartamudeou Wright. – Além disso, não gosto de ser contactado no escritório.

Steven sabia que ele tinha na realidade sido ofensivo e recusara emprestar dinheiro à irmã para a aguentar até ela conseguir um emprego. Mas não valia a pena levantar o assunto naquele momento.

– A Susan não tinha maneira de contactá-lo sem ser no escritório – disse, calmamente. – Não lhe disse nada quando se mudou para esta casa, pois não?

– Porque havia de dizer? – Wright levantou muito ligeiramente a voz. – Ela não significava nada para mim. No instante em que nasceu, fui afastado… – Calou-se bruscamente, o ligeiro rubor das faces a revelar a sua consternação por ter deixado escapar a verdadeira razão do ódio que sempre tivera à irmã.

Steven bem gostaria de sondar mais naquela direção, mas duvidava que Wright fosse capaz de admitir fosse o que fosse, de modo que tomou mentalmente nota da reação para a transmitir ao colega que iria defender Susan em tribunal.

– A guerra tornou muitos pais desconhecidos para os filhos – disse, num tom mais suave. – A Susan não teve culpa. De todos os modos, o seu pai foi muito mais generoso para si do que para ela. Deixou-o seguir a carreira que escolheu, não pôs entraves à sua liberdade. Deixou-lhe tudo a si. Em minha opinião, a única coisa que fez pela Susan foi sobrecarregá-la com uma responsabilidade que ele próprio devia ter assumido, ensiná-la a disparar e deixar-lhe uma arma. Diria que a vida fácil foi toda para si.

Pôs-se de pé enquanto dizia isto: não ia esperar para ser posto na rua. O homem era odioso e não valia a pena perguntar mais nada.

– Obrigado por me receber – continuou. – Pode acontecer que venha a ser citado como testemunha, depende de como a Susan se declarar. Um bom Ano Novo para si. Não precisa de me acompanhar à porta.

No início de fevereiro, Beth foi de carro até Gales, numa tarde de sexta-feira, depois do trabalho. Foi sozinha porque não teve coragem de pedir a Roy que a acompanhasse em mais uma viagem que envolvia passar a noite num hotel.

Tinham saído juntos várias vezes desde o Ano Novo, ao cinema, tomar uma bebida, e ela convidara-o para almoçar no apartamento, num domingo. Tinham-se beijado e acariciado, mas Roy não tentara levar as coisas mais longe, e Beth ainda não sabia se estava preparada para lhe falar do seu passado.

Quanto mais estava com ele, mais confusa ficava. Tão depressa ansiava vê-lo como temia o encontro. Não era de estar com ele que tinha medo, era do fardo de saber que mais cedo ou mais tarde ia ter de tomar uma decisão e contar-lhe a respeito da violação. Por vezes, chegava até a imaginar que seria mais fácil nunca mais voltar a vê-lo do que viver com aquela perpétua ansiedade.

Esperava que ir sozinha naquele fim de semana a ajudasse a clarificar os seus sentimentos. Nunca antes, em Gales, passara de Cardiff, e embora estivesse muito frio, não se previa chuva ou neve, de modo que esperava poder passear um pouco.

Desde o princípio do ano, visitara Susan três vezes. Não tinham sido visitas para obter informação, essas deixava-as a cargo de Steven. O seu papel era o de velha amiga, e como tal ela e Susan passavam a maior parte do tempo a recordar e a preencher os anos decorridos desde a última vez que se tinham visto. E Beth descobrira que gostava tanto de Susan como quando eram meninas. Talvez a

inocência tivesse desaparecido, porque sob muitos aspetos era agora mais experiente das coisas do mundo do que ela própria. Mas o calor humano e a maneira como se preocupava mais com os outros do que consigo mesma continuavam iguais.

Beth pensava muitas vezes em como Susan teria dado uma ótima assistente social. Tinha um jeito muito especial para arrancar confidências e tinha uma profunda compreensão das pessoas, tanto das outras reclusas como das guardas.

Durante uma das visitas, tinham falado do crime relacionado com a droga, e Susan dissera que em sua opinião os toxicodependentes deviam ser registados, como se fazia anos antes.

– Era o bastante para acabar com o negócio aos malditos barões da droga – disse, com inesperada paixão. – Desistiriam de trazer droga para o país, e os toxicodependentes seriam tratados por pessoal qualificado, em clínicas, obteriam drogas sem misturas e seriam encorajados a largar o vício.

Beth não estava de acordo, e assim o dissera.

– Se passasses um par de dias aqui, depressa mudavas de opinião – respondera Susan, num tom veemente. – As mulheres que aqui estão tiveram de roubar e vender-se para alimentar o vício, não há outra maneira. Remove essa necessidade, e da noite para o dia cortas para metade o crime relacionado com a droga. Sem traficantes na rua haveria muito menos drogados.

– Não sabia que eras o oráculo da toxicodependência – dissera Beth, com uma ponta de sarcasmo.

Susan lançara-lhe um olhar duro.

– Não mudaste – dissera, e então acrescentara, com um meio sorriso: – Sempre tiveste um pouco a tendência para julgar. Não é obrigatório chutar heroína para compreender porque é que algumas pessoas sucumbem à droga. Como não é preciso matar alguém para compreender um assassino. Tem tudo a ver com conseguires pôr-te durante alguns instante no lugar de outra pessoa.

– Queres dizer que ter matado alguém ajuda a compreender um viciado na droga?

– Sim, ajuda. Penso que todos partilhamos a mesma falha de carácter básica – dissera Susan, cruzando desafiadoramente os braços. – Todos somos capazes de fazer uma coisa independentemente do facto de ela levar à destruição. No caso das drogas, à nossa própria destruição, no caso do assassínio, é a de outra pessoa. Mas eu diria que a compulsão original é muito semelhante em ambos. Basicamente, uma falta de autoestima.

– Foi então esse o teu problema?

Susan não respondera.

– Então, diz qualquer coisa – desafiara-a Beth.

Susan olhara-a friamente.

– Não troces de mim, Beth. Claro que não tenho muita autoestima. Se tivesse, não deixaria toda a gente espezinhar-me. Nunca consegui expressar o que sentia, guardei tudo cá dentro. Muitos drogados começam da mesma maneira. Sentem que a droga os faz sentirem-se bem consigo mesmos. Claro que o fator sentir-se bem não dura, por isso voltam a consumir, uma e outra vez. E não tardam a ficar agarrados.

– Estás a tentar dizer que te sentiste melhor depois de teres matado o Wetherall e a Parks?

– É verdade, senti.

Beth olhara para Susan e percebera que ela queria dizer exatamente o que dissera. O facto fizera-a sentir-se um pouco nervosa, embora não soubesse bem porquê.

– Significa isso que se não tivesses sido presa poderias ter voltado a matar?

Susan lançara uma gargalhada desprovida de humor.

– Certifiquei-me de que era presa! Foi o equivalente a tomar uma *overdose* verdadeiramente grande. Dessa maneira sabemos que não estaremos por cá para voltar a fazê-lo.

Beth saíra da prisão naquele dia com muito em que pensar. Desde que Steven visitara Martin Wright e descobrira que o homem era ainda mais insensível e desagradável do que Susan dera a entender, Steven passara a ter uma perspetiva ligeiramente diferente sobre o caso. Sugerira a Beth que Susan começara a abrir rachas quando os pais tinham morrido e não, como até então tinham suposto, depois da morte de Annabel. Estivera sujeita a uma pressão enorme durante anos. Uma pressão que duas mortes num tão curto espaço de tempo, o conteúdo do testamento do pai e, claro, a maldade do irmão só tinham ajudado a aumentar. O que, pensava Steven, explicava o facto de ela se ter envolvido com Liam, e porque agira de uma maneira tão pouco conforme ao seu carácter ao sair de Luddington sem dizer aos amigos e vizinhos para onde ia.

Mostrara inclusivamente um relatório médico a respeito de como a gravidez fazia muitas vezes desaparecer a depressão e a ansiedade, mesmo em pacientes que tinham sofrido desses males durante anos. Havia também provas de que muitas mulheres não tinham recaídas depois do nascimento dos filhos: a alegria de serem mães mantinha a doença à distância.

Steven pensava, e consultara um psiquiatra para confirmar esta opinião, que quando Annabel morrera Susan ficara completamente destroçada, pois além do desgosto natural, todas as suas velhas feridas se tinham reaberto. Tinha a certeza de que Beth acabaria por descobrir que o tempo que Susan passara em Gales mais não fora do que uma espécie de remissão, e que quando finalmente regressara a Bristol sem nada, e sem ninguém a quem recorrer, se desmoronara mentalmente.

Beth sentia-se inclinada a concordar com ele. Se conseguisse provas de que Reuben fora mais um porco desapiedado que usara Susan para os seus próprios fins e depois a mandara embora, tinha a certeza de conseguir apresentar um caso inatacável de responsabilidade diminuída.

Beth chegou à The Crown, em Cardigan, às nove e meia da noite. Brendan, um colega do escritório, recomendara-lhe a pequena pousada, onde tinha estado com a mulher, e Susan dissera-lhes que Emlyn Carlisle, a povoação mais próxima de Hill House, a casa de Reuben, ficava apenas a cerca de trinta quilómetros mais para o interior.

A pousada era tudo o que Brendan tinha dito, muito bem decorada e mobilada, quente e confortável. Simon, o proprietário, era atencioso e simpático. Quando Beth disse que estava demasiado cansada para uma refeição normal no restaurante, ofereceu-se para lhe levar uma bandeja ao quarto.

O dia seguinte nasceu muito frio mas límpido, e Beth partiu para Emlyn Carlisle logo a seguir ao pequeno-almoço. Simon avisara-a de que a terra era uma espécie de gueto daquilo a que chamara, a rir, «Salvadores de Baleias», uma designação genericamente aplicada a velhos *hippies*, ativistas dos direitos dos animais, vegetarianos e outros não conformistas. Sugerira que começasse por parar no *pub* de High Street, em Emlyn Carlisle, e falasse com o dono, que aparentemente conhecia toda a gente num raio de vários quilómetros e poderia dar-lhe indicações para chegar a Hill House.

Beth equipara-se com botas de campo, *jeans* e um grosso casaco acolchoado. Estava na esperança de, depois de falar com Reuben, ter ainda algum tempo para explorar a região.

Uma loja de produtos naturais, várias pequenas lojas de artesanato e outras que vendiam cristais, velas e cartas de tarô sugeriam que Simon não mentira ao afirmar que Emlyn Carlisle contava com

uma larga proporção de «alternativos» entre os seus habitantes. O *pub* para onde o dono da pousada a encaminhara ainda não estava oficialmente aberto quando Beth lá chegou, mas como a porta estava escancarada e viu um homem atrás do balcão a abastecer as prateleiras, entrou de todos os modos. Pediu desculpa e explicou que Simon, da The Crown, em Cardigan, lhe dissera que pedisse ali indicações para chegar a Hill House.

O homem era um galês típico, baixo e maciço como um pónei, de cabelos escuros e rosto avermelhado.

– Hill House? – disse, franzindo a testa, como se o pedido o intrigasse. – Conhece lá alguém?

– Não – respondeu Beth. – Só preciso de falar com o proprietário, o Reuben Moreland. Conhece-o? Disseram-me que é uma espécie de comuna. É verdade?

– É como eles lhe chamam, mas para mim é um covil de bruxas, aldrabões e drogados. – O homem parecia agitado, e afastou-se ao longo do balcão, como se até dizer o que dissera pudesse ser perigoso.

Beth pensou que o melhor seria pôr as cartas na mesa.

– Sou advogada – disse, pousando um cartão em cima do balcão, à frente dele. – Represento uma pessoa que em tempos lá viveu. É por isso que preciso de falar com o Moreland.

O homem pegou no cartão, leu-o e voltou a olhar para ela, desta vez com um sorriso.

– Só com muita sorte – disse. – Há séculos que ninguém o vê por estes lados.

– Nesse caso, quem é que lá vive agora? – perguntou Beth, satisfeita por vê-lo resoluto. – Ficaria grata por qualquer informação antes de ir até lá.

– Não vai querer ir sozinha – declarou ele, com um ar horrorizado. – Demasiados cães e gente esquisita. Sabe-se lá o que pode acontecer.

Beth nem por um instante esperara aquele género de aviso.

– A sério? – exclamou, surpreendida.

O homem apoiou os cotovelos no balcão.

– Sim. Ouça, é perigoso, está a ver – disse, num tom conspirativo. – São como animais, vivem no meio da porcaria, cheios de droga até aos olhos. Ninguém daqui se aproxima deles.

Beth pensou que ele estava provavelmente a exagerar e que aquelas palavras eram fruto do preconceito por os residente de Hill House fugirem ao convencional. Mas, por outro lado, seria tolice ir desprevenida.

– Disseram-me que o Moreland engana pessoas vulneráveis para as fazer juntarem-se à comuna – admitiu, e o homem concordou com um vigoroso aceno de cabeça.

– Vi alguns dos desgraçados que fugiram de lá – disse. – Apresentei queixa na polícia, mas parece que não podem fazer nada porque o Moreland é o proprietário da casa. Disseram que tinham de ter provas de um crime antes de poderem agir. Mas ele agora não está lá, de todos os modos, há muito tempo que não é visto por aqui.

– Se a casa é dele e vivem lá pessoas, devem saber onde ele está – disse Beth.

– Provavelmente sabem, mas não estou a ver nenhum deles a dizer-lhe.

O dono do *pub* lançou-se então num vitriólico relato a respeito de carrinhas cheias de piolhosos que chegavam durante o verão para participar em orgias de álcool e drogas. Disse que as pessoas da terra tinham medo de ir de férias com receio de que as suas casas fossem assaltadas. Tinham sido roubados carros, os campos e os bosques ficavam cheios de lixo e as crianças encontravam agulhas e seringas por todo o lado.

Beth achou que não podia ter sido assim quando Susan lá estivera, senão ela teria falado nisso. E também não parecia que ainda houvesse quem fizesse ou vendesse peças de artesanato. Pensou que muito provavelmente a atual situação surgira depois de Reuben ter desaparecido.

Então, quando já começava a pensar que ia ter de ir pedir conselho à polícia local, o homem disse-lhe que morava na aldeia uma rapariga que em tempos vivera em Hill House.

– Não é muito melhor do que os outros – acrescentou, de nariz franzido num gesto de desagrado. – Mas trabalha, pinta louças, e já não tem nada a ver com aquela malta lá de cima. Pode falar com ela. Vive na última casa, ao fundo da rua.

Beth agradeceu-lhe a ajuda e, deixando o carro estacionado no pequeno parque do *pub*, foi a pé até à casa que o homem lhe tinha indicado.

Era minúscula e muito degradada, com as paredes em tempos brancas esverdeadas por uma camada de bolor e a tinta da porta da frente a descascar. Beth bateu, e a porta foi aberta por uma mulher grávida que vestia uma bata suja de tinta por cima de uns *jeans*, com o cabelo louro desgrenhado a precisar urgentemente de uma boa lavagem.

Beth explicou rapidamente que estava a tentar encontrar Reuben Moreland.

– Não sei onde ele está – disse a rapariga, na defensiva. – Já não tenho nada a ver com aquela gente da casa.

O sotaque era de Londres, suavizado por uma ligeira cadência galesa. Beth calculou que provavelmente não teria ainda trinta anos, embora o ar cansado e o tom acinzentado da pele a fizessem parecer mais velha. Apresentou-se, estendeu-lhe um cartão de visita em jeito de confirmação e explicou que estava a levar a cabo uma investigação no âmbito da defesa de Susan Fellows, que em tempos vivera em Hill House.

A rapariga deixou escapar uma pequena exclamação.

– Matou duas pessoas em Bristol, não foi? – disse. – Vi nas notícias. Nem pude acreditar, era uma autêntica senhora.

– Então conheceu-a? – perguntou Beth. – Não se chama Megan, por acaso?

– Sim – respondeu a rapariga, mas semicerrou os olhos, desconfiada. – Como é que sabe?

– Apenas um palpite. A Susan falou-me de si. Disse que era uma artista. Posso entrar e conversar um pouco consigo?

Megan ficou imediatamente de pé atrás.

– Não quero problemas – disse.

– Não estou aqui para arranjar problemas seja a quem for. Apenas um pouco de informação geral, é tudo o que peço.

Megan abriu mais a porta, relutante.

– A casa está um pouco desarrumada – disse. – Estou com muita pressa em acabar um trabalho, de modo que não repare.

«Um pouco desarrumada» era um eufemismo. Nem sequer era uma casa, era uma oficina de trabalho cheia de tralha e de pó. A grande mesa que ocupava o centro da única divisão estava coberta de vasos e bases de candeeiros pintados à mão, em várias fases de acabamento. De um dos lados da mesa amontoavam-se caixotes cheios de louça branca, e do outro lado mais caixotes com artigos acabados.

– Eu faço a pintura à mão, e depois vêm buscar as peças para vidrá-las e levá-las outra vez ao forno – disse Megan, em jeito de explicação.

– A Susan disse-me que tem muito talento. – Beth estava a olhar para uma base de candeeiro decorada com flores cor-de-rosa que não teria parecido deslocada na Liberty's. – E tinha razão. O seu trabalho é muito bom.

Megan encolheu os ombros.

– É o que posso fazer – respondeu. – Quem me dera ter um estúdio a sério, com um forno, mas a olaria de Cardigan paga-me bem, de modo que não posso queixar-me. Mesmo assim, não sei como é que vou fazer quando o bebé chegar.

Beth olhou em redor. A casa era verdadeiramente um pardieiro. As paredes estucadas em tosco não viam uma demão de tinta havia décadas, o mísero lume que ardia na grade da lareira pouco contribuía para atenuar o frio que fazia ali dentro. A escada era feita de tábuas nuas e até a área da cozinha, no extremo mais afastado, estava atulhada de caixotes. Uma camada de pó de porcelana cobria tudo. Não conseguia imaginar como podia Megan pensar em ter um filho num sítio daqueles, pois duvidava que o primeiro piso fosse muito melhor.

Megan sentou-se num banco em frente da mesa e indicou a Beth o único cadeirão junto à lareira, que tinha os braços lascados e o forro rasgado.

– Não se importa que eu trabalhe enquanto conversamos, pois não? – disse Megan, pegando num pincel. – É que, como disse, tenho de acabar esta encomenda.

– É o mesmo género de trabalho que fazia em Hill House? – perguntou Beth, a olhar para uma tigela decorada com minúsculas violetas. Era um trabalho delicado, a peça acabada vender-se-ia talvez por trinta libras, ou mais.

– Ná. – Megan fez uma careta. – Lá fazíamos sobretudo casinhas de campo de gesso que depois pintávamos. Porcarias para os turistas. O Reuben não concordava com nada que precisasse de um forno, ou isso.

Beth deduziu daquilo que Reuben preferia a quantidade à qualidade.

– Já estava em Hill House quando a Susan chegou, não estava? É capaz de dizer-me como ela era na altura?

– Chalada – respondeu Megan, com uma franqueza rude. – Estava sempre a falar de como Deus a tinha castigado levando-lhe a filha.

– Castigado? – exclamou Beth. – Porquê?

– Não sei. – Megan encolheu os ombros. – Nunca disse. Mas não era do género de fazer qualquer coisa má, de modo que sempre achei que dizia aquelas coisas por estar louca de desgosto. De todos os modos, a maior parte das pessoas que lá aparecia não regulava bem da cabeça. Não dava muita importância. Mas acabei por gostar da Sue. Mantinha a casa limpa, cozinhava coisas boas para nós. Era muito… – fez uma pausa, presumivelmente à procura da palavra certa – mãezinha, é isso. Gostava de cuidar das pessoas. Depois de se instalar, tornou-se muito simpática.

– Quer dizer que não ficou sempre chalada?

– Não, passadas poucas semanas estava tão sã como qualquer uma de nós. Acabou por gostar daquele lugar, era feliz. Gostava de passear, da vida ao ar livre, de flores e de tudo isso.

Beth adivinhou, pelo calor na voz de Megan, que a rapariga gostara de Susan, que talvez até Susan tivesse sido uma boa influência para ela.

– O que foi então que correu mal? Porque se foi ela embora? – perguntou.

– Pela mesma razão por que todos os outros se foram embora: perceberam que o Reuben era um merdas.

– Mas a Susan estava a ter uma relação com ele, não estava?

Megan soltou uma gargalhada seca.

– O Reuben teve uma relação com todas as mulheres, incluindo eu – disse. – Chamava-lhe «terapia sexual». Era um verdadeiro filho da mãe, convenceu-nos a todas de que éramos especiais. E então passava para a seguinte.

– Todas as mulheres foram «suas mulheres»? – perguntou Beth, espantada.

– Claro. Que outra coisa faria uma mulher viver num lugar daqueles e trabalhar tanto para ele?

– Mas a Susan sabia disso? Quero dizer, quando cá chegou?

– Não. Era uma espécie de regra, não falarmos muito nisso. – Megan riu contrafeita, como se achasse aquilo embaraçoso. – De todos os modos, as duas últimas já se tinham ido embora quando a Sue chegou. Eu já não queria saber do Reuben para nada, e as outras duas que ele tinha tido estavam com outras pessoas, por isso não dissemos nada. Além disso, pensei que talvez a Sue fosse boa para ele. O Reuben tornou-se mais simpático enquanto ela cá esteve. Suponho que gostava da maneira como a Sue tratava dele e da casa. Ainda por cima deixava-me em paz, de modo que eu queria que a coisa resultasse entre os dois.

– Mas a Susan chegou a saber das outras?

– Foi como uma chapada na cara. Ele apareceu uma noite com uma pega chamada Zoë, e a Sue teve de comer e calar.

– Quem era essa rapariga e de onde vinha?

Megan encolheu os ombros, como se não soubesse.

– E então, como foi que a Susan reagiu? – perguntou Beth.

– Não tão mal como eu esperava. Apanhei-a a chorar um par de vezes, mas foi só isso. Costumava dizer que havia de vingar-se do Reuben, e vingou-se, a casa começou a cair aos bocados depois de ela se ir embora. Penso que foi por isso que ele perdeu o interesse e se pôs a andar.

– Nesse caso, quem lá está agora?

– Um bando de anormais – disse Megan, com uma careta de repulsa. – Vão e vêm, transformaram aquilo numa autêntica lixeira. Se o Reuben não volta depressa e corre com eles, não tarda nada a casa não vale um chavo.

– Há quanto tempo se foi ele embora?

Megan encolheu os ombros.

– Uns dois anos, talvez. Não me lembro exatamente e até é possível que tenha voltado depois de eu ter saído de lá. Saí pouco depois da Sue, não aguentava mais sem ela. A minha vontade era sair logo, mas não tinha dinheiro.

Explicou então que a casa onde vivia pertencia a um velho chamado Evan, que a recolhera e a deixara dormir num pequeno quarto.

– Estava cá há poucas semanas quando ele teve um ataque de coração e morreu – continuou. – O advogado do Evan disse que eu podia ficar como inquilina até descobrirem quem herdava a casa.

– O que significa que pode ter de sair de um momento para o outro – disse Beth.

Megan encolheu os ombros.

– Acho que sim. Há séculos que ninguém me diz nada.

Beth começava a ter uma imagem muito mais clara daquela rapariga, porque ela era como muitas das suas clientes. Calculou que Megan saíra de casa demasiado nova, vivera em casas abandonadas, experimentara drogas, fora usada e abusada por muitos homens ainda antes de conhecer Reuben. E no

entanto, apesar da miséria em que vivia e do seu aspeto sujo e desalinhado, havia nela qualquer coisa de muito decente. Não vivia à custa do Estado, e não havia sinais de consumo de drogas.

– O pai da criança vive aqui consigo? – perguntou.

– Não, deu à sola mal soube – disse Megan, com um risinho tenso. – Mas todos os homens são uns filhos da mãe, não são? Era o que a Sue costumava dizer. E tinha razão. Foi ela que me convenceu a tentar fazer outros géneros de pintura.

– A sério? – exclamou Beth, apesar de não estar verdadeiramente surpreendida; Susan sempre fora boa a descobrir o talento nos outros.

– Iá. – Megan sorriu. – Um dia viu-me a copiar uma fotografia de umas flores, de um livro. Convenceu-me a experimentar outras coisas. Fiz um friso à volta da janela da cozinha, pintei sobre tecido e coisas assim. Disse-me que eu tinha muito talento.

Beth sentiu o orgulho na voz da rapariga, e a gratidão para com a mulher que a encorajara. E aquilo fê-la recordar o tempo em que Susan a fizera sentir a mesma coisa.

– Faz alguma ideia de quanto as outras pessoas deram ao Reuben para viver na casa?

– Tudo o que tinham. – Megan encolheu novamente os ombros. – O Roger tinha um bom carro, teve de vendê-lo. A Heather disse-me que lhe tinha dado duas mil libras. Mas acho que foi da Sue que conseguiu mais.

– Palavra? – espantou-se Beth. – Nunca pensei que ela tivesse muito dinheiro.

Megan soltou uma pequena gargalhada.

– Nem ela, até ter descoberto a nota dos leiloeiros de Bristol. Costumava remexer-lhe nas coisas quando ele não estava, à procura de provas de quanto ele ganhava com o nosso artesanato. Nunca encontrou nada a esse respeito, só a nota. O Reuben fez mais de sete mil com as coisas dela. Ficou louca. Não sabia que valiam tanto dinheiro.

Beth estava intrigada. Não compreendia por que motivo Susan não referira aquilo a Steven.

– Tem a certeza?

– Iá, ela mostrou-me a nota. Pode verificar, se não acredita em mim. Foi tudo feito numa casa de leilões de Bristol. São obrigados a ter registos, não são?

Beth tomou mentalmente nota para contactar todas as leiloeiras de Bristol. Uma prova daquelas seria muito útil.

– É capaz de ir a Hill House comigo? – perguntou.

Megan parou de pintar e olhou para ela, horrorizada.

– Está a brincar, não está? Largavam-nos os cães em cima.

– Quantas pessoas lá vivem?

– Umas oito, da última vez que soube. Mas está sempre a mudar. O mais certo é não saberem onde se meteu o Reuben. De todos os modos, acho que nenhum dos que lá estão agora chegou a conhecê-lo.

– Mas a casa é dele, não é?

– Iá. E que diferença é que isso faz? São ocupas, mais nada. Estão lá, e pronto.

– Ouça, preciso de dar uma vista de olhos à casa – disse Beth, firmemente. – Acompanha-me pelo menos uma parte do caminho? Pode ficar no meu carro, e se me acontecer alguma coisa pode usar o telefone do carro para chamar a polícia.

– Vou perder tempo de trabalho.

Megan lançou-lhe um olhar manhoso, que sugeria que queria ser subornada.

– Dou-lhe vinte libras – ofereceu Beth.

– Está bem. – Megan pousou prontamente o pincel. – Mas fico no carro, certo?

À saída de Emlyn Carlisle, a estrada transformava-se num caminho de terra batida que subia por entre os campos, sem mais nenhuma casa. Beth seguiu por ele até que Megan lhe indicou um carreiro, pouco mais do que um trilho entre os campos. Devia ser muito bonito na primavera e no verão, pensou Beth, mas demasiado remoto e selvagem para o seu gosto.

Megan sentava-se no banco, embrulhada num velho casaco de pele de ovelha, e com o aquecimento do carro a funcionar, Beth não tardou a ter bem consciência de que a rapariga já nem devia lembrar-se da última vez que tomara banho. Mas, apesar do seu aspeto tristonho, Megan era uma palradora, e falou a respeito de como Hill House lhe parecera bonita da primeira vez que lá chegara, e de como era diferente de Londres, onde tinha crescido.

– Vivíamos num apartamento camarário em Rotherhithe – disse. – Cinco crianças e a minha mãe em três divisões. Eu costumava sonhar com campos e com a beira-mar como outras raparigas sonham com estrelas de cinema. Uma noite conheci um galês, num *pub*, e quando ele me disse que me trazia para Gales, não parei para pensar se podia confiar nele, ou sequer a que distância ficava Gales. Largou-me em Swansea. Acho que era casado.

– Que idade tinha, Megan? – perguntou Beth.

– Dezasseis. E tenho estado em Gales desde essa altura. Fiquei um par de anos em Swansea, a fazer isto e aquilo, e então conheci o Reuben e vim para aqui. Foi como se o sol tivesse finalmente nascido.

Beth assentiu com a cabeça. Imaginava o que «isto e aquilo» significava. Calculou que Reuben devia ter-lhe parecido um salvador.

– A Sue vem de uma boa família, não vem? – perguntou Megan. – Era muito esquisita, sempre a limpar e a esfregar. Eu costumava implicar com ela, dizia-lhe que tinha a mania das limpezas. Devia ter casado com um tipo normal. Mas suponho que a morte da pequenina lhe estragou a cabeça.

– Ela costumava falar a respeito da filha?

– Nem por isso, era como se lhe doesse demasiado. Por vezes encontrava-a a chorar, e sabia que estava a pensar nela. O médico que ela matou foi o que deixou morrer a menina?

– Foi – respondeu Beth. – A Susan alguma vez disse alguma coisa a respeito dele?

– Só que se ele fosse um médico a sério teria percebido como a menina estava doente. Eu nem queria acreditar que era mesmo ela quando ouvi o nome nas notícias. Podia ser uma grande atiradora, mas nunca a julguei capaz de voltar uma arma contra um ser humano.

Beth voltou vivamente a cabeça ao ouvir isto.

– Vocês sabiam que ela sabia disparar?

– Bem, sim. A Sue costumava matar lebres e pombos-bravos com uma caçadeira. Ela não lhe disse? Se não fosse ela, quase não teríamos carne. Fazia uns guisados bem bons.

– A caçadeira era dela?

– Não, era do Reuben. Mas ele não tinha pontaria. Acho que o facto de ela ser tão boa o chateava. – Megan calou-se bruscamente. Tinham chegado a Hill House.

Viam a casa atrás de um grupo de árvores dispersas, aninhada na encosta da colina. Era muito como Beth a imaginara, pedra cinzenta, janelas pequenas, só que mais degradada, com ervas a crescer no telhado. Saía fumo da chaminé, mas não se via ninguém, nem sequer os cães a respeito dos quais a tinham alertado.

– Tenha cuidado – disse Megan, a olhar para Beth ansiosamente. – Saia de lá se a coisa se puser feia.

– Não se preocupe comigo, já sou suficientemente crescidinha para cuidar de mim mesma. – Beth apontou para o telefone do carro. – Use isso em caso de emergência.

CAPÍTULO 14

Beth imobilizou-se quando um escanzelado rafeiro de olhos muito abertos saiu da casa e correu para ela, a ladrar freneticamente. Parecia capaz de fazê-la em pedaços.

– Cão bonito – disse, na esperança de que o animal não estivesse para aí voltado. Gostava de cães, e os cães geralmente gostavam dela, mas havia sempre exceções à regra.

O cão parou à frente dela, a olhá-la curiosamente, mas começou a abanar a cauda. Beth estendeu a mão para ele a cheirar, e fez-lhe uma festa.

– Assim está melhor – disse, dando-lhe uma palmadinha na cabeça. – Vais deixar-me bater à porta?

Havia como que uma capa de pó e de degradação à sua volta, latas de cerveja vazias, garrafas e outros detritos espalhados pelo chão lamacento. A casa parecia esmagada pela idade e pelo abandono. Num canto do pátio havia um grande monte de lixo a apodrecer, e perto dela uma velha ambulância que tinha sido pintada de vermelho. Tinha a frase «Os Discípulos do Diabo» pintada em letras amarelas num dos lados e um dos pneus completamente em baixo. Era o género de veículo muitas vezes usado por viajantes. Beth não viu qualquer outro meio de transporte. A porta do que calculou ter sido a oficina no tempo de Susan pendia caída para fora, suspensa das dobradiças, e no interior avistou o que lhe pareceu serem montes de peças sobressalentes de motores.

Voltou a olhar para a casa e estremeceu, pois as muitas janelas partidas, tapadas com pedaços de lata e de cartão, davam-lhe uma boa ideia dos ocupantes. Até a porta da frente parecia ter sido o alvo de muitas botas. Conseguia tanto imaginar Susan a viver num lugar daqueles como num iglu.

Preparava-se para bater à porta quando ela foi aberta por um homem com cerca de vinte e cinco anos, cabelos pretos e compridos, uma argola numa orelha e um grosso camisolão de lã que lhe chegava quase aos joelhos.

– O qu'é que quer? – perguntou o homem, com um forte sotaque de Birmingham.

– Estou a tentar encontrar o Reuben, o dono desta casa – disse Beth, sorrindo amavelmente e fazendo uma festa ao cão, para mostrar que não era hostil.

– Não tá cá, de modo que ponha-se na alheta.

Beth ergueu-se a toda a sua altura e olhou-o nos olhos.

– Por favor, não adote esse tom agressivo comigo – disse, num tom firme. – Sou advogada, e se não responder às minhas perguntas terei de ir fazê-las à polícia. Agora, por favor, diga-me onde está o Reuben.

– Não sei. – O homem recuou, com medo nos olhos. – Nem o conheço.

– Está cá alguém que o conheça? – Beth pensou que muito provavelmente era viciado em heroína. Pálido e magro, com fundas olheiras, sacudido por estranhos tremores.

– Já não. O amigo dele foi-se embora.

– Nesse caso, a quem pagam a renda?

– Não pagamos renda nenhuma – disse ele, baixando os olhos. – Só tamos aqui.

– A tomar conta da casa, não é? – perguntou Beth, voltando-se um pouco de lado para ver a vista. Mesmo num frio dia de fevereiro, era magnífica, pois a casa ficava sobranceira ao vale, com bosques

na vertente oposta. – Para se certificarem de que ninguém a ocupa?

Ele olhou furtivamente para o carro, notando que talvez estivesse alguém no interior.

– Iá, uma coisa assim – disse. – Mas não tem nada com isso, portanto desande.

– Quem paga os impostos e a eletricidade? – insistiu ela.

Antes que o homem pudesse responder, apareceu uma mulher atrás dele. Era mais velha, talvez no fim da casa dos trinta, com uma rosa tatuada na testa e um lenço enrolado, como um turbante, à volta da cabeça.

– Quem é ela, Tom? – perguntou, a olhar curiosamente para Beth.

Beth explicou. A voz da mulher era surpreendentemente culta, e apesar de as roupas, um comprido casaco verde por cima das calças, estarem sujas, a figura tinha uma certa elegância.

– Por isso quero saber quem paga os impostos e a eletricidade – concluiu. – Alguém deve pagar, senão a Câmara já os tinha despejado há muito tempo.

– Não sei – respondeu a mulher, e olhou pouco à vontade para o homem a que chamara Tom. – Nunca nos lembrámos de perguntar.

– Então talvez possa explicar-me como foi que se mudaram para aqui – disse Beth. – É que se não pagam renda e não têm provas de que o Reuben os autorizou a viver aqui, tecnicamente são ocupantes ilegais.

– Ouça, não estamos a fazer mal a ninguém – respondeu a mulher, a voz a subir de tom como se de repente se tivesse apercebido de que Beth podia verdadeiramente significar sarilhos. – Não nos metemos com ninguém. O amigo do Reuben disse que podíamos ficar aqui.

– Há quanto tempo cá estão?

– Catorze, quinze meses.

– E o Reuben nunca apareceu em todo esse tempo?

– Não. E se aparecesse eu não o reconheceria.

– Chegam cartas para ele?

– Sim, de vez em quando – respondeu Tom.

– E o que é que fazem com elas?

Repentinamente, Tom correu para ela, empurrando-a com uma mão.

– Põe-te à'ndar, puta bisbilhoteira – gritou. – Não tens nada a ver com isso. Desaparece antes qu'eu chame os cães.

– Açule-me os cães e vai acabar no tribunal – disse ela, friamente. – E então vai ter de responder a muitas mais perguntas.

O murro foi tão rápido e inesperado que Beth não teve tempo para se desviar. Atingiu-a no lado do queixo e atirou-a para trás. Caída de costas no chão sujo, viu-o levantar a perna para lhe dar um pontapé e teve um breve lampejo retrospetivo dos homens naquele beco, tantos anos antes. Mas daquela vez não fazia tenção de se ficar. Rolou sobre si mesma e levantou-se de um salto.

– Muito bem – disse, afastando-se do alcance dele. – Vou à polícia. Certificar-me-ei de que eles vêm até cá com um mandado de busca.

Enquanto corria para o carro, ouviu Tom gritar insultos nas suas costas, mas o homem não tentou persegui-la. Enquanto saltava para dentro do carro, viu que Megan tinha o telefone na mão.

– Vou chamar a polícia – disse Megan. – Vi-o bater-lhe.

– Diga-lhes que vou sair daqui agora – conseguiu Beth dizer, pois estava sem respiração, não só da corrida como do murro no queixo. – Dê-lhes o número e diga-lhes que voltem a ligar dentro de um

minuto.

Ligou apressadamente o motor, fez o carro avançar até mais perto da casa e deu a volta no espaço aberto em frente da fachada. Um *dobermann* preto saiu de um lado qualquer, correu para o carro e atirou-se à janela, a rosnar. Dois outros homens tinham-se juntado a Tom e à mulher, e mesmo com as janelas fechadas Beth conseguia ouvi-los gritar insultos.

Foi só quando voltaram ao caminho que Beth reparou que Megan tinha o rosto tapado pelo lenço.

– Não há perigo – disse à rapariga. – Não podem tê-la reconhecido àquela distância.

– Não tardarão muito a descobrir que era eu – disse Megan, com uma voz cansada. – Não devia ter aceitado vir. Não faz ideia de como aqueles filhos da mãe podem ser maus.

Beth esfregou o queixo.

– Posso imaginar – respondeu. – Mas a polícia encarrega-se deles, não se preocupe, e vou certificar-me de que também cuidam de si.

Já passava das oito quando Beth chegou finalmente ao seu hotel em Cardigan. Tinha uma feia nódoa negra a aparecer-lhe no queixo e ainda se sentia um pouco abalada. Fora um dia muito estranho e perturbador.

Encontrara a polícia local, com dois carros, ao fundo do caminho. Um dos agentes ficara com ela e com Megan no carro, para recolher os seus depoimentos, enquanto os outros três seguiam para Hill House. Cerca de meia hora mais tarde voltaram a descer, com Tom no banco traseiro de um dos carros, sob prisão.

Beth deixara Megan em casa e fora sozinha à esquadra de polícia. Ficara lá quase três horas, a maior parte do tempo a falar com o sargento que chefiava a força local e que lhe disse que por muito estranhos que a polícia e os habitantes locais achassem Reuben e os residentes da sua «comuna», nunca houvera problemas até cerca de ano e meio antes. Não se metiam com ninguém e não representavam uma ameaça para a comunidade.

Desde então, coincidindo com a ausência de Reuben, a polícia vira-se inundada de queixas. Mas pouco podia fazer, uma vez que se tratava de uma propriedade privada. Meses antes, incapazes de contactar Reuben e obrigá-lo a assumir a responsabilidade pelos seus incómodos hóspedes, tinham verificado os serviços camarários e a companhia de eletricidade, na esperança de, se as contas não estivessem liquidadas, terem qualquer coisa a que se agarrar. Mas as contas eram pagas mensalmente por débito direto através do banco de Reuben, o que os deixava de mãos atadas.

Quando Beth explicara as razões porque procurava Reuben, o sargento ficara mais interessado. Sabia das mortes em Bristol, mas não que Susan Fellows era uma antiga residente de Hill House.

Beth dissera-lhe que Reuben justificava uma investigação por extorsão, mas o sargento parecera duvidoso. Dissera que tinha ido pessoalmente um par de vezes a Hill House, no passado, e que o lugar sempre lhe parecera uma feliz colmeia industrial, não um esconderijo de almas perdidas. Além das peças de artesanato vendidas em feiras e em lojas por todo o País de Gales, os residentes cultivavam a sua própria horta, e Reuben deixara os agricultores locais cortarem o feno dos dois campos que possuía para alimentar os respetivos animais. Dissera que nada indicava que Reuben fosse um homem com muito para esconder. No que lhe dizia respeito, só queria que Reuben voltasse e expulsasse a corja que lhe ocupava a casa. A sua única verdadeira concessão fora dizer que agora que Tom tinha sido detido por agressão, ia conseguir um mandado de busca para revistar a casa e todos os que lá viviam.

No entanto, Beth ficara com a nítida impressão de que a única coisa que o sargento verdadeiramente esperava conseguir era ver-se livre dos ocupas. Não parecia muito interessado em trazer mais ninguém para ser interrogado, e muito menos em ajudá-la.

Desanimada ao sair da esquadra da polícia, Beth fora visitar Megan. Encontrara-a receosa de que a detenção feita em Hill House tivesse repercussões para ela. Ficara horrorizada quando Beth lhe pedira para ser testemunha da defesa, para dar a sua versão de como Susan era quando vivia em Hill House.

– As coisas já estão suficientemente más para mim – dissera, na defensiva. – Toda a gente da aldeia pensa que eu sou uma pega, não tenho um único verdadeiro amigo. Gostava de ajudar a Susan, mas tenho de pensar no bebé.

Beth falara com ela durante algum tempo, fazendo notar que ser testemunha não a prejudicaria de maneira nenhuma e ajudaria imensamente Susan. Também sugerira que Megan devia ver junto dos serviços camarários a possibilidade de ser realojada antes do nascimento da criança, em abril. Megan parecia ignorar que tinha direito a ajuda para pagar a renda e até a subsídios para a criança. Na realidade, Beth ficara com a impressão de que era um pouco tola e desesperadamente necessitada de orientação.

Então, quando Beth se preparava para sair, Megan começara repentinamente a falar da tal Zoë que Reuben levara para casa.

– Nunca gostei dela – dissera, parecendo animada pela primeira vez em todo o dia. – Era uma dessas finaças de uma família rica. Perguntei-me o que quereria ela do Reuben. Não era nada o género habitual dele.

– Que idade tinha e de onde vinha? – perguntara Beth.

– Julgo que devia ter vinte e três anos, ou à volta disso. Era de Bath, o pai era dentista. Olhava com superioridade para todos nós e nunca mexia uma palha em casa.

Beth arrebitara a orelha. Um dentista em Bath seria fácil de encontrar.

– Sabe o apelido? – perguntou.

– Fremantle – dissera Megan. – Mostrou-me o passaporte, uma vez, e estava lá escrito. Estava sempre a gabar-se a respeito de como tinha viajado por meio mundo, e de como conseguia sempre arranjar um tipo que lhe pagasse as despesas. Acho que foi por isso que se atrelou ao Reuben.

– Quer dizer que se foi embora com ele?

Megan assentira, e acrescentara que aquilo acontecera depois de Susan sair de Hill House.

– Acho que por essa altura a Sue já estava farta, expulsa da cama e do quarto, aquela pega sempre a dizer que o Reuben agora era dela.

– Era suficientemente má para fazer a Susan voltar a ficar «chalada», como diz?

Megan ficara pensativa.

– Se foi, não vi. Mas também a Sue não era do género de fazer cenas, ou gritar e chorar. Foi-se embora sem fazer ondas, sem se queixar, de modo que devia estar mesmo perturbada, não é? Foi uma coisa inesperada. De repente era posta de lado e substituída por uma mulher mais nova e mais bonita e tudo isso. Se fosse comigo, ficava furiosa. Mas ela levou a coisa com muita calma. Disse-nos uma noite, quando o Reuben e a Zoë estavam fora, não sei onde, que se ia embora. Saiu no dia seguinte.

– Que disse o Reuben quando soube que ela tinha ido embora?

– O filho da mãe riu-se. Não quis saber. Foi pouco depois disso que desapareceu com a Zoë e tudo começou a desfazer-se.

– Para onde disseram eles que iam?

– Não disseram. Nunca disseram uma palavra fosse a quem fosse. Pegaram nas malas e foram. Nunca mais os vi.

Beth pensara naquilo por um minuto.

– Como foi que viveram depois de ele ter ido embora? Era o Reuben que fornecia o dinheiro, não era?

– Inscrevemo-nos no Centro de Desemprego – explicara Megan. – Explicámos-lhes que não tínhamos dinheiro para comer, e eles deram-nos um subsídio. Mas então alguns dos outros quiseram mais, e exigiram também ajuda para pagar a renda. Foi quando fiquei com medo e fugi de lá.

– Ficou com medo de quê?

– Bem, é uma fraude, não é? – respondera Megan, a olhar nervosamente para Beth. – Dizer que se tem de pagar renda quando é mentira?

Havia mais, muito mais, que Beth queria saber. Pormenores a respeito de onde Reuben encontrara Zoë, qual fora a reação de Susan quando a vira pela primeira vez, como estava Susan quando deixara a casa. Mas vira que Megan perdera o balanço, e fazia tanto frio naquela casa que se sentia como se estivesse a transformar-se num bloco de gelo. Por isso, depois de persuadir a rapariga a pedir ajuda às autoridades municipais e aos serviços locais da Segurança Social, saíra, deixando um cartão para que Megan pudesse telefonar-lhe caso se lembrasse de mais qualquer coisa para lhe contar.

De molho dentro de uma banheira cheia de água quente, Beth sentia-se desanimada. Compreendia agora melhor o que fora a vida de Susan em Hill House, mas, sem ter encontrado Reuben e falado com ele, o que era que verdadeiramente tinha? O mesmo com que começara no dia anterior, uma mulher destroçada pelo desgosto que se juntara a um bando de marginais e falhados. Mesmo que Megan aceitasse testemunhar, não tinha muito a certeza de que a contribuição da rapariga ajudasse por aí além. Apesar de Megan ter dito que Susan estava «chalada» quando chegara à casa, acabara por recuperar, tornara-se «mãezinha» e cuidara de todos. Uma mulher capaz de aguentar ser substituída por outra mais nova sem fazer uma cena e afastar-se sem causar escândalo podia parecer tudo menos louca. Mas a verdade era que Susan sempre fora boa a esconder os seus verdadeiros sentimentos.

Beth recordou como durante uma das férias, provavelmente as terceiras porque já andavam no sétimo ano, Susan ficara tensa ao ver uma rapariga mais velha. Estavam em Stratford, nessa tarde, a passear junto ao rio porque não tinham dinheiro para gastar.

– Vamos andar de bicicleta – dissera Susan, agarrando-lhe um braço e puxando por ela.

Como era normalmente Beth a sugerir o que fazer e aonde ir, adivinhara no mesmo instante que aquela súbita necessidade de sair dali tinha qualquer coisa a ver com a rapariga de corsários e camisola justa.

Beth sabia bem o que era ser alvo da perseguição dos colegas, de modo que, depois de se terem afastado, interrogara Susan a respeito da rapariga.

– O que foi que ela te fez? – perguntara de chofre.

Previsivelmente, Susan fingira não saber do que estava ela a falar. Só quando tinham chegado ao refúgio no bosque, onde aparentemente se sentia segura, admitira que a rapariga a amedrontava.

– Chama-me «Wrights» – dissera, com um suspiro. – Deve ter ido buscar a ideia ao registo da escola, onde diz Wright, S. Está sempre a gritar coisas como «Human Wrights», e «Animal Wrights»[3]. Parvoíces, mas é embaraçoso. Anda um ano à minha frente, a irmã mais velha trabalhava

no escritório do meu pai e ele despediu-a não sei porquê.

– É por isso que ela implica contigo? – perguntara Beth. Também com ela os colegas se metiam por causa do pai, e sabia como podia doer.

– Acho que sim. – Susan deixara pender a cabeça, e Beth vira uma lágrima deslizar-lhe pela face.

– Porque é que não a confrontas e lhe perguntas porque é que se vinga em ti? – perguntara Beth. Era assim que lidava com os ataques, e a maior parte das vezes resultava.

– O meu pai está sempre a despedir pessoas – murmurara Susan. – A minha mãe diz que a maior parte dos homens inteligentes tem pouca paciência. Calculo que a irmã dela não deve ter feito nada de especial, e isso faz-me sentir mal.

– Então diz-lho – sentenciara Beth, achando que era muito simples.

– Não posso dizer nada a respeito do meu pai! – exclamara Susan, horrorizada.

– Então vai ter com ela e pergunta-lhe porque é que é má para ti e faz-lhe notar que nunca lhe fizeste mal nenhum.

– Ela batia-me se eu lhe falasse – respondera Susan.

Beth não se lembrava do que tinha acontecido depois. Talvez o problema se tivesse resolvido, talvez a rapariga se tivesse cansado de implicar com Susan, porque ela não voltara a falar do assunto. Mas o que lhe ficara na cabeça fora o facto de até filhas de famílias ideais poderem ser vítimas de perseguições.

Claro que sabia agora que os Wright estavam longe de ser uma «família ideal». Mr. Wright fora um homem presunçoso e egoísta, e o filho era igual a ele. Além disso, tinham tido muito pouca sorte. Susan não tinha em casa ninguém com quem desabafar, estando a mãe sempre ocupada a cuidar da avó. Guardar para si mesma os seus pensamentos, ansiedades e sentimentos devia ter-se tornado para ela um modo de vida.

Pensou um pouco nisto. Por muito má que a sua vida tivesse sido, sempre tivera Serena e Robert. Além disso, tinha uma natureza mais volátil, capaz de dar o troco na mesma moeda quando a ofendiam ou tentavam magoá-la. A gentil Suzie não tinha pura e simplesmente essa válvula de escape.

Depois de um jantar tardio, Beth telefonou a Roy, repentinamente desesperada por ouvir a voz dele. Roy ficou horrorizado ao saber que ela tinha sido esmurrada em Hill House e Beth ficou com a sensação de que ele teria arrancado no mesmo instante para Gales se ela precisasse de ajuda.

– Estou bem, a sério – disse, e relatou tudo o que tinha ficado a saber durante o dia. – Mas podes fazer-me um favor? Investiga essa tal Zoë Fremantle. Sei que é uma hipótese remota, mas talvez consigamos chegar ao Reuben através dela.

– Trato disso amanhã – prometeu ele.

Roy chegou a Bridewell às seis da manhã de domingo e a primeira coisa que fez foi verificar o que havia a respeito de Zoë Fremantle. Descobriu que tinha uma condenação por posse de canábis, em 1986, quando tinha dezoito anos e frequentava Belas-Artes, e uma outra, por furto numa loja, no ano seguinte. Em ambos os casos, fora multada. Do processo constava a morada dos pais: Widcombe Hill, 19, Bath. Se não fosse tão cedo, teria telefonado de imediato a Mr. e Mrs. Fremantle para lhes perguntar onde vivia atualmente a filha. Mas com tempo pela frente, e sem nada de mais premente que fazer, resolveu consultar o registo de pessoas desaparecidas.

Lá estava ela. Dada como desaparecida pelos pais em maio de 1993.

Quando abriu o processo da rapariga, descobriu que a polícia fizera muito pouco para encontrá-la, o que até era compreensível. Zoë já tinha saído de casa em inúmeras ocasiões. Segundo os próprios pais, era rebelde, raras vezes contactava e só se mantinha num emprego o tempo suficiente para juntar dinheiro para viajar. Um ano antes de ter sido dada como desaparecida, estivera na Tailândia. Alguns dos antigos amigos dela em Bath tinham sido interrogados, mas não resultara daí qualquer pista. À luz das afirmações produzidas por esses mesmos amigos, segundo as quais Zoë não se dava muito bem com os pais, a ausência de contactos não parecera de modo algum suspeita.

Estudou a foto de Zoë que constava do processo. Fora tirada numa praia e ela vestia a parte de cima de um biquíni e um sarongue. Era uma rapariga muito bonita, alta – um metro e setenta e três – e elegante, com cabelos louros e olhos azuis. Perguntou a si mesmo o que poderia uma rapariga como ela, vinda de um meio abastado e com uma boa educação, ter em comum com um *hippie* muito mais velho. Drogas, era a única resposta que lhe ocorria.

Tratou então de procurar material sobre Reuben Moreland, e não encontrou nada. Mas tinha o palpite de que não era aquele o verdadeiro nome do sujeito.

Pensou um pouco naquilo. Não havia provas de que o homem cometera qualquer crime, e Susan admitira ter-lhe entregado voluntariamente todos os seus bens, tal como os outros tinham feito. Mas Moreland era indiscutivelmente uma personagem dúbia, e uma longa experiência na polícia dizia-lhe que os homens como ele justificavam regra geral uma investigação. A «comuna» de Gales podia perfeitamente ser a cobertura para um negócio de tráfico de droga. Talvez Zoë, com a sua beleza e origens, o tivesse encorajado a diversificar para outras áreas de atividade. O facto de a rapariga estar dada como desaparecida proporcionava-lhe a desculpa ideal para aprofundar um pouco mais aquele assunto.

Mais tarde, depois de ter telefonado a Mrs. Fremantle e descobrir que Zoë continuava desaparecida, Roy conferenciou com o seu superior, que o autorizou a deslocar-se a Bath.

De regresso a casa vindo de Bath, ao fim do dia, Roy sentia-se entristecido pela ausência de verdadeiro interesse por parte dos Fremantle em relação ao desaparecimento da filha. A atitude deles parecera ser que Zoë lhes devia qualquer coisa por ter nascido numa elegante casa jorgiana e ter sido educada nos melhores colégios particulares. Só tinham comunicado o seu desaparecimento, em maio de 1993, apenas porque ela não os contactara por volta da altura em que fazia anos, em abril. O que, tinham explicado num tom petulante, constituía um desvio à norma.

Ouvira toda a litania dos «pecados» de Zoë: os amigos «ordinários», as constantes viagens, a incapacidade de arranjar um emprego «decente». A última vez que tinham falado com a filha fora no dia de Ano Novo de 1993, quando ela lhes telefonara de um *pub*. Não sabiam onde era o *pub* nem com quem ela estava. Nunca tinham ouvido falar de Reuben Moreland e não sabiam os nomes de nenhum dos amigos dela. Roy já tinha ouvido histórias semelhantes da boca de outros pais de filhos desaparecidos, mas todos tinham feito um esforço para os encontrar, quanto mais não fosse para se certificarem de que estavam vivos e com saúde e fazer-lhes saber que estavam preocupados.

Os Fremantle tinham dinheiro mais do que suficiente para contratar um investigador privado, mas não o tinham feito. E a desculpa fora: «Assumimos que ela está a fazer um género de vida que não aprovaríamos.» Roy não censurava Zoë por manter-se afastada, se tudo o que recebia quando ia a casa era recriminações. Esperava fervorosamente que ela estivesse a divertir-se à grande num sítio qualquer como a Tailândia, de preferência depois de ter trocado Reuben por alguém mais novo e

menos manipulador.

Pensou que seria assim uma espécie de justiça divina se o homem regressasse a Inglaterra com o rabo entre as pernas e encontrasse a casa em ruínas. Achou que a ideia agradaria também a Beth. Parecera-lhe muito perturbada ao telefone, na noite anterior, mas supunha que era razoável uma pessoa ficar um pouco nervosa depois de levar um murro na cara.

Apesar de não ter tido ocasião de observar o trabalho de Beth com qualquer outro cliente, sentia que nunca arriscara tanto como naquele caso. E parecia-lhe também que estava ali em causa mais do que uma amizade de infância, quase como se ela estivesse a resolver o seu próprio passado e os seus próprios problemas através dos de Susan.

Roy considerava-se um homem simples. Mesmo quando jovem, nunca sonhara com carros velozes, viagens ao estrangeiro ou ser rico. Tudo o que queria era ser um bom polícia, um bom marido e um bom pai. A morte de Peter, o filho, e o subsequente desfazer do seu casamento, um par de anos mais tarde, tinham estado muito perto de deitá-lo abaixo. Durante muito tempo, perguntara constantemente a si mesmo: «Porquê eu?» Conhecia tantos homens que não ligavam aos filhos e eram infiéis às mulheres, e no entanto aquelas coisas não lhes aconteciam. Continuava a não saber porque tivera de ser o filho *dele* a morrer, e por isso continuava a chorá-lo. Mas, com o tempo, acabara por compreender que apenas Peter os mantivera juntos, a ele e a Meg, que a relação entre os dois era mais de hábito do que de afinidades, paixão ou até verdadeira amizade.

Com Beth, porém, sentia tudo isso e muito mais. Tinha-a sempre presente nos seus pensamentos e um dia sem falar com ela ao telefone ou sem a ver parecia-lhe demasiado tempo. Admirava-lhe a inteligência viva, o sentido de humor tantas vezes retorcido. Até a frieza dela o excitava.

Desejava-a apaixonadamente. Sonhava todas as noites com as suas pernas altas e esguias, as suas ancas estreitas, os seus maravilhosos cabelos negros, mas sabia que tinha de esperar que fosse ela a fazer o primeiro gesto. Mas era tão duro esperar, sabendo que ela tinha medo porque um homem qualquer, algures, a tinha magoado profundamente. A necessidade de saber estava a dilacerá-lo, mas também o assustava pensar que, quando ela lho dissesse, talvez ele não fosse capaz de a ajudar.

Beth abriu a porta da rua em reposta ao toque de Roy, às sete da tarde, e saiu para o patamar para olhar para o poço da escada.

Roy trazia um ramo de lírios brancos e uma garrafa de vinho, mas foi o cansaço revelado na maneira como subia que a emocionou mais. Ela chegara a casa pouco depois do meio-dia, comera qualquer coisa, dormira uma sesta e, excetuando o queixo dorido, sentia-se ótima. Ele, em contrapartida, trabalhara doze horas seguidas.

– Olá, senhor inspetor – gritou lá de cima.

– Olá, senhora advogada – respondeu ele, e conseguiu saltar os últimos degraus. – Oh, merda, que grande nódoa negra! – exclamou, e estendeu a mão para lhe tocar ternamente na cara. – Espero que a polícia galesa ponha o filho da mãe a ferros e lhe dê uma boa sova com os bastões.

Beth riu.

– Não é tão mau como parece, como a minha mãe costumava dizer quando o meu pai lhe batia. Mas nem tudo foi mau. Se não tivesse sido obrigada a chamar a polícia local, nunca teria conseguido convencê-los a investigar a casa do Reuben.

– Tenho algumas notícias dessas bandas – disse Roy, abraçando-a. – Mas primeiro deixa-me beber qualquer coisa.

Beth obrigou-o a sentar-se no sofá e serviu-lhe um copo de vinho.

– Temos bife do lombo, salada e batatas assadas – disse. – Está tudo pronto menos o bife, que só demora um par de minutos. Por isso é só dizeres quando te apetecer. Estás com um ar cansado.

– Foi um dia de arrasar – admitiu ele, e contou-lhe a conversa que tivera com Mary Fremantle. No fim, mostrou-lhe a fotografia de Zoë.

– Uau! – exclamou Beth. – Julgo que qualquer mulher se sentiria deprimida se fosse substituída por ela.

– Pessoalmente, não consigo perceber o que é que uma rapariga como ela via no Reuben e numa comuna de anormais – disse Roy. – A única coisa que me ocorre é ela ter pensado que ele tinha dinheiro. Bom, seja como for, falei com o pastor da igreja onde a Susan conheceu o Reuben. Chama-se Peter Langdon. Um bom homem, pareceu-me, generoso e empenhado. Lembrava-se bem da Susan, mas não a tinha relacionado com as mortes e ficou muito chocado. Disse que era uma coisa completamente inesperada, sendo ela uma mulher tão gentil e tímida. Sobre o Reuben, tinha uma opinião muito mais dura. Segundo me disse, sempre desconfiou de que o homem era um vigarista, mas que nunca conseguiu prová-lo. Também não sabia que a Susan tinha ido embora com ele.

– Achas que estaria disposto a depor como testemunha abonatória? – perguntou Beth.

– Sem a mínima dúvida. Até se ofereceu para ir visitá-la. É um homem muito sincero e genuíno. Mas a boa notícia é que tinha uma fotografia do Reuben, tirada numa das pequenas festas da igreja.

Roy tirou a fotografia do bolso e estendeu-a a Beth.

Ela riu, porque o homem era ainda pior do que o imaginara, com o seu rosto comprido e magro, os cabelos grisalhos presos num rabo de cavalo e um colete, ostentosamente bordado, por cima de uma camisa branca estilo Nehru.

– Tem ar de patife – comentou. – Sempre detestei os homens de meia-idade que querem continuar a parecer modernaços. Mas suponho que tem todo o estilo de «curandeiro espiritual».

Roy sorriu.

– O Peter Langdon ficou chocado quando eu lhe disse que era assim que ele se chamava. Não reconheceu a Zoë pela fotografia, de modo que o Reuben deve tê-la encontrado noutro lado qualquer. Talvez a Susan saiba onde, e quando.

– Nem sequer me falou a mim, nem ao Steven, da Zoë – disse Beth, de testa franzida. – Disse que tinha aparecido uma nova mulher, mas mais nada. Porque achas que terá sido?

– Pela mesma razão que não te disse que o Liam a deixou – respondeu Roy. – Orgulho, talvez, não querer admitir, nem para ela própria, que foi enganada.

– Pobre Susan. – Beth suspirou. – Tanto infortúnio e infelicidade. Esperemos que as coisas melhorem para ela em breve, e que consigamos ao menos encontrar o Reuben e pô-lo a testemunhar.

– Amanhã vamos pedir autorização para aceder à conta bancária dele. Deve dar-nos uma pista sobre o paradeiro dele.

Beth olhou vivamente para ele.

– Será que ouvi «vamos» como «nós, a polícia»?

Roy pareceu um pouco embaraçado.

– Sim. Precisamos de encontrá-lo e fazer-lhe algumas perguntas.

Na quarta-feira à tarde, Roy passou por casa de Beth no regresso do trabalho.

– Desculpa aparecer sem ser convidado – disse, enquanto ela o deixava entrar –, mas achei que

gostarias de saber que verificámos hoje a conta bancária do Reuben.

– E?

– Cada vez mais curioso. Não lhe toca desde abril de 1993.

Beth fez-lhe um café enquanto ouvia.

– Na altura, tinha um saldo positivo de cerca de duas mil libras. Verificámos o ano anterior e descobrimos que fez depósitos de duzentas a trezentas libras a intervalos de quatro ou cinco semanas. Assumo que era dinheiro proveniente da venda da peças de artesanato. Tinha débitos diretos mensais autorizados para taxas municipais, eletricidade e cartão de crédito. Têm sido feitos todos os meses. Mas não houve quaisquer outros levantamentos ou depósitos. O saldo atual é de duzentas e cinquenta libras.

Beth estendeu-lhe a chávena de café.

– Não percebo onde é que queres chegar – disse, intrigada pela maneira como ele dissera aquilo. – O que é que isso tem de especial? É natural que ele não esteja a depositar dinheiro, uma vez que não está a recebê-lo da venda dos seus produtos.

– Ou talvez não possa por estar morto – disse Roy, sombriamente.

– Não sejas pateta. – Beth soltou uma pequena gargalhada. – O banco deixaria de pagar as contas.

– Pagaria, se não tivesse sido informado da sua morte. Os débitos diretos continuam até que alguém os cancele ou deixe de haver dinheiro na conta para os cobrir.

– Talvez ele tenha outra conta. Há montes de pessoas que têm uma que usam para os pagamentos regulares e outra só para despesas.

– É verdade. Mas até ter feito o último depósito, parecia usar esta para tudo. Havia registos de despesas de supermercado pagas por cheque. Combustível, roupas, tudo. Até encontraram o registo do cheque dos leiloeiros de Clifton pela venda das coisas da Susan.

– Claro que está vivo – disse Beth, vivamente. – Aposto que foi para o estrangeiro. O facto de ter deixado dinheiro para os pagamentos regulares mostra que é uma pessoa responsável.

– Absolutamente tudo naquela conta bancária mostrava uma pessoa responsável – concordou Roy. – Diz-me então porque é que um homem tão cuidadoso e astuto, que já sabemos ser tudo menos altruísta, deixa um grupo de pessoas viver em sua casa sem pagar renda, a consumir eletricidade que ele paga e sem se ralar por lhe estarem a destruir a propriedade.

– Talvez as pessoas que lá estão devessem pagar renda? – sugeriu Beth.

– Tu própria disseste que os tipos que lá estão agora nem sequer o conhecem!

Havia na voz de Roy uma nota de dureza que implicava mais do que ele estava a dizer. Repentinamente, Beth apercebeu-se de que Roy não estava apenas a expor algumas ideias. Tinha pensado muito naquilo e chegara às suas conclusões.

– Acreditas verdadeiramente que ele está morto, não acreditas? – arquejou.

Roy franziu a testa.

– Não vejo outra explicação, Beth. O Reuben comprou aquela casa há mais de doze anos. Excetuando uma ou outra ausência mais ou menos prolongada, tem lá vivido, mandou fazer obras, construiu uma espécie de negócio a partir de lá. Quem senão um louco varrido se afastaria durante mais de dois anos deixando-a ao cuidado de um bando de vadios?

– Pode ter encontrado, com a Zoë, alguém mais esperto do que ele – sugeriu Beth. – Ela é jovem, louca, de boas famílias, provavelmente *sexy* como tudo. Mais do que o bastante para fazer qualquer homem de meia-idade perder a cabeça.

– Espero sinceramente que seja isso e que estejam os dois na Tailândia ou noutro lugar do género a traficar droga ou metidos noutro negócio qualquer que faça a casa de Gales parecer uma migalha – disse Roy, com um débil sorriso. – Mas confesso que não me parece.

– Porquê?

Roy encolheu os ombros.

– Bem, se ele estivesse a safar-se bem num lugar qualquer e não tencionasse voltar, teria entrado em contacto com uma imobiliária para vender a casa. Tu própria disseste que o sítio é bonito. Mesmo que a casa esteja a cair aos bocados, o terreno vale muito dinheiro. E se as coisas não estivessem a correr bem, de certeza já teria voltado. E o mesmo se aplica à Zoë. Teria telefonado aos pais se as coisas estivessem a correr bem, e pedido ajuda se não estivessem.

– Não necessariamente – argumentou Beth. – O pai dela pode ser um estupor tão grande como o meu. Ela pode ter largado o Reuben há séculos e estar agora com outra pessoa. As raparigas são imprevisíveis.

– Todas as mulheres são imprevisíveis – disse ele, suspirando. – Sobretudo tu. Tinha esperado que visses imediatamente o significado de tudo isto.

– O quê? – perguntou ela, de sobrolho franzido. – O que é que devia ter visto imediatamente?

– Assassínio.

– Achas que os vadios que estão a ocupar a casa liquidaram o Reuben? – exclamou ela.

– É uma possibilidade – respondeu Roy. – O Reuben pode ter voltado, ter ficado furioso com aquela malta por lhe terem invadido a casa, pode ter havido luta, e já está. O Tom Whelon, o homem que te bateu, tem uma série de condenações às costas, desde drogas a agressões. Sabe Deus o que vamos encontrar quando investigarmos os outros.

Um desagradável calafrio desceu pelas costas de Beth.

– Estás a incluir a Susan como suspeita, não estás? – exclamou. – Não, Roy! Ela não podia fazer uma coisa dessas!

– Porque não? – perguntou ele calmamente, a olhá-la nos olhos. – Conheces o velho ditado: «Não há no Inferno fúria que se compare à de uma mulher despeitada.»

Os olhos de Beth encheram-se de lágrimas de raiva.

– Pensei que acreditavas nela! – retorquiu, erguendo a voz. – Tiveste pena dela por causa da Annabel. Como podes agora pensar uma coisa dessas?

– Porque sou um polícia – disse ele, suavemente. – Não estou a dizer que foi a Susan. Nem sequer tenho provas de que o Reuben e a Zoë estejam mortos. Tudo o que tenho é um palpite. Mas a maior parte das investigações começa com pouco mais do que isso. – Estendeu os braços e puxou-a para si. – Deves ter tido quase tantos clientes que te enganaram como eu tive pessoas que interroguei e que acreditei estarem inocentes. Não sei como é contigo, mas eu fico sempre desiludido e a sentir-me um pouco estúpido. Mas isto é diferente, Beth, não consegues ser imparcial neste caso porque a Susan está tão intimamente ligada à tua infância, sentes que ela é parte de ti, como uma irmã.

Beth soluçou com a cara enterrada no ombro dele.

Roy abraçou-a com mais força.

– Este não é provavelmente o momento certo para to dizer, mas amo-te – sussurrou, com os lábios encostados ao pescoço dela. – Acho que até seria capaz de voltar costas a uma investigação se tu mo pedisses.

Beth ficou espantada ao ouvir aquilo. Ergueu a cabeça para olhar para ele. E viu, na linha

determinada dos lábios dele, que ambas as coisas eram verdade.

– Nunca te pediria que o fizesses, e tu bem o sabes – disse, com a voz a tremer. – É melhor ires agora, Roy.

– Porquê?

– Tu sabes porquê – respondeu ela, num tom firme. – A Susan pode já não ser minha cliente, mas eu continuo muito envolvida no caso e com ela. Não posso jogar em dois tabuleiros. E tu também não. Portanto, não voltes a contactar-me antes de fazeres o que tens de fazer.

Ele pareceu siderado, o rosto como que a descair-lhe.

– Não, Beth, por favor, não digas isso – pediu.

– Tenho de dizer. És um polícia, com certeza não precisas que te explique. Já te contei coisas a respeito da Susan que não devia ter contado. Involuntariamente, conduzi-te a outro possível crime. Não trairei mais a minha velha amiga do que já traí.

– Mas eu pensei que tínhamos uma coisa especial – protestou ele, a voz rouca de emoção.

– Também eu – disse ela, tristemente. – Nunca pensei que seriam as nossas profissões a meterem-se entre nós os dois.

3 Trocadilho entre as palavras homófonas «Wrights» e «Rights» (direitos). *(N. da E.)*

CAPÍTULO 15

Na manhã seguinte, Beth chegou cansada ao escritório, depois de uma noite praticamente sem sono. Roy era um bom polícia, intuitivo e esperto, e ela sabia que nem sequer lhe passaria pela cabeça lançar-se numa investigação sobre o desaparecimento de Reuben e Zoë se não tivesse praticamente a certeza de que fora cometido um crime grave.

Naquele preciso instante, devia estar a discutir o caso com os seus superiores, e em breve Susan voltaria a ser interrogada. E dessa vez todos as facetas do tempo que passara em Gales seriam escrutinadas.

– Estás com um ar cansado. Sentes-te bem?

Beth olhou para cima ao ouvir a voz de Steven e viu-o a descer a escada. Tinha o sobretudo vestido, a pasta na mão e ia muito obviamente a caminho do tribunal.

– Tenho uma coisa muito importante para te dizer – anunciou ela em voz baixa; a porta da sala das dactilógrafas estava aberta e não queria que elas ouvissem. – Mas parece que vais para o tribunal?

– Ainda tenho cinco ou dez minutos – disse ele, com uma expressão ansiosa. – Chega?

– Chega para expor o esqueleto – respondeu ela. – E isto é quase literal, dadas as circunstâncias.

Subiram até ao gabinete dele e, mal a porta se fechou, Beth despejou tudo.

Steven empalideceu.

– Oh, merda! – exclamou. – Santo Deus, Beth, achas que ele pode ter razão?

– Acho que pode ter razão no respeitante ao Reuben estar morto, mas não acredito que a Susan tenha alguma coisa a ver com isso – respondeu ela, com os lábios a tremer. – Quem me dera nunca ter ido meter o nariz em Gales, quem me dera nunca ter pedido ao Roy que investigasse a rapariga. Sinto que denunciei a minha velha amiga ao meu novo amigo, o polícia.

Steven pousou-lhe a mão no ombro, num gesto de conforto.

– Não podes ver as coisas dessa maneira, Beth. Talvez tenhas precipitado os acontecimentos quando contaste ao Roy o que tinhas descoberto, mas o mais certo era a polícia de Gales ter acabado por seguir essa linha, mais cedo ou mais tarde.

– Não é assim que a Susan vai encarar isto – disse ela, olhando-o nos olhos. – Vai pensar que eu sou responsável pelo renovado interesse da polícia na sua pessoa.

– A Susan não tem nada a temer se não sabe nada do desaparecimento do Reuben. – Steven consultou o relógio. – Agora tenho mesmo de ir. Cabeça erguida. Encontramo-nos à hora do almoço.

Beth teve meia hora livre, sem clientes, mais para o fim da manhã. Apesar de ter um monte de correspondência para pôr em dia, ignorou-a e foi postar-se diante da janela, a olhar para o jardim da praça lá em baixo. Parecia tão triste quanto ela se sentia, com o lixo a rodopiar no vento e a ficar preso nos ramos nus das árvores. Até a relva estava murcha e lamacenta.

Na noite anterior, Roy dissera-lhe que a amava. Devia estar feliz, porque não duvidava de que também ela o amava, mas como podia estar feliz com uma coisa daquelas a interpor-se entre os dois?

A sua vida inteira parecia ter sido assim: momentos que deveriam ser de alegria estragados por

qualquer coisa vinda do passado. O dia em que recebeu o diploma universitário fora um desses momentos. Como não queria que o pai aparecesse, não dissera a ninguém quando era, nem sequer a Robert e a Serena. Recebera o seu diploma com louvor, mas fora a única estudante sem ninguém para a ver aceitá-lo. Escapulira-se enquanto toda a gente tirava fotografias de família e fora para o quarto sentar-se na cama a chorar, em vez de festejar.

Quando o primeiro filho de Robert nascera, tinha corrido para o hospital para ver o sobrinho, cheia de excitação. Entrara na enfermaria e vira o pai sentado junto à cama, e tivera de se retirar sem dizer uma palavra com medo de estragar o momento a Robert e à mulher.

Mas não era sempre o pai que estragava tudo, a maior parte das vezes a única culpada era ela própria. Não tinha amigos, homens ou mulheres, com quem partilhar as ocasiões especiais, porque nunca soubera como deixar as pessoas entrarem na sua vida e manterem-se lá. Quantas vezes no passado troçara de Serena por ela desperdiçar tanto tempo a telefonar a amigos só para dois dedos de conversa e arranjar sempre maneira de encaixar um café ou um almoço com alguém numa agenda já de si sobrecarregada? Serena detestava faltar aos anos de alguém, estava sempre pronta para ajudar os doentes e solitários. A lista daqueles a quem enviava cartões de Natal estendia-se por quatro páginas, e gastava fortunas a comprar presentes e a dar festas.

Beth bem via agora, graças ao facto de Steven ter entrado praticamente à força na sua vida, que em vez de se proteger estivera a castigar-se ao manter toda a gente à distância. Naquele momento, daria tudo para ter uma amiga a quem pudesse telefonar. Não necessariamente para descarregar as mágoas, mas para combinar uma ida às compras, alguém com quem pudesse rir e conversar. Falar de patetices sem importância, como costumava fazer com Susan.

Via-as a ambas naquele último verão que tinham passado juntas, no baile no salão de festas da igreja. Suzie envergava o cingido vestido vermelho que comprara naquela tarde e que sabia que os pais não aprovariam, e ela o verde-esmeralda que a tia Rose lhe arranjara. Tinham dançado sempre uma com a outra em vez de correrem o risco de ficarem sentadas com ar de estarem na esperança de que os rapazes as fossem convidar. Suzie dançava muito bem o *shake*. Conseguia parecer *sexy*, ao passo que ela receava parecer um espantalho eletrónico com espasmos.

– As duas monas – murmurou para si mesma. Nenhuma delas acreditava verdadeiramente que estivessem condenadas a sê-lo, era apenas fanfarronice para esconder o nervosismo. Beth, alta e escanzelada, e Suzie, baixa e roliça, duas miúdas de quinze anos que na realidade acreditavam que era apenas uma questão de tempo até ao dia em que acordariam e se descobririam belas mulheres que iam tomar o mundo de assalto.

E no entanto, fora em monas que o destino as tornara. Tinham lançado raízes nos recônditos dos lugares rochosos que ambas conheciam melhor, e lá tinham ficado. Para Suzie, fora a prisão da família; para Beth, o estudo. E como plantas que dependem da qualidade do solo e das condições climatéricas, como poderia qualquer das duas crescer e transformar-se numa coisa bela? A Suzie faltavam os estímulos externos, fazia uma vida estéril de servidão. E, a ela, a violação envenenara-lhe as raízes, roubara-lhe qualquer alegria que pudesse tê-la feito desabrochar.

Suspirou profundamente, com a testa apoiada ao vidro frio da janela, e recordou os goivos que se agarravam às frinchas do muro que rodeava o jardim da cozinha em Copper Beeches. Tornavam-se, de ano para ano, mais raquíticos e parecidos com ervas daninhas, as cores outrora brilhantes a desvanecerem-se num amarelo doentio, o perfume perdido.

Nunca devia ter discutido Susan e o seu caso com Roy, fora muito, muito pouco profissional.

Envergonhava-se de ter ido com ele a Luddington procurar Liam, e enfurecia-se consigo mesma por lhe ter pedido que investigasse Zoë Fremantle. Como fora possível não prever que aquilo ia muito provavelmente resultar num conflito de interesses?

Não podia culpar Roy, que não seria grande coisa como polícia se não tivesse seguido uma pista tão suspeita. A única coisa que podia fazer era dizer-lhe que não poderiam voltar a ver-se até que aquela investigação estivesse terminada. Mas fazer o que estava certo não lhe servia de grande consolo. Sentia-se infeliz e sozinha.

Beth voltou a Eastwood Park para ver Susan duas semanas mais tarde. Roy e outro polícia tinham interrogado Susan um par de dias antes, na presença de Steven. Segundo Steven, Roy fora muito cuidadoso, fazendo as perguntas a respeito do tempo que Susan passara em Gales como se tudo aquilo fizesse parte da investigação original. Mas, ainda segundo Steven, apesar de Susan ter sido convincente quando afirmara que regressara a Bristol quando Reuben e Zoë estavam ausentes de Hill House e que nunca lá tinha voltado e nunca mais os vira, as datas que dava não batiam certo com a altura em que alugara o quarto em Belle Vue.

Roy contactara o senhorio e ficara a saber que Susan tinha alugado o quarto quase quinze dias depois da data em que supostamente saíra de Gales. Confrontada com esta afirmação, Susan insistira em que o homem estava enganado.

Quando Roy a interrogara a respeito de Liam, Susan admitira finalmente que sempre soubera que ele não iria juntar-se-lhe em Bristol, e que fora por isso que não deixara uma nova morada com os vizinhos, mas, como fizera notar, tratava-se de um assunto que lhe dizia exclusivamente respeito.

Uma vez que Roy honrara o seu pedido de se manter afastado até ao fim da investigação, Beth não fazia ideia se a polícia fizera novos progressos. Steven estava convencido de que continuavam a seguir ativamente todas as pistas, mas não sabia que direção tinham tomado. E não saber estava a dar cabo dos nervos de Beth; não conseguia dormir, perdera o apetite, e muitas tinham sido as vezes em que se sentira tentada a telefonar a Roy e perguntar-lhe o que se passava.

Acima de tudo, porém, a sua inquietação era provocada pela sensação de que tinha traído a amiga. Sentia que tinha de explicar a Susan o porquê daquele renovado interesse da polícia, e o seu próprio papel nos acontecimentos, ou ficaria com aquilo a pesar-lhe na consciência para sempre.

Tinha um ponto vermelho de fúria no queixo, cãibras no estômago e tremia de nervos. O que queria mais do que tudo era que Susan a convencesse definitivamente de que não tivera nada a ver, e nem sequer soubera, do desaparecimento daquelas pessoas do seu passado.

– Porque foi que vieste? – perguntou Susan quando entrou na sala e viu Beth de pé à sua espera. Tinha o rosto redondo contraído numa expressão hostil. – Tentar conseguir mais informação para passar ao teu namorado?

Tinham passado várias semanas desde a última vez que Beth visitara Susan, e foi um choque ver como ela emagrecera. Quando fora presa era provavelmente um tamanho quarenta e seis, e agora estava mais perto de um quarenta e dois. O fato de treino azul pendia-lhe do corpo como de um cabide. Normalmente as mulheres ganhavam peso na prisão, devido à comida pesada e à falta de exercício. Estaria a matar-se à fome?

– Não sejas pateta, Susan – disse, a tentar manter a calma. – Não conto a ninguém nada do que falamos. Agora diz-me porque foi que emagreceste tanto?

Susan encolheu os ombros e sentou-se, cruzando as pernas e os braços com um toque de insolência.

– O que é que isso te interessa? – perguntou. – Estás com medo que fique mais escanzelada do que tu?

Era o género de comentário sarcástico que as mulheres que estavam presas muitas vezes lhe faziam, e Beth sentiu-se ainda mais abatida ao ver que a sua velha amiga estava a apanhar todos os maus hábitos da prisão.

– Não sejas ridícula – respondeu, num tom mais duro. – Estou preocupada, mais nada.

– Oh, certo! Como estavas preocupada comigo quando andaste a meter o nariz por aí à procura de outros crimes que eu pudesse ter cometido?

Beth sentiu o coração afundar-se-lhe no peito, pois era evidente que Susan percebera sozinha que a nova linha de interrogatório de Roy fora precipitada por ela.

– Não andei à procura de crimes nenhuns – respondeu. – Fui só procurar o Liam e o Reuben para os convencer a testemunhar a teu favor.

– E entretanto eles desapareceram! Eu não te disse que eram ambos vagabundos? Quanto à pega da Zoë, o mais certo é ter arranjado um pacóvio qualquer a quem sugar o dinheiro. É o que ela faz. Não posso ser responsável por todos os vadios de Inglaterra que a polícia não consegue encontrar. Que espécie de amiga és tu para te pores logo a pensar que fui eu que os despachei?

– Não é isso que eu penso – disse Beth, com verdade. – Teria de o ouvir da tua boca antes de acreditar numa coisa dessas.

– Mas não perdeste tempo a chibar-te, pois não?

Beth suspirou.

– Chibar é contar histórias, Susan. Eu não tinha histórias para contar. E continuo a não ter. Como sabes, o inspetor Longhurst tem trabalhado no teu caso desde o início. Foi comigo a Luddington tentar encontrar o Liam porque entretanto se tornou num amigo. Como podia eu não lhe contar o que aconteceu em Gales? Só lhe pedi para investigar a Zoë Fremantle na esperança de que ela pudesse levar-nos ao Reuben. Quando ele encontrou o nome dela na lista das pessoas desaparecidas, claro que tinha de iniciar uma investigação.

– Não mudaste nada, pois não? – disse Susan, com um risinho de troça. – Largaste-me há todos aqueles anos porque apareceu na tua vida um homem qualquer, e agora estás a fazer outra vez o mesmo. Não tentes negá-lo, a razão por que não quiseste que eu fosse para Londres partilhar um apartamento contigo foi um homem.

– Isso não é verdade – exclamou Beth. – Não houve nenhum homem na minha vida, nunca.

Susan sorriu maliciosamente.

– Está bem, então foi uma mulher, e tu és lésbica… Devias vir para aqui, há montes delas.

– Também não sou lésbica. – Beth suspirou. – Só nunca acertei bem com os homens.

– Aos quinze eras doida por rapazes – atirou-lhe Susan, levantando-se de um salto. – Depois das últimas férias em Stratford, era a única coisa de que falavas nas tuas cartas. Então se não foi um homem nem uma mulher que te prenderam, porque foi que me largaste?

– Nunca foi assim que vi o que aconteceu – respondeu Beth, acaloradamente. – Por vezes evitamos o contacto com certas pessoas porque… – Calou-se, sem saber que desculpa dar.

– Porque o quê? Porque são aborrecidas? Demasiado antiquadas quando tu eras a Menina Sabe-Tudo da universidade? Porque já não são suficientemente inteligentes?

Beth tinha o estômago às voltas. Pôs-se de pé, com vontade de sair imediatamente dali. Mas sabia que não podia deixar Susan a pensar que a abandonara por qualquer daquelas razões.

– Não, Susan, foi porque tive medo de acabar por te contar o que me aconteceu, e não queria fazê-lo.

Susan bufou depreciativamente e pôs as mãos nas ancas.

– Que espécie de desculpa é essa? Sua cabra patética! Costumavas contar-me tudo, ou pelo menos era o que dizias naquele tempo. Mas enganaste-me bem enganada, não foi? Eu era apenas alguém com quem podias andar enquanto estavas encurralada em Stratford durante o verão. Nunca significuei nada para ti.

– Isso não é verdade, Susan – disse Beth, recuando ao ver que a expressão da outra mulher era bastante assustadora. Nunca a tinha visto furiosa. – Significaste tudo para mim. Mas o que me aconteceu mudou-me, não podia contar a ninguém, muito menos a ti. Foi demasiado mau.

– Estou aqui acusada de um duplo assassínio. O que é que pode ser mais «mau» do que isso?

Susan avançou para ela, como se fosse bater-lhe.

– Fui violada por três homens – gritou Beth. – Não me ataques, Susan. Juro por Deus que foi o que aconteceu.

Susan imobilizou-se, como que petrificada. A surpresa deixou-a de boca aberta.

– Violada? – murmurou.

– Sim, Susan. Foi em janeiro, quando eu tinha dezassete anos – disse Beth em voz baixa, e deixou-se cair na cadeira. Ia contar-lhe, tirar aquele peso do peito de uma vez por todas.

Surpreendentemente, depois de todos aqueles anos a recusar dizer as palavras em voz alta até para si mesma, e da luta que Steven tivera para lha arrancar, contar o que tinha acontecido foi muito mais fácil daquela vez. Mas os olhos continuaram a encher-se-lhe de lágrimas enquanto falava, e a voz tremia-lhe. Tinha consciência de que Susan estava de pé à sua direita, a olhar para ela, mas não era capaz de voltar a cabeça.

– Esperarias que continuasse a escrever cartas alegres e cheias de banalidades depois daquilo? – concluiu.

Durante um momento ou dois, o silêncio foi absoluto. Então ouviu Susan expirar.

– Pobre coitada – sussurrou Susan. – Nunca imaginei uma coisa dessas.

De repente, estava a agarrá-la com força, a cara escondida nos cabelos dela, e Beth sentiu no pescoço a humidade das suas lágrimas.

– Desculpa, Beth, desculpa – murmurou. – Mas devias ter-me contado.

Ficaram abraçadas durante longos momentos, Susan a embalar Beth nos braços, nenhuma delas preocupada com a possibilidade de a guarda que estava lá fora resolver abrir a porta e achar aquilo estranho. Era assim que Serena costumava abraçar Beth quando ela era pequena, e era tão reconfortante e tão bom.

– Não podia, era demasiado horrível – disse Beth finalmente, e libertou-se do abraço para se assoar. Estava envergonhada, não tanto pelas revelações mas por ter sido tão pouco profissional num lugar que lhe exigia que fosse fria e contida.

Susan beijou-a na testa e voltou a sentar-se. Parecia esgotada, toda a agressividade que houvera nela há pouco desaparecida.

Beth contou-lhe como tinha sido depois, sem que sequer o irmão e a irmã soubessem.

– Tinha inveja de ti – disse. – Imaginava-te a salvo em casa com os teus encantadores pais, tudo tão limpo, tão brilhante e agradável. A minha casa era uma pocilga, o meu pai um rufião pomposo, a minha mãe uma criatura patética. Tinha-te escondido tudo, e pareceu-me melhor seguir em frente para

que nunca soubesses daquilo, ou da violação.

– Sabes, eu também tinha inveja de ti – admitiu Susan. – Podias ver a minha casa como limpa e brilhante, mas não era nada disso, e era assim que eu te via a ti. Tu eras aquilo que eu queria ser… corajosa, inteligente, alta e elegante. E eu o que era? Uma rapariga baixa e gorda com cara de lua cheia e sem personalidade. Mesmo que a minha mãe não tivesse tido o AVC, eu nunca teria feito nada que se visse. Teria ficado em casa, teria arranjado um empregozito aborrecido num escritório e casado com o primeiro homem que mo pedisse.

– Não, não teria sido nada assim – protestou Beth com firmeza, apesar de saber que era provavelmente verdade.

Susan fez um sorriso que foi uma careta.

– Oh, Beth, não sintas que tens de me dar coragem. Demorei muito tempo a reconciliar-me com aquilo que realmente sou. Só me encontrei de verdade quando a Annabel nasceu. Tinha nascido para ser mãe, mais nada. Mas naqueles quatro anos com ela vi-o como o mais importante dos papéis, a verdadeira realização. Costumava pensar em ti, imaginava-te de toga e peruca, e toda a inveja tinha desaparecido. Tudo, pôr as fraldas a secar, brincar no chão, cortar pequenas sanduíches com a forma de animais para ela, era tão encantador. A maternidade é uma verdadeira vocação, Beth. Mas eu tinha de ser castigada, e ela foi-me tirada.

Beth tinha estado a observar-lhe o rosto enquanto ela falava, vira a ternura iluminar-lhe os olhos, vira a boca encurvar-se num sorriso, e sentiu um nó na garganta ao pensar na injustiça que fora roubarem a Susan a sua única alegria.

– Porque é que achavas que tinhas de ser castigada? – perguntou, com curiosidade.

Susan encolheu os ombros e desviou o olhar.

– Porquê, Susan? – insistiu Beth ao ver que Susan não respondia. Percebeu que o comentário tinha sido feito num momento de distração, porque Susan recusava agora enfrentar-lhe o olhar.

– Por ter ficado contente quando os meus pais morreram. Por não ter esperado pelo homem certo – disse Susan, apressadamente. – Menti-te a respeito do Liam. Não era maravilhoso, era um falhado, e eu sentia-me muito só. Sabia que não ia resultar.

Beth sabia que o tempo da visita estava a chegar ao fim, e sentia que já tinham ido tão longe quanto podiam naquele dia.

– Tenho de ir – disse, pondo-se de pé e estendendo instintivamente os braços.

Susan correu para eles e abraçou-a com força, apoiando a cabeça no ombro de Beth, como uma criança faria.

– Aquele polícia é um homem bom, apesar de parecer estar na esperança de que eu seja uma assassina em série – murmurou. – Espero que torne tudo bom para ti.

– Não vou vê-lo durante uns tempos – disse Beth.

– Porquê? Por causa de mim?

Repentinamente, Beth apercebeu-se de que não podia admiti-lo. Assustaria Susan, convencê-la-ia de que Roy acreditava verdadeiramente que ela era uma assassina em série.

– Não, claro que não. Tenho de resolver umas coisas sozinha. Não posso esperar que um homem, seja ele quem for, me liberte do meu passado. Só eu posso fazê-lo.

– Desculpa ter sido má para ti – disse Susan, com lágrimas nos olhos. – Não quero que voltes cá, Beth. Pelo menos enquanto isto não acabar.

– Se é o que verdadeiramente queres – respondeu Beth. Pensou que Susan queria dizer com aquilo

que a prisão era pior quando se era constantemente recordada do que podia ter sido. – Diz ao Steven se mudares de ideias.

Enquanto regressava à sua ala, esperando junto de cada porta que a guarda a abrisse, todos os pensamentos de Susan estavam com Beth. De certo modo, era como se uma porta até então fechada se abrisse e estivesse a ver outra sala pela primeira vez. Agora tudo fazia sentido: a mudança nas cartas de Beth, a ausência de verdadeiras notícias, o desaparecimento do antigo humor. Talvez se não estivesse tão embrenhada nos problemas da sua própria família tivesse percebido que alguma coisa de horrível acontecera à amiga.

Recordou, muito nítida, a imagem de Beth a nadar no rio no último verão que tinham passado juntas. Ficara a observá-la da margem enquanto Beth executava um impecável mergulho de cabeça; vestia um fato de banho vermelho, o seu corpo esbelto tão ágil e gracioso.

Susan não sabia mergulhar, tinha medo de entrar na água de cabeça, nem sequer gostava de saltar para o rio, mas deixara-se escorregar da margem, centímetro a centímetro. Aquilo parecia-lhe agora resumir perfeitamente a diferença dos respetivos caracteres. Beth mergulhava de cabeça em tudo, gostava do desafio e até do perigo. Ela não saltava para coisa nenhuma, aproximava-se de tudo o que fosse novo com cautela, e regra geral retrocedia, dominada pelo medo.

E no entanto aprendera, depois da morte dos pais, que era capaz de ser aventureira, que era capaz de banir o medo quando as circunstâncias o exigiam. Mas a pobre Beth tinha em si aquela centelha maravilhosa, inspiradora, apagada por aqueles homens maus. Marcara-lhe claramente toda a vida, e enquanto regressava à sua cela, Susan chorava pela amiga.

CAPÍTULO 16

Frankie estava deitada no beliche de cima, a fumar um cigarro, quando Susan voltou à cela. Susan sentiu o coração afundar-se-lhe no peito ao ver a outra mulher, pois esperara que estivesse a trabalhar. Aquilo significava que ia ser sujeita a um interrogatório precisamente quando estava menos capaz de o enfrentar.

– Mais chatices com o advogado? – perguntou Frankie, os olhos pequenos e escuros a perscrutarem o rosto de Susan em busca de marcas de lágrimas ou de qualquer outra coisa que pudesse significar drama.

– Não, de modo nenhum – respondeu Susan, a esforçar-se por se recompor. Aprendera à sua custa a não revelar a ninguém ali dentro nada que fosse importante para ela. Acreditara, quando contara a Julie a respeito de Annabel, que a mulher guardaria a história para si, mas no dia seguinte era sabida de uma ponta à outra da prisão. Ao princípio, toda a gente a tinha tratado melhor, mas fora sol de pouca dura. Sabia agora que informação a respeito das outras reclusas era como uma droga para a maior parte daquelas mulheres, e queriam sempre mais, e tornavam-se cada vez mais duras e más quando não a conseguiam.

Sabia também que, por vir de um meio de classe média, ser ingénua e não ter condenações anteriores, era vista como uma espécie de bizarria. Todos queriam examiná-la, desmanchá-la pedaço a pedaço para ver do que era feita. «Não deixes que te vejam como uma parva» era uma coisa que aprendera a dizer a si mesma quase todos os dias. Mas, no fundo, supunha que *era* mesmo parva. Sempre acreditara no que as pessoas lhe diziam, quer fosse o pai a ameaçar mandar a mãe para um lar se ela se fosse embora, ou Liam a dizer que a amava, ou o Dr. Wetherall a insistir que Annabel tinha apenas uma virose.

E supunha que ser leal também era visto como ser parva. Nunca falara de ninguém em toda a sua vida, e apesar de toda a gente em Eastwood Park revelar sem rebuço os segredos alheios, recusava-se a fazer o mesmo.

Soubera, mal o polícia aparecera com novas perguntas, que andava ali a mão de Beth, e não conseguira compreender como pudera a amiga fazer uma coisa daquelas. Mas devia ser parva, porque depois da visita de Beth tinha ficado convencida de que a amiga não tivera alternativa. Ficara, além disso, destroçada pelas revelações de Beth, e desgostosa por não lhe ter sido dada a oportunidade de tentar ajudá-la.

Talvez, fechada em casa com a mãe, estivesse isolada do mundo real, mas mesmo assim teria sabido compreender o horror e a devastação de uma violação. Teria pedido aos pais que deixassem Beth ir viver com eles, e sabia que teriam concordado depois de saberem a maneira horrível como Mr. Powell se tinha portado.

Não admirava que Beth tivesse perdido aquela centelha que em tempos possuíra. Ter de manter escondido no peito um segredo tão monstruoso era o suficiente para enlouquecer qualquer pessoa. Susan conhecia a agonia de esconder coisas más, de se obrigar a agir como se nada a perturbasse quando na realidade a sua mente era um turbilhão de erros passados e de memórias horrendas. Vivia

no pavor de que um dia fossem descobertos, expostos à sua frente e ela fosse obrigada a explicá-los todos.

Seria um tão grande alívio poder desabafar com alguém que gostasse o suficiente dela para a ouvir e talvez para a abraçar. Havia ali fartura de pessoas que gostariam que ela pensasse que eram esse alguém. Ficavam à espera, como chacais, das que regressavam de uma visita do advogado ou de um membro da família, na esperança de serem as recipientes de um suculento petisco. Como ficariam felizes se ela lhes revelasse que a polícia estava a tentar atirar-lhe mais assassínios para cima dos ombros! Uma informação daquelas garantir-lhe-ia um lugar reservado à mesa à hora das refeições. Oferecer-lhe-iam champô, e creme para as mãos, e até drogas. Deixaria de ser o alvo de todas as chacotas durante alguns dias.

Estar na prisão era viver um pesadelo, sem nunca saber qual seria a maldosa partida que iam pregar-lhe a seguir, ou quando alguém a atacaria, física e verbalmente. Não conseguia comer – duas garfadas e ficava cheia de vómitos – e tinha de se controlar a cada instante para não revelar a repulsa que lhe causavam os hábitos pessoais das outras reclusas. Era muito difícil suportar a ignorância, o constante praguejar, a maldade de que algumas delas eram capazes. Ansiava desesperadamente poder caminhar lá fora, sentir o vento nos cabelos, a chuva na cara, ter silêncio.

– O que é que ele queria, então? – A voz de Frankie chamou-a de volta ao presente. Tinha-se sentado no beliche, e com a *T-shirt* preta sem mangas, os *jeans* e os cabelos curtos espetados parecia mesmo um homem. Os volumosos bíceps contraíam-se ominosamente quando movia os braços rodeados de tatuagens de arame farpado.

– Oh, só verificar uma coisa que o meu irmão lhe disse – respondeu Susan, num tom descuidado. Não era tão parva que não tivesse aprendido a mentir desde que ali estava. Dizer a verdade só servia para a colocar em situações ainda piores. Julgara que viver em Hill House a preparara para quase tudo, mas não para aquele lugar. Por vezes, sentia-se como se tivesse caído acidentalmente no buraco de um esgoto e descoberto todo um novo estrato de vida. Não era só os crimes que aquelas mulheres tinham cometido – tráfico de drogas, fraude, roubo e prostituição. Elas próprias eram uma espécie animal diferente, explosiva e violenta.

Frankie era o modelo típico das mulheres que dominavam aquele lugar: feia, ordinária, má, mesquinha e imprevisível. O seu divertimento era fazer-se amiga e protetora das novas reclusas, e depois submetê-las à sua vontade. Susan já começara a dar-lhe cigarros e a emprestar-lhe o cartão do telefone. Isto porque Frankie impedira que a mulher que lhe pusera um olho negro voltasse a bater-lhe. Na realidade, não lhe fazia diferença, porque não fumava e não tinha ninguém a quem telefonar, de modo que bem podia dar-lhe aquelas coisas. Mas ressentia-se do interrogatório constante a que a sua «protetora» a sujeitava. Não podia ter uma conversa com quem quer que fosse sem que a mulher exigisse que lhe revelasse todos os pormenores.

– Verificar o quê? – perguntou Frankie.

– O valor da casa dos meus pais – mentiu Susan. – Foi vendida por duzentas mil libras. Suponho que também queres saber isso?

O sarcasmo na sua voz não passou despercebido. Frankie saltou do beliche no mesmo instante. De pé diante de Susan, com os braços beligerantemente cruzados sobre o largo peito, avisou:

– Não te armes em esperta comigo. Sou eu que te protejo, e é melhor que não o esqueças.

– Estou cansada – respondeu Susan, deitando-se no beliche, na esperança de que se fingisse estar a dormir a outra a deixasse em paz.

– Chega-te para lá, vou deitar-me ao pé de ti – disse Frankie, empurrando-a com a mão. – Estás a ficar magrinha. Gosto disso.

Susan estremeceu intimamente. Sabia que Frankie era lésbica, ela não fazia segredo disso, mas, até ao momento, os seus interesses românticos tinham-se centrado em MacAllister, uma das guardas. As outras mulheres da ala diziam que era por isso que Frankie conseguia muitas vezes escapar ao trabalho obrigatório: ficando sozinha na cela, ela e a guarda podiam dar vazão às suas pulsões amorosas.

Quando Susan chegara à prisão, aquilo parecera-lhe ridículo, convencida que estava de que as funcionárias prisionais tinham demasiada integridade para fazer coisas daquelas. Certamente nunca lhe passaria pela cabeça que MacAllister, uma escocesa de voz suave e modos bondosos, tivesse alguma coisa a ver com alguém tão rude e feia como Frankie.

Mas sabia agora que os tabus do mundo exterior não tinham lugar ali dentro. Mulheres casadas com vários filhos que tinham sido heterossexuais toda a vida envolviam-se repentinamente em casos amorosos, chegando ao ponto de recusar a visita dos maridos. Rapariguinhas que quando ali chegavam choravam baba e ranho pelos namorados eram quase imediatamente atraídas para relações com mulheres mais velhas. Durante os períodos de recreio, era vulgar ver mulheres a beijarem-se e a acariciarem-se à vista de todos.

As guardas prisionais lésbicas eram, de certa maneira, as mais desprezíveis, pois tinham escolhido deliberadamente uma profissão onde podiam dominar outras mulheres. Susan já perdera a conta às vezes em que tinha visto uma delas reter uma rapariga no duche, ou numa cela, e as que não acediam aos seus desejos eram castigadas. Não acreditava que todas as mulheres que se entregavam àquelas práticas fossem verdadeiras lésbicas, tinha a certeza de que se deixavam levar por esse caminho por estarem famintas de afeto. Mas ela não estava assim tão faminta, e até ao momento não fora objeto dos desejos de ninguém.

– Por favor, deixa-me dormir um pouco – pediu. – Não me sinto bem.

– Não me venhas com essa cena de grande senhora – rosnou Frankie. – Se eu quiser tocar-te, toco-te.

Susan fechou depreciativamente os olhos.

– Não, não o farás – disse, num tom duro. – Se queres tocar em alguém, vai procurar uma do teu género.

O estalo na cara apanhou-a de surpresa, mas quando abriu os olhos e viu Frankie a sorrir maliciosamente e a baixar o fecho de correr dos *jeans*, a raiva que se esforçara por controlar durante semanas e a fúria que a enchera ao saber da violação de Beth explodiram com violência, e ela soube que ia ter de lutar.

Sem uma palavra de aviso, saltou da cama e agarrou Frankie pelo pescoço, empurrando-a contra a parede junto à sanita. Foi a rapidez do ataque que lhe deu vantagem. Frankie era vários centímetros mais alta do que ela e muito mais forte, mas fora apanhada desprevenida.

– Estou farta de ti – sibilou Susan, a saber que ia ter de recorrer à força bruta para segurar a mulher. – Farta das tuas intermináveis perguntas, dos teus palavrões, do fedor do teu corpo e da tua prepotência. E agora sugeres que tens o direito de me tocar! És nojenta. Se fôssemos as duas únicas pessoas vivas neste maldito planeta, preferia matar-me a ficar contigo. – Cerrou os dedos à volta da garganta de Frankie, usando toda a força que tinha para empurrar a mulher contra a parede e impedi-la de defender-se a pontapé. – Quero matar-te! – rugiu, batendo-lhe com a cabeça no cimento. Tinha

perdido completamente o controlo, porque, na sua mente, Frankie era igual aos homens que tinham violado Beth e uma representação de todas as pessoas que tinham contribuído para a situação a que chegara.

Quando apertou o pescoço da mulher e viu os pequenos olhos escuros de Frankie quase a saltar-lhe das órbitas, sentiu-se poderosa. De tão perto, via-lhe os pontos negros da cara, sentia-lhe no hálito o cheiro à cebola da empada de carne que tinham comido ao almoço, e isso enojou-a ainda mais.

– Vou-te matar – gritou, e voltou a bater com a cabeça da outra na parede, uma e outra vez.

Não fazia ideia de quantas vezes tinha batido com a cabeça de Frankie naquela parede, sentia-se como se a outra fosse apenas uma grande boneca que queria estraçalhar. Não ouviu a porta abrir-se nem as duas guardas entrarem a correr, só soube que ali estavam quando lhe agarraram os braços.

– Larga-a, Fellows! – gritou uma delas. – Larga-a!

Enquanto a arrastavam para a cela de castigo, Susan teve ao menos a satisfação de ver Frankie tombada no chão, inconsciente.

*

Susan demorou muito tempo a sair do estado de choque em que caíra. Lembrava-se de ouvir uma das guardas admoestá-la e dizer-lhe que estava chocada e espantada com o seu comportamento, e em seguida perguntar-lhe o que fora que Frankie lhe fizera. Não se dera ao incómodo de responder, tinha a certeza de que todos sabiam o suficiente a respeito da mulher para calcular. Tudo o que sentira na altura fora alívio por saber que ia ficar pelo menos vinte e quatro horas sozinha, sem falar com ninguém.

Pouca diferença lhe fez que a cela de castigo fosse completamente despida de tudo exceto uma enxerga com capa de borracha e uma manta. Fechando os olhos, podia tentar imaginar-se num lugar bonito.

Tentou o velho truque de imaginar o mar, mas isso só a fez tomar consciência dos ruídos gorgolejantes da canalização. Tentou transformar o bater dos passos de uma das guardas no chão do corredor no som de cascos no empedrado, mas por mais que se esforçasse não conseguia visualizar um pátio diante de uma cavalariça, com os campos a estenderem-se mais além.

Mas então a mente dela esvoaçou até Luddington, e viu-se na sua bicicleta, a ganhar velocidade enquanto descia o ligeiro declive que partia do jardim em frente da igreja. Mentalmente, meteu pelo caminho que descia até à comporta atrás da sua antiga casa, a saltar nos buracos, e de repente viu Beth a pedalar ao seu lado e a gritar de alegria ao passar por uma poça de lama.

De todos os lugares aonde ela e Beth gostavam de ir durante os dois primeiros verões que tinham passado juntas, a comporta era o seu preferido. Subitamente, estava outra vez lá, era um dia quente de verão e elas estavam as duas sentadas lado a lado no muro da comporta, à espera de que aparecesse um barco.

Adoravam ouvir o som da água a entrar quando as eclusas eram abertas, e ver os cisnes e os patos trepar para a margem para descansarem um pouco, e o sol a bater na água e o reflexo das suas próprias imagens, distorcidas como na Casa dos Espelhos da feira popular.

Quando ajudavam as pessoas a abrir as eclusas da comporta, muitas atiravam-lhes fruta ou doces, mas o verdadeiro fascínio era terem um vislumbre de umas férias familiares. Nunca nenhum delas alguma vez fizera umas verdadeiras férias com ambos os pais. Beth falava de dias passados em Hastings com a mãe ou o irmão e a irmã; Susan só fora a casa de uns parentes em Bristol. Para

ambas, alugar um barco, levar os filhos e até o cão e dormir e cozinhar nesse barco durante uma ou duas semanas era um conceito curioso.

– Também poderemos fazê-lo, quando formos crescidas – dissera Beth certa vez, quando vira duas adolescentes de biquíni a apanhar banhos de sol no tejadilho da cabina de um veleiro. – Podíamos continuar sempre em frente até ao fim do rio. Talvez encontrássemos um lugar maravilhoso onde pudéssemos arranjar empregos numa loja ou coisa assim, e ficar lá para sempre.

O som de um pranto vindo de outra cela arrancou Susan ao seu devaneio. Quis imaginar-se deitada no convés de um daqueles barcos, o sol a bronzear-lhe a pele enquanto descia lentamente o rio. Mas alguém estava bater na porta da cela com os punhos e os pés. Só então recordou, com um estremecimento, o que tinha feito a Frankie.

Parecia-lhe incrível tê-la atacado daquela maneira, de mãos nuas. Nunca em toda a sua vida batera noutra pessoa, nem sequer na escola. Parecia-lhe espantoso o facto de ter conseguido infligir dor a Frankie, que era maior e muito mais forte do que ela.

O pensamento fê-la sorrir. Ao menos, tinha lutado. Talvez doravante as outras mulheres passassem a tratá-la com mais cuidado.

Na manhã seguinte, Beth levou uma chávena de café para o gabinete de Steven depois de o ouvir despedir-se do cliente com quem estivera a falar.

– Reabastecimento – disse, pousando a chávena em cima da secretária atulhada de papéis. – E estava a perguntar a mim mesma quando é que tencionas ir ver a Susan.

– Tinha tudo preparado para ir hoje, mas vai ter de ser amanhã – respondeu ele, juntando um monte de papéis e guardando-o numa pasta. Olhou para Beth com uma expressão preocupada.

– Algum problema? – perguntou ela, empoleirando-se na beira da secretária.

– Sim. Em primeiro lugar, telefonaram logo de manhã da polícia a dizer que têm novas provas e que querem voltar a interrogar a Susan amanhã. Por isso liguei para a prisão para os informar. E o que é que me dizem? A Susan foi mandada para a cela de castigo.

– A sério? Mas porquê? – perguntou Beth. – Estava tudo bem quando estive com ela ontem.

– Atacou outra detida. – Steven franziu reprovadoramente os lábios. – Uma agressão grave, a outra mulher teve de ser levada para o hospital.

Beth estava estupefacta.

– Não posso acreditar numa coisa dessas. Ela é tão passiva!

– Será? Começo a perguntar-me se a conhecemos de todo – disse Steven, com mais do que um toque de desespero na voz. – Aparentemente, aconteceu logo a seguir a tu a teres deixado. A companheira de cela estava lá sozinha, e começaram a lutar. Ao que parece, a outra mulher é um osso duro de roer, de modo que o pessoal da prisão ficou muito surpreendido, sobretudo porque a Susan nunca tinha dado sinais de ser agressiva. Pensam que se não interviessem, é bem possível que a tivesse matado.

– Oh, merda! – exclamou Beth, deixando-se cair na cadeira em frente da secretária de Steven. – Espero que não tenha sido a minha visita que a perturbou.

– Admito que tenha tido qualquer coisa a ver com isso – disse Steven, cansado. – De que falaram?

Beth não queria dizer-lhe, sabia que ele o consideraria inapropriado e talvez até insensato.

– Nada de especial – mentiu. – Ao princípio estava um pouco hostil por eu me ter chibado, como

disse. Eu disse que ela tinha emagrecido muito e ela aproveitou a oportunidade para me atirar umas bocas.

– Parece então que já estava bastante agitada – observou Steven.

Beth sentiu-se pouco à vontade, sem saber o que dizer.

– Vá lá – pressionou ele. – Preciso de saber. Não quero que amanhã ela se saia em frente da polícia com qualquer coisa a respeito da qual eu não sei nada.

– A Susan estava a acusar-me de eu a ter abandonado quando fui para a universidade – admitiu Beth, relutante. – Acabei por falar-lhe da violação. – Corou furiosamente. – Só Deus sabe porque foi que lhe contei. Não digas nada, Steven! – acrescentou, em tom de aviso.

– Não digo o quê?

– Que não devia ter falado.

– Ela é tua amiga. – Steven encolheu os ombros. – Não me compete a mim dizer o que é que podes ou não podes contar-lhe. Seja como for, que efeito teve nela?

– Voltou a ser como era quando éramos miúdas – disse Beth. – Foi emocional e muito reconfortante para as duas, acho.

– Talvez tenha sido o rastilho – disse Steven, pensativo.

Beth franziu a testa. Não estava a perceber o que ele queria dizer com aquilo.

Steven pôs-se de pé, foi até à janela e voltou-se para olhar para Beth. Parecia muito preocupado, e muito cansado também.

– Talvez ela tenha voltado para a cela furiosa com o que te aconteceu. Tão furiosa que quando a outra reclusa disse qualquer coisa de que não gostou, saltou-lhe a tampa.

– Devia ter ficado triste, nunca furiosa – disse Beth. – Não acredito que ela atacasse alguém por causa disso. A Susan é uma pacifista, não é uma lutadora.

– Talvez estejamos enganados a esse respeito – respondeu Steven, sombrio. Enfiou as mãos nos bolsos das calças e balouçou-se para trás e para a frente. – Ela levou-nos a acreditar que a única vez em que foi violenta foi no dia em que entrou na clínica e matou duas pessoas. E nós engolimos a história sem fazer perguntas, por causa das trágicas circunstâncias e porque tu a conhecias. É também por isso que recusamos acreditar que ela tenha tido alguma coisa a ver com o desaparecimento daquelas outras pessoas.

– Com certeza não mudaste de opinião só porque ela atacou outra reclusa? – atirou-lhe Beth. – Ambos sabemos como é a vida naquele lugar!

– A polícia tem qualquer coisa, ou não estariam interessados em voltar a falar com ela – disse Steven, acaloradamente. – Estiveram em Gales e em Luddington. E agora ela mostrou que *é* capaz de violência súbita e irracional.

– Não somos todos? – retorquiu Beth. – Até a pessoa mais gentil e calma pode reagir com violência se for suficientemente provocada. Diria que estar fechada numa cela com alguém que nos dá cabo dos nervos é o suficiente para fazer saltar a tampa a qualquer um.

– Sei tudo isso – disse ele, fazendo um gesto de desalento com as mãos. – Mas há qualquer coisa nela, Beth, qualquer coisa que está a esconder. Senti-o várias vezes. O Liam, o Reuben e a Zoë. O que foi que lhes aconteceu, Beth?

Beth olhou para ele, horrorizada. Tinha aprendido a confiar no sólido discernimento e na perspicácia de Steven, mas não suportava ouvi-lo duvidar de Susan.

– Não digas isso, Steven – pediu, tapando a cara com as mãos. – Não quero saber de quantas

coincidências há de pessoas a desaparecer à volta dela. Não posso e não quero acreditar que a Susan tenha alguma coisa a ver com isso.

– Não há dúvida de que a Susan sabe como fazer as pessoas acreditarem nela – disse Steven, ironicamente. – É o que me faz sentir cada vez que estou com ela. É só depois que começo a ter dúvidas.

– O teu trabalho não é procurar culpas – recordou-lhe Beth, num tom duro. – Estás a defendê-la, pelo amor de Deus. É à polícia e à acusação que cabe investigar.

*

– Interrogatório com Susan Fellows iniciado às nove e quinze da manhã em Eastwood Park – disse Roy para o gravador. – Presentes o inspetor Longhurst, o sargento Bloom e Steven Smythe, o advogado que representa Susan Fellows.

Roy iniciou o interrogatório pedindo a Susan que recuasse até agosto de 1986.

– Sabemos que veio a Bristol a 8. Temos confirmação do seu senhorio em Ambra Vale de que foi ver a casa nesse dia e deixou um depósito. É correto?

– Sim – respondeu Susan.

– Depois disso, voltou diretamente para casa em Stratford-upon-Avon?

– Não, passei a noite em Bristol, numa pensão. Só voltei no dia seguinte.

– A 9? O Liam estava lá quando chegou?

– Não. Estava para fora, em trabalho.

– Com «para fora em trabalho» quer dizer que dormia no local de trabalho?

– Sim. Bem, na autocaravana.

– Onde era esse trabalho?

– Não me lembro. Ele nem sempre dizia.

– Quando voltou a vê-lo?

– Não voltei, ele nunca regressou.

– Porque é que acha que ele nunca regressou?

– Já respondi a isso, várias vezes. O Liam não queria prisões.

– Mas estava à espera de um filho dele – disse Roy. – Com certeza pensou que ele devia assumir ao menos alguma responsabilidade.

– A questão nunca se pôs porque eu só soube que ia ter um filho depois de me mudar – respondeu ela, a franzir a testa num gesto de irritação porque também já lhe tinha dito aquilo.

– Quando foi então a última vez que viu o Liam? – perguntou Roy

– Um dia antes de vir a Bristol.

– Há de ter sido então a 7 de agosto?

– Suponho que sim.

– E ele saiu da aldeia na autocaravana?

– Sim.

– Não voltou a vê-lo, nem à autocaravana, depois disso?

– Não. – Disse Susan, deixando escapar um fundo suspiro.

– Mas deve ter visto a autocaravana, ficou estacionada num caminho dentro da aldeia durante várias semanas depois de se ter mudado – disse Roy, a olhar fixamente para ela.

– Ficou? – Susan abriu mais os olhos, surpreendida. – Não sabia.

– Suponho que também não sabia que a 9 de agosto, quando estava em Bristol, ele estava a trabalhar para um tal Mr. Andrews, a menos de cinco quilómetros de Luddington?

– Não consigo lembrar-me, ao fim de tanto tempo, de onde ele disse que estava a trabalhar.

– Então ainda bem que Mr. Andrews se lembra – disse Roy, num tom seco. – Aparentemente, o Liam completou o trabalho durante a tarde e foi-se embora depois de ter combinado passar por lá no dia seguinte para receber. Nunca apareceu. Como explica isto?

Susan encolheu os ombros.

– Talvez tenha ido fazer outro trabalho. Não sei, estava em Bristol.

– Não na altura. Chegou a Luddington, de autocarro, por volta da uma e meia dessa tarde.

– Se você o diz – respondeu Susan, cruzando os braços e olhando para o teto.

– Temos um depoimento de Mrs. Vera Salmon, que vivia na casa em frente da sua, segundo o qual as duas viajaram juntas no mesmo autocarro nesse dia. Também segundo Mrs. Salmon, a Susan falou-lhe da casa que tinha encontrado e parecia muito entusiasmada.

– Estava – admitiu Susan. – Estava muito feliz.

– Claro que estava, acreditava que o Liam a amava, e a mudança para Bristol significava um novo começo para os dois. Suponho que esperava que ele aparecesse ou telefonasse mais tarde?

Susan pareceu confusa.

– Bem, sim, mas ele estava a trabalhar fora.

– Não, não estava, Susan – disse Roy. – Mrs. Salmon viu-o entrar em sua casa, ao fim dessa tarde.

– Talvez tenha entrado – respondeu ela, corando. – Não pode esperar que me lembre do que aconteceu naquele dia, ao fim de tanto tempo.

– Não acredito que tenha esquecido o mais pequeno pormenor daquele dia – disse Roy, severamente. – Nem a viagem de regresso de Bristol, toda entusiasmada, a falar com Mrs. Salmon, nem o que o Liam lhe disse quando a visitou nessa tarde. Acredito que ele lhe disse que não fazia tenção de ir para Bristol consigo. Acredito que a conversa acabou em discussão e que durante essa discussão o matou.

– Não seja ridículo – retorquiu ela, e então, levantando-se da cadeira, implorou a Steven que a ajudasse. – Diga-lhe, Mr. Smythe! Não podia ter-lhe feito mal! Eu amava-o.

Um pouco mais tarde, Susan admitiu, chorosa, que Liam tinha aparecido naquela tarde e que tinham discutido. Mas afirmou que ele saíra de sua casa por volta das cinco e meia e que essa fora a última vez que o vira.

Disse que era bastante possível que a autocaravana estivesse estacionada na aldeia, mas que mesmo que a tivesse visto, e não vira, isso nada teria significado, porque estava constantemente a avariar. Quanto a ele não ter ido receber o dinheiro que lhe era devido, respondeu que Liam sempre fora um pouco despreocupado em questões de dinheiro.

– Certo. Avancemos então até 1993, há dois anos – disse Roy, secamente. – O desaparecimento do Reuben Moreland e da Zoë Fremantle, da casa em Gales.

– Que tenho eu a ver com o desaparecimento deles? – perguntou Susan, incrédula. – Era apenas uma das doze pessoas que viviam naquela casa.

– Os nomes Roger Watkins e Heather Blythe dizem-lhe alguma coisa?

– Sim. Eram duas das pessoas que viviam na casa enquanto eu lá estive.

– Já nenhum dos dois lá vive, mas ambos fizeram depoimentos a respeito do Reuben e da Zoë. Disseram que o casal partiu para ir vender artigos de artesanato numa feira no Norte de Gales no

início de abril e que a Susan saiu de lá enquanto eles estavam fora.

– É verdade.

– Mas o Watkins afirma que a viu em Emlyn Carlisle mais de uma semana depois.

– Está enganado. Nessa altura eu estava em Bristol.

– Também estava enganado ao dizer que o Reuben a tratou muito mal ao levar a Zoë para casa e partilhar com ela a cama que tinha sido sua?

– Não, isso é verdade. Foi por isso que me vim embora, não gostei.

– Só ocupou o quarto em Belle Vue, Clifton, a 28 de abril, cerca de duas semanas depois de ter saído de Hill House. Vi uma cópia datada do contrato de arrendamento que assinou. Onde esteve durante essas duas semanas?

– Em Bristol – insistiu ela.

– Onde em Bristol?

Susan hesitou.

– Não me lembro da morada, uma pensão qualquer. Andava à procura de um apartamento.

– Não, não andava, Susan – disse Roy, inclinando-se para ela. – Estava acampada nos bosques perto de Hill House. Não estava?

Steven não ficara perturbado por nenhuma das perguntas e sugestões feitas à sua cliente até àquele momento. Na realidade, nem percebia muito bem porque quisera a polícia voltar a interrogá-la, uma vez que parecia não haver quaisquer novas provas que a ligassem inquestionavelmente ao desaparecimento daquelas pessoas. Mas a sugestão de que ela estivera acampada perto da casa abalou-o.

– Isso é completamente ridículo! – disse Susan, indignada.

– Não é obrigada a responder a mais perguntas – recordou-lhe Steven.

– Não faz mal. Não tenho nada a esconder – respondeu ela, e fez-lhe um meio sorriso, como se aquela linha de interrogatório não a preocupasse minimamente. – Porque havia eu de estar acampada no bosque?

– Vingança? – sugeriu Roy, arqueando uma sobrancelha. – Estivemos no bosque, o material de campismo continua lá, um pouco estragado ao fim de dois anos.

– Nunca tive material de campismo – respondeu ela, num tom de troça. – Se encontraram alguma coisa, não tem nada a ver comigo.

– Não disse que o equipamento era seu, mas veio de Hill House, foi identificado.

– E que tenho eu a ver com isso? – perguntou Susan com um ar espantado, e olhou para Steven como que a pedir apoio. – Qualquer um dos outros pode tê-lo levado para lá. O próprio Reuben pode tê-lo levado para lá. Estava constantemente a desaparecer, gostava de acampar, qualquer um dos que viviam naquela casa lho dirá.

– A última vez que o Reuben e a Zoë foram vistos por alguém de Hill House iam a caminho do bosque para fazer um piquenique – disse Roy. – Mas quando saíram de casa levavam apenas uma pequena cesta e uma manta.

– Aí está – exclamou ela, triunfante. – Ele já tinha o acampamento preparado. Provavelmente ficaram lá durante algum tempo e depois foram para o estrangeiro, ou coisa assim.

– O Reuben não podia sair do país sem o passaporte – disse Roy, com um pequeno sorriso. – Que encontrámos em Hill House. Deixou também a carrinha, e não voltou a tocar na conta bancária desde então.

– Nesse caso pergunte aos outros onde é que ele está – ripostou Susan, irritada. – Se o viram partir levando apenas uma cesta e uma manta e não o viram voltar, porque foi que não deram parte do desaparecimento dele?

– Tinham as suas razões – respondeu Roy. – Defraudar o Estado, por exemplo. Quando ele desapareceu, deixaram de ter dinheiro para viver. De modo que se inscreveram para receber subsídio de renda. Não podiam comunicar o desaparecimento do senhorio quando cada um deles estava supostamente a pagar-lhe trinta libras por semana, pois não?

Susan riu-se, surpreendendo Steven.

– Tudo isto é ridículo. Acaba de dar-me a razão perfeita para qualquer um deles, ou todos eles, quererem livrar-se do Reuben. Mas eu não. Não pedi subsídios a que não tinha direito. Quando saí daquela casa, saí de vez. Não quero saber para nada do que lá se passou.

Steven concordava com ela. Perguntou a si mesmo que raio de jogo estava Roy a fazer, e o que seria que sabia e não estava a dizer. Porque tinha de ter qualquer coisa melhor do que aquilo.

– A clareira no bosque era o «lugar especial» do Reuben, não era? – continuou Roy. – Levava-a para lá para fazerem amor, não levava?

Susan fez uma expressão vazia, como se não soubesse do que ele estava a falar.

– Eu sei que sim – prosseguiu Roy. – Levava para lá todas as suas mulheres. A Heather, a Megan e muitas outras. Mas dizia a todas que eram a única, e nessa altura a Susan acreditou.

Steven olhou para Susan. Pela primeira vez naquele interrogatório, parecia um pouco abalada. Mas cruzou os braços sobre o peito e não respondeu.

– Mais vale dizer-me a verdade agora e acabar com isto – disse Roy, num tom não isento de bondade, mas com uma nota de cansaço. – Levou aquele material de campismo para o bosque, peça a peça. Saiu de Hill House quando o Reuben e a Zoë estavam fora, mas não veio para Bristol. Ficou lá acampada, sabendo que o Reuben acabaria por aparecer com a Zoë mais cedo ou mais tarde. Estava furiosa por ter sido substituída por uma mulher mais nova e por causa da humilhação por que ele a tinha feito passar. E estava decidida a vingar-se.

– Isso não é verdade! – disse Susan, com pontos vermelhos de fúria a aparecerem-lhe na cara. – É verdade que *fiquei* magoada por ele me ter tratado mal, mas de todos os modos estava farta daquele bando de falhados e queria começar de novo.

– Mas o seu novo começo não resultou, pois não? – observou Roy. – Viver num quarto alugado, ganhar a vida a limpar escritórios! Não se pode dizer que tenha sido subir na vida.

– Voltar a Bristol, onde tudo me fazia lembrar a Annabel, foi um erro – admitiu ela. – Devia ter ido para outro sítio qualquer. Afundei-me porque me sentia deprimida.

Roy usou a sua tática preferida, o silêncio. Limitou-se a olhar para ela e não disse mais uma palavra.

Não acreditava que Susan tivesse matado Liam. O homem era sensível, provavelmente sentira remorsos por não conseguir comprometer-se com ela e fora para outro lado qualquer porque não queria que as pessoas lha recordassem a cada instante.

Em contrapartida, estava convencido de que matara Reuben e Zoë. Quando falara com Megan, em Gales, ela dissera-lhe que Reuben levava sempre as novas mulheres até à clareira, e mostrara-lhes, a ele e a outros dois agentes, onde ficava. Fora lá que tinham encontrado o material de campismo cujo desaparecimento tanto Roger como Heather tinham referido em interrogatórios separados.

Embora fosse verdade que qualquer pessoa podia ter levado o material de campismo para o

bosque, a começar pelo próprio Reuben, o facto de ter sido lá deixado era extremamente suspeito. Tudo na clareira fazia dela o lugar ideal para um assassínio: era escondida, e de lá avistava-se Hill House. O som de um tiro passaria despercebido, um corpo podia ficar ali durante anos sem que ninguém o descobrisse, as folhas caídos e o mato a esconderem-no cada vez mais secretamente.

Fora num gelado dia de inverno que Roy vira o lugar, mas não lhe custara imaginar como devia ser belo na primavera e no verão, e como deveria parecer sagrado aos olhos de alguém que tivesse sido para ali levado para fazer amor. Tal como não lhe fora difícil imaginar a fúria e o ciúme de Susan ao ver-se substituída pela jovem e bonita Zoë. Julgava-a mais do que capaz de planear antecipadamente o assassínio dos dois. Para um crime daqueles, só um talento era exigido: paciência.

Susan não poderia saber exatamente quando iria Reuben regressar, ou quanto tempo passaria até que levasse Zoë àquele lugar. Arriscava-se a ter de esperar semanas. Mas paciência *era* a mais notável das suas virtudes. Transparecia em tudo o que fora sabendo a respeito dela desde os seus tempos de menina. Susan era alguém capaz de esperar o momento certo para se vingar. Tal como esperara antes de matar aquelas pessoas na clínica. Era precisamente isso que a tornava tão arrepiante.

Olhou para ela e reparou que os olhos pálidos azul-esverdeados tinham a mesma expressão distante que lhe notara quando a detivera depois das mortes, e mais tarde quando a interrogara em Bridewell. Pensara na altura que ela conseguia afastar-se mentalmente da realidade do que tinha feito, e agora estava a fazer o mesmo.

Havia, no entanto, débeis sinais de agitação provocados pelo silêncio dele. Susan abria e cerrava os punhos, de vez em quando puxava os cabelos para trás das orelhas, e tinha os lábios secos. Mentir não lhe era fácil, mas tinha a paciência necessária para aguentar.

Decidiu que era tempo de quebrar o silêncio.

– Estou convencido de que foi o remorso que a fez sentir-se deprimida – disse, inclinando-se para ela por cima da mesa. – Diria que imaginou que matando o Reuben e a Zoë limparia o passado e poderia começar de novo. Mas não foi assim tão simples, pois não?

Fez uma pausa e recostou-se na cadeira por instantes, mas sem desviar os olhos dela.

– Não podia ser, Susan – insistiu. – Estava de volta ao ponto de onde tinha partido. O Reuben tinha-a convencido a deixar a sua bela casa, a vender todos os seus bens. A vida maravilhosa que ele lhe prometera revelara-se uma mentira. Ele tinha-a trocado por uma mulher muito mais nova. Todos os dias que viveu naquele sórdido quarto em Belle Vue lhe traziam à memória estas coisas. Não é verdade que estava tão cheia de raiva que tinha de descarregá-la em alguém? E quem melhor do que o Dr. Wetherall e a rececionista, que considerava serem os responsáveis pela morte da Annabel?

– Eles mereciam morrer – gritou ela, os olhos a faiscar. – Deixaram morrer a minha menina, foi bem feito.

– E o Liam, merecia morrer por não querer assentar consigo? O Reuben merecia morrer por tê-la enganado? A Zoë merecia morrer por tê-la humilhado?

– O que é que sabe a respeito seja do que for? – Susan levantou-se repentinamente da cadeira, o rosto afogueado de fúria. – Não faz a mínima ideia do que foi para mim quando a Annabel morreu. Ela era a minha vida, era tudo no mundo. E se não fossem aquelas duas pessoas estúpidas e arrogantes que nem sequer quiseram chamar uma ambulância, ainda hoje poderia estar viva.

– Sente-se, Susan – disse Roy firmemente, olhando-a nos olhos. – Sei o que é perder um filho. É a pior coisa que pode acontecer a qualquer pessoa. Mas matar outras pessoas não resolve nada.

O comentário não tencionava ser uma admissão de que também ele tinha perdido um filho, mas Roy pensou que talvez ela sentisse que estava a ser condescendente, porque Susan recuou um passo e lançou-lhe um olhar furioso.

– Sente-se, Susan – repetiu, um pouco preocupado pela raiva que via nos olhos dela. Toda a calma de que dera mostras momentos antes tinha desaparecido, parecia pronta para atacá-lo.

– Não quero sentar-me – sibilou ela. – Será estúpido ao ponto de pensar que consegue acalmar-me com uma coisa tão reles? Deve ser, para estar a tentar culpar-me da morte de três pessoas que simplesmente desapareceram sem a mais pequena réstia de prova. É tão estúpido que nem sequer é capaz de perceber sem que lho expliquem porque é que a Beth não quer ir para a cama consigo. Ou é? Pois bem, pelo menos em relação a esse ponto posso acabar com o seu sofrimento. É porque foi violada por três homens.

Steven saltou da cadeira.

– Basta, Susan! – disse, agarrando-lhe um braço. – Esta conversa é a seu respeito, não a respeito da Beth.

– E você também me mete nojo – rosnou ela, sacudindo-lhe a mão e agarrando-lhe as lapelas do casaco. – Finge estar muito preocupado comigo, mas na verdade não quer saber de mim para nada. E aposto que também gostaria de saltar para a cueca da Beth.

Roy pôs-se de pé para intervir. Para uma mulher tão pequena, Susan era surpreendentemente forte, e foi preciso algum esforço para obrigá-la a sentar-se.

– Chega – disse, firmemente. – Esta conversa chegou ao fim. Continuaremos quando estiver mais calma.

Disse para o gravador que o interrogatório tinha sido suspenso às doze e trinta e Susan foi escoltada para fora da sala pelo sargento Bloom, deixando-o sozinho com Steven.

– Ufa! – exclamou Roy, passando as costas da mão pela testa.

Steven viu que ele estava abalado, que toda a cor lhe tinha fugido do rosto.

– Lamento – disse simplesmente. – Não devia ter ouvido aquilo.

Roy passou a mão pela cara, num gesto cansado.

– É verdade?

– Não estou fisicamente interessado na Beth, somos apenas amigos – disse Steven, sentindo-se maldisposto por achar que devia ter previsto a explosão de Susan e tê-la evitado. – Quanto à outra questão, bem, é uma pena ela ter dito aquilo. A Beth tem andado a ver se consegue arranjar coragem para lhe contar. Vai ficar horrorizada quando descobrir que o soube através de outra pessoa.

– E o senhor, Mr. Smythe, como é que sabe? – perguntou Roy, a semicerrar os olhos.

– Não é fácil de explicar, e julgo que não devo acrescentar mais nada neste momento – respondeu Steven.

– Ora aí está uma resposta típica de um raio de um advogado – disse Roy, sarcástico.

Steven suspirou.

– Não é nada do que possa imaginar. Eu e a Beth mal nos conhecíamos até a Susan ter sido detida. Quando ela descobriu que se tratava da sua velha amiga, como que se lhe abriu uma brecha na armadura. Aconteceu apenas ser eu a pessoa que estava à mão, e enquanto falávamos a respeito do caso, coisas há muito enterradas vieram à tona. Não posso discutir o assunto consigo, a Beth não ia gostar. Quer ser ela própria a dizer-lhe.

– Porque foi que ela falou à Susan a nosso respeito? – perguntou Roy, com uma expressão magoada

no olhar.

Só então Steven se apercebeu da profundidade do sentimento dele por Beth. Até ao momento, só vira um homem a fazer o seu trabalho, justo, mas astuto e duro. Passara-lhe mais de uma vez pela cabeça que o inspetor Longhurst queria Beth mais pela sua posição do que por ela mesma. Aquilo preocupara-o muito, e pelo que sabia agora de Beth, não lhe parecia que ela conseguisse aguentar mais um desgosto. Mas só um homem apaixonado poderia ficar tão magoado por outros conhecerem o passado de Beth enquanto ele ignorava tudo.

– Com certeza não disse que eram mais do que amigos – disse, gentilmente. – Lembre-se de que ela tem vindo visitar a Susan como amiga, não como advogada. A Susan limitou-se a dar um tiro no escuro, na esperança de o atingir.

– E conseguiu – murmurou Roy, pesaroso. Apoiou os cotovelos no tampo da mesa e tapou a cara com as mãos.

– Não deixe que isto o abale – disse Steven, com firmeza. – Mande-a voltar e continue com o interrogatório.

Roy consultou o relógio e franziu a testa.

– São horas do almoço – disse. – Deixemo-la acalmar e vamos ao *pub* comer uma sanduíche.

*

O *pub*, na rua principal, estava muito sossegado. Os únicos clientes eram alguns operários a beber uma cerveja e meia dúzia de velhos da aldeia. Steven sentia-se um pouco inibido pela presença do sargento Bloom, pois calculava que o homem devia estar a pensar no que Susan dissera. Mas não lhe competia a ele recordar-lhe que devia esquecer o que tinha ouvido.

Uma vez sentados e com sanduíches e café à frente, Roy pareceu totalmente refeito e falou em termos gerais sobre a investigação em Gales e os depoimentos que tinha recolhido de Megan, Heather e Roger. Era tudo informação que acabaria por lhe chegar às mãos a devido tempo, de todos os modos, mas Steven ficou satisfeito por ele não estar a retê-la por despeito.

Roy explicou que tanto Heather Blythe como Roger Watkins tinham dito praticamente o mesmo nos respetivos depoimentos, e que não podia haver conluio porque não falavam um com o outro desde que tinham saído de Hill House.

Eles e todos os outros em Hill House tinham assumido, ao darem por falta do material de campismo, que Reuben e Zoë tinham ido acampar. Quando Reuben não regressara passados alguns dias para ir buscar a carrinha, a assunção fora que deviam ter ido os dois para o estrangeiro. Mas, sem liderança, o grupo depressa começara a desfazer-se. Heather partira pouco depois de Megan, e, segundo Roger, o seu lugar, e os dos outros residentes originais, fora pouco a pouco ocupado por viajantes que apareciam e ficavam. Roger Watkins aguentara quase um ano, e fora durante esse ano que encontrara o passaporte de Reuben e compreendera que ele não podia ter saído do país.

No seu depoimento, Roger manifestara alguma preocupação relativamente a Reuben, convencido de que era bem possível que se tivesse metido em sarilhos num qualquer negócio de droga. Mas com a fraude dos subsídios suspensa sobre a cabeça, não tivera coragem para falar com a polícia.

A afirmação reiterada de que tinha visto Susan em Emlyn Carlisle parecia válida uma vez que descrevia o vestido às flores que ela usava e que correspondia ao que a polícia encontrara na mala em Belle Vue. Não havia, de momento, provas forenses de que Susan levara o material de campismo para o bosque, e Roy duvidava que viesse a haver passado tanto tempo.

Steven pensou que devia estar exultante por não haver quaisquer provas concretas de que Susan tivesse matado Reuben e Zoë, ou sequer quaisquer provas de que os dois estivessem mortos. No entanto, confrontado com a convicção de Roy de que os corpos estavam algures no bosque atrás de Hill House, deu por si a sentir-se mais perturbado do que satisfeito.

– Preciso de trocar umas palavras consigo antes de a polícia voltar – disse Steven quando Susan foi reintroduzida na sala de interrogatório, com os olhos vermelhos e inchados de chorar.

– Peço desculpa por ter dito ao Longhurst aquilo a respeito da Beth – disse ela atropeladamente. – Depois, só me apetecia cortar a língua. Estava furiosa com ele e queria magoá-lo. Mas a única que vai ficar magoada é a Beth, não é?

Steven ficou muito surpreendido por ela só conseguir pensar em Beth quando a sua própria situação era tão grave.

– Bem, está feito, não se pode voltar atrás – disse.

– A Beth vai ficar zangada comigo – disse Susan, de olhos baixos. – Se ao menos eu não tivesse regressado a Bristol. Nunca nos teríamos voltado a encontrar e eu não estaria a estragar a vida dela.

Steven encolheu os ombros.

– A Beth não acha que esteja a estragar-lhe a vida.

Bem gostava de poder dizer-lhe que ela ter voltado a aparecer na vida de Beth fora provavelmente a melhor coisa que poderia ter acontecido à amiga. Beth estava a abrir-se um pouco mais de dia para dia. Era agora uma pessoa completamente diferente da mulher austera e defensiva que chegara à Tarbuck, Stone and Aldridge cerca de dezoito meses antes.

Na realidade, a prisão de Susan parecia ter funcionado como catalisador de muitas e variadas maneiras. Sem todas as emoções que desencadeara em Beth, onde estaria ele próprio? Fora Beth que o encorajara a enfrentar o problema de Anna, e graças a esse apoio o seu casamento tinha finalmente um futuro. Anna estava a recuperar, a vida em casa voltara a ser boa e a sua amizade com Beth era um fator novo e profundamente gratificante.

– Vai ficar zangada quando o Longhurst lhe contar o que eu disse. – Susan parecia desesperada. – Ela ama-o, Mr. Smythe, e eu estraguei tudo.

– Duvido muito, Susan. – Steven pousou-lhe a mão no ombro, num gesto de conforto. – Os polícias estão habituados a ouvir coisas desagradáveis. Além disso, se não fosse a Susan é possível que nunca tivessem chegado a conhecer-se.

– Mas a Beth não vai voltar a vê-lo enquanto isto durar, pois não? – perguntou Susan, erguendo para ele uns olhos marejados de lágrimas. – Deve ser horrível para ela, como ficar no meio a tentar apanhar a bola.

– Não se preocupe com isso – disse Steven, firmemente. – Nós, os advogados, nunca deixamos que o trabalho interfira com a nossa vida social. Posso estar num tribunal a lutar com unhas e dentes contra o meu colega da acusação e no fim irmos os dois beber um copo juntos. Também tenho amigos na polícia, e eles podem prender um cliente meu, mas isso não nos torna inimigos.

– Mas a Beth precisa de estar com o Longhurst agora – insistiu Susan. – Vai voltar a fechar-se na concha se isto se arrastar por muito mais tempo. Não suporto pensar que lhe roubei a felicidade que ela merece.

Steven não soube o que responder a isto. Sabia que Susan tinha razão ao acreditar que Beth não voltaria a estar com Roy até que aquele caso se resolvesse, seria para ela uma questão de honra. Era

possível que a separação, e as coisas que a investigação podia vir ainda a revelar, fossem prejudiciais para uma futura relação, mas não achava que Susan devesse carregar esse fardo sobre os ombros. O que tinha já lhe chegava.

– A Beth é uma mulher adulta – disse, gentilmente. – Não precisa de se preocupar com ela.

– Mas tenho de fazer o que é melhor para ela – respondeu Susan, e olhou para ele com um ar de enorme tristeza. – Por isso esta tarde vou contar ao Longhurst a história toda.

Steven pensou que ela estava a falar da violação e de como ficara a saber do caso.

– Não me parece que seja necessário. Quanto menos se falar do assunto melhor – disse, alarmado. – Limite-se a responder às perguntas que o Longhurst fizer, nada mais.

– Não estava a referir-me à Beth – disse ela, de testa franzida. – Estava a falar de toda a história dos assassínios. Uma confissão.

Steven foi tão apanhado de surpresa que tudo o que pôde fazer foi ficar a olhar para ela de boca aberta.

– Confissão? Está a tentar dizer-me que afinal sempre matou o Reuben e a Zoë? – arquejou.

– Sim – sussurrou ela. – Eu sei que ainda não têm o suficiente para me acusar. Mas o Longhurst é inteligente, e sabe que fui eu. Não vai parar até conseguir as provas. Não aguento mais, prefiro dizer tudo agora e acabar com isto.

– Não acredito que os tenha matado – ouviu-se Steven dizer. Sentia-se confuso, tudo o que conseguia perceber era que Susan estava louca e queria confessar para acabar com as perguntas.

– Matei, Mr. Smythe – disse ela, pousando-lhe a mão no braço. – É gentil da sua parte não acreditar em mim, mas é verdade. Suponho que a Beth também não vai acreditar, mas tem de explicar-lhe. Ela que me esqueça e aproveite a oportunidade de ser feliz com o Longhurst. É o que quero para ela. Posso ajudá-la.

Steven pensou que nunca ouvira uma coisa tão inverosímil. E no entanto Susan tinha a sinceridade escrita no rosto. Mas Susan era isso mesmo, um paradoxo. Admirável de tantas maneiras, pela sua bondade, estoicismo e timidez. Gostava dela. Gostava verdadeiramente dela, muito mais do que da maior parte dos seus clientes. E todavia ela negara todas essas qualidades ao matar: a bondade tornara-se crueldade, o estoicismo perdera-se na necessidade de vingança, e a timidez na coragem.

Mas mesmo sabendo que matara duas outras pessoas não alterou a maneira como a via. Continuava a gostar dela.

– A Beth não vai querer que confesse por causa dela – disse apressadamente. – Tenho de aconselhá-la a não o fazer, Susan. Se é por se estar a ressentir da pressão de tantas perguntas, posso insistir em que já teve o suficiente para um dia.

– A Beth sempre acreditou que eu dizia a verdade. – Susan ergueu desafiadoramente a cabeça. – Uma vez disse que essa era uma das coisas de que mais gostava em mim. Já não me resta muito de bom que alguém possa gostar. Aprendi a mentir desde que vim para aqui. Agora tenho de dizer toda a verdade, quando mais não seja para me sentir melhor comigo mesma. É que, sabe, Mr. Smythe, sou uma assassina diabólica. Tenho de ser mandada para um sítio onde nunca mais possa fazer mal a ninguém.

CAPÍTULO 17

Steven teve de sair da sala de interrogatório por alguns instantes para se recompor, deixando Susan com uma das guardas. Bem gostaria de ir até lá fora apanhar um pouco de ar fresco, mas isso seria pedir o impossível devido aos regulamentos da prisão e à escassez de pessoal. Teve de contentar-se com ficar no corredor, a respirar o ar quente, que cheirava a mofo, e, pela primeira vez em muitos anos, desejou ter um cigarro, e uma bebida forte para o acompanhar.

Ficara completamente aturdido ao ouvir Susan dizer que queria confessar os assassínios de Reuben e de Zoë. Só ali, no corredor, lhe ocorreu que não lhe tinha perguntado como os matara e o que fizera com os corpos. Seria ao menos uma maneira de saber se ela estava a inventar aquilo, se era uma espécie de pedido de atenção, ou até a procura de uma estranha glória.

Mas, no fundo do coração, sabia que não era isso. Susan podia ser muitas coisas contraditórias, mas não era alguém que desejasse a atenção dos outros.

Deveria tentar fazê-la mudar de ideias? Obrigá-la a esperar vinte e quatro horas, dar-lhe tempo para considerar todas as implicações? Não duvidava de que a maior parte dos advogados de defesa o faria, uma vez que não havia verdadeiras provas contra ela, nem sequer as mais decisivas: os cadáveres.

Ao longo dos anos, tivera muitos clientes detidos por um crime e que por qualquer razão decidiam, quando estavam presos, confessar outros. Por vezes era por calcularem que esses outros crimes acabariam por ser descobertos de todos os modos, ou por pensarem que o facto de confessarem levaria o juiz a ser mais brando. De longe em longe, era a necessidade de se libertarem do fardo da culpa.

O juiz não ia de certeza olhar para Susan com mais complacência. Ia mandá-la para a prisão pelo resto dos seus dias. E ela sabia-o. Steven preferia pensar que era o remorso que a levava a querer confessar, e desse modo sentir-se-ia justificado ao deixá-la ir para diante.

Mas aquela loucura de ajudar Beth! Se outro advogado lhe contasse uma história daquelas, teria rido e declarado que a pessoa em causa era louca varrida. Mas Susan não lhe parecera louca, nem na primeira conversa que tinham tido nem em nenhuma das outras. Por vezes, parecera-lhe até a pessoa mais racional que conhecia.

– Sou uma assassina diabólica.

Murmurou as palavras para si mesmo e então teve de inspirar fundo várias vezes para controlar a ansiedade que não parava de aumentar. Para ele, «assassinos diabólicos» eram homens como Fred West, Peter Sutcliffe ou Dennis Nielson. Homens frios, retorcidos, que encontravam no ato de matar uma espécie de perversa excitação. Rose West e Myra Hindley não tinham provavelmente sido menos diabólicas, mas naquele momento, ali naquele abafado corredor, parecia-lhe que o papel que tinham desempenhado nos crimes fora o de meras ajudantes. Sabia que as prisões de mulheres encerravam muitas assassinas, mas, por mais que se esforçasse, não conseguia lembrar-se de nenhuma que tivesse matado mais de uma vez.

Desejou ter mais experiência em casos de assassínio. Talvez lhe permitisse ser mais objetivo.

Sempre imaginara que se tivesse de defender um assassino o faria recorrendo a todas as suas capacidades, mas que ficaria muito contente se perdesse o caso. Nunca ouvira falar de um advogado que tivesse continuado a acreditar na inocência do seu cliente depois de ele se ter confessado culpado.

Mas era o que sentia. Apesar de saber perfeitamente que Susan matara aquelas duas pessoas na clínica, não conseguia impedir-se de sentir que tivera motivos para o fazer. Quando olhava para a vida dela e via toda a trampa que lhe tinham despejado em cima, não lhe parecia que fosse capaz de censurá-la ainda que ela tivesse aberto fogo contra uma centena de pessoas.

Mas era esse o seu verdadeiro dilema, claro. Quisera tanto empolgar o tribunal e combater a acusação denunciando todas as coisas tristes, miseráveis e trágicas que tinham acontecido a Susan. Quisera que todos sentissem o que ele sentia, que ela fora empurrada para lá do limite, que perdera o controlo de si mesma, e ficassem satisfeitos quando lhe fosse aplicada uma pena ligeira.

Agora, com mais dois assassínios a acrescentar, a imagem era completamente diferente. Não haveria muitas lágrimas derramadas por Reuben. Mas Zoë era jovem e bonita, ninguém acharia que merecia morrer. Susan tornar-se-ia objeto de ódio. E isso era o que o incomodava mais do que qualquer outra coisa, porque, como Beth, vira a bondade e a honestidade que havia nela. Aos seus olhos, também ela era uma vítima das cruéis circunstâncias que a tinham empurrado para fora da lei.

Olhou para o relógio e viu que eram quase duas da tarde. Tinha de voltar.

Teve apenas uns minutos a sós com Susan na sala de interrogatório antes de Longhurst e Bloom regressarem também. Susan parecia composta, inclusivamente desejosa de começar.

– Tem a certeza absoluta de que quer fazer isto? – perguntou.

– Absoluta – respondeu ela, olhando-o bem a direito nos olhos.

– Compreende aonde é que nos vai levar?

– Sim, não haverá responsabilidade diminuída. Vou apanhar prisão perpétua – disse ela, com uma grande determinação tanto na voz como no olhar. – E não, não quero tempo para pensar no assunto. Já pensei. A minha decisão está tomada.

*

Steven pensou que Roy tinha um ar cansado quando entrou na sala.

– A minha cliente deu-me instruções no sentido de dizer que deseja fazer uma confissão completa – anunciou.

A expressão de Roy quase deu vontade de rir. Os olhos castanhos abriram-se muito, olhou com incredulidade primeiro para Susan e depois para Steven, e deixou descair o queixo.

Mas recompôs-se muito rapidamente. Despiu o casaco e pendurou-o nas costas da cadeira, sentou-se e colocou uma nova cassete no gravador, experimentou-o e gravou as habituais indicações sobre a data, hora e pessoas presentes.

– Por onde quer começar, Susan? – perguntou.

– Pelo dia 9 de agosto de 1986 – disse ela, a olhar para o gravador conscientemente. – O dia em que matei o Liam Johnstone.

Steven olhou para ela, estupefacto. Um tremor gelado desceu-lhe pelas costas. Abriu a boca para falar, mas não saiu qualquer som. Com certeza ela não matara também Liam!

– Não queria matar o Liam – continuou ela, e olhou diretamente para Steven, como que a pedir-lhe que não interrompesse. – Estava zangada porque ele não queria vir para Bristol comigo. Discutimos,

ele dirigiu-se à porta da cozinha para se ir embora, e eu peguei numa faca e apunhalei-o nas costas.

– Que espécie de faca era? – perguntou Roy.

Steven notou que a voz lhe tremia um pouco, apesar de ter conseguido suprimir a surpresa.

– Uma faca de cozinha francesa – respondeu ela, muito calmamente. – Tinha uma lâmina triangular, com treze ou quinze centímetros de comprimento. Tinha-a deixado em cima da bancada depois de ter cortado um pedaço de carne, pouco antes.

Ainda naquela manhã Susan mentira ao inspetor Longhurst ao afirmar que não se lembrava de nada do que acontecera naquele dia. Lembrava-se de tudo até ao mais pequeno pormenor, de todas as palavras que tinham sido ditas, por mais que quisesse esquecê-las.

Estava um dia quente e abafado, e o rio ao fundo do jardim refletia o azul do céu. Tinha-se apeado do autocarro pouco antes das duas, mudara para um leve vestido de verão, prendera os cabelos no alto da cabeça e, depois de ter preparado apressadamente um guisado de galinha para o jantar, fora sentar-se na cadeira de repouso debaixo de uma das macieiras. Estava tão entusiasmada com a casa que encontrara em Bristol que mal podia esperar que Liam chegasse para lhe contar. Incapaz até de ler por causa da excitação, fechara os olhos e pusera-se a planear o esquema de cores para a sala de estar.

Devia ter adormecido, pois acordara repentinamente a ouvir o som de água a correr. Olhara em redor e vira Liam parado à porta, a beber um copo de água. Vestia uns velhos *jeans* transformados em calções e estava de tronco nu. O suor colava-lhe ao crânio os cabelos negros, ou talvez tivesse posto a cabeça debaixo da torneira.

Chamara-o, pedindo-lhe que lhe levasse um copo de água e fosse ouvir as boas notícias. Ao ver que ele não voltava a sair, levantara-se e fora até à cozinha, onde o encontrara sentado à mesa a estudar um mapa.

– Não me ouviste? – perguntara.

– Ouvi, mas estava aqui a verificar uma coisa – respondera ele, continuando a olhar para o mapa.

– Encontrei uma casinha maravilhosa para nós – anunciara ela, e tagarelara durante algum tempo a respeito do tamanho dos quartos, do jardim e de como a zona de Clifton, em Bristol, era tão encantadora. Na sua excitação, nem reparara que ele não estava a reagir. Até que Liam se levantara e lhe pegara num braço.

– Suzie, fico muito contente por teres encontrado um sítio bonito para viver – dissera, o rosto severo e frio. – Mas não vale a pena estares a falar dele como se eu também fosse para lá. Já te tinha dito que não ia para Bristol contigo. E não vou mudar de ideias.

– Mas tens de vir comigo – insistira ela. – É perfeito para nós. E terás montes de trabalho para fazer nas redondezas.

– Tenho o meu trabalho aqui. Já te tinha dito que não consigo viver numa cidade.

– Mas não é nada como uma cidade, é muito bonito.

Era verdade que Liam lhe *tinha dito* que arranjasse um lugar onde viver, e que ele continuaria como até ali, a viver na autocaravana, deslocando-se de trabalho em trabalho. Fora até muito firme a este respeito. Mas ela não acreditara verdadeiramente que estivesse a falar a sério. Ao fim e ao cabo, dissera-lhe que também não gostava de viver naquela casa, e já lá estava desde dezembro.

Ele obrigara-a a sentar-se e repetira tudo o que já tinha dito. Que não era do género de assentar, e que só estava ali por causa das circunstâncias de os pais dela terem morrido e o irmão ser tão mau.

– Gosto muito de ti, Suzie – dissera, acariciando-lhe a face. – Passámos uns bons tempos juntos.

Mas tu precisas de um tipo normal, alguém estável que tome conta de ti. Lamento se começaste a ver isto como uma coisa permanente, mas até agora sempre que tentei ir-me embora ficaste muito perturbada. Ajudo-te a fazer a mudança, farei tudo o que puder para te facilitar as coisas. Mas só isso. Preciso de recuperar a minha liberdade.

Ela discutira, insistira em que ele a amava e ela não podia viver sem ele.

– Isso não é verdade – respondera ele. – Encontraste as tuas asas, Suzie, é tempo de fazeres a tua própria vida, por ti mesma.

– Não quero – gritara ela, assustada pela dureza da voz dele. – Quero estar contigo, cuidar de ti.

– Não quero que cuidem de mim da maneira como cuidaste dos teus pais – respondera ele, já irritado. – Ter o jantar na mesa quando chego a casa e as roupas lavadas e engomadas não é a minha cena. Ter alguém a servir-me. E também não devia ser a tua cena. Passaste a vida inteira a cuidar da tua mãe e do teu pai, a cozinhar, a limpar e a correr atrás deles. É tempo de acabar com isso.

– Não o farei se não quiseres – prometera ela, de cabeça perdida. – Serei o que quiseres que seja.

– Não preciso de uma mulher que só queira moldar-se a mim – dissera ele, impaciente.

Ela não compreendera o que ele queria dizer com aquilo. Então não era o que todos os homens queriam, mulheres que lhes tornassem a vida fácil e confortável? Começara a discutir loucamente, a contradizer tudo o que ele dizia, e as coisas que ela própria tinha dito, e sentira que estava a ficar cada vez mais zangada porque não conseguia encontrar as palavras certas para o convencer de que era aquilo que ele precisava. Repetira vezes sem conta que o amava, e que precisava dele, mas tudo o que dizia parecia só servir para o tornar ainda mais determinado.

Então, de repente, ele perdera a calma.

– Sufocas-me, porra! – gritara. – Santo Deus, Suzie! Quantas vezes tenho de dizer-te que não gosto de viver em casas, com refeições na mesa e o banho pronto? Detesto tudo isso. E começo a detestar-te também, Suzie, porque estás a matar-me aos poucos.

Voltara-se para a porta, e ela soubera que se ia embora de vez. Tinha de impedi-lo, não podia viver sem ele.

A faca de cozinha que usara para cortar o frango ainda estava em cima da mesa e, no calor do momento, pegara-lhe e correra atrás dele.

Na fração de segundo antes de lha cravar nas costas, uma voz dentro da cabeça dela dissera-lhe que não era aquela a maneira. Mas estava demasiado furiosa, demasiado desesperada, para parar, e, com toda a sua força, espetara a faca nele, até ao cabo.

– Que fizeste tu? – dissera Liam, numa voz estranha, tensa, voltando-se parcialmente para ela. E então cambaleara e caíra de lado no chão.

Por um instante, Susan não conseguira acreditar no que estava a ver: a faca cravada nas costas nuas dele, o sangue, espesso e vermelho-escuro, a escorrer da ferida, a pingar para os azulejos do chão. Ficara ali a olhar para ele, as mãos a tapar a boca, em choque.

Recuperara o suficiente, segundos mais tarde, para arrancar a faca, para pressionar a ferida com uma toalha limpa. Mas ele fizera apenas um som gorgolejante, e depois mais nada.

Nunca nada fora tão mau como aquele momento. Não conseguia acreditar que alguém pudesse passar de uma discussão para a morte numa questão de segundos. Ou que ela pudesse ficar suficientemente zangada para atacar uma pessoa. Uma parte de si quisera correr para o telefone mais próximo e contar a alguém, fosse a quem fosse, o que tinha feito. Mas quanto mais tempo continuava ajoelhada ao lado de Liam, sabendo que ele estava verdadeiramente morto, mais o medo a dominava.

Fora assassínio! O género de coisa que via na televisão e que tanto a intrigava. A polícia iria buscá-la, seria levada para a prisão, a sua cara apareceria em todos os jornais.

Ali ajoelhada ao lado do corpo de Liam, fora como se estivesse a ser sugada para dentro de um vórtice. O tempo, o lugar, até a razão por que tinham discutido, tudo deixara de ter qualquer significado. Estava a soluçar, debruçada sobre ele, a beijar-lhe a face, a alisar-lhe os cabelos e a dizer-lhe que não tinha querido fazer aquilo.

Passara pelo menos uma hora antes que lhe ocorresse que podia enterrá-lo no jardim. Era grande, rodeado de árvores e densos arbustos, escondido das vistas das casas circundantes. Mesmo que andasse alguém a passear junto ao rio, havia demasiados arbustos para ver claramente o que quer que fosse. Ninguém saberia o que ela fizera, ir-se-ia embora tal como tinha planeado, e toda a gente na aldeia pensaria que Liam tinha partido para outro lugar. Talvez até pensassem que tinha ido para Bristol com ela.

Quanto mais pensava nisso, melhor a ideia lhe parecia. As pessoas que tinham comprado a casa tinham-se apaixonado pelo jardim, não era provável que se pusessem a escavá-lo. Até sabia de um lugar onde a terra era macia.

No outono anterior, Liam cortara algumas árvores. Tinha deixado um cepo, com a intenção de transformá-lo num comedouro para aves, mas, durante a primavera, voltara a rebentar pela base. Semanas antes, Liam insistira em arrancá-lo, dizendo que estava doente e que era feio. Ela não vira que importância tinha, uma vez que se ia embora de todos os modos, mas ele insistira.

Liam fizera um grande estrago no relvado ao abrir um buraco tão grande e fundo para arrancar as raízes, e ela zangara-se com ele por pensar que os novos proprietários não iam gostar. Liam prometera arranjar relva para o tapar, e um arbusto para plantar. E fizera-o, precisamente na véspera, quando ela estava em Bristol – notara-o imediatamente ao chegar a casa.

Perturbada como estava, sentira-se um pouco confortada ao pensar em Liam a repousar sob um arbusto acabado de plantar. Ele amara o jardim, e ficaria feliz por estar lá sepultado.

Levantar a relva e desenterrar o arbusto fora muito fácil. Ocupara-lhe apenas alguns minutos. Tornar a abrir o buraco, porém, demorara muito tempo, pois sabia que tinha de ser fundo, para que as raposas ou os gatos não conseguissem chegar ao corpo. Mas o desespero e o pânico tinham-lhe dado forças, e a folha de plástico que tinha estendido no relvado para o proteger depressa ficara coberta, e o monte de terra crescera regularmente. Lembrava-se de ter pensado que era uma sorte os vizinhos mais próximos estarem tão habituados a ouvi-la andar pelo jardim, a regar e a arrancar ervas daninhas, mesmo muito tarde. Se a ouvissem naquela noite, não lhes pareceria estranho ou invulgar.

Não sabia que horas eram quando Liam chegara a casa, talvez quatro e meia, mas quando acabara de abrir o buraco já passava das nove, e era noite cerrada. Tivera de fazê-lo um pouco mais comprido do que o original, e essa fora a parte mais difícil, mas levantara a relva também nos extremos para voltar a estendê-la mais tarde.

Tirar o corpo de Liam da cozinha e arrastá-lo pelos pés através do relvado, no escuro, fora horrível. A cabeça dele batera nos degraus, e o espesso rasto de sangue que ficara no chão da cozinha causara-lhe vómitos. Uma vez no relvado, fora ainda mais difícil, e ela tivera de parar várias vezes, para recuperar o fôlego, sempre a chorar. Mas finalmente fizera-o rolar para o buraco, e começara a enchê-lo, satisfeita por estar demasiado escuro para ver a terra cair-lhe em cima da cara e do corpo.

Uma vez tapado o buraco, fora buscar uma tábua ao barracão, atravessara-a em cima do monte e

caminhara pesadamente por cima dela, para alisar a terra, como vira Liam fazer depois de desenterrar as raízes. Essa fora a pior parte, parecera-lhe tão cruel e tão definitivo.

Estava demasiado escuro para ver fosse o que fosse, de modo que regara o monte de relva para que não começasse a secar antes do amanhecer e voltara para dentro.

Seguira-se esfregar o chão da cozinha, balde de água atrás de balde de água, que se ia tornando vermelha de sangue até sair limpa. Lembrava-se de ter ficado estendida no chão ainda molhado, a soluçar convulsivamente. Se conseguira dormir naquela noite, não se lembrava, e logo ao amanhecer estava novamente no jardim, a comprimir mais uma vez a terra, a replantar o arbusto, a voltar a estender a relva à volta dele.

Depois de ter retirado a folha de plástico e varrido do relvado os últimos vestígios de terra, e de o ter regado com a mangueira, ficara quase igual ao que fora no dia anterior. Não exatamente tão liso como Liam o deixara, mas sabia que com o tempo iria ao lugar. Por fim, lavara cuidadosamente o sangue que sujava a relva, com a mangueira.

– Tem a certeza de que só apunhalou o Liam uma vez? – perguntou-lhe Roy.

A pergunta sobressaltou-a. Apesar de ter consciência de estar a contar a história e a revivê-la, recuara tanto para dentro de si mesma e para longe daquele dia que fora quase como se estivesse sozinha na sala.

– Sim, claro – disse.

Roy pediu ao sargento Bloom que se pusesse de pé e voltasse as costas para Susan para que ela pudesse mostrar onde cravara a faca.

Susan não conseguiu dar uma resposta precisa. As costas de Liam eram morenas e estavam brilhantes de suor, nada que se parecesse com o uniforme escuro do sargento. Mas disse-lhes que sabia que fora logo abaixo do sítio onde a omoplata direita sobressaía.

– E ele morreu imediatamente? – perguntou Roy.

– Não imediatamente. Voltou-se um pouco para mim e disse qualquer coisa antes de cair. Não sei quanto tempo depois é que morreu. Eu estava a chorar, a tirar a faca e a tentar estancar o sangue. Queria chamar uma ambulância, mas estava demasiado assustada, e então percebi que ele estava morto.

– O que foi que fez com a faca?

Susan ergueu os olhos para ele, surpreendida.

– Lavei-a e voltei a guardá-la na gaveta.

– E as coisas dele?

– Não tinha muita coisa – respondeu ela, encolhendo os ombros. – Só um casaco, alguma roupa interior, um par de camisas e umas botas de borracha. Guardei tudo durante algum tempo. Como qualquer pessoa faria se alguém tivesse desaparecido, não é?

Roy assentiu gravemente, gelado pela calma lógica dela.

– E nunca apareceu ninguém a perguntar por ele?

– Não – disse Susan, olhando-o nos olhos. – Mas também não teriam vindo a Bristol, não sabiam onde eu estava. Ele ia sempre trabalhar a casa dos outros, e nunca tinha dito a ninguém que estava a viver comigo. Era por isso que deixava a carrinha na estrada.

– É capaz de fazer um mapa do sítio onde o enterrou? – pediu Roy, entregando-lhe uma esferográfica e uma folha de papel.

– Não é obrigada a fazê-lo – interveio Steven, apressadamente.

– Quero fazê-lo – disse ela, lançando-lhe um olhar severo.

Steven e Roy entreolharam-se enquanto ela se debruçava para a mesa e desenhava laboriosamente a casa e o rio, e um sinuoso caminho por entre os canteiros, chegando ao ponto de assinalar e identificar certas árvores.

– Fica a cerca de vinte metros da porta das traseiras, debaixo de um arbusto de lilases – disse ela, desenhando uma linha quebrada que seguia para a esquerda, num ângulo de quarenta e cinco graus em relação à casa. – O arbusto deve estar muito grande, calculo – acrescentou. – Caso não consigam reconhecê-lo, por agora não ter folhas, há um outro arbusto de azevinho cerca de quatro metros e meio mais atrás.

– Por favor, assine e date o mapa – pediu Roy quando ela acabou, a voz a tremer porque não conseguia acreditar que ela tivesse feito aquilo. Interrogou-a a respeito do dia em que saíra da casa, e perguntou-lhe se o irmão, Martin, tinha aparecido antes de ela partir.

– Era demasiado cobarde para voltar a aparecer enquanto eu lá estivesse – disse ela, com um brilho de triunfo nos olhos. – É que, da última vez que lá esteve, insistiu em que eu fizesse um inventário de tudo o que havia na casa, e que marcasse as coisas que queria levar. Disse que decidiria então com quais podia ficar. O Liam apareceu enquanto ele lá estava, e ficou furioso com o Martin. Disse-lhe que se me impedisse de levar tudo o que eu quisesse, não só ligaria para todos os jornais do país a dizer que espécie de miserável ele era, como lhe daria uma sova que ele nunca haveria de esquecer.

– Foi o bastante para o fazer baixar a bola? – perguntou Steven, esquecendo que não era suposto intervir exceto para recordar a Susan os seus direitos. Do seu único encontro com Martin Wright, não ficara com a impressão de que o homem fosse fácil de intimidar.

– O Martin teve medo de arranjar problemas no banco se o nome dele aparecesse nos jornais – respondeu Susan, com um meio sorriso. – O Liam foi maravilhoso, naquele dia. Parecia mesmo ameaçador. O Martin calou-se muito bem caladinho e foi-se embora com o rabo entre as pernas. Mas também suponho que sabia que eu não ia levar tudo, ou pôr-me a vender coisas. Mas aposto que voltou a aparecer mal eu saí, para verificar. – Calou-se por um instante e então, de repente, riu. – Quando cheguei a Bristol, ainda esperei que alguém encontrasse o corpo do Liam e acusasse o Martin de assassínio. Não teria sido justiça divina? Ninguém teria suspeitado de mim. A aldeia inteira teria aparecido em tribunal a confirmar que espécie de filho da mãe ele era.

Steven não conseguiu reprimir uma pequena gargalhada, e Roy olhou duramente para ele.

– Desculpe – disse Steven. – Mas tenho de concordar com a minha cliente neste ponto.

– Teria sido capaz de deixá-lo ser julgado por assassínio sem dizer nada? – perguntou Roy.

Susan esboçou um sorriso dengoso.

– Claro que sim. Era o que ele merecia, depois da maneira como me tratou. Só desejo tê-lo matado a ele em vez do Liam. Se o Martin não tivesse sido tão mau depois de o nosso pai morrer, se me tivesse dado algum dinheiro da venda da casa para comprar um sítio onde viver, acho que não estaria aqui agora.

Roy olhou para ela, viu a sinceridade espelhada no seu rosto e sentiu uma pontada de compreensão. Susan fora corajosa e honesta ao contar tudo tão claramente. Não tinha dúvidas de que parte da razão por que ela se agarrara tão desesperadamente a Liam fora a maneira como o irmão a tratara. Martin Wright tinha muitas culpas no cartório.

– Conte-me como foi depois de ter enterrado o Liam e antes de se vir embora – pediu. – Passaram-se duas semanas, não foi?

– Refere-se a como me senti? – perguntou ela.

Roy assentiu.

– Como uma sonâmbula, suponho. – Susan suspirou. – O tempo mudou, choveu durante três dias seguidos. Lembro-me de ter ficado satisfeita, porque aonde quer que o Liam fosse suposto ir trabalhar, não estariam à espera que aparecesse com aquele tempo. Fiquei em casa e comecei a preparar as minhas coisas, mas ia constantemente ao jardim verificar a sepultura. Quase conseguia ver a relva assentar e crescer. Chorava muito. Não conseguia comer nem dormir. Também vomitei várias vezes.

– Na altura já sabia que estava grávida?

– Não. Só percebi na manhã em que o homem das mudanças foi buscar as minhas coisas. Tinha atribuído os vómitos ao medo, mas naquela manhã a minha barriga estava diferente, tinha os seios sensíveis, e de repente percebi o que era.

– Qual foi a sua reação?

– Reação? – Susan franziu a testa. – Fiquei contente, claro. Muito contente.

– A sério? – disse Roy, incrédulo. – Acabava de assassinar e enterrar o seu amante, e estava contente por ir ter um filho dele?

– Eu tinha trinta e cinco anos – respondeu ela, como se isso explicasse tudo. – Sempre quisera ter um bebé. Não me pareceu assim tão horrível sair daquela casa e começar de novo noutro sítio qualquer, tendo a perspetiva de ser mãe.

O interrogatório foi interrompido neste ponto porque Susan disse que precisava de ir à casa de banho. Roy perguntou-lhe se queria ficar por ali e continuar no dia seguinte, mas ela respondeu que preferia acabar com aquilo.

Quando Susan saiu com a guarda prisional que estivera à espera no corredor, Roy voltou-se para Steven.

– Diga-me, só entre nós, estava à espera de uma coisa destas? – perguntou.

– Não – respondeu Steven com tristeza. – Estou espantado. Quando ela me disse que os tinha matado e queria confessar, pensei que se referia apenas ao Reuben e à Zoë. Mas acho que explica uma coisa que ela já disse várias vezes.

– A morte da Annabel ter sido um castigo?

Steven assentiu.

– Ela costumava frequentar a igreja. Pelo menos até sair de Luddington. Referiu-o várias vezes nas nossas conversas. Perguntei-lhe uma vez se tinha batizado a Annabel, e a reação dela foi um pouco estranha, disse que não podia por não ser casada. Na altura não dei importância. Mas agora… – calou-se, sem saber muito bem o que aquilo verdadeiramente significava.

Roy assentiu.

– Para alguém religioso, seria uma coisa perturbadora. Não sei se o problema seria a ideia de entrar na casa de Deus depois de ter cometido um assassínio ou a falta de proteção para a criança. Mas compreendo que atormentasse o espírito de qualquer mãe depois de ter perdido um filho.

– Pergunto a mim mesmo o que virá a seguir – disse o sargento Bloom da sua cadeira no canto da sala, falando pela primeira vez desde que o interrogatório começara. – Aposto que está a preparar-se para lançar a próxima bomba.

Susan não estava a preparar coisa nenhuma. Enquanto lavava as mãos depois de ter usado a sanita, pensava em Martin. Ele era a única coisa de que tinha verdadeiramente medo, só a ideia de vê-lo na sala do tribunal fazia-a tremer por dentro.

As recordações mais antigas que tinha dele eram todas de crueldade. Atirá-la ao chão no jardim, esconder ou partir os seus brinquedos preferidos, aterrorizá-la com ameaças de coisas más que tencionava fazer-lhe. E era esperto, nunca fazia nada em frente de terceiros, e os ferimentos dela pareciam sempre acidentais, de modo que nunca era castigado.

Quando crescera e saíra de casa para ir para a universidade, a crueldade não cessara, passara apenas a ser psicológica. Constantemente a amesquinhá-la, a fazer comentários cáusticos a respeito do aspeto dela, das notas que tinha na escola. Fazia-a acreditar que não valia nada. O mais triste de tudo, porém, era talvez o facto de ela nunca ter desistido de conquistá-lo.

Quando ele ia a casa, depois de a mãe ter tido o AVC, cozinhava sempre qualquer coisa especial, arranjava e limpava o quarto dele e toda a casa. Uma simples palavra de louvor teria sido o bastante, mas nunca a tivera. Ele era tão inteligente, bonito e sofisticado, e durante anos ela acreditara que merecia o seu desprezo por ser tão insignificante e vulgar. A mãe dissera uma vez que era por ele se ter sentido posto de lado quando ela nascera. Mas isso nunca fizera sentido para Susan porque, tanto quanto se lembrava, era sempre Martin que os pais gabavam.

O irmão fora horrível depois de o pai ter morrido. Aparecia em casa inesperadamente, dava-lhe ordens como se ela fosse uma criada e chamava-lhe pega preguiçosa, porque alguém lhe tinha contado a respeito de Liam. Apesar de ir ficar com todo o dinheiro da venda da casa, e de ela estar a cuidar da casa e do jardim para ele, não a ajudava, sem sequer ao menos com uma parte das contas. Ordenara-lhe friamente que se inscrevesse no Centro de Emprego e pedisse um subsídio, e dissera que já era mais do que tempo de entrar no mundo real.

Se Liam não lhe desse dinheiro para comer todas as semanas, ter-se-ia visto obrigada a mexer no pouco que o pai lhe deixara e que lhe fazia falta para pagar um adiantamento sobre a renda e a caução. Fora só graças à intervenção de Mr. Browning, o advogado do pai, que ele a deixara levar algumas peças de mobília. E isto só porque Mr. Browning dissera que se não deixasse encorajaria Susan a contestar o testamento.

Na realidade, Mr. Browning encorajara-a ativamente a fazê-lo, mas ela não fora capaz de ir para a frente por ter tanto medo de Martin. Por isso optara por mudar-se para Bristol. Sabia que se ficasse em Stratford-upon-Avon ele não a deixaria em paz. Até mudara o nome para Fellows, um nome que tirara ao acaso da lista telefónica, porque não queria que o filho que ia nascer tivesse o mesmo apelido que Martin.

Como desejava agora nunca lhe ter escrito a respeito de Annabel. Fizera-o na euforia que se seguira ao nascimento, convencida de que faria a diferença, mas ele nem sequer respondera à carta.

Também não sabia agora o que fora que a levara a telefonar para o escritório de Martin para lhe comunicar a morte de Annabel e pedir-lhe um empréstimo quando regressara a Bristol, vinda de Gales. Tinha a obrigação de saber que ele não a ajudaria. Mas aquilo fora a gota de água. Parecera-lhe, naquele instante, que se nem sequer o seu próprio irmão queria saber da morte da filha, então era porque estava verdadeiramente sozinha e não havia esperança para ela.

Endireitou-se diante do espelho, a alisar os cabelos. Talvez agora que estava a confessar tudo, Martin não fosse chamado a depor no julgamento.

*

– Sentiu remorsos por ter matado o Liam quando se mudou para a casa de Bristol? – perguntou-lhe Roy, depois de ligar o gravador, quando ela voltou à sala e se sentou.

– Nem por isso – disse Susan. – Eu sei que é horrível, mas é verdade. Tinha tanto que fazer para tornar a casa confortável, e só conseguia pensar no bebé que trazia dentro de mim.

– E depois de a Annabel ter nascido? A bebé devia lembrar-lho constantemente, calculo?

Lembrara. Recordava-se de estar sentada na cama do hospital com Annabel nos braços e ver claramente o rosto de Liam no da filha. Parecia uma ciganita, com os seus cabelos pretos encaracolados e a sua pele cor de azeitona. Uma das enfermeiras perguntara-lhe se o pai era espanhol ou grego. Sentira então fundas pontadas de remorso, ao pensar que se não tivesse discutido com Liam poderiam ter continuado amigos e ela poderia contactar com ele. Mas o seu verdadeiro desgosto era não o ter algures na retaguarda para partilhar a alegria e o orgulho de ter uma filha. A simples maneira como os dedinhos de Annabel agarravam o dela e a cabecinha lhe batia contra o peito à procura de mais leite era tão doce que se sentia privilegiada por aquela bênção lhe ter sido concedida.

– Sim, ela lembrava-me o Liam, mas só as coisas boas. – Encolheu os ombros. – Tinha os cabelos encaracolados dele e o mesmo tom de pele, mas tornava-me tão feliz e completa que eu apagava completamente o que lhe tinha feito. Era como se ele tivesse morrido de causas naturais. Via-me a mim mesma como uma viúva.

– Quatro anos felizes? – disse Roy.

Susan olhou para ele, e a compreensão que lhe viu nos olhos pôs-lhe um nó na garganta. Nunca tinha sido verdadeiramente capaz de explicar a ninguém como aqueles quatro anos tinham sido felizes: a onda de doçura quando Annabel estendia os bracinhos para a tirarem do berço, o som do riso dela, a pura exultação que sentira quando a vira dar os primeiros passos. Como conseguiria fazer alguém compreender a felicidade que sentia quando, rosada do banho, Annabel adormecia nos seus braços, ou quando lhe passava os gorduchos bracinhos à volta do pescoço e lho apertava com força? Era uma coisa de mãe, um estado de graça demasiado maravilhoso para meras palavras.

– Sim – disse simplesmente, baixando os olhos para as mãos. – Mas paguei um pesado preço por esses anos, não foi? Quando ela morreu, convenci-me de que era Deus a julgar-me e a castigar-me. Quis morrer também.

Pela primeira vez no decurso do interrogatório, os olhos encheram-se-lhe de lágrimas, e também Roy descobriu que tinha um nó na garganta.

– Foi então que conheceu o Reuben? – disse Roy, ao cabo de alguns segundos de silêncio.

Susan voltou a erguer para ele os olhos húmidos.

– Sim, e ele convenceu-me de que era possível voltar a encontrar a felicidade.

Steven já sabia como Susan conhecera Reuben, e como fora a sua vida com ele em Gales. Roy soubera uma parte através de Beth e deduzira mais dos testemunhos que recolhera em Gales e de coisas que Susan lhe tinha dito em interrogatórios anteriores.

Ambos tinham ficado com a impressão de que, mais do que um verdadeiro caso de amor, fora uma coisa nascida do desespero. No entanto, quando Susan começou a falar do assunto, compreenderam os dois que estavam completamente enganados.

– Acreditei no Reuben – disse ela, com veemência. – Não estou a falar apenas de ele me amar e

tomar conta de mim, acreditei na sua filosofia de vida, na sua verdade, na sua nobreza. Para mim, destacava-se de todos os outros homens, estava acima da corrupção. Era como o Bom Pastor, arrebanhava pessoas destroçadas que precisavam da sua orientação, da sua força e do seu amor, e tornava-as inteiras outra vez. Acho que pensei que tinha sido enviado para me salvar. Teria feito tudo por ele.

Fez uma pausa, a tremer de emoção.

– Dei-lhe tudo o que tinha – continuou. – Não só os meus bens materiais, mas o meu amor, a minha confiança, todas as minhas capacidades. Quando cheguei a Hill House, encontrei uma casa suja e desorganizada. Limpei-a, tornei-a confortável e acolhedora. Planeando as refeições com antecedência, reduzi o desperdício e economizei. Algumas das pessoas que lá estavam não sabiam cozinhar, não tinham a mais pequena noção de higiene. Ensinei-lhes essas coisas. Remendava roupas. Tratava deles quando adoeciam. Cuidava do jardim. – Olhou para Steven. – Eu sei que lhe disse que já sabia o que o Reuben era muito antes de ele aparecer com a Zoë, mas não é verdade. Sim, descobri quanto ele tinha recebido pelas minhas coisas, e que ganhava muito mais dinheiro com os artigos de artesanato do que toda a gente julgava, mas isso não me importava. Ele partilhava a sua casa e a sua vida com um bando de pessoas que de outro modo estariam a viver na rua. Era assim que eu o via, e mesmo quando os outros resmungavam, eu defendia-o sempre.

– Mas então ele apareceu com a Zoë – disse Roy, para incitá-la a continuar. – Quando foi isso?

– Poucos dias antes do Natal de 1992 – respondeu ela, com a voz entrecortada.

Mesmo depois de tanto tempo, recordava com perfeita nitidez todos os pormenores daquele dia. Estava muito frio, com um vento cortante, mas ela passara a tarde inteira na cozinha, a fazer tartes de fruta e a decorar o bolo de Natal. Os outros não paravam de entrar e sair, a tentar roubar as tartes postas a arrefecer na grelha de arame em cima da mesa.

Fora um dia feliz, toda a gente puerilmente ansiosa pelo Natal, a trocar histórias de infância e a rir muito. Lembrava-se de Megan sentada num canto da cozinha a dobrar folhas de papel colorido para fazer lanternas chinesas, que iria pendurar de alguns ramos que pintara com tinta dourada. Tinha na cabeça uma coroa de lata.

Já era escuro quando ouviram a carrinha de Reuben parar nas traseiras. A mesa estava posta para o jantar e todos esperavam ansiosamente, porque ela fizera empada de lebre e estavam cheios de fome.

Então Reuben entrara, a esfregar as mãos por causa do frio, e atrás dele entrara a rapariga.

Era alta, esguia, com cabelos louros compridos e olhos muito azuis. Usava um casaco de pele de ovelha macio, dos caros, uma boina vermelha e botas de montar. Parecia saída das páginas de uma revista de moda.

– Esta é a Zoë – dissera Reuben, puxando-a para a frente e mantendo o braço passado pelos ombros dela. – Veio juntar-se a nós.

Ficaram todos muito surpreendidos, mas quando Reuben começara a apresentar Zoë a cada um deles, tinham recuperado rapidamente, e alguém fora buscar uma cadeira e tratara de arranjar espaço à mesa já sobrelotada.

– Oh, não se incomodem por mim – dissera ela, agitando uma mão. Tinha as unhas compridas pintadas de preto, com um pequeno ponto brilhante em cada uma. – Passo bem com uma sanduíche e posso sentar-me em qualquer lado.

Susan adivinhara, só pelo ar protetor de Reuben para com ela, que aquela rapariga bonita e confiante ia ser uma fonte de problemas. Mas sentia que tinha de ser hospitaleira.

– Claro que tens de te juntar a nós. Comemos sempre todos juntos – dissera. – É uma parte importante da nossa vida aqui.

Os olhos azuis de Zoë tinham-se fixado por um instante na cara dela e depois descido desdenhosamente ao longo do corpo roliço, como que a compará-lo com o seu.

– Deves ser a Mãe Terra de que tanto ouvi falar – dissera, com um sorriso irónico.

Ao longo da refeição, Zoë encantara toda a gente menos Susan. Atirava os cabelos para trás com a mão e falava de tomar banho debaixo de uma cascata na Tailândia, e era evidente pelo brilho nos olhos de todos os homens que estavam a imaginar aquele corpo firme e jovem na sua nudez. Dissera que tinha uma tatuagem e pusera-se de pé e desapertara os *jeans* para mostrar um geco verde tatuado no ventre muito liso.

O sotaque preciso e afetado irritara Susan, sobretudo quando ela se pusera a falar depreciativamente dos «chatos» dos pais, que viviam em Bath. O papá era dentista. Queria que ela tivesse uma carreira. A mamã era uma senhora que almoçava e angariava dinheiro para obras de beneficência. Segundo ela, não sabiam nada a respeito do mundo real.

Perorara durante algum tempo a respeito da sua filosofia de liberdade absoluta, e de a juventude não dever ser estragada pelo trabalho, e de o prazer ser tudo. Dissera que tinha vivido uns tempos com um grupo de *freaks* numa casa ocupada, em Bristol, mas que quando Reuben lhe falara daquela «cena», resolvera «ir ver como era».

– Tenho montes de jeito para a arte – declarara, alegremente. – De certeza que sou capaz de fazer qualquer coisa fabulosa que possamos vender por uma fortuna.

A arrogância dela espantara Susan. Lembrara-se de como, na sua primeira noite, mal se atrevera a dizer uma palavra a quem quer que fosse. Aquela rapariga parecia disposta a assumir o controlo.

Mas ainda pior fora observar a reação de Reuben. Não tirava os olhos dela, assentia com a cabeça a quase tudo o que ela dizia, por mais infantil que fosse. Era óbvio que estava completamente apaixonado, e Susan suspeitara que já eram amantes.

No entanto, por muito doloroso que pudesse ser, esperara que Reuben tivesse a decência de lho dizer ele próprio quando estivessem sozinhos no quarto, mais tarde. Enquanto começava a lavar a louça, deixando todos os outros ainda sentados à volta da mesa, tentara reprimir a raiva e o ciúme e preparar-se para o inevitável. Esperava ser capaz de enfrentar aquilo com dignidade, talvez pedir-lhe que levasse Zoë para outro sítio qualquer enquanto ela fazia os seus preparativos para se ir embora.

– Deixa isso, Sue – dissera Reuben inesperadamente. – Vai lá acima e muda os lençóis da minha cama.

Lembrava-se de ter deixado escapar o prato que tinha nas mãos e que caíra no lava-louça e se partira.

– Porquê? – perguntara estupidamente.

– Bem, a Zoë não vai querer dormir nos teus lençóis – respondera ele, com um sorriso malicioso. – Vai lá tratar disso, estamos cansados.

Era impossível acreditar que alguém pudesse ser tão cruel, e diante de tantas testemunhas. Susan voltara-se para os outros sentados à mesa, as lágrimas a subirem-lhe aos olhos, à espera de que ao menos um deles falasse em sua defesa. Mas Simon e Roger estavam a sorrir furtivamente, com uma expressão do género «bem-não-se-pode-censurá-lo». Heather esboçara um sorriso de troça e os outros desviaram o olhar. Só a jovem Megan parecia ter pena dela.

Mais tarde, Susan perguntaria a si mesma porque fora que não gritara com Reuben, ou pelo menos lhe dissera que fosse ele mudar os lençóis, qualquer coisa menos obedecer submissamente. Naquele humilhante momento, porém, pensara que o mais prudente seria tirar as suas coisas do quarto, antes que Zoë as atirasse para o corredor.

Enquanto tirava as camisolas da gaveta da cómoda, os seus dedos tocaram no revólver do pai, embrulhado num pano macio. Não lhe tocava desde o dia em que se mudara para Hill House, mas quando lhe pegou pensou por um breve segundo em voltá-lo contra Reuben naquele mesmo instante.

Houvera alturas, desde que chegara a Hill House, em que lhe passara pela cabeça que Reuben podia um dia cansar-se dela. Falara-lhe nisso uma vez, e ele dissera que se esse dia alguma vez chegasse prometia dizer-lho cara a cara muito antes de se envolver numa relação com outra mulher. E ela acreditara, porque ele estava sempre a falar a respeito de como a honestidade era a coisa mais importante numa relação.

Parecia agora que promessas e lealdade não significavam nada para ele. A dor que sentira fora tão terrível que quisera gritá-la, e se tivesse um sítio para ir, teria ido naquele instante, apesar de ser noite, para não ter de continuar sob o mesmo teto que eles. Mas lá fora o frio era terrível, e ela não tinha dinheiro nem nenhum lugar para onde fugir.

De muitas maneiras, era outra vez como a morte de Annabel, a dor e a incredulidade eram quase iguais. Lembrava-se de ter perguntado a si mesma porque teria de ser castigada outra vez. E porque seria que tendo tanto amor no coração, ninguém a amava a ela.

Relegada para o quarto mais pequeno e húmido, com uma cama desengonçada e um colchão cheio de altos, sentira a raiva crescer noite após noite. Ouvia-os a fazer amor do outro lado do patamar, e aquilo parecia durar horas. Então eles voltavam a acordá-la com os mesmos barulhos de manhã, e ela ficava ali deitada rígida de ódio, completamente impotente para sequer fugir dos seus atormentadores.

E tinham-na atormentado durante todo esse Natal. Acariciavam-se e beijavam-se à frente dela, riam do seu embaraço e humilhavam-na ainda mais obrigando-a a servi-los.

Na véspera de Ano Novo tinham desaparecido juntos durante alguns dias, concedendo-lhe uma pequena trégua, mas não tinham tardado a voltar. Ao longo dos inclementes janeiro e fevereiro, enquanto os outros enfrentavam o frio para trabalhar na oficina de artesanato, eles os dois ficavam a mandriar na cozinha, a fumar droga, ou iam para o quarto fazer amor.

– Susan! – disse Roy secamente, trazendo-a de volta ao presente com um sobressalto. – Perguntei-lhe se a Zoë e o Reuben já tinham iniciado uma relação antes de irem para Hill House. Ou só começou depois?

– Desculpe – disse ela. – Estava a pensar no dia em que ele a levou para lá. Acho que já eram amantes.

Explicou o que tinha acontecido, e depois contou como, durante o Natal e o Ano Novo, a tinham humilhado de todas as maneiras possíveis.

– Empanturravam-se com a comida que eu cozinhava, bebiam o vinho que eu fazia, comportavam-se como se eu fosse uma criada meio atrasada mental – disse, irada. – Era outra vez a maneira como o meu pai e o Martin me tratavam, só que ainda pior, porque quando eu estava em casa, em Luddington, não conhecia outra coisa.

– Porque não saiu de lá?

– Como podia? Não tinha dinheiro, não tinha para onde ir. – Fez um gesto de impotência com as

mãos. – Implorei ao Reuben que me desse dinheiro para poder ir-me embora, mas ele riu-se na minha cara. Foi tão cruel, disse que eu nem sabia a sorte que tinha, e quem mais daria um sítio para viver a uma velha sem graça como eu.

– Foi então que o viu como realmente era? – perguntou Roy, não sem alguma simpatia.

Ela assentiu com um gesto de cabeça.

– Toda a minha fé nele se transformou em ódio. Ele desaparecia durante alguns dias com a Zoë, e sempre que voltava era ainda mais maldoso, porque nessa altura queria mesmo que eu me fosse embora. Percebi então como era estúpido. Pensava que a Zoë podia substituir-me de todas as maneiras. – Soltou uma gargalhada oca. – Com se fosse possível! Ela não estava interessada em tratar-lhe da casa, não era a sua «cena». O Reuben e tudo aquilo eram apenas para entreter até lhe aparecer uma oferta melhor vinda de outro lado qualquer.

– Quando foi que começou a planear matá-los?

– Em março – respondeu ela, cruzando os braços num gesto de desafio. – Sabia que o Reuben ia correr comigo mais cedo ou mais tarde, mas continuava a recusar dar-me dinheiro. Disse que não queria saber se eu passasse fome na rua, que até me faria bem porque estava demasiado gorda.

Calou-se por um momento e limpou os olhos com as pontas dos dedos.

– Então ouvi-o dizer à Zoë que tinha um lugar secreto, e que a levaria até lá quando o tempo melhorasse. Sabia do que é que ele estava a falar, claro, e decidi ali mesmo que o tal lugar secreto havia de ser a sepultura dos dois. Por isso, de cada vez que saía para um passeio ia até lá, e levava uma peça de material de campismo, ou algumas latas de comida. Então, no princípio de abril, eles foram os dois para o Norte de Gales… o Reuben tinha sempre uma banca num mercado de artesanato que lá havia. Mal eles partiram, disse aos outros que me ia embora, e fui, mas não saí de Gales. Fui para a clareira no bosque e esperei.

Começou a dizer mais qualquer coisa, mas a voz esmoreceu e calou-se, e quando Roy olhou para ela viu que estava muito branca. Levantou-se de um salto e contornou a mesa mesmo a tempo de apanhá-la quando ela caiu sem sentidos.

– Encerre o interrogatório – ordenou a Bloom, com uma voz rouca. – E vá buscar um copo de água.

Enquanto Bloom cumpria apressadamente a ordem, Roy e Steven voltaram a sentar Susan na cadeira e obrigaram-na a colocar a cabeça entre os joelhos.

– É definitivamente o suficiente para um dia – disse Steven.

– Sem dúvida que sim – suspirou Roy.

CAPÍTULO 18

Enquanto conduzia de regresso a Bristol, Steven sentia-se profundamente perturbado. Segundo o médico da prisão, Susan desmaiara devido a uma combinação de *stress* e falta de alimento. Tinham-na levado para a ala hospitalar da prisão, onde ficaria sob observação durante o fim de semana, e Steven dissera que ligaria na segunda-feira de manhã para saber como estava.

Quando se aproximou do nó de ligação entre a M4 e a M5 e viu o trânsito de sexta-feira à tarde quase parado, sentiu-se ainda pior. Queria parar no escritório e falar com Beth antes de ir para casa, mas prometera a Polly e a Sophie levá-las ao Brownies nessa noite, e se passasse antes por Clifton voltaria a não chegar a casa a tempo.

Juntou-se resignadamente à fila de carros. Ia ser um longo fim de semana, a ter de guardar para si a confissão parcial de Susan. Anna nunca se interessara muito pelos casos dele, mas desde que deixara de beber parecia quase ciumenta da sua relação com os clientes em geral e com Susan em particular, talvez por se ter apercebido da simpatia que ele nutria por ela.

E tinha ainda mais ciúmes de Beth. Adivinhara que os dois se tinham tornado amigos chegados e sentia-se ameaçada, a tal ponto que acabara por tornar-se mais seguro para ele não referir sequer o nome da colega. Mas isso significava que não ia vê-la naquele fim de semana, até um telefonema estaria fora de questão. Anna não precisaria de grandes desculpas para recomeçar a beber, porque chegara àquela fase em que quase esquecera os aspetos piores do hábito e o efeito que tinha nos filhos. Agora só sentia a falta do prazer que a bebida lhe proporcionava, e mostrava-se muitas vezes agreste e deprimida.

Mas com os pensamentos em Susan e ainda chocado pela sua franca confissão, Steven não se sentia naquele instante com muita paciência para Anna. Anna tivera tudo, uma infância segura e feliz, uma carreira, montes de diversão, a liberdade de expressar-se, duas filhas lindas e saudáveis e um marido que a amava e cuidava dela. Era incomparavelmente mais do que Susan tivera.

Pensou nas revelações a respeito de Beth que Susan fizera a Roy naquela manhã e perguntou-se se não deveria ao menos tentar um rápido telefonema a avisá-la para o caso de Roy a contactar durante o fim de semana. Mas não lhe parecia apropriado dizer uma coisa daquelas pelo telefone, ou falar-lhe da confissão de Susan. Qualquer uma delas ia de certeza deixar Beth muito perturbada.

A verdade, porém, era que todos os envolvidos naquele caso estavam a ser altamente perturbados: ele próprio, Beth, Roy e, mais do que ninguém, Susan. E depois havia os parentes das vítimas e os atuais proprietários de The Rookery, à beira de descobrir que o belo jardim da casa onde viviam escondia um túmulo. Uma coisa quase impensável.

Perguntou-se o que estaria Susan a pensar naquele preciso instante. Não acreditava totalmente no diagnóstico do médico quanto às razões que a tinham feito desmaiar. Achava que fora mais provavelmente um ataque de pânico desencadeado por aquilo que tinha ainda para revelar.

Deitada numa cama da ala hospitalar da prisão, Susan tinha a cabeça num turbilhão de pensamentos confusos. Parecia-lhe que se colocara numa situação que era um pouco como trepar até ao cimo de

uma grande rocha na maré baixa. A maré mudara e agora estava isolada, a ver a água escura rodopiar à volta da sua rocha, sabendo que em breve ia subir ainda mais e engoli-la.

Não achara assim tão difícil confessar o assassínio de Liam porque sabia que era sua intenção fazê-lo. Mas depressa descobrira que saber o que tinha feito era muito diferente de contá-lo a outra pessoa pela primeira vez. Sentia-se quase como se estivesse fora de si mesma, a observar todo o horror da cena.

Não compreendia como conseguira ficar tão calma, ou porque sentira tão pouco remorso ou culpa. Se Annabel não tivesse morrido, que respostas teria dado às perguntas a respeito do pai que ela inevitavelmente lhe faria mais tarde? Não se lembrava de ter alguma vez considerado sequer essa situação.

Mas a verdade era que podia dizer-se culpada de nunca ter considerado devidamente o que quer que fosse em toda a sua vida. Não parara para pensar no que significaria aceitar a responsabilidade de assumir o cuidado da mãe. E certamente não parara para pensar antes de envolver-se num romance com Liam. Talvez pudesse desculpar aqueles dois casos, porque em ambos fora o coração que se impusera à cabeça, e ela era uma ingénua. Já era muito mais difícil compreender o que a levara a deixar-se enganar por Reuben, porque de muitas maneiras era outro Martin, tão astuto, frio, cruel e egoísta como ele.

Claro que, na altura, não vira nada disto. O modo como ele falava de sentimentos, psicologia e religião fazia-o parecer o mais oposto possível a Martin. E depois havia o seu aspeto, tão pouco convencional, e a maneira que tinha de olhar as pessoas no fundo dos olhos, como se o seu interlocutor fosse a criatura mais fascinante do mundo.

No entanto, quando recordava como Reuben a levara para o quarto e se despira, sem mais preâmbulos, pensava que devia ter ouvido um alarme a soar-lhe na cabeça. Fora, no estado de vulnerabilidade em que ela se encontrava, quase uma violação. O facto de ele ter dito que a amava não devia tê-la feito acreditar que tinha o direito de assumir o controlo absoluto de todos os aspetos da sua vida.

Mas acreditara. Deixara-o moldá-la exatamente naquilo que queria numa mulher. Não gostava das roupas vulgares, obrigava-a a usar vestidos compridos, género *hippie*. Não a deixava cortar o cabelo nem usar maquilhagem. E ela aprendera a gostar de música *new age* e a ler livros de fantasia de David Eddings em vez de Catherine Cookson. Deixara de atrever-se a admitir que concordava com Margaret Thatcher, tornara-se numa esquerdista radical.

Deixara-se dominar a um ponto tal que certa vez estivera muito perto de confessar que acreditava que Annabel lhe fora tirada como castigo por ter matado Liam. Tinha sido pouco depois de chegar a Hill House.

De olhos fechados, viu-se a si mesma naquela quente e soalheira tarde de início de outubro. Reuben levara-a a dar um passeio até ao sítio que lhe dissera ser um lugar secreto aonde nunca tinha levado ninguém. Tinham atravessado um dos campos dele, e depois outro, contornado uma colina coberta de árvores, saltado uma vedação e caminhado por um carreiro que se metia no bosque.

O arvoredo e o mato eram tão densos, o terreno tão rochoso, íngreme e difícil, que ela não queria verdadeiramente continuar. Estava frio à sombra das árvores, e as silvas e os ramos prendiam-se na sua roupa e arranhavam-lhe a cara. Mas Reuben insistia em que o esforço valeria a pena quando lá chegassem.

E valera sem dúvida a pena a dura caminhada para lá chegar, pois quando abriram caminho por

entre a última barreira de arbustos, encontraram-se numa pequena clareira em forma de ferradura rodeada de altas árvores que quase se juntavam lá muito em cima, sobre as cabeças deles. A abertura da ferradura era uma escarpa rochosa, demasiado alcantilada para que alguém pudesse subir por ali. O sol da tarde entrava pela abertura e derramava-se pela erva verde e macia. Reuben levara-a até à beira, e lá estava Hill House a meio da encosta, e mais além a aldeia, e depois da aldeia campos e bosques até ao mar.

– Este é o teu novo reino – dissera ele, beijando-a. – E tu és a minha rainha.

Tinha levado uma manta e uma garrafa de vinho, e dissera que tinham de fazer amor ali porque seria como uma cerimónia de casamento. Parecera tudo tão sagrado, sem um som exceto o canto das aves, o sol a entrar em faixas oblíquas por entre as folhas que começavam a mudar de cor. Susan lembrava-se de ter pensado, enquanto se deitava na manta, que era quase como estar numa catedral.

Naquele dia, o sexo com Reuben fora o melhor de sempre, terno, cheio de entrega. Sentira-se como Guinevere a ser seduzida por Sir Lancelot, pois ela usava um comprido vestido de veludo castanho-avermelhado, de ar bastante medieval, que ele lhe comprara numa loja de roupa em segunda mão.

– És tão bonita – dissera Reuben, apoiando-se num cotovelo para olhar para ela, enquanto lhe passava uma mão pelos cabelos. – Há pureza no teu rosto, apesar da dor que tens nos olhos. Essa dor desaparecerá quando tiveres o meu filho nos braços. Nunca mais nada nem ninguém voltará a fazer-te mal.

Estava muito atraente naquele dia, com os cabelos recém-lavados a cair para os ombros levemente bronzeados e aquela expressão de adoração nos olhos. Susan sentira que ele a salvara e a trouxera para um mundo novo e feliz, e o seu coração enchera-se de gratidão.

Reuben estava sempre a dizer que as pessoas deviam partilhar os seus segredos mais íntimos, bons e maus. À noite, em casa, tinham sessões daquilo a que ele chamava «partilhar» e em que cada um contava aos outros alguma coisa do seu passado. Susan fartara-se de ouvir histórias chocantes de prostituição, de roubar a membros da família para comprar droga. Um dos homens falara dos seus dias de chulo e de como tratava mal as «suas raparigas». Todas aquelas coisas eram tão distantes da sua experiência que ela as escutava num silêncio estupefacto.

Até então, a única coisa que contara a seu respeito fora a morte de Annabel, mas naquele momento, ali na clareira, sentira-se pronta para dizer a Reuben porque era que pensava que isso tinha acontecido.

Pensou, mais tarde, que Deus ou o poder, fosse ele qual fosse, que lhe levara a filha não queria que ela o revelasse, porque Reuben se pusera repentinamente de pé e começara a vestir-se. Lembrara-se de que tinha de ir buscar tintas e outros materiais antes das cinco e meia. A oportunidade passara, e ela nunca mais voltara a sentir a necessidade de contar a história. Muito mais tarde, ficara satisfeita por não o ter feito, pois ele tê-la-ia certamente usado contra ela.

Ao longo dos meses seguintes, Hill House voltara-a do avesso e de pernas para o ar. Apesar de não haver orações ou uma religião formal, havia uma forte tendência para o espiritual. Astrologia, *I Ching*, tarô e meditação eram interesses comuns entre os residentes. Quase todos tinham alguma experiência de terapia de grupo, gostavam de escavar na mente uns dos outros e discutir os problemas de toda a gente. Viam-se como uma grande família e Susan constituía a mais recente e bem-vinda adição, e, no seu estado dorido e confuso, ela achara aquilo imensamente reconfortante.

Mas ao mesmo tempo sentia-se como uma criança órfã levada para um mundo diferente onde mal

falava a mesma língua, e todos os costumes eram o exato oposto do que tinha aprendido anteriormente. Todos os modelos que os pais lhe tinham ensinado eram postos em causa. Ninguém em Hill House queria saber se a mesa estava corretamente posta para o jantar – tinham rido dela, quando chegara, por ter perguntado onde guardavam os guardanapos. As camas nunca eram feitas, a limpeza era mínima, a nudez não provocava sequer um arquear de sobrancelhas e as funções corporais eram abertamente discutidas.

Um dia sentia-se enojada ao ouvir alguém descrever com todo o pormenor uma relação homossexual, no dia seguinte ficava fascinada por exóticos relatos de viagens por África ou pela Ásia. Reuben não permitia o consumo de drogas duras em casa, mas todos eles fumavam erva. Alguns dos outros trocavam de parceiro sexual com inusitada frequência. Roger gostava de ver outras pessoas fazer amor, e os outros pareciam não se importar. Havia revistas pornográficas espalhadas por todo o lado.

No entanto, para equilibrar as coisas que detestava, havia muitas de que gostava: Simon a tocar guitarra clássica, a pintura de Megan, trabalhar na oficina de artesanato, as discussões e os risos à volta da mesa do jantar. E Reuben fazia-a sentir-se segura e protegida porque lhe chamava «a sua mulher».

Era feliz, e o passado tornara-se vago à medida que adotava um novo estilo de vida. Ninguém troçava dela por esfregar os soalhos, lavar as janelas ou a roupa, como Liam fazia. Chamavam-lhe Mãe Terra e diziam que a amavam pelas coisas que fazia.

Mas o que verdadeiramente os impressionava era a sua pontaria. Tinha o revólver do pai escondido, embrulhado num pano macio, e nunca falara dele a ninguém. Mas havia na casa uma caçadeira que, segundo Reuben, fora ali deixada por um anterior residente. Limpara-a e treinara com ela nos campos até recuperar a perícia que tivera quando era menina.

Nada lhe dava mais prazer do que ver o choque deles quando abatia um faisão ou uma lebre. Supunha que a exultação que sentia era muito semelhante à do miúdo que, na escola, vencia sempre a prova dos cem metros no dia do desporto. Gostava de ser elogiada pelos seus cozinhados e pelo jeito que tinha para remendar roupas, mas disparar era uma coisa especial. Distinguia-a, compensava a sua ignorância em questões de sexo, drogas e viagens. Fazia as pessoas quererem imitá-la.

Na primavera seguinte, porém, o período de lua de mel, em que tudo parecia novo e excitante, começara a desvanecer-se. Por essa altura, já tinha ouvido as histórias de toda a gente várias vezes. Ser a Mãe Terra e limpar a porcaria que os outros faziam já não era assim tão engraçado quando tinha de o fazer todos os dias, sem que o seu trabalho fosse verdadeiramente reconhecido, e começara a duvidar que Reuben fosse tudo o que de início tinha pensado.

Acreditara sem reservas que ele criara a comunidade para o bem dos que a constituíam, que todo o dinheiro ganho com a venda do artesanato ia direito para a bolsa comum para os vestir e alimentar a todos. Mas notara-lhe uma costela mercenária – não havia maneira de levá-lo a dizer exatamente quanto dinheiro entrava na casa. Por vezes, tinha a insidiosa sensação de que ele os enganava a todos e que os trocos que distribuía de longe a longe eram apenas uma fração do que ele próprio embolsava.

O tempo mais quente reacendera a centelha. Era maravilhoso não estar sempre cheia de frio, poder trabalhar no jardim, sair para os campos e para o bosque, ver o sol pôr-se atrás das colinas nas longas e luminosas tardes. Mas com a chegada do verão, Reuben exigira-lhes que trabalhassem ainda mais para poder vender mais às lojas de turistas, e zangava-se se alguém preguiçava na oficina.

Alguns dos outros tinham-se rebelado, queriam ir a festivais de *rock* ou visitar amigos, e, em murmúrios, sugeriam que Reuben se estava a aproveitar deles.

Quando encontrara a nota dos leiloeiros que tinham tratado da venda das suas mobílias e vira que ele recebera mais de sete mil libras, Susan ficara destroçada. Embora estivesse disposta a partilhar tudo o que tinha com Reuben, achava que ele devia ter-lhe dito exatamente a quanto ascendera a sua contribuição. Mas tal como nunca confrontara o pai com as suas injustiças e a sua duplicidade, ficara calada e tornara-se numa observadora.

Só então começara a ver o que Hill House verdadeiramente era, uma espécie de pousada de trabalho para os extraviados. Todos e cada um dos seus ocupantes tinham problemas, quer fosse falta de autoestima, preguiça, egoísmo, toxicodependência ou até instabilidade mental. Todos eles tinham passado por traumas, que iam desde terem sido sexualmente abusados quando crianças a passagens pela prisão ou dependência do álcool ou de drogas. Hill House ajudara-os na medida em que os afastara de ambientes perigosos e lhes dera uma espécie de vida familiar, mas falhara na medida em que não os preparara para o regresso ao mundo real.

No entanto, Susan não poderia dizer que estava desiludida. Reuben tinha salvado aquelas pessoas, e ela ainda acreditava que ele a amava verdadeiramente. Continuava a fazer apaixonadamente amor com ela sempre que voltava das suas viagens de vendas e continuava a dizer que queria ter um filho. E ela imaginava que no dia em que lhe dissesse que estava grávida ele havia de querer convencer os outros a irem-se embora, para poderem estar sozinhos. Chegara até a sonhar transformar a casa numa espécie de pensão familiar para excursionistas e para pessoas que sentissem necessidade de uma pausa na vida da cidade.

Então Zoë aparecera e tudo, todas as suas esperanças e sonhos, se tinham estilhaçado.

Supunha que a ideia de matar Reuben lhe entrara na cabeça muito antes de ter sequer tido consciência dela, porque um dia desembrulhara o revólver do pai e limpara-o e lubrificara-o sem saber porquê. Mas fora só semanas mais tarde, em março, que toda a sua dor, todo o seu ciúme e toda a sua raiva ferveram, borbulharam até à superfície e se derramaram.

Tinha ido dar um passeio naquela tarde. O dia estava frio mas soalheiro, e enquanto percorria o trilho que descia de Hill House notara os primeiros sinais da primavera, rebentos verdes nas sebes e pequenos grupos de prímulas nos recantos mais abrigados. Embora não pudesse dizer que estava feliz, aqueles sinais tinham sido uma espécie de bálsamo para a sua dor, e enquanto caminhava pensara que talvez pudesse empenhar os anéis da mãe, apanhar a camioneta para Cardiff e alugar um quarto barato até encontrar um emprego.

Quanto mais caminhava, mais animada se sentia, a pensar que talvez pudesse candidatar-se a um lugar de empregada interna, ou até de ama. Imaginara uma casa perto do mar, e o seu quarto, quente e confortável. Pensara que seria mais do que o suficiente para ela, que de certeza não queria mais homens na sua vida.

No caminho de regresso, apanhara algumas prímulas, mas quando entrara na cozinha, Reuben e Zoë estavam lá. Zoë usava os habituais *jeans* muito justos e um casaco de malha aberto de modo a revelar o início dos seios, e estava a pintar as unhas.

O ar sobressaltado de ambos dera-lhe a entender que tinham estado a falar dela. A mesa que deixara limpa estava coberta de canecas de café sujas e de pratos, e detetara o cheiro a erva a sobrepor-se ao cheiro do verniz e ao aroma do assado que ficara no forno.

– Devias estar a trabalhar na oficina esta tarde – dissera Reuben, secamente.

– Fui dar um passeio – respondera ela, e dirigira-se ao aparador em busca de um vaso para as prímulas.

– Se não trabalhas, não comes nem dormes nesta casa – dissera ele. – Isto não é uma porra de um campo de férias.

Havia vários dias que não fazia a barba nem lavava os compridos cabelos e parecia um vagabundo com as calças verdes remendadas e a velha camisola de punhos esgaçados. No entanto, fora o veneno na voz e nos olhos dele que fizera ferver a raiva de Susan. Ele não tinha o direito de tratá-la daquela maneira.

– Trabalhei durante pelo menos três horas esta manhã antes de tu sequer te levantares – atirara-lhe em resposta. – Quem julgas que cozinhou a comida que está no forno?

– Não admira que estejas tão gorda – rosnara ele. – Só pensas em comer. – E então, levantando-se da cadeira, arrancara-lhe as prímulas da mãos e atirara-as ao chão. – Também podes acabar com essas parvoíces burguesas dos arranjos de flores, dão-me vontade de vomitar. A única coisa que quero que faças é que desapareças de uma vez por todas.

Zoë começara a rir.

– Sim, querida, porque é que não vais? – dissera, naquele seu tom superior. – Ultrapassaste o teu prazo de validade.

Susan sentira-se tentada a dar-lhe um estalo, mas sabia que Reuben não teria escrúpulos em bater-lhe se o fizesse.

– E tu para que serves? – respondera à rapariga. – Nunca te vi fazer nada aqui em casa.

– Não preciso – dissera Zoë, atirando os compridos cabelos louros para trás com um gesto da cabeça e sorrindo a Reuben. – Ele gosta de mim assim como sou.

Susan soubera que estava numa posição completamente indefensável, como sempre estivera com Martin. Eles troçariam de tudo o que dissesse, talvez até a expulsassem de casa. Ir-se embora era a única opção que lhe restava.

Nessa noite, chorara deitada na cama, a recordar as vezes em que ela e Reuben tinham passeado à tarde, ou tinham ficado acordados à noite a rir e a conversar durante horas. Ele elogiava-lhe os cozinhados, admirava-lhe a gentileza e a calma. Dizia que ela unira a casa e os seus residentes da maneira como sempre sonhara.

Poderia talvez aceitar que ele já não a quisesse como mulher, mas não conseguia compreender porque deixara de apreciá-la como amiga. Com certeza percebia que Zoë estava apenas a aproveitar-se dele e que se iria embora mal lhe aparecesse uma coisa melhor?

Fora pouco depois que ouvira Reuben dizer «Vamos fazer um filho esta noite» enquanto subia as escadas com Zoë. E fora a partir desse momento que alguma coisa mudara nela e começara a querer vingança.

Todos os meses desde que estava com ele esperara descobrir que estava grávida, e todos os meses ficara desapontada. Tinha na altura quarenta e dois anos, talvez demasiado velha para conceber, e a ideia de que a bonita e loura Zoë podia acabar com um filho de Reuben nos braços era como uma faca a trespassar-lhe o coração.

Saíra finalmente de Hill House quando Reuben e Zoë tinham ido para fora durante alguns dias, em abril. Despedira-se de todos na noite anterior, e em todos encontrara um eco de simpatia, porque todos tinham razões de queixa a respeito de como as coisas tinham mudado desde a chegada de Zoë. No entanto, apesar das palavras que tencionavam ser de conforto, soubera que nenhum deles

lamentava verdadeiramente a sua humilhação, que estavam apenas a pensar em quem iria cozinhar e limpar a casa depois de ela se ir embora.

Mas não apanhara a camioneta para Cardiff. Em vez disso, fizera um longo desvio para chegar à clareira de Reuben. Começara a fazer os seus planos depois de o ouvir falar num bebé. Todas as tardes em que não chovia saía para passear e, sem que ninguém notasse, levava consigo uma peça de material de campismo: uma tenda individual, um saco cama e um pequeno fogão, comida, uma frigideira e uma pá. Planear o que ia fazer aliviava a tensão de viver sob o mesmo teto que Reuben e Zoë; cada insulto ou sarcasmo que recebia deles era combustível para alimentar o fogo da sua raiva.

E no entanto, sempre que visitava a clareira recordava dolorosamente a primeira vez que Reuben lha mostrara. Fora um dos momentos mais especiais da sua vida, o dia em que sentira que estava a entrar num mundo novo onde era apreciada e onde nunca mais voltaria a sentir-se mal amada e só.

Era o único lugar que conhecia onde poderia levar por diante o seu plano. Porque as recordações que ali pairavam atiçavam a raiva que havia dentro dela, mantinham-na ao rubro. A primavera chegara e ela sabia que Reuben não tardaria muito a aparecer com Zoë, porque o ouvira dizer-lhe que tinha um lugar especial aonde queria levá-la. Tudo o que tinha de fazer era esperar.

Montara a tenda entre as árvores, de modo a não ser vista da clareira, e instalara-se. Corria ali perto um pequeno riacho que lhe fornecia água, e tinhas vários livros e uma lanterna para as noites. E durante o dia tinha a sepultura para cavar. Nem sequer sentia a solidão, era bom estar sozinha para planear e saborear a vingança.

No quinto dia, quando estava a fazer a sua habitual observação de Hill House do alto da escarpa, por volta do meio-dia, vira que a carrinha de Reuben tinha voltado. Chovia, de modo que soubera que não era provável que fosse até ali acima naquele dia. Mas as campainhas e o alho silvestre começavam a florescer, de modo que calculara que não tardaria muito tempo.

A cova estava a revelar-se difícil de escavar, pois uma vez passada a primeira camada de terra macia, o solo revelara-se pedregoso e cheio de raízes de árvores. Mas isso não importava por aí além. O lugar que escolhera era uma espécie de depressão natural, e podia tapá-la com ramos e folhas mortas trazidas de outros sítios. Além disso, ninguém subia até ali, de todos os modos.

No dia seguinte, o tempo estivera limpo mas frio, e Susan passara longas horas sentada na escarpa a observar Hill House. Vira Megan a pôr a roupa a secar nas cordas do pátio, e a dada altura Reuben e Roger tinham subido ao telhado para fazer algumas reparações. Não vira Zoë.

Fora por volta do meio-dia do dia seguinte, um dia muito mais quente, que vira Reuben e Zoë saírem da casa juntos. Reuben tinha uma manta enrolada amarrada às costas e transportava uma cesta. O facto de ele ser tão previsível fizera-a sorrir amargamente: devia ter acordado naquela manhã, vira o sol brilhar e dissera a Zoë que ia levá-la a um sítio especial, como tinha prometido.

Ficara a observá-los durante algum tempo, até não lhe restarem dúvidas de que era para ali que se dirigiam. Então, depois de se certificar de que nada na clareira alertaria Reuben para a presença de um intruso, regressara à tenda, pegara no revólver e carregara-o.

Além de praticar com a arma, escolhera há muito o lugar exato onde devia esperar. Tinha de ser suficientemente afastado para ficar bem escondida pelos arbustos e para que nenhum pequeno movimento pudesse ser ouvido na clareira. Mas não podia ser demasiado afastado, pois ia ter de vigiá-los e quase de certeza disparar do seu esconderijo.

O lugar que escolhera ficava diretamente em frente da entrada da clareira, atrás de um denso arbusto de sempre-viva. Se eles se deitassem no mesmo sítio onde ela e Reuben se tinham deitado,

estariam a escassos três metros e meio, uma distância perfeita. Tinha limpado o terreno atrás do arbusto, uma precaução contra a possibilidade de pisar acidentalmente um graveto e alertá-los, e enquanto ocupava a sua posição sorrira para si mesma; tinha pensado em tudo.

Ouvira a voz amuada de Zoë muito antes de eles chegarem perto da clareira.

– É bom que valha mesmo a pena, Reuben – dizia. – Não sou muito de passeios pelos bosques, sou mais uma rapariga da cidade.

«Pois és», pensara Susan, alegremente. «Mas o bosque é onde vais ficar por toda a eternidade.»

Reuben vestia uma camisola nova, rosa forte, notara Susan quando ele entrara na clareira a tapar os olhos de Zoë com as mãos. Devia estar a cuidar da imagem para impressionar a rapariga. Zoë usava umas calças de couro preto, muito justas, e uma camisola vermelha curta, e tinha os compridos cabelos louros soltos e despenteados.

Voltar a vê-los juntos, ignorantes de que estavam a ser observados, fora como que uma lente a focar-lhe o ódio. Estremecera, em parte por medo pelo que ia fazer, em parte por exultação.

– Mais um passo – dissera Reuben, ainda a tapar os olhos de Zoë e a empurrá-la para a frente. – Pronto! – exclamara, e afastara as mãos.

– Uau! – dissera Zoë previsivelmente, rodando num círculo completo para ver o sítio aonde ele a tinha levado. – É bonito.

Susan sorrira. Sentia que a rapariga não estava particularmente impressionada, nunca fizera segredo de que não era do género de gostar da vida na Natureza e talvez já começasse a fartar-se daquele amante velho e extravagante que nunca iria proporcionar-lhe o género de diversão de que gostava.

Naquele dia, Reuben parecia bem a idade que tinha, apesar da camisola nova. Os cabelos compridos tinham-se tornado quase brancos nos últimos dois anos, e começavam a recuar rapidamente na testa. Mas fora na magreza da cara que Susan mais reparara. O tempo acabara por alcançá-lo enquanto ele tentava manter-se a par de alguém com metade da sua idade, e a pele parecia cinzenta e as rugas da cara muito mais cavadas.

– Devias ter usado um vestido – dissera Reuben. – Parecerias uma ninfa dos bosques. Porque não te despes?

Zoë rira.

– Está muito frio – respondera. – Vamos beber um pouco desse *whisky* enquanto tu enrolas um charro.

Susan sentira a deceção de Reuben por Zoë não ter ficado mais extasiada com o seu lugar especial. Não fora até à beira da escarpa para ver a vista e as campainhas debaixo das árvores não lhe tinham arrancado uma exclamação de prazer. Limitara-se a tirar a manta dos ombros dele e a dizer que lhe doíam os pés e que queria sentar-se.

Reuben desenrolara a manta e estendera-a quase no sítio exato onde Susan esperara que a estendesse. Sentara-se ao lado dela e passara-lhe a garrafa de *whisky* que tirara da cesta. Ela desrolhara-a e bebera um longo trago.

Para Susan, fora como ver um filme em câmara lenta. Quase não falavam, ele ocupado a enrolar o charro, Zoë deitada de lado, apoiada num cotovelo, a observá-lo.

– Para onde achas que o estupor da velha foi? – perguntara Zoë inesperadamente, e Susan soubera que se referia a ela.

– Deve ter voltado para Bristol – respondera Reuben.

– Espero que não estejas a pensar que vou passar a cozinhar e a limpar a casa – dissera Zoë num tom petulante. – Não é nada a minha cena.

– És demasiado bonita para esse género de trabalho – respondera ele, passando-lhe o charro aceso. – Vou arranjar outra pessoa que trate disso.

– Se fosse eu, vendia a casa – declarara ela, inspirando o fumo num longo hausto e soprando-o lentamente por entre os lábios. – Tens de ver as coisas como elas são, Reub, eles não passam de um bando de inúteis e, com o dinheiro que tens, podíamos viver como reis na Tailândia.

– Tenho um bom negócio a funcionar – respondera ele, na defensiva. – Além disso, gosto de viver aqui.

– Bem, nesse caso não posso prometer que vou ficar contigo – dissera ela, atirando os cabelos para trás. – É tão longe de tudo. Gosto de bares, de discotecas e de lojas.

Nessa altura, Susan começara a ter um pouco de pena de Reuben, pois sabia como ele adorava Gales. Tudo indicava que, ao fim e ao cabo, não ia encontrar a felicidade com Zoë. Seria suficientemente castigado quando ela se fosse embora e Hill House se desmoronasse à sua volta. Talvez não precisasse de o fazer, dera por si a pensar. Talvez devesse esperar que a justiça natural seguisse o seu curso.

Mas estava encurralada ali atrás daquele arbusto. Se se afastasse, eles ouvi-la-iam.

Zoë parecera um pouco mais descontraída depois do charro e de mais *whisky*. Deitara-se de costas na manta e comentara qualquer coisa a respeito de como o sol passava através dos ramos nus das árvores. Então, sem necessidade de incitamentos da parte de Reuben, baixou o fecho das calças de couro e começou a despi-las.

– Então dá-me um pouco de terapia sexual – dissera, com um risinho. – Uma boa hora a lamber-me a passarinha serve, para começar.

Susan dera por si a corar quando Zoë se libertara das minúsculas cuecas pretas, abrira muito as pernas e afastara os lábios da vagina. Não queria acreditar que qualquer mulher pudesse ser tão porca e grosseira. Fora mais do que embaraço, achara aquilo profundamente vergonhoso. Liam tinha-a iniciado no sexo oral, mas ela demorara muito tempo a vencer o choque e aceitar que um homem quisesse fazer uma coisa daquelas. Acabara por habituar-se, e até por gostar, porque Liam era um amante hábil e persuasivo. Mas mesmo assim nunca conseguiria permitir-se fazê-lo em plena luz do dia, e certamente nunca teria tido o descaramento de o pedir.

Qualquer coisa de diferente se apoderara completamente dela quando Reuben se ajoelhara entre os joelhos de Zoë e começara a fazer-lhe a vontade. Apesar de tremer de embaraço, ficara como que pregada ao chão, com um fascínio horrorizado. Reuben lambuzava a rapariga, a língua dele a subir e descer de uma ponta à outra da vagina de Zoë, e passado pouco tempo ele teve de desapertar os *jeans* para libertar o pénis, duro como uma rocha.

Zoë gritava as coisas mais nojentas, chamava-lhe papá e pedia-lhe que lhe enfiasse os dedos ao mesmo tempo. Era revoltante, e Susan sentira que eles estavam a profanar a bela clareira onde se sentira tão feliz e em paz. Vira com crescente repulsa como Zoë se punha de joelhos, empurrava Reuben para baixo e se sentava em cima da cara dele, contorcendo-se na boca dele ao mesmo tempo que acariciava os próprios seios.

Repentinamente, a raiva de Susan renascera, mais forte do que nunca. Perdera a sua casa, os amigos e tudo o que possuía por causa daquele bandalho. Incandescente de raiva, observara o comportamento obsceno dos dois, furiosa por Reuben ter preferido aquilo ao seu amor e apoio.

– Vou vir-me na tua boca, papá – gritara Zoë. – Faz com mais força, fode-me com a língua.

Susan sentira-se quase como um robô ao erguer a arma. Apesar de toda ela tremer, apoiou-a calmamente com a mão esquerda e obrigou-se a esperar, porque se disparasse naquele instante atingiria Zoë primeiro e talvez isso desse a Reuben tempo para fugir.

Finalmente, Zoë saíra de cima dele, rolando para o lado, a murmurar coisas a respeito de ele ser o maior amante do mundo, e Reuben saltara para cima dela, cobrindo-lhe a cara de beijos e dizendo-lhe que nunca tinha amado ninguém até tê-la conhecido.

Fora quando ele se endireitara, agarrando Zoë pelas ancas para a penetrar, que Susan disparara, apontando às costas.

Apesar de ter falhado, atingindo-o apenas de lado, não perdera a calma. Ele parecera saltar, e as aves, assustadas, levantaram voo dos ramos, a grasnar em protesto.

– O que foi isto? – perguntara Zoë, provavelmente demasiado embotada para perceber que o que tinha ouvido fora um tiro.

– Deram-me um tiro! – arquejara Reuben, agarrado ao flanco de onde o sangue jorrava e a tentar sair de dentro dela.

Zoë não gritara, limitara-se a fazer um som pateta, como um arquejo.

Nessa altura, Susan saíra de trás do arbusto, apontara calmamente e voltara a disparar. Tivera a satisfação de ver Reuben formar o nome dela com os lábios quando a bala o atingira no peito. Um segundo depois, caíra em cima de Zoë.

Só então Zoë gritara, e tentara sair de baixo dele. Susan aproximara-se um ou dois passos, no preciso instante em que Zoë conseguia empurrar o corpo de Reuben para o lado.

– Agora é a tua vez, pega – dissera.

Naquele momento, ali de pé diante de Zoë estendida no chão, percebera por que razão as pessoas usavam a expressão «O doce sabor da vingança». Era doce ver os olhos azuis de Zoë muito abertos de terror, esquecida a confiança e as respostas espertas.

– Sim, é o estupor da velha – dissera, enquanto apertava o gatilho. – Agora vais ficar aqui com ele para sempre – acrescentara maliciosamente, quando a bala atingira o peito da rapariga.

Zoë abrira a boca para gritar, mas não saíra qualquer som, apenas um baque abafado quando voltara a cair em cima da manta.

Apesar de terem passado mais de dois anos, Susan ainda sentia a satisfação daquele momento. O trabalho estava feito. Acabara-se. Mas fora essa a única emoção que sentira, se se lhe podia chamar isso no estado autómato em que se encontrava. Nem horror pelo que tinha feito, nem sequer uma ponta de remorso. Fora como se outra pessoa qualquer o tivesse feito e o papel dela fosse apenas comprovar.

Aproximara-se e olhara-os friamente, ainda a empunhar a arma. O tronco de Zoë inclinava-se para um lado, o de Reuben para o outro, unidos apenas pelas pernas emaranhadas. Tinham ambos os olhos abertos, e uma expressão de espanto no rosto. Sentira o cheiro dos órgãos genitais deles mesmo acima do cheiro da cordite e do sangue. Estava contente por tê-los matado, não estava sequer nervosa com a possibilidade de alguém a ver antes de ter tempo para os enterrar.

Conservara aquela estranha calma enquanto arrastava os corpos até à sepultura. Atirara Zoë primeiro, sem cerimónia, empurrando-a para o fundo da cova como se não passasse de um pedaço de carne.

Reuben era muito mais pesado. Tivera de embrulhá-lo na manta e arrastá-lo pelo terreno pedregoso, e estava a suar profusamente quando o deixara cair em cima do corpo de Zoë.

Quando voltara atrás para ir buscar as calças de couro e as cuecas da rapariga e os *jeans* de Reuben, encontrara um maço de notas de vinte libras num dos bolsos. Aquilo fizera-a sorrir. Era mesmo dele trazer o dinheiro consigo. Não confiava em ninguém em Hill House.

Eram mais de trezentas libras, nem de longe o que ele lhe tirara, mas ajudá-la-ia a refazer a sua vida. Não se importara nada de pisar a terra por cima dos cadáveres. Chegara até a ensaiar uma pequena dança enquanto bebia um trago do *whisky* deles.

O silêncio na escuridão da cela pareceu-lhe subitamente ameaçador. Acabara por habituar-se aos sons de outras pessoas a respirar, a ressonar, a falar durante o sono. Ali na ala hospitalar havia silêncio, e era fantasmagórico, como o do seu quarto em Belle Vue.

Apercebeu-se então de que em vez de refazer a sua vida depois de regressar de Gales, a destruíra definitivamente.

CAPÍTULO 19

Steven estacou diante dos portões da prisão antes de premir o botão da campainha, a olhar para a alta vedação de rede e para o arame farpado que a encimava. Para lá dela o céu estava quase preto, a ameaçar neve. Estremeceu. Tudo aquilo parecia tão lúgubre e ameaçador.

Era segunda-feira de manhã, e calculava que Susan tivesse dormido ainda menos do que ele durante o fim de semana. Apesar disso, estava contente por ela se sentir suficientemente bem para retomar a confissão naquele dia, porque quanto mais depressa aquilo acabasse mais depressa conseguiria recuperar alguma sensação de normalidade.

Não telefonara a Beth e desligara propositadamente o telefone do carro naquela manhã, para o caso de ela tentar contactá-lo. Parecera-lhe mais generoso deixá-la na ignorância até ao fim da confissão do que arrastar aquela história ao longo de um fim de semana. Quanto ao que Susan dissera a Roy a respeito dela, chegara à conclusão de que o melhor era não se intrometer. Roy que decidisse como abordar o assunto.

Anna estivera impossível de aturar todo o fim de semana. Chorara, gritara com ele, acusara-o de não a amar o suficiente. Calculava que ela tinha percebido que andara muito absorto e distante e que isso estava a fazê-la sentir-se insegura. Parecia não lhe ocorrer que ela o fizera sentir-se inseguro durante a maior parte da sua vida de casados. Ou que o trabalho dele o obrigava a preocupar-se com outras pessoas ainda mais necessitadas do que ela.

Premiu o botão da campainha, e enquanto esperava que lhe abrissem o portão desejou ter escolhido outro ramo do direito que não fosse tão exigente. Direito comercial foi o primeiro que lhe acudiu ao espírito.

– Sente-se verdadeiramente capaz de continuar hoje? – perguntou Steven a Susan, quando ela entrou na sala de interrogatório.

Susan estava muito pálida, com círculos negros por baixo dos olhos. Os cabelos, que prendera descuidadamente atrás das orelhas, estavam a pedir uma lavagem.

– Sim, estou bem – respondeu, mas, ao olhar-lhe para as mãos, Steven percebeu que tinha passado o fim de semana a roer as unhas.

– A polícia vai chegar a qualquer momento – continuou ele. – Há alguma coisa que queira discutir comigo ou perguntar-me antes de eles aparecerem?

Ela abanou a cabeça.

– Só quero acabar com isto o mais depressa possível – respondeu secamente.

Longhurst e Bloom chegaram pouco depois, e Longhurst começou por recordar a Susan que, na sexta-feira anterior, chegara ao ponto da sua confissão em que fora para o bosque para esperar que Reuben e Zoë aparecessem.

Iniciou então a gravação com a data, a hora e os nomes dos presentes, e em seguida perguntou a Susan se queria continuar. Ela respondeu que sim.

– Foi para o bosque com a intenção de matar o Reuben Moreland e a Zoë Fremantle? – perguntou.

– Sim – admitiu ela. – Já lho tinha dito. Montei a tenda, organizei as minhas coisas e comecei a abrir a cova.

– Foi, portanto, totalmente premeditado? – perguntou Roy.

– Claro que foi – respondeu ela, num tom irritado. – Ou acha que ia acampar para me divertir?

No desempenho do seu trabalho, Roy habituara-se a ser chocado e surpreendido, mas à medida que Susan relatava como passara os cinco dias seguintes a cavar a sepultura, a escolher o sítio exato onde se esconderia para esperar as suas vítimas e a vigiar Hill House, sentiu-se nauseado.

Conseguia perfeitamente compreender a raiva dela contra Reuben e Zoë. Se os tivesse abatido dentro de casa, no calor de uma discussão, talvez tivesse até sentido alguma simpatia. Mas o planeamento meticuloso e a espera situavam o crime num domínio diferente, que ele achava repulsivo. Enquanto Susan descrevia em pormenor os preparativos, como escondera a tenda e como abrira a cova, deixou de vê-la como uma mulher baixa e gorducha de quarenta e tal anos e sim como uma espécie de Rambo do sexo feminino à solta, escondida atrás das árvores à espera de que as suas vítimas fossem fazer amor na clareira para poder matá-las.

Foi só quando chegou ao ponto em que o casal entrou na clareira e Zoë se deitou na manta que Susan começou a mostrar alguma emoção. A voz tremeu-lhe quando relatou a conversa que tinha ouvido.

– Na altura ainda hesitei – admitiu. – Percebi que a Zoë ia largar o Reuben se ele não vendesse a casa e fosse vadiar por esse mundo com ela. Até tive um pouco de pena dele por se ter embrulhado com ela. Mas quando ela começou a ser tão porca, fiquei outra vez furiosa.

– Porca de que maneira? – perguntou Roy.

Susan corou e recusou olhar para ele.

– Não posso contar tudo isso – disse. – Ela despiu as calças e começou a mostrar-se a ele, e outras coisas.

Roy não teve grande dificuldade em imaginar o que ela queria dizer com aquilo, e decidiu que não precisava de todos os pormenores.

– Estavam a fazer amor? E a Susan continuava escondida entre os arbustos, perto deles?

– Sim.

– Muito perto?

– Cerca de três metros e meio.

– Contra quem disparou primeiro?

– Contra o Reuben. Mas só o atingi de lado com o primeiro tiro. Suponho que estava a tremer. Por isso saí de trás do arbusto, aproximei-me dele e dei-lhe outro tiro, no peito. Depois matei-a a ela.

Roy obrigou-a a explicar, com a ajuda de um diagrama, onde estava e de que ângulo disparara os três tiros.

– A Zoë tentou fugir depois do primeiro tiro?

– Não, acho que nem sequer sabia o que era aquele som. Só tentou fugir quando eu saí de trás do arbusto e atingi o Reuben pela segunda vez, mas estava meio presa debaixo dele. Matei-a logo a seguir ao Reuben.

– E depois o que fez?

– Arrastei a Zoë até ao buraco que tinha aberto, atirei-a lá para dentro e fui buscar o Reuben. Tive

de embrulhá-lo na manta e puxá-lo, por ser tão pesado.

Houve um momento de silêncio absoluto. Os três homens pareciam aturdidos.

– E então enterrou-os? – perguntou Roy, a voz a sair-lhe rouca.

– Sim.

A Roy parecia inacreditável que ela tivesse ficado naqueles bosques mais duas noites. Que tivesse sido capaz de preparar qualquer coisa para comer e dormir a poucos metros de distância da sepultura acabada de tapar.

– Devia estar frio, à noite. – Queria que ela lhe dissesse que estava arrependida do que tinha feito. Ou que dissesse qualquer coisa que provasse que era louca. Mas Susan limitou-se a sorrir debilmente.

– Tinha o resto do *whisky* deles, para afastar o frio. Além disso, precisava de ficar algum tempo para ter a certeza de que estavam bem cobertos. A cova que tinha aberto não era muito funda.

Roy pediu-lhe mais uma vez que desenhasse um mapa do sítio onde enterrara os corpos, e mais uma vez Steven lembrou-lhe que não era obrigada a fazê-lo.

– Pensava que queria que eu dissesse toda a verdade – respondeu ela, trocista. – Já têm o bolo, podem ficar também com as velas.

Como da primeira vez, desenhou um mapa muito claro, em que mostrava por onde tinha entrado na clareira, e marcou os lugares onde as vítimas tinham feito amor, e onde ela se escondera para as matar.

Desenhou um pequeno círculo à esquerda da clareira.

– Vão encontrar o material de campismo aqui. Mas não foi onde montei a tenda, mudei tudo antes de me vir embora – disse, desenhando um círculo maior no lado oposto da clareira, perto da cruz que assinalava a sepultura. – Foi aqui que comecei por acampar. Se avançarem mais quatro ou cinco metros por entre o mato a partir daqui, encontrarão uma pequena nascente. Era lá que ia buscar água.

– Já tinha acampado muitas vezes? – perguntou Roy. Não era importante para o depoimento, foi apenas por curiosidade.

– Não desde os meus tempos de menina. Costumava ir caçar com o meu pai aos fins de semana, desde que tinha cerca de oito até aos dez anos. Geralmente para os lados de Tintern. O meu pai gostava de florestas e de toda essa história da sobrevivência. Ensinou-me a cozinhar numa fogueira, a cavar buracos para o lixo, e isso. Coisas que ele tinha feito quando estava na tropa.

Roy permaneceu silencioso por instantes.

– Porquê, Susan? – perguntou finalmente. – Porque foi que teve de os matar?

– Porque eles me tinham destruído – disse ela, mas soou mais como se estivesse a fazer uma pergunta do que a afirmar uma coisa em que acreditava.

– Mas se tivesse saído de lá e arranjado um emprego, podia ter reconstruído a sua vida.

– Podia? – retorquiu ela. – Com o quê? Não tinha nada senão os insultos deles a soarem-me nos ouvidos, as humilhações a queimarem-me o peito.

Roy pôs fim ao interrogatório neste ponto. Tinha tudo o que precisava, incluindo os mapas com a localização dos corpos. Pediu a todos os presentes que assinassem o mapa e as cassetes. Tinha ouvido mais do que o suficiente para um dia.

Enquanto uma guarda prisional escoltava Susan de regresso à sua cela, os três homens seguiram na direção oposta a caminho da saída, o sargento Bloom um pouco à frente de Steven e de Roy.

Roy deteve-se por um instante e apoiou-se ao peitoril de uma janela.

– Ficou satisfeito com o modo como conduzi o interrogatório? – perguntou, os olhos escuros e perturbados.

– Totalmente – respondeu Steven. – Mas a verdade é que ela lhe deu tudo de bandeja. – Suspirou e esfregou os olhos com as mãos. Adivinhou que Roy se sentia como ele, aturdido e esgotado. – Aquela mulher tem mais camadas do que uma cebola.

– As suficientes para nos fazer perguntar se não haverá mais corpos escondidos algures – respondeu Roy, num tom seco.

Steven abriu muito os olhos, e Roy esboçou um meio sorriso.

– Foi uma brincadeira. De mau gosto, admito. Suponho que foi para disfarçar como me sinto estúpido. Via-a como uma mulherzinha meio enlouquecida pela dor. Afinal, sozinha parecia um grupo de comandos.

De repente, Steven sentiu uma onda de respeito e de verdadeira simpatia por aquele homem. Muitos polícias estariam a vangloriar-se por terem conseguido um resultado tão perfeito e cheios de pressa de voltar à base e dar conta dele. Mas Roy era demasiado inteligente e compassivo para não perceber que na realidade apenas arranhara a superfície daquilo por que Susan tinha passado mentalmente. Ela podia ter-lhes revelado os factos a respeito do que fizera, e quando, mas não lhes dera mais do que um vislumbre do seu estado emocional.

Ao olhar para o relógio, Steven viu que eram onze horas.

– Demasiado cedo para lhe oferecer uma cerveja ou até um almoço – disse, com pena.

– Estou a morrer por um grande *whisky* – admitiu Roy. – E também gostaria de conversar um pouco consigo. Mas tenho de voltar com estas gravações e começar a procurar os corpos. Talvez noutra altura?

– E eu vou ter de contar tudo à Beth. – Steven suspirou. – Esta história vai deixá-la de rastos.

Roy estendeu a mão e agarrou o braço de Steven. Não disse nada, mas Steven soube que era um gesto de compreensão e amizade.

– A Beth é outra que tem mais camadas do que uma cebola – disse Steven. – Ajude-a a descascá-las.

Afinal, Steven acabou por só ver Beth ao fim da tarde. A neve que estivera a ameaçar começou a cair durante a viagem de regresso ao escritório, obrigando o trânsito a avançar a passo de caracol, e quando lá chegou ela tinha ido para o tribunal com um cliente.

Ouviu-lhe a voz nas escadas às cinco, quando se preparava para ir para casa. Mas tinha de contar-lhe, não ia aguentar mais uma noite a guardar aquilo no peito, de modo que saiu do gabinete e chamou por ela.

Ironicamente, nunca a tinha visto mais encantadora em todo aquele tempo desde que trabalhavam juntos. Vestia um casaco cor de camelo com gola e punhos peludos, e um chapéu a condizer. Tinha as faces rosadas, da caminhada desde o tribunal no meio da neve.

– O que foi? – gritou ela em resposta. – Estava a preparar-me para ir para casa, para me aquecer.

– É a respeito da Susan – disse ele sem mais explicações, e voltou para o gabinete para esperar por ela.

– Más notícias? – perguntou Beth, ao entrar.

Steven assentiu com um gesto de cabeça.

– As piores, receio. Fez uma confissão completa das mortes do Liam, do Reuben e da Zoë.

Beth empalideceu e tapou a boca com as mãos.

– Não! – exclamou. – Não pode ser.

Steven aproximou-se dela, obrigou-a a sentar-se e ofereceu-lhe um balão do *brandy* que guardava para emergências. E então despejou tudo, o mais concisamente que pôde, como Susan os tinha matado e onde estavam os corpos.

– Não acredito – murmurou ela. – Não posso acreditar.

E os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

– Eu também não podia – disse ele, e explicou a parte que tinha sido confessada na sexta-feira e por que razão não se sentira capaz de lhe dizer nada na altura. – Mas é verdade, Beth. Não foi enganada nem coagida a falar, fê-lo de sua livre e espontânea vontade. A polícia vai começar a cavar amanhã, suponho, e teremos a confirmação de tudo.

Ela ficou sentada por um instante, a boca a tremer.

– Tenho de ir para casa – acabou por dizer, e pôs-se de pé, a cambalear ligeiramente. – Preciso de pensar em tudo isto, sozinha.

Foi então que Steven viu o que eram a verdadeira dignidade e a verdadeira coragem. Qualquer outra mulher, pelo menos das que conhecia, se confrontada com notícias tão arrasadoras ter-se-ia deixado ir abaixo. Mas Beth não, não em frente dele ou de quem quer que fosse. Ia para casa chorar sozinha.

Quis abraçá-la, mas sentiu que só serviria para piorar ainda mais as coisas. Não podia sequer sugerir-lhe que lhe telefonasse mais tarde, por causa de Anna.

– Lamento muito, Beth – limitou-se a dizer. – Amanhã posso vir mais cedo, se quiseres, e falamos mais a respeito disto.

– Está bem – disse ela, e saiu do gabinete. Steven ficou a vê-la descer as escadas, e apenas uma ligeira hesitação no passo denunciava que não estava tão composta como parecia.

Beth entrou no apartamento, ligou o aquecimento, despiu o casaco, tirou o chapéu e as botas e correu os cortinados antes de se sentar.

Estava tão chocada que se sentia aturdida. Uma palavra teimava em acudir-lhe ao espírito. *Envolvimento*. Uma palavra que, até poucos meses antes, não tivera qualquer significado para ela.

Mas agora tinha-o experimentado. A boca seca de ansiedade, aquela sensação no estômago, as perguntas constantes a encherem-lhe o espírito, o sono a ser invadido e perturbado.

Já tivera casos que outros advogados tinham dito capazes de causar-lhes pesadelos, mas que a ela não a tinham afetado. Ouvira de olhos secos o relato de tragédias que teriam feito chorar um homem adulto. Sempre fora capaz de ouvir impávida a sentença nos julgamentos dos seus clientes, e quer fossem declarados culpados ou inocentes, a sua única preocupação era saber se tinha ou não cumprido o melhor possível a parte que lhe competia. Nunca quisera saber como iam esses mesmos clientes lidar com a situação, na prisão ou de regresso às suas vidas normais. Uma vez feito o seu trabalho, desligava-se. No que lhe dizia respeito, fora feita justiça, e nada mais havia a dizer.

No entanto, desde que Susan reaparecera inesperadamente na sua vida, tudo parecia ter mudado. Não o lamentava, mas não conseguia compreender como podia uma mulher ter um tal impacto na sua vida.

Tinham sido amigas quando crianças, mas isso era um laço demasiado ténue. Tinham passado um

mês por ano, durante cinco anos, na companhia uma da outra, uns escassos cinco meses no total. Trabalhara anos seguidos com algumas pessoas, dia após dia. Teria achado assim tão perturbador descobrir que uma delas se transformara num assassino em série? Duvidava muito. Mal se dera ao incómodo de saber em que dia a maior parte dessas pessoas fazia anos, como se chamavam os filhos ou sequer onde viviam.

Também Steven estava perturbado, notara-lho na voz, vira-o na cara dele, mas sabia que muita dessa perturbação era por ela, e fora por isso que fingira estar bem. Steven era o oposto dela, preocupava-se com toda a gente. Tinha quase a certeza de que se apaixonara por Anna por causa dos problemas dela: as pessoas como ele pareciam encontrar sempre os cães abandonados deste mundo para proteger. Em tempos teria achado a ideia divertida, ou patética, mas já não. Agora parecia-lhe nobreza.

Lembrava-se de como, com dezasseis anos, achara que Susan era nobre por ficar em casa a tomar conta da mãe. Nunca nada poderia tê-la persuadido a fazer uma coisa daquelas. Nem que a mãe fosse inválida e viúva, e lho suplicasse. Mas Susan era um coração mole em tudo. Aquando do desastre de Aberfan, em Gales, oferecera todo o dinheiro que tinha juntado para o fundo de auxílio às vítimas. Estava sempre atenta aos patos e aos cisnes que nadavam no rio, com medo de que se enredassem nas linhas de pesca. Soluçava perdidamente durante os filmes românticos e chorava quando as duas se despediam no fim de agosto.

Como pudera então uma rapariga tão plácida e sensível tornar-se numa assassina? Compreendia que tivesse matado o médico. De uma maneira estranha, parecia justo e limpo. Mas os outros não. Os outros tinha sido simples selvajaria.

Beth sentiu-se gelada toda a noite, por dentro e por fora. Bebeu dois grandes *brandies* e tomou um banho para se aquecer, mas o frio não a largava. Sentada diante do toucador, a escovar os cabelos, continuava a pensar em envolvimento. Passara a vida a fugir-lhe, e agora ele enredara-a. Susan, Roy e Steven, todos eles tinham conquistado um lugar no seu coração, que durante muito tempo contivera apenas algumas válvulas e muito sangue.

A fria razão dizia-lhe que Susan era uma cliente de Steven e que o papel de Roy era levá-la a julgamento. Devia distanciar-se de tudo aquilo.

Mas isso já não era possível. Steven ia precisar da ajuda e orientação dela para preparar a defesa. Roy ia de certeza ser louvado pelo seu trabalho naquele caso, e ela ia sentir-se dividida entre o orgulho por ele e o remorso por ter traído a amiga.

Era aquela sensação de traição que mais a preocupava. Tentara convencer-se a si mesma de que só escavara o passado de Susan para construir um caso sólido de responsabilidade diminuída. Mas teria sido esse o seu verdadeiro motivo? Agora parecia-lhe mais um caso de insaciável curiosidade a respeito da velha amiga. A morte de Annabel teria de certeza sido suficiente para o tribunal. Se não tivesse querido saber tudo a respeito de Susan, era improvável que os outros três assassínios chegassem a ser descobertos.

Talvez fosse esse o seu verdadeiro dilema. Susan ia ser condenada a prisão perpétua por causa dela. Toda a gente diria que seria mais do que merecida, sobretudo os parentes das vítimas. Aplaudiriam aqueles que a tinham levado perante a justiça. Mas ela sentir-se-ia sempre um Judas.

Olhou em redor e, pela primeira vez, viu como o quarto era impessoal. Paredes e alcatifa creme,

como a sala de estar, os cortinados de brocado um tudo-nada mais escuros. Armários e guarda-roupa de madeira de faia, todos embutidos. Parecia um quarto de hotel, elegante, confortável, mas sem um vestígio da personalidade de quem o habitava.

– Mas a verdade é que não tens uma personalidade – murmurou para si mesma. – Passaste a vida inteira a esmagar o que sentias. Se morresses amanhã, o que poderia alguém dizer a teu respeito?

Supôs que alguém diria que tinha sido uma excelente advogada, pontual, honesta, fiável. Mas mais nada. Não haveria ninguém para contar episódios engraçados, nem amigos para a chorar. Até Robert e Serena teriam dificuldade em encontrar uma razão para a terem amado.

Enfiou-se na cama e ficou ali deitada a olhar para o teto. Durante vinte e oito anos, deixara a violação dominar a sua vida. Escassos meses antes tê-lo-ia negado, teria insistido em que o incidente a incitara a fazer coisas mais importantes do que teria feito se não tivesse acontecido. Chegara até a convencer-se a si mesma de que nascera com uma natureza fria.

Então Susan aparecera, trazendo consigo recordações dos dias em que não era fria e distante, e iniciara-se um degelo que derretera o gelo que amontoara à volta dos segredos e sentimentos que escondia no fundo da alma.

Talvez tivesse sido Steven a lascar o gelo, e Roy contribuíra com ar quente para acelerar a descongelação, mas fora Susan que a iniciara.

Começou então a chorar, a lágrimas escaldantes a correrem-lhe livremente pelas faces.

CAPÍTULO 20

Dois dias depois da confissão de Susan, Roy estava num bosque galês, de ombros inclinados para a frente, as mãos enfiadas nos bolsos, a ver a equipa de homens limpar mais uma zona de mato e folhas caídas.

Eram onze e meia da manhã e estava um frio de rachar. Demasiado frio para nevar, dissera alguém, como se isso fosse um bónus. Os homens estavam bem-dispostos, porque regra geral, quando os mandavam revistar uma área em busca de vestígios de um crime ou de uma pessoa desaparecida, sabiam que tinham pela frente um esforço demorado e muitas vezes infrutífero. Mas com uma confissão gravada e um mapa de onde os corpos estavam enterrados, estava toda a gente a contar com resultados rápidos.

Apesar disso, Roy sentia-se tenso. Não estava à espera, quando ali chegara logo pela manhã, de encontrar imediatamente o lugar marcado por Susan no mapa, mas não imaginara que demorasse tanto tempo.

Susan podia ter muito nítida na cabeça a localização da sepultura, mas sem medições a partir de um ponto de referência – uma grande rocha, uma árvore facilmente identificável – podia ser em praticamente qualquer sítio. Tinham quase acabado de limpar a área que ele achava que Susan tinha indicado, à procura de um montículo ou de uma depressão que indicassem uma escavação feita nos últimos anos. Mas, até ao momento, não tinham visto nada de especial, e o solo estava uniformemente gelado.

E a dúvida começara a insinuar-se no seu espírito. Teria Susan inventado tudo aquilo? Ao fim e ao cabo, fora ele que sugerira que ela os tinha matado. Não era inaudito alguém preso confessar crimes que não cometera, levado por uma qualquer espécie de doença mental. Já quando ela relatara o que tinha feito, não soara totalmente credível. E, por um lado, continuava a não acreditar que ela tivesse sido capaz de fazê-lo, de todos os modos.

Supôs que, no fundo do coração, não queria que fosse verdade. Mas se não fosse, e se a busca nada revelasse, estaria metido em grandes sarilhos.

Também perguntava a si mesmo o que estaria a acontecer em Luddington. A busca no jardim de The Rookery estava a ser levada a cabo pela brigada de homicídios do Warwickshire, e só já muito ao fim da tarde do dia anterior soubera que tinham conseguido a indispensável autorização para começarem a cavar.

– Há aqui um monte de ramos mortos! – gritou subitamente um jovem polícia de um lugar situado na orla da área desmatada.

Com o coração a bater mais depressa, Roy correu para o local.

O monte de ramos descoberto debaixo da manta de folhas mortas parecia de facto incongruente. Cobria uma área com cerca de dois metros e meio por um metro e vinte, e tinha pelo menos trinta centímetros de altura.

– Não podiam ter caído desta maneira, pois não? – perguntou o agente.

– Duvido – respondeu Roy, a olhar para a árvore mais próxima. Era perfeitamente saudável, os ramos não podiam ter vindo dali. Além disso, os ramos não caíam das árvores em montes muito bem arrumados. Aquele tinha sido feito por mão humana. – Pode ser que alguém os tenha amontoado para os queimar e depois mudado de ideias. Mas vamos dar uma vista de olhos por baixo, de todos os modos.

Enquanto o jovem agente afastava os ramos, Roy fazia figas com as mãos enfiadas nos bolsos. Alguns dos homens começavam a protestar por causa do frio, mas se aparecesse alguma coisa seria como uma injeção de renovada energia.

– Encontrei qualquer coisa! – gritou outro agente, atrás dele. Roy voltou-se para o pequeno riacho de que Susan falara. O homem segurava um objeto na ponta de um pau. – Parece uma bota de mulher.

Roy examinou-a antes de a enfiar num saco de provas. Era o que restava de uma bota de mulher de couro preto, pelo tornozelo, de um tamanho pequeno e com fecho de correr ao lado. Parecia ter sido roída por um animal e estava coberta por uma camada de bolor tão espessa que bem podia ali estar há anos. Examinou o lugar onde o polícia a encontrara, mas não havia mais nada.

Voltou ao monte de ramos e viu que os homens tinham acabado de afastá-los e estavam a tentear com as pás, à procura de sítios onde a terra estivesse menos dura.

– Vá, cavem – disse.

Foi preciso uma picareta para penetrar a camada superior de solo gelado, mas uma vez vencido esse obstáculo, a escavação tornou-se surpreendentemente fácil, com terra solta e macia por baixo.

– Acho que é aqui – disse um dos homens, satisfeito. – Este sítio já foi cavado.

Depressa se tornou óbvio de que tinha razão, pois a escavação só era fácil dentro de um espaço vagamente retangular. Fora dele, a terra mantinha-se dura como rocha até uma profundidade muito maior.

A letargia que ameaçava dominar o grupo desvaneceu-se. Os que estavam a cavar aplicavam-se a fundo, os rostos avermelhados pelo exercício, a respiração como fumo no ar gelado. Havia uma excitação palpável, e todos os olhos estavam fixos no buraco que ia crescendo.

O som de uma pá a bater em qualquer coisa sólida fez toda a gente aproximar-se.

– Cavem à volta – ordenou Roy. – Pode ser osso.

Minutos mais tarde, tinham posto a descoberto um crânio.

Os que trabalhavam noutros lugares aproximaram-se a correr ao ouvirem as notícias. Juntaram-se à volta da cova pouco funda para olhar, e um dos homens benzeu-se. Parecia uma coisa tirada de um filme de terror, pois apesar de a carne ter desaparecido quase por completo, os cabelos continuavam intactos, compridos e grisalhos. As órbitas vazias e a mandíbula aberta num quase-sorriso tinham um ar verdadeiramente tétrico.

Mesmo com tantas mãos dispostas a ajudar, foi preciso mais de uma hora de trabalho paciente e cuidadoso com pequenas espátulas para que o corpo ficasse completamente exposto. Ao olhar para ele, Roy sentiu um nó formar-se-lhe na garganta, pois a visão de um esqueleto que vestia apenas uma camisola apodrecida e tinha ainda as botas enfiadas nos pés recordou-lhe brutalmente que Susan atingira Reuben quando ele estava a fazer amor.

– Parece estar intacto – disse alguém. – E estendido numa espécie de manta ou pano. Dá jeito. Provavelmente vamos conseguir levantá-lo sem danificar nada.

O entusiasmo inicial esmoreceu à medida que o dia se foi arrastando, pois o patologista tinha de fazer o seu trabalho antes de os ossos poderem ser removidos, e era preciso tirar fotografias de cada

fase. Quando escureceu foi necessário montar projetores, a área foi vedada e uma tenda montada por cima da cova. O corpo de Zoë só foi exposto ao princípio da noite, e a luz dos projetores dava à cena um ar fantasmagórico.

Apesar de ao longo do dia terem sido distribuídos café e sanduíches, os homens estavam rígidos de frio, e ter de ficar por ali sem nada que fazer à espera de ordens tornava-se numa tortura.

– Deve sentir-se no topo do mundo por causa disto – disse um dos oficiais superiores da polícia galesa depois de o corpo de Zoë ter sido encontrado.

O homem passara o dia a fazer comentários jocosos e inapropriados. Roy pensou que estava provavelmente aborrecido por não ser ele a liderar a busca, e também embaraçado por ter sido preciso ir alguém de Bristol resolver um duplo homicídio na sua jurisdição.

– Ficarei contente quando puder regressar a casa – disse Roy. Não se sentia no topo do mundo. Na realidade, sentia-se doente. O seu trabalho punha-o diariamente em contacto com os piores aspetos do comportamento humano. Geralmente, havia alguma satisfação quando os culpados eram apanhados e punidos, mas naquele caso nem isso. Susan passara a maior parte da vida a ser punida.

– Não vou perder um minuto de sono por causa destes dois – disse o galês, esfregando alegremente as mãos. – Há muito tempo que aquele bando de Hill House é uma pedra no meu sapato. Vai ser um alívio livrar-me de todos eles. Há demasiados destes malucos, anormais e drogados a vir para Gales.

Roy não se deu ao trabalho de responder. Detestara o homem à primeira vista, porque era descaradamente preconceituoso. Os ocupantes de Hill House eram de facto indesejáveis, ninguém no seu perfeito juízo os quereria como vizinhos, mas não eram representativos de todos os que escolhiam Gales para viver. No entanto, aquele sujeito estava convencido de que todas as pessoas menos convencionalmente vestidas que encontrava eram drogadas. Nunca compreenderia que alguém sensível nascido e criado numa cidade podia ficar inebriado apenas pela beleza da paisagem. Ou que o país precisava desesperadamente de sangue novo, de pessoas que quisessem viver vidas pacíficas e laboriosas e criar ali os seus filhos.

Roy deixou o local do crime por volta das nove e desceu até ao *pub* da aldeia, onde tinha reservado um quarto para aquela noite. Queria um banho quente, cama e oblívio, nada mais.

Mas não conseguiu adormecer, a pensar em Beth e em como reagiria ela quando Steven lhe falasse da confissão de Susan. Sabia, de experiências passadas, aquilo por que os familiares e amigos de assassinos passavam. Frequentemente, era muito pior para eles do que para os criminosos, por vezes sentiam-se de certa maneira responsáveis, e sentiam amor, raiva, vergonha e piedade misturados num *cocktail* com que não estavam preparados para lidar.

Desejou poder telefonar-lhe, mas mesmo que ela estivesse preparada para falar com ele, que poderia dizer? Susan estivera desde o início no centro da relação entre os dois. Juntara-os, e agora tinha-os afastado.

Beth não ia querer saber como ele se sentira doente à vista dos corpos expostos, da sua admiração pelo estoicismo dos outros homens naquele bosque gelado, ou da sua preocupação a respeito de como iam os pais de Zoë reagir à notícia de que a sua única filha estava morta.

Recordou que fora aquele género de coisa que introduzira uma fenda entre ele e Meg depois da morte de Peter. Meg não tivera espaço no espírito para mais nada senão a sua dor. Não compreendera que ele continuava a ter um trabalho para fazer, um trabalho que lhe atirava para cima, quase todos os dias, coisas desagradáveis e muitas vezes traumáticas. Quisera-o tão destroçado como ela própria

estava, que não pensasse em nada, que não falasse de nada senão do filho. Ele ficara devastado, mas soubera que tinha de arranjar maneira de vencer aquilo. E ela nunca lho perdoara. Dissera que ele tinha sacudido a morte de Peter como se fosse coisa nenhuma.

Beth não era como Meg, claro, e a situação era também muito diferente, mas Roy sabia bem que as vítimas de violação tinham sempre dificuldade em confiar em quem quer que fosse. E infelizmente, uma vez que fora ele a conduzir a investigação que levara à descoberta de mais três crimes de Susan, Beth devia vê-lo como pouco digno de confiança.

Enquanto se enroscava na cama, a tentar aquecer-se, desejou ser tudo menos polícia. O seu trabalho naquele caso não terminaria no dia seguinte, quando os últimos ossos fossem levantados do chão e retirados do bosque. Só chegaria ao fim quando Susan fosse julgada e condenada. Por essa altura, o mais certo era Beth ter perdido completamente o interesse nele.

Na manhã seguinte, Beth e Steven chegaram cedo ao escritório para poderem falar antes de os primeiros clientes aparecerem. A polícia contactara Steven na tarde anterior, pouco antes de ele sair, para lhe dizer que os dois corpos de Gales tinham sido encontrados, e o de Luddington também. Steven telefonara a Beth antes do jantar, sabendo que a história ia aparecer no noticiário das nove e que no dia seguinte estaria na primeira página de todos os jornais.

– Não se pode censurar ninguém por pensar que a Susan é um novo Fred West – disse Steven, a apontar para a primeira página do *Mirror*, um dos jornais que levara consigo. O cabeçalho dizia: «Número de mortos continua a subir.»

Beth leu rapidamente o artigo.

– Dão a notícia como se estivessem à espera de mais – disse, com um suspiro.

– Como a minha avó costumava dizer, não há nada como um bom assassínio para vender jornais. – Steven esboçou um sorriso. – Era praticamente uma especialista em julgamentos de homicídio a nível mundial, lia tudo o que apanhava a respeito do assunto. Adorava a parte do perfil psicológico. Talvez tenha sido o que me influenciou a tornar-me advogado.

Beth suspirou tristemente.

– O que é que te parece que teria achado da Susan?

– Nem sequer sei o que eu próprio acho da Susan – respondeu Steven. – Tão depressa estou furioso como tenho pena dela. Compreendo, e ao mesmo tempo não compreendo. Continuo a pensar que há qualquer coisa que não nos disse. Qualquer coisa que faria uma enorme diferença.

– Será por isso que não conseguimos sentir aquilo por que ela estava a passar quando o fez? – sugeriu Beth. – Talvez pudesses pedir-lhe que to dissesse.

– Não tenho a certeza de querer saber – suspirou Steven. – A Susan já me deu pesadelos que cheguem.

Beth levantou-se da cadeira, aproximou-se dele e pousou-lhe uma mão no ombro.

– Aposto que gostarias que nunca te tivesse passado este caso – disse. – Acabou por ser um presente envenenado, não foi?

Ele sorriu debilmente.

– Quando andava na escola, pensava que ser advogado de defesa era sobretudo salvar inocentes de serem castigados por crimes que não tinham cometido.

Beth percebeu que ele estava profundamente perturbado, e a julgar pelas enormes olheiras, andava a dormir tão mal como ela.

– Também eu – disse. – Imaginava que ia ser a defensora dos oprimidos. Mas tenta arrancar-lhe essa coisa que ela não te disse. Provavelmente, não vai mudar nada. Mas talvez nos permita compreendê-la melhor.

– Vou vê-la amanhã – respondeu ele, sombrio. – Farei o que puder, mas não fiques surpreendida se não conseguir.

A caminho da prisão, no dia seguinte, Steven não parou de dizer a si mesmo que tinha de ser desapaixonado em relação a Susan. Não podia dar-se ao luxo de passar tanto tempo a pensar nela e a preocupar-se com ela, tinha outros clientes que precisavam mais da sua atenção. Competia ao psiquiatra sondar-lhe o estado mental; o papel dele era certificar-se de que tinha um julgamento justo.

Começou bastante bem.

– Já deve saber que a polícia encontrou os corpos em Gales – disse, secamente. – E o de Luddington também. Há mais alguma coisa que queira dizer-me? Ou alguma coisa que queira saber?

– Está com um ar cansado – disse ela, a observá-lo atentamente. – É por minha causa?

Estas palavras conseguiram desconcertá-lo mais uma vez, pois era bastante típico de Susan mostrar preocupação pelos outros quando ela própria se encontrava numa situação tão grave.

– Não, claro que não – respondeu, apressado. – É que tenho tido muito trabalho, ultimamente, e não ando a dormir o suficiente.

– Não me minta – disse ela, em voz baixa. – Compreendo o que tudo isto deve ter-lhe feito.

Steven olhou para aqueles olhos azul-esverdeados e viu neles genuína preocupação. Aquilo comoveu-o, porque era um sentimento que não tinha em casa.

– Faz parte do meu trabalho – disse, encolhendo os ombros.

– Já não faz – disse ela. – Vou dispensá-lo. Quero outro advogado.

Era a última coisa que Steven esperava.

– Mas porquê, Susan? – perguntou. – Está no seu direito, claro, mas gostaria que me desse uma boa razão, depois de tudo aquilo por que passámos juntos.

Ela olhou-o com uma expressão triste, o lábio inferior a tremer.

– Digamos apenas que está demasiado envolvido – disse, num fio de voz. – Quero ser defendida por alguém que não se importe.

– Isso é perfeitamente ridículo – retorquiu ele, indignado.

– Será? – Susan arqueou uma sobrancelha. – Agora já não pode ganhar, Mr. Smythe, vou apanhar perpétua, tente o senhor o que tentar. Tudo bem, aceito-o, mas não me parece que seja capaz de fazer o mesmo. É por isso que quero outra pessoa.

Steven suspirou. A óbvia sinceridade dela comovia-o, e tinha também uma sensação de alívio, apesar de ter ido ali naquela manhã a acreditar que queria defendê-la até ao fim.

– Se é o que verdadeiramente quer, é o que vai ter – disse.

Ela sorriu.

– Será o melhor para ambos – disse, num tom mais ligeiro. – É um pouco como eu, Mr. Smythe, sente demasiado as coisas. Se tenciona continuar a praticar direito criminal, vai precisar de desenvolver uma carapaça mais dura.

– Normalmente, não me deixo afetar tanto pelos meus clientes – disse ele, defensivamente. – O seu caso é especial.

– Quer compreender, não é? – respondeu ela, esboçando um sorriso. – Bem gostaria de poder

ajudá-lo, mas eu própria não compreendo.

– Pode tentar? Por mim?

Ela suspirou.

– A morte do Liam é fácil de explicar, porque foi um acidente. Eu tinha sofrido demasiado, tinha medo de perdê-lo e o que fiz foi fruto do desespero. Só posso supor que depois de termos visto um corpo estendido morto no chão, de o termos enterrado, feito desaparecer as provas e escapado impunes, o tabu de matar é quebrado. E somos capazes de o fazer outra vez.

Fez uma pausa, pensativa.

– Nenhum de nós sabe aquilo de que é verdadeiramente capaz até passar por um momento de medo ou raiva intensos. É como se houvesse outra pessoa dentro de nós que viesse ao de cima nesses momentos. Se não tivesse matado o Liam, nunca teria matado o Reuben e a Zoë. Mas também é verdade que se não tivesse matado o Liam não teria sido vítima do Reuben.

– O que é que a leva a pensar isso?

– Não estaria tão fragilizada, tão cheia daqueles sentimentos de culpa a respeito de a morte da Annabel ter sido o meu castigo por ter matado o Liam.

Pôs-se repentinamente de pé, a indicar que a explicação e a visita tinham chegado ao fim.

– Obrigada por tudo o que fez por mim, Mr. Smythe – disse, estendendo-lhe a mão. – E fez muito, embora não o saiba.

Steven apertou-lhe a mão. Pensou, naquele momento, que ela era tão majestosa como uma duquesa a agradecer aos seus criados por a terem servido.

– Não perca mais sono por causa de mim – continuou Susan. – Tem uma mulher e uma família em que pensar.

Steven ficou sem saber o que dizer face a tanta dignidade.

– Desejo-lhe sorte – foi tudo o que lhe ocorreu.

– Escrevi uma carta à Beth – disse ela, tirando um sobrescrito do bolso das calças. – Importa-se de lha entregar?

Steven assentiu.

– Cuide de si, Susan. Vou *continuar* a pensar em si, é uma coisa que não posso evitar.

– Não quero outro advogado da sua firma – disse ela, enquanto se dirigia para a porta e fazia sinal à guarda que esperava lá fora de que queria sair. – Quero alguém completamente alheio à sua firma.

Não tinham passado cinco minutos desde que Beth chegara a casa quando a campainha da porta tocou.

Pegou no intercomunicador e ouviu a voz de Steven.

– Estou a enfiar uma carta da Susan na tua caixa do correio – disse ele. – Não posso esperar, já estou atrasado, mas achei que ias gostar de a receber já.

Beth desceu os degraus dois a dois, na esperança de ainda o apanhar, mas já não foi a tempo. Steven tinha desaparecido, e a carta estava caída no tapete. Abriu-a enquanto subia a escada.

Querida Beth. Leu ela. *Não sei se vais receber esta carta antes de Mr. Smythe te dizer que o dispensei, mas não faz verdadeiramente diferença porque acho que vais compreender, mesmo que ele não compreenda.*

Não quero voltar a ver-te. Nunca mais. Por favor, não vás ao julgamento, nem tentes visitar-me, ou sequer escrever-me. Não seria bom para nenhuma de nós.

Beth fez uma pausa na leitura quando chegou ao patamar. Fechou a porta, foi para a sala de estar e continuou a ler.

O que tivemos juntas quando éramos pouco mais do que crianças será sempre precioso para mim. Quero conservar intactas essas recordações. Compreendes isso? Foi um cruel capricho da sorte que nos fez reencontrarmo-nos desta maneira. Tu tão bem-sucedida, e eu na sarjeta. Mas acredita que há sempre uma boa razão para tudo, e talvez no nosso caso não tenha sido apenas fazer-me sentir vergonha daquilo em que me tornei, mas permitir-te enfrentar o teu passado.

Disse ao teu polícia que tinhas sido violada. Talvez até já saibas disto. Disse-lho só para o magoar, para o deitar abaixo, tive prazer em fazê-lo.

Sei que isto te vai intrigar, como te terá intrigado o facto de eu ter confessado os outros assassínios. Nunca me terias julgado capaz de tanta crueldade e desejo de vingança. Mas sou.

Não saberia dizer exatamente quando deixei de ser a rapariga que conheceste. Foi muito provavelmente um processo gradual, que se arrastou ao longo de anos. Lembro-me de ter começado a ficar muito ressentida contra o meu pai e o meu irmão durante os últimos anos de vida da minha mãe. Estava a ser esticada como uma mola, mais tensa a cada dia que passava. Falei-te da chantagem moral, mas era mais do que isso. Tinha medo deles, sobretudo do Martin. O meu irmão começou a intimidar-me quase a partir do momento em que nasci, e foi piorando à medida que eu crescia. Por isso quando o meu pai lhe deixou tudo, acho que foi a gota de água. Se o Liam não tivesse reaparecido naquela altura, sei sem a mais pequena sombra de dúvida que teria matado o Martin, porque a mola tinha chegado ao ponto de rutura.

Como desejo que tivesse sido o Martin. Ter-me-ia sentido justificada ao livrar o mundo de uma criatura tão cruel e mesquinha. Talvez tivesse ido entregar-me à polícia, confessado tudo, aceitado o meu castigo e sentido que fora finalmente feita justiça.

Mas matei o homem que amava. E então, mais tarde, perdi a minha Annabel e fiquei completamente destroçada. Foi então que o Reuben apareceu, e eu pensei que estava a ser-me oferecida uma oportunidade de me redimir.

Aqui sentada na minha cela a escrever-te, não sei explicar exatamente porque foi que senti que tinha de matá-lo, e à Zoë. Mas sei que toda a raiva que sentia contra o Martin, e o meu pai, a perda da Annabel e o que tinha feito ao Liam se misturavam com a humilhação e a dor que o Reuben e a Zoë me tinham infligido. Tinha de lhes mostrar que não podiam fazer-me aquilo e ficar-se a rir.

A morte deles assombrou-me, mas não de uma maneira culpada, como seria de esperar. Sentia uma espécie de exaltação por tê-lo feito. Sentia-me poderosa e no controlo pela primeira vez na minha vida.

Pensei que aquele poder recém-descoberto continuaria comigo quando voltasse a Bristol. Imaginava-me a arranjar um bom emprego, e um sítio bonito para viver. Mas as minhas roupas eram miseráveis. Não tinha dinheiro e as recordações da Annabel enchiam-me novamente a cabeça.

Estava presa no fundo de um poço. Sem roupas decentes não conseguia arranjar um bom emprego, e sem um emprego não tinha dinheiro para as comprar. Tudo o que o trabalho como empregada de limpeza me dava era apenas o mínimo para pagar a renda e comer. Não tinha saída.

Talvez se não tivesse visto o Dr. Wetherall e aquela cabra loura nos Downs tivesse acabado por

encontrar uma escada. Mas vê-los juntos fez-me lembrar que tinham sido eles os responsáveis pela morte da Annabel. E nesse momento encontrei uma coisa em que me concentrar. Segui-los e vigiá-los excitava-me, dava-me uma nova razão para viver. Aprendi muito sobre eles e sobre a sua rotina diária. Costumavam ir beber um copo ao pub *Adam and Eve, em Hotwells, depois do trabalho. Eu sentava-me no canto atrás do expositor dos jornais e observava-os, e espantava-me por estarem tão embrenhados um no outro que nem davam por mim. Pensava em muitas maneiras diferentes de lhes fazer mal, desde contar tudo à mulher dele e ao marido dela, a pintar a palavra «Adúlteros» na porta da clínica. Cheguei até a pensar em matar um dos filhos de um deles. As pessoas podiam pensar que eu era alcoólica, mas a única coisa em que estava viciada era em vingança.*

Havia, no entanto, uma pequena parte de mim que tinha medo daqueles sentimentos. Sabia que estava descontrolada, mas não tinha maneira de comunicar com quem quer que fosse, nem sequer dizia bom-dia ou boa-tarde às outras pessoas do prédio em Belle Vue. Entrava sozinha nos escritórios para fazer a limpeza, e eles deixavam o meu dinheiro em cima de uma secretária todas as sextas-feiras. Nunca lá via ninguém. Era quase como ser um pequeno animal noturno, a viver uma vida invisível aos olhos dos outros. Estava tão só. Quando levava uma garrafa de vinho comigo para me sentar na praça em Hotwells, suponho que era sempre na esperança de alguém me dizer qualquer coisa, de ser presa ou levada para um hospício. Mas ninguém me ligava o suficiente para falar sequer comigo.

Uns dias antes de os matar, estive doente. Fiquei a tiritar na minha cama naquele quarto horrível, sabendo que se morresse passariam semanas antes que alguém encontrasse o meu corpo, quanto mais importarem-se em saber que eu estava completamente sozinha. De repente, a prisão pareceu-me muito melhor do que aquilo que tinha, e por isso desisti da ideia de um assassínio clandestino. Matá-los à frente de toda a gente seria muito mais simples e mais dramático. Todos saberiam quem o tinha feito, e porquê. Não me importava o que pudesse acontecer-me a seguir.

Se me tivessem dado outro advogado, duvido que tivesse tido um instante de remorso. Mas tu apareceste, e todas aquelas recordações, sentimentos, esperanças e sonhos voltaram como uma onda. O suficiente para me fazer pensar no que me tinha tornado. Por causa de ti, Mr. Smythe preocupou-se comigo, e o inspetor Longhurst também. Durante todos aqueles anos tinha querido que alguém se preocupasse só um bocadinho, mas quando aconteceu, demasiado tarde para poder mudar fosse o que fosse, descobri que não era capaz de lidar com a situação.

Apesar de saber o que pensas, sou perigosa. Tenho de estar separada das outras pessoas. Portanto esquece-me, Beth. Continua com a tua vida, encontra a felicidade. Eu poderia ser feliz se pudesse pensar que, no meio de toda a minha maldade, tinha ao menos sido o catalisador que te dera forças para te libertares da dor do teu passado.

Lembras-te de brincarmos a respeito de nos tornarmos numas monas que ninguém queria? Não acreditávamos verdadeiramente que acontecesse, pois não? Eu imaginava que quando fizesse dezasseis anos me transformaria miraculosamente numa beldade esguia e elegante e que haveria uma fila de rapazes à espera para me convidar para sair. Imaginava um casamento vestida de branco, contigo como minha dama de honor, e então projetava o sonho ainda mais longe e via-me com vários filhos e tu, a tia preferida, a aparecer para nos visitar.

Não sei qual de nós as duas foi a mais triste, eu, demasiado fraca para insistir em ter uma vida própria e a acabar por transformar-me numa assassina, ou tu, com toda a tua inteligência e

beleza a permitires que três bestas te impedissem de encontrar o amor e a felicidade.

Não é demasiado tarde para desceres desse muro onde tens estado empoleirada há tanto tempo. Desce agora, junta-te à vida, faz parte dela. Fá-lo por mim, Beth.

Com todo o meu amor e doces recordações,

Susan

Beth tinha começado a chorar muito antes de chegar ao fim da carta, e quando acabou foi para o quarto, atirou-se para cima da cama e soluçou como quando era uma adolescente.

Talvez a explicação de Susan não fosse o suficiente para muitas pessoas, mas para ela era. As vidas de ambas podiam ter decorrido em polos opostos, mas, no âmago, eram iguais. Beth sabia o que era sentir-se tão só que o espírito se fechava sobre si mesmo, impedindo a entrada a quem quer que fosse. Sabia como a dor e a humilhação podiam levar uma pessoa ao ponto de rutura.

Tinha o seu ódio pelo pai. Susan tinha o dela pelo irmão. Havia incidentes nas vidas das duas que nunca tinham chegado a ser resolvidos. Sabia que tivera mais sorte na medida em que a carreira lhe dera a possibilidade de ser independente. Mas estava tão amarrada ao passado como Susan estivera em relação à mãe doente.

Ainda a chorar uma hora mais tarde, ouviu a campainha da porta, e, a pensar que talvez fosse Steven, levantou-se para atender.

Mas não era Steven, era Roy.

Não foi capaz de recusar-lhe a entrada. Até podia ser que ele trouxesse uma mensagem urgente.

Enquanto ele subia a escada, ela tentara lavar a cara, mas não conseguira livrar-se dos sulcos de máscara e da vermelhidão dos olhos.

Roy olhou para ela, passou-lhe os braços à volta do corpo e apertou-a com força, ali no pequeno vestíbulo.

– Tinha de te ver – murmurou, a boca escondida nos cabelos dela. – Não aguentava mais um dia sem te ver.

– Eu disse-te que te mantivesses afastado de mim até isto acabar – soluçou ela, a tentar empurrá-lo.

– Eu sei que disseste – respondeu ele, sem a largar. – Mas a mim parece-me que neste momento precisas de um amigo tanto como eu.

Beth cedeu, não lhe restavam forças para lutar com ele, e entregou-lhe a carta de Susan, para que ao menos ele soubesse porque estava tão perturbada.

Estudou-lhe o rosto enquanto ele lia. Disse a si mesma que se detetasse o mais pequeno sinal de cinismo, o mais pequeno som de troça ou o mais ligeiro comentário depreciativo, o punha na rua. Mas, para seu espanto, viu uma lágrima deslizar-lhe pela face.

O seu coração derreteu-se, pois sabia que aquelas feições duras não estavam habituadas a sentir a humidade das lágrimas.

Roy olhou para ela, os olhos escuros cheios de água.

– É muito nobre – disse, com uma voz rouca. – Nem uma palavra de autocomiseração, não tenta sequer agarrar-se a ti como a uma jangada.

– Nenhum comentário cínico a acrescentar? – perguntou Beth, ainda a lutar por conter as lágrimas.

Roy estendeu a mão, agarrou a dela e obrigou-a a sentar-se no sofá, a seu lado.

– Como posso eu ser cínico? As palavras que ela escreveu vieram-lhe diretamente do coração. Foi até suficientemente sincera para confessar que me tinha contado, e porquê.

– Mas tu prendeste-a. Estiveste presente na procura dos corpos. Falaste com a mãe da Zoë. Não

poderia censurar-te se estivesses totalmente contra ela.

– Não gosto do que ela fez, mas isso não me impede de vê-la como é. Ou como poderia ter sido se o destino não tivesse conspirado contra ela.

– Há quanto tempo é que ela te contou a meu respeito?

– Foi na sexta-feira de manhã. Interrompi o interrogatório. Quando recomeçámos, à tarde, disse que queria confessar.

– Eu ia dizer-te – disse Beth, recomeçando a chorar. – Estou envergonhada por teres sabido assim.

Roy abraçou-a e apertou-a contra o peito.

– Não tens motivo nenhum para te envergonhares. A vergonha é toda dos animais que te fizeram uma coisa tão horrível – disse ele, num tom veemente. – Além disso, acho que sempre soube que seria qualquer coisa no género – murmurou, com os lábios encostados à testa dela. – Acho que devias contar-me tudo agora.

– Mas tu estás cansado, há dias que não descansas como deve ser – respondeu ela, a tentar empatar.

– Não estou tão cansado que não queira ouvir uma coisa que trazes trancada dentro de ti há tanto tempo. – Disse ele, suavemente.

E Beth contou-lhe, descreveu tudo em pormenor, e enquanto o fazia soube que seria finalmente capaz de pôr aquilo para trás das costas. A reação dele, de fúria e dor, foi a que sempre desejara do pai, e nunca tivera.

– Não admira que desprezes o teu pai! – explodiu Roy, cerrando os punhos e batendo com eles no braço do sofá. – Que filho da mãe! Se não fosse tão velho, sentir-me-ia tentado a ir agora mesmo ao lar onde está e dar-lhe uns safanões.

Beth deixou escapar uma gargalhada oca.

– Já não ia com certeza fazer grande diferença – disse. – Mas há outra coisa, Roy, mais importante para ti e para mim. Aquilo deixou-me frígida.

Aquelas palavras, que nunca tinha dito a ninguém, pareceram ecoar pela sala. Beth teve de fechar os olhos, porque não queria ver o choque e a deceção na cara dele.

Sentiu a mão grande dele na face, a acariciá-la docemente, e então Roy beijou-a nos lábios, com uma enorme ternura.

– Nesse caso, vamos trabalhar nisso – murmurou ele. – Para ti, tenho toda a paciência do mundo. Se nunca pudéssemos ter mais do que uma relação platónica, preferiria isso a perder-te.

Roy foi-se embora mais tarde, depois de ter feito uma omeleta para os dois e insistido com Beth para que tomasse um banho quente e se deitasse cedo. Ela bem via que ele estava exausto, apesar de dizer que não tinha importância, que estava habituado.

Não a obrigara a escavar mais no passado nem lhe sugerira que falasse com um psiquiatra, como ela esperara e temera. Não falara do que tinha feito em Gales, fora como se tivesse decidido que a única maneira de seguir em frente era separar o passado do presente e olhar para o futuro.

A última coisa que dissera antes de sair, por volta das nove, fora que, no sábado, queria levá-la a ver a casa onde vivia.

Beth acordou de um sonho erótico no qual Roy estava a fazer amor com ela num bosque. Fora tão intenso e real que toda ela tremia e tinha o corpo pegajoso de suor. Nunca tivera um orgasmo, ou estivera sequer perto disso, mas sentia que acabava de lhe acontecer. Voltou a fechar os olhos,

desejosa de regressar ao seu sonho, mas embora visse a cara de Roy e recordasse os seus beijos, não era a mesma coisa.

Incapaz de adormecer, acendeu a luz e olhou para o relógio. Eram cinco da manhã.

No mesmo instante, soube o que queria fazer. Se tentasse reprimir o impulso, talvez nunca o fizesse. Saltou da cama, vestiu o casaco por cima da camisa de noite, calçou os chinelos, pegou nas chaves e correu escada abaixo em direção ao carro.

Só quando chegou a Queen Charlton se apercebeu de que não sabia o nome da vivenda de Roy. Parou num cruzamento, sem saber para que lado seguir. A noite estava escura como breu, não havia iluminação pública e só meia dúzia de casas tinha luzes por cima das portas.

À sua direita ficava a igreja, as casas do lado esquerdo pareciam demasiado grandes, tal como aquelas pelas quais já tinha passado, e sabia que a estrada em frente seguia para Keynsham. Achou que Roy teria referido o facto se morasse ali. O que deixava apenas o carreiro, que ela sabia não ter saída e que desembocava diretamente nos campos.

Meteu por ele, avançando devagar, a examinar as casas. Todas elas pareciam muito maiores do que imaginava como seria a casa de Roy. Passou-lhe pela cabeça que se alguém a visse poderia chamar a polícia, tomando-a por um ladrão. Sorriu à ideia de ser detida vestindo apenas uma camisa de noite enquanto procurava um polícia.

E então viu o carro de Roy mesmo ao fim do caminho, em frente de uma vivenda que era maior e, mesmo na escuridão, mais bonita do que ele dera a entender. Estacionou ao lado e apeou-se, fechou o carro sem fazer barulho e aproximou-se nas pontas dos pés da porta da frente.

Os olhos dela começavam a habituar-se à escuridão. Conseguia distinguir a sebe à volta do jardim, que presumivelmente confinava com os campos. Estava tudo muito silencioso em comparação com o lugar onde vivia, como se a escuridão fosse uma manta que lhe tapava os ouvidos. Mas o frio era intenso, e o vento assobiava através do casaco e subia-lhe pelas pernas nuas.

Não havia campainha que pudesse ver, de modo que tentou bater à porta. Mas nenhuma luz se acendeu, e aquilo começou a parecer-lhe uma perfeita loucura. Voltou a bater, dessa vez com mais força, mas continuou a não obter resposta, de modo que contornou a casa, calculando que Roy escolheria um quarto com vista.

Só uma das janelas tinha as cortinas corridas, e ela atirou um punhado de saibro às vidraças. Nenhuma resposta. Voltou a tentar, com o mesmo resultado.

Estava a preparar-se para regressar ao carro quando reparou na árvore – provavelmente uma macieira ou uma cerejeira, a julgar pelo tamanho e forma. Embora não estivesse suficientemente perto para que pudesse chegar à janela se conseguisse trepar-lhe, podia sacudir um ramo de modo a bater nos vidros.

Riu para si mesma. Nos seus tempos de menina, fora a melhor da aldeia a trepar às árvores, mas havia pelo menos trinta anos que o não tentava, e nunca o tinha feito no escuro. Mas naquele momento sentia-se capaz de tudo – trepar, voar, fazer sapateado nos degraus da porta dele. Tinha sido finalmente libertada, podia fazer todas as coisas ao lado das quais tinha passado depois da violação.

A parte inferior do tronco não tinha quaisquer apoios para as mãos ou para os pés, mas o ramo mais baixo ficava a pouco mais de um metro acima da cabeça dela. Beth saltou, conseguiu agarrá-lo e, a balouçar-se e avançando uma mão de cada vez, foi-se aproximando do tronco. O casaco atrapalhava-a, os chinelos tinham-lhe caído dos pés e o vento gelava-lhe as pernas e o traseiro nus,

mas imaginar a surpresa de Roy quando acordasse e a visse empoleirada na árvore dava-lhe forças. Chegou ao tronco, encontrou um ponto de apoio e trepou para a copa.

Estava agora muito perto da janela. Pôs cuidadosamente o pé num ramo grosso, que lhe pareceu suficientemente forte para aguentar o seu peso, e avançou por ele, agarrada a um outro mais acima. A um metro da janela, agarrou um ramo mais fino e agitou-o, fazendo-o bater nos vidros.

– Roy! – sibilou. – Roy!

Mesmo enregelada, o ridículo da situação continuava a dar-lhe vontade de rir. Imaginava os cabeçalhos dos jornais: «Advogada Seminua Tenta Forçar Entrada em Casa de Inspetor da Polícia», ou «Sem Cuecas para Interrogatório com Polícia».

Puxou o ramo mais fino para si, dobrando-o como uma mola, e largou-o: a ponta bateu na janela com um ruído muito mais forte. Um cão ladrou, algures ali perto. Beth perguntou a si mesma o que faria se aparecesse alguém.

Então, de repente, Roy afastou as cortinas e olhou para fora.

Beth riu alto ao ver a cara de espanto dele, sabendo que devia parecer uma bruxa, com a sua cara muito branca e os cabelos negros. Mas talvez ele a tivesse ouvido rir, pois abriu a janela.

– Beth? – disse, como que incapaz de acreditar que fosse realmente ela.

– Sim, sou eu, a tentar fazer uma entrada ilegal – sussurrou ela, e foi dominada por um acesso de riso.

– O que eu devia era deixar-te aí pendurada – sussurrou ele em resposta.

– Olha que eu grito se o fizeres, e então os teus vizinhos vão aparecer a correr, e desde já te digo, só tenho uma camisa de noite por baixo deste casaco, mais nada.

Roy desapareceu da janela e instantes depois estava debaixo dela, a olhar para cima, embrulhado num roupão, de pernas nuas.

– Como diabo foste parar aí acima? – sussurrou.

Beth deslizou ao longo do ramo, chegou ao tronco e desceu até ao primeiro ramo que tinha usado para se içar. Sentou-se nele e estendeu os braços para Roy.

– Apanha-me!

Eram menos de três metros e ele apanhou-a sem esforço, apertando-a com força contra o peito.

– Mas que coisa mais maluca! – exclamou, num murmúrio teatral. – Porque não telefonaste?

Estava a levá-la para dentro como se ela não pesasse nada.

– Não estarias a fazer isto se eu te tivesse avisado de que vinha – riu ela.

– O que tu mereces é umas palmadas nesse rabo – disse ele, com fingida severidade, e pousou-a junto ao aquecedor, que se apressou a ligar. – A casa nem sequer está aquecida porque eu estive fora. Enfiei-me na cama mal cheguei.

– Então vamos enfiar-nos lá os dois antes que fique demasiado frio – disse Beth, desligando o aquecedor. Pôs-se de pé e estendeu a mão.

O sorriso rasgado dele foi maravilhoso de ver, e Beth ficou contente por ele não lhe perguntar se tinha a certeza. Roy pegou-lhe na mão, levou-a aos lábios e beijou-a.

– Venha comigo, *milady* – disse, e puxou-a atrás de si em direção às escadas.

Uma vez no quarto ainda às escuras, despiu o roupão, mas Beth via o suficiente para notar que usava uns *boxers*. Então despiu-lhe o casaco e enfiou-a literalmente na cama.

– Pareces um bloco de gelo – exclamou quando se deitou ao lado dela e a abraçou, com um momentâneo movimento de recuo ao sentir como estava fria. – Vou ter de dar-te não só o beijo da

vida mas também uma boa esfregadela.

Não houve um momento de medo, temor ou até apreensão, porque a maneira firme mas gentil como ele lhe massajou as pernas, as nádegas e as costas com as mãos grandes e quentes, devolvendo-lhes o calor, pareceu tão certa. Beth sentiu-se derreter quando ele a beijou, os dois corpos a ajustarem-se um ao outro como se fizessem parte da mesma peça.

Roy não tentou tocar-lhe nos seios enquanto ela não começou a apertá-los contra o peito dele, mas quando finalmente o fez Beth sentiu o mesmo estremecimento de excitação que sentira quando, com dezasseis anos, fora pela primeira vez acariciada por um rapaz, no meio de um campo de feno.

Foi tudo tão lento, terno e gradual que Beth se perdeu em si mesma e entrou numa coisa tão nova, tão bela que o passado se desvaneceu e nada importava senão os lábios dele contra os dela, os dedos dele a acariciarem-na. Foi como o sonho que tivera pouco antes, só que mais quente, mais sensual e excitante. Não havia medo, apenas o desejo de que continuasse para sempre. Nem queria acreditar que estava finalmente com um homem capaz de despertar todas aquelas partes dela que tinham estado adormecidas durante tanto tempo.

– Diz-me do que gostas mais – sussurrou Roy.

– Não posso, é tudo tão maravilhoso – suspirou ela, extasiada. – Mas mostra-me como dar-te prazer a ti.

– Brincar com o teu corpo dá-me prazer que chegue – disse ele enquanto lhe beijava os seios e a sondava gentilmente com os dedos, fazendo-a arquejar de desejo. – Amo-te, Beth, quero-te a meu lado para sempre.

Para Beth, era como estar a ser sugada do mundo real para um outro de sensações intensas, e o seu corpo já não lhe pertencia, era um órgão pulsante que Roy tocava. As sensações cresciam e cresciam, até que, de repente, uma onda avassaladora, espantosa, cresceu dentro dela e rebentou, e soube finalmente como era ter um orgasmo.

Roy penetrou-a e ela agarrou-se a ele, ainda afogada na pura felicidade de tudo aquilo. Ouviu-se a gritar o nome dele, a agitar-se debaixo dele, a incitá-lo a entrar mais fundo, cada vez mais fundo dentro dela. Foi simplesmente a coisa mais maravilhosa que alguma vez tinha experimentado.

Uma luz acinzentada filtrava-se através das cortinas e eles estavam deitados e abraçados, sonolentos mas com uma intimidade ainda demasiado recente entre eles para conseguirem dormir.

– Tenho de ir trabalhar – disse Beth tristemente.

– Não, não tens – respondeu Roy. – Diz que estás doente e fica em casa comigo.

– Mas tenho reuniões…

Roy pôs fim à discussão com um beijo.

– São ladrões e bandidos, eles que esperem um ou dois dias – disse. – Além disso, não podes ir para casa de camisa de noite em plena luz do dia.

Beth ainda não tinha pensado naquilo. Não podia de forma alguma estacionar o carro e entrar no seu apartamento vestida como viera até ali.

– O que é que faço, então?

– Deixa que eu telefono. Sou muito bom a mentir, quando é preciso – riu ele. – Ficamos aqui na cama até à hora do almoço, e então eu vou ao supermercado comprar qualquer coisa para comermos e qualquer coisa para tu vestires.

– Acho que sinto uma grave doença a aproximar-se. – Beth riu e aconchegou-se mais na cama. –

Sou capaz de demorar semanas a recuperar.

– E eu sou capaz de apanhá-la também – disse ele, puxando o edredão para cima das cabeças de ambos. – É até bem possível que nunca mais consigamos levantar-nos desta cama.

Steven sorriu ao pousar o telefone depois de ter falado com Roy. A história a respeito de Beth ter ficado com uma indisposição de estômago depois de uma refeição em casa dele teria sido perfeitamente plausível para qualquer outra pessoa. Mas Steven sabia que Beth era do género de insistir em ser levada para a sua própria casa se tivesse adoecido. Calculou que a única doença que ali havia era a doença do amor.

Ficou contente por Beth. Verdadeiramente contente por alguma coisa de bom ter resultado daquela triste história com Susan. Mas a verdade era que se não fosse Susan nunca teria conhecido Beth tão bem, e Anna continuaria a beber, e as raparigas continuariam infelizes.

Pôs-se de pé. Ia ter de dizer a Brendan que Susan o tinha dispensado e que Beth estava doente. Brendan não ia gostar de nenhuma das coisas, mas Steven não queria saber. Uma coisa de que podiam ter a certeza na prática do direito criminal era que nunca faltariam clientes. Só esperava que se aparecesse outra Susan, não o afetasse tanto como aquela afetara.

CAPÍTULO 21

–Porque é que está com esse ar tão satisfeito, Fellows? Susan sorriu à mulher que lhe abriu a porta. Bagnell, ou Baggy, como as outras lhe chamavam, era uma das guardas decentes. Tinha uns modos bruscos, mas não era uma bruta, e também não era *gay*. Na realidade, costumava aparecer na cela de Susan para dois dedos de conversa. Gostava de jardinagem e era a encarregada das estufas da prisão.

– Acabo de ter uma conversa com o meu advogado – respondeu. – Parece que o julgamento vai ser no início de julho.

Estava-se em abril. Fazia já seis meses que Susan se encontrava detida em Eastwood Park.

– Sabe que não vão mandá-la de volta para aqui, não sabe? – avisou Baggy. Era uma mulher grande, com cabelos louros frisados e um sinal de nascença cor de vinho do porto na cara. Susan suspeitava de que tinha escolhido aquela profissão como uma maneira de se esconder. – Provavelmente irá para Durham, pelo menos durante uns tempos. Não é nenhum piquenique, conheço aquilo, já lá trabalhei.

– Nesse caso, vou ser uma menina bonita e eles mandam-me para outro sítio – respondeu Susan, despreocupadamente.

Já não tinha medo da prisão. Aprendera a defender-se. Depois de cumprido o castigo, tinham-lhe dado uma cela só para ela. Correra palavra de que quase matara Frankie, e as implicações e as troças tinham cessado miraculosamente. Então Baggy conseguira pô-la a trabalhar nas estufas, a tratar das plantas que lá cresciam, e estar no exterior um par de horas por dia fizera toda a diferença. Além disso, agora tinha uns óculos e podia finalmente ler.

– É a primeira mulher que conheço que não tem medo de ser condenada – disse Baggy, com uma ponta de admiração.

– Porque havia de ter medo se já sei o que vou apanhar? – respondeu Susan. – Vão dar-me a perpétua, e está tudo dito.

– Isso não a preocupa?

Susan encolheu os ombros.

– Já não há lá fora nada para mim. Se me pusessem na rua amanhã, nem sequer saberia para onde ir. Cá dentro, ao menos, há pessoas que se preocupam comigo, se vivo ou morro. Não tenho frio, não passo fome, tenho pessoas com quem falar. Até já me habituei ao barulho.

– Como é o novo advogado que lhe arranjaram? – perguntou Baggy enquanto percorriam juntas o corredor. A maior parte dos funcionários da prisão gostava de Steven Smythe, e muitos perguntavam-se porque o teria Susan dispensado. Ela não dissera porquê, claro, raramente falava de si mesma, e toda a gente sentia que havia ali um mistério, até porque Smythe fazia questão de perguntar por ela sempre que ia visitar outras clientes. Por vezes, levava-lhe livros ou doces.

– O Franklin é boa pessoa. Nada do género de nos fazer o coração bater mais depressa. – Susan riu ao recordar o advogado gordo, com os seus cabelos brancos e a sua cara redonda e jovial. – O melhor de tudo é que me aceita tal como sou agora. Não está constantemente a falar-me do meu

passado.

– Bem, acho que não precisa – disse Baggy, pensativa. – Vai declarar-se culpada, o caso está resolvido. Vá lá, diga-me, porque foi que dispensou o outro? Era um rapaz tão simpático.

– Demasiado simpático para o que lhe convinha – respondeu Susan, com uma pequena gargalhada. – Tive a impressão de que se ficasse com ele ia acabar num sítio qualquer para criminosos malucos.

Sorriu ao entrar na cela. Baggy levava-lhe muitas vezes revistas de jardinagem, e ela cortara algumas fotografias de flores e colara-as nas paredes com pasta de dentes, para animar um pouco o lugar. Tinham-lhe dito que, em algumas prisões, os condenados a prisão perpétua podiam ter um edredão, um candeeiro de cabeceira e até uma televisão. Com essa perspetiva em mente, não se importava de ter de sair dali.

– Quando cá apareceu, pensei que era maluca – admitiu Baggy. – Não quer dizer que se comportasse como se fosse, mas… – Calou-se repentinamente.

– Por causa do que tinha feito? – disse Susan, completando o pensamento. – Não, não sou maluca, só fui abusada de mais. Se olhar bem à sua volta, descobrirá que há muitas mais como eu. Felizmente para elas, não fizeram coisas tão más como eu fiz.

– Diga-me, Fellows, não está arrependida?

– Sinceramente?

Baggy assentiu.

– Só entre nós.

– Não, não estou. Bem, em relação ao primeiro sim, mas a verdade é que não queria fazer-lhe mal, foi um acidente. Mas estaria a mentir se dissesse que me arrependo dos outros.

Baggy abanou a cabeça, confusa.

– É uma pessoa estranha – suspirou. – Acho que, para seu próprio bem, é melhor mentir quando for a tribunal. E agora vou ter de fechá-la outra vez.

Susan sentou-se na cama quando a porta se fechou com uma pancada metálica. Pensou que provavelmente era mesmo «estranha», uma vez que a maior parte das mulheres nem sequer dizia a verdade a respeito dos motivos porque tinham sido presas. Falavam de «fraude» quando era roubo em lojas. Ou inventavam que tinham atacado um homem e tinham sido detidas por agressão agravada quando na realidade tinham feito mal aos próprios filhos. Pessoalmente, não via a vantagem destas mentiras, não por causa da questão moral, mas porque, uma vez feita a confissão, ficava o assunto arrumado, não se tinha de ficar na angústia de não saber quando se ia ser desmascarado.

A maior parte das detidas que estavam em prisão preventiva quando ela ali entrara já tinha partido, incluindo Frankie, mas todos os dias chegavam outras novas. Ouvia-as chorar e tinha pena delas, sobretudo das mais jovens. Muitas eram ainda crianças aos dezoito anos, arrastadas por asilos e famílias de acolhimento até irem acabar ali destruídas pelo consumo de drogas. Muitas não sabiam ler nem escrever e muitas tinham filhos que lhes tinham sido tirados, algumas estavam grávidas. Susan chorava por elas, mas não conseguia chorar pelos seus próprios crimes.

Parecia-lhe que o remorso pelo que tinha feito era uma coisa desnecessária. Por isso, em vez de se entregar a esse exercício de futilidade, ajudava as que precisavam de ajuda. Escrever cartas, ouvir-lhes as ansiedades, impedir as outras de as maltratarem, isso, sim, eram coisas úteis. O remorso não faria ninguém voltar de entre os mortos, não mudava nada para ninguém.

Dirigiu-se à janela e subiu para a sanita para poder ver através das grades. A cela dava para o

pátio do recreio. Havia um canteiro no extremo mais distante, cheio de tulipas vermelhos e amarelas. Esperava poder ver florescer as petúnias e as beijos-de-frade que plantara nas travessas antes de se ir embora.

Perguntou-se se Beth se interessaria por jardinagem. Mr. Franklin entregara-lhe um bilhete de Steven Smythe na sua última visita. Dizia que Beth passava agora a maior parte do seu tempo livre em casa do tal polícia. Achava que iam casar em breve.

– Espero que sim, Beth – murmurou para si mesma. – Sê feliz. Como eu sou agora.

E não estava a enganar-se a si mesma. Era verdade que pensava muitas vezes na época em que os pais tinham morrido e desejava ter-se candidatado a um lugar num colégio interno, ou tentado entrar para enfermagem. Teria sido boa em qualquer desses trabalhos. Por outro lado, se não fosse Liam nunca teria tido Annabel nem conhecido a alegria da maternidade. Não obstante a agonia de a ter perdido, aqueles quatro anos continuavam a ser anos dourados, os melhores de toda a sua vida.

Nunca nada poderia voltar a proporcionar-lhe a pura bem-aventurança daqueles quatro anos, mas agora estava satisfeita. Não havia ali nada por que lutar, não havia verdadeira ansiedade. Descobrira que gostava da ordem da prisão e da sensação de segurança. Em retrospetiva, via que fora a insegurança e talvez a falta de uma estrutura rígida na sua vida que a tinham desequilibrado depois da morte dos pais. Agarrar-se a Liam e odiar Martin, tudo contribuíra.

Talvez achasse uma nova prisão mais dura do que aquela, mas agora sabia o que fazer e podia, apelando às pessoas certas, conseguir a transferência para uma mais fácil. Nunca nada poderia voltar a ser tão mau como viver naquele quarto frio e húmido em Belle Vue.

Em maio, a cerejeira junto à casa de Roy a que Beth tinha trepado estava coberta de flores. Numa quente e soalheira tarde de domingo, Beth e Roy estavam a apanhar sol no relvado, deitados em cima de uma manta, e a discutir o casamento.

Roy vestia apenas uns calções e tentara convencer Beth a trocar o vestido por um biquíni, mas ela não queria porque tinha vergonha do seu corpo muito branco. Mas decidira começar a frequentar o solário à hora do almoço, quanto mais não fosse para conseguir o tom de biscoito pálido que Roy ostentava.

– Não podemos ter um casamento branco, seria ridículo – protestava ela.

– Porquê? – argumentou Roy. – Por causa da nossa idade, ou porque achas que não temos direito?

Desde aquela noite de fevereiro em que Beth trepara à árvore para o acordar, tinham passado juntos praticamente todos os momentos livres. A vivenda de Roy tornara-se pouco a pouco a primeira residência de Beth, que só ia dormir ao apartamento de longe a longe, quando ficava até mais tarde no escritório. Mesmo quando Roy trabalhava à noite ou tinha de ausentar-se por um par de dias, ela preferia a tranquilidade da casa na aldeia. Olhar para os campos podia não ser tão espetacular como a vista de Bristol que tinha da sua janela, mas para ela era muito mais cativante. Há já algumas semanas que falavam de casamento, e Beth estava tão desejosa como Roy.

– Não sei dizer exatamente porque é que acho que é ridículo – admitiu ela, a olhar para o guarda-sol de flores cor-de-rosa por cima deles. – É demasiada confusão, suponho.

– Não precisa de ser uma coisa em grande – disse ele. – Podemos casar na igreja da aldeia, só a tua família, os da minha que se possa esperar que se portem como deve ser e alguns amigos.

Beth riu. Roy ficava sempre um pouco ansioso por causa da família, mas ela gostava das irmãs dele. Talvez fossem um pouco rudes, mas tinham bom coração. Sabia que também Robert e Serena

iam gostar delas, porque snobismo não era coisa que tivessem herdado do pai.

Levara Roy a conhecer a família em março, e ainda sentia um calor no peito ao recordar aquele maravilhoso fim de semana. Serena e Robert tinham-no acolhido de braços abertos, e ele ficara igualmente encantado com eles. Ver Serena a sorrir ternamente enquanto Roy jogava futebol com os filhos de Robert, ouvir as sobrinhas perguntarem ansiosas se podiam ser damas de honor fora só por si quase mais do que o suficiente. E, de repente, deixara de sentir-se uma intrusa a espreitar tristemente de fora para uma família feliz, e sim alguém que lhe pertencia.

– Vá lá, diz que sim – disse Roy, inclinando-se para a beijar. – Quero estar de pé junto ao altar e voltar-me e ver-te subir a coxia de vestido branco e véu, e as tuas sobrinhas a pegar na cauda. É como uma declaração pública de como te amo.

Beth sentiu as lágrimas subirem-lhe aos olhos. Roy conseguia mesmo ser lamechas e romântico, quando queria. E ela adorava, porque tudo aquilo era novidade, mas por vezes sentia que não o merecia verdadeiramente.

– E se o vigário não quiser casar-nos? – perguntou. – Lembra-te de que és divorciado!

– Foi ela que me deixou – recordou-lhe ele. – E além disso, já falei com o vigário e ele é todo a favor.

– Ah, falaste, foi? – Beth fê-lo rolar para o lado e sentou-se às cavalitas em cima dele. – Já a fazer coisas nas minhas costas! Que mais andaste a magicar em segredo?

– Marquei o casamento, sujeito a confirmação, para a primeira semana de agosto – confessou ele, a fingir-se preocupado. – Disse-lhe que lhe telefonava esta noite, se tu estivesses de acordo.

– E se não estiver? – perguntou ela, puxando-lhe as orelhas.

– Nesse caso, vou ter de torturar-te até dizeres que sim. Levo-te para cima, algemo-te à cama e dou-te pinocadas até te submeteres.

– Pinocadas! – exclamou ela. – Que raio de expressão é essa?

Em vez de responder, ele agarrou-a pela cintura e levantou-a em peso, como fazia quando brincava aos aviões com as sobrinhas dela.

– Põe-me no chão – protestou Beth a rir, enquanto pairava no ar por cima dele. – Sou demasiado grande para isto.

– Então talvez não te dê pinocadas, talvez te mantenha assim no ar a tarde toda. Vai começar a doer dentro de um minuto.

– Já está a doer – gritou ela. – Prefiro as pinocadas.

Roy pousou-a na relva e inclinou-se para voltar a beijá-la.

– Amo-te, Beth. Vamos fazer isto como deve ser. É para sempre, ao fim e ao cabo – disse, ternamente.

Beth levantou-se minutos depois e foi a casa fazer chá para os dois. Quando entrou na sala de estar, deteve-se e olhou em redor, recordando a si mesma que depois de casarem aquela seria verdadeiramente a sua casa.

Antes de a ter visto julgava, pelo que ele dizia, que era uma espécie de pardieiro meio derruído. Mas nada poderia estar mais longe da verdade. Roy deitara abaixo as paredes de várias divisões pequenas para fazer uma grande sala em forma de «L», com janelas a toda a volta e o teto suportado por traves. A parte mais próxima da porta da frente e do vestíbulo era a área de convívio e a mais afastada servia de sala de jantar, ligada à cozinha. Todos os soalhos tinham sido cuidadosamente lixados e envernizados.

Da primeira vez que ali estivera, havia pouca mobília, apenas o sofá branco de que ele lhe falara, uma televisão e uma velha mesa. Ela própria escolhera o material para os cortinados, um pano de lã quase branco, pesado e macio, com motivos bordados em escarlate e verde suave.

Desde então, tinham comprado um enorme tapete indiano que era notavelmente parecido com os cortinados, uma mesa de jantar e cadeiras, e a cozinha, em madeira de faia, fora acabada. Beth tencionava vender o apartamento e a maior parte da mobília, porque era tudo demasiado moderno para levar para ali. Mas os quadros ficariam lindamente. Aquilo parecera-lhe muito significativo, porque eram a única coisa de que na verdade gostava, e Roy gostava deles tanto como ela.

Por vezes sentia que devia beliscar-se para ter a certeza de que tudo aquilo não passava de um sonho. Encontrara o género de amor que julgara só existir nos romances lamechas, descobrira que estava muito longe de ser frígida e libertara a jovem que estivera congelada e escondida no fundo de si mesma.

E essa era verdadeiramente a melhor parte. Era maravilhoso ser espontânea, encarar cada novo dia com otimismo, interessar-se pelas outras pessoas e deixar cair as suas defesas.

Sempre que recordava a noite em que trepara à árvore para acordar Roy, o episódio fazia-a sorrir. Fora tão louco e tão pouco típico dela. E os dias que se tinham seguido! Tinham passado a maior parte do tempo na cama, horas e horas, a fazer amor, a conversar, a rir. Também nunca esqueceria as roupas horríveis que Roy lhe comprara no Asda. Umas calças de poliéster que lhe ficavam dez centímetros demasiado curtas, uma pavorosa camisola às riscas e um *soutien* preto e vermelho com cuecas a condizer.

– Estou a ver que és o género de mulher de alto custo de manutenção – dissera com um sorriso de orelha a orelha ao vê-la provar aquelas coisas. – Talvez devesse ter tentado a Tesco.

Naqueles poucos dias, Beth sentira-se como se tivesse largado a antiga pele e emergido uma mulher diferente. Tivera até medo de voltar ao apartamento, não fosse a antiga Beth reaparecer. Mas não precisava de ter-se preocupado, a nova Beth era mais forte. Torcera o nariz à supostamente elegante decoração em tons de creme e saíra logo a seguir para ir comprar meia dúzia de almofadas coloridas que a animassem um pouco. Pegara no telefone e dissera a Serena que estava apaixonada.

Desde então, tinha sido um sem-fim de novas experiências. Os fins de semana eram passados de *jeans* e botas de borracha, a trabalhar no jardim. À noite, quando Roy estava a trabalhar, decorava o quarto. Visitara a mãe e as irmãs dele, ajudara-o a pôr os azulejos na casa de banho. A solidão e o tempo sem nada que fazer eram recordações do passado.

Acabara por compreender que Roy se agarrara ao trabalho pelos mesmos motivos que ela: fora um substituto para uma relação amorosa. Ele tinha a sua própria culpa, por não ter estado mais próximo da mulher e talvez por não ter sabido dar-lhe aquilo de que ela precisava quando o filho morrera.

Mas agora, para ambos, o trabalho passara para segundo lugar.

Susan era a única tristeza na sua vida. Sabia perfeitamente que já não podia fazer nada para a ajudar. E sabia que Susan não quereria que a ajudasse. Mas o afeto que sentia por ela permanecia, inalterado mesmo face à monstruosidade dos seus crimes, pois sabia que fora a sua velha amiga que lhe abrira a porta daquela nova vida de felicidade.

Ela e Steven tinham encontrado um advogado muito competente para Susan. Beth conhecia Thomas Franklin há muito tempo e sabia que ele era o homem certo para ajudar a amiga. O julgamento estava marcado para o início de julho, e uma vez que Susan se declarara culpada de todas as acusações –

quatro de homicídio premeditado e uma de homicídio involuntário, no caso de Liam –, iria ser uma coisa rápida.

Beth enviara uma última carta a Susan através de Franklin, a dizer que nunca a esqueceria e que se precisasse de alguma coisa só teria de entrar em contacto. Franklin contara-lhe que Susan sorrira ao ler a carta e lhe pedira que transmitisse uma mensagem verbal. Era simplesmente: «Para de ser uma mona.»

Enquanto esperava que a chaleira fervesse, Beth olhou pela janela por cima do lava-louça e suspirou de felicidade. A janela dava para mais campos, com a fronteira do jardim assinalada por uma sebe baixa, e estava voltada a oeste, de modo a receber o sol da tarde. Pensou em como seria agradável, nas tardes de verão, estar sentada à mesa a jantar e a ver o pôr do sol. Iris, a mãe de Roy, comentara que, se fosse ela, não quereria tanto campo aberto assim tão perto, pois qualquer ladrão poderia facilmente saltar a sebe e assaltá-los. Mas Beth sentia-se mais segura do que alguma vez se sentira no seu apartamento num terceiro andar, rodeada de sistemas de alarme.

– Onde está esse chá, rapariga? – gritou Roy da porta da frente.

– É para já, meu senhor – gritou ela em resposta. – Enquanto esperas, podes ligar para o vigário e dizer-lhe que estamos marcados para agosto.

Roy saltou para dentro da cozinha, enrugando o tapete ao correr para a abraçar.

– Ótimo! – exclamou, enquanto a fazia rodopiar. – Tens a certeza, não tens? – acrescentou, pousando-a no chão com uma expressão ligeiramente ansiosa. – Talvez seja demasiado cedo para ti, tão pouco tempo depois do julgamento da Susan?

A preocupação dele emocionou-a. Roy sempre evitara falar de Susan desde que se tinham tornado amantes. Se tinha algumas pontas soltas a atar naquele caso, guardava-as para si. Mas era óbvio que o julgamento estava sempre presente no seu espírito, juntamente com o efeito que ia ter em Beth.

– Os planos para o casamento vão ajudar-me a pensar noutra coisa – disse ela. – De todos os modos já sabemos qual vai ser o resultado, não sabemos?

Ele assentiu com um ar grave, e então sorriu irreverentemente.

– Também tu vais apanhar perpétua, lembras-te? – disse.

– Isso é uma piada do pior gosto possível – respondeu ela, num tom chocado.

– Tudo o que podemos fazer é brincar – disse ele, agarrando-lhe os braços. – É a melhor maneira que conheço de lidar com o assunto. Não podemos mudar nada, Beth, nem desfazer o que foi feito. Aconteceu, e acabou-se.

Beth sabia que ele tinha razão. Quase toda a gente que ela conhecia e que lidava com tragédias, fossem bombeiros, polícias ou advogados, diziam piadas para aliviar o fardo. Não significava que fossem indiferentes.

– Bem, mas não fales do casamento como sendo uma prisão, está bem? – disse, lançando-lhe um olhar penetrante.

Roy envolveu-a nos braços e apertou-a contra o peito.

– Mas ao menos é uma prisão de regime aberto e o diretor adora-te.

– Roy! – exclamou ela, rindo apesar de tudo. – És incorrigível.

– Um rapaz de origens humildes como eu não percebe nada dessas palavras caras – disse. – O que é que quer dizer?

– Incurável – respondeu ela. – Bom, acho que estou condenada.